



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARIA CLÁUDIA MEIRA SANTOS BARROS

**MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE VIDA DE PROFESSORAS DO ALTO
SERTÃO DA BAHIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Patrícia Corsino

Coorientadora: Prof.^a. Dr.^a Graça R. F. da Silva Reis

Rio de Janeiro, 2021

CIP - Catalogação na Publicação

Meira Santos Barros, Maria Cláudia
MCutter
r
SANBOR
Nm
MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE VIDA DE PROFESSORAS DO
ALTO SERTÃO DA BAHIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960 /
Maria Cláudia Meira Santos Barros. -- Rio de
Janeiro, 2020.
302 f.

Orientadora: Patrícia Corsino.
Coorientadora: Graça R. F. da Silva Reis.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós
Graduação em Educação, 2020.

1. Escola Normal. 2. História Oral e de Vida. 3.
Experiência e Memória. 4. Narrativa de Professoras.
5. Anísio Teixeira. I. Corsino, Patrícia, orient.
II. Reis, Graça R. F. da Silva, coorient. III.
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FOLHA DE APROVAÇÃO



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE TESE
DOUTOR EM EDUCAÇÃO

Aos 24 dias do mês de agosto de **2021**, às 14 h, com base na Resolução CEPG nº 01/2020, reuniu-se em sessão remota e que foi gravada a Banca Examinadora da dissertação intitulada "**Memória e trajetória de vida de professoras do Alto Sertão da Bahia nas décadas de 1950 e 1960**", de autoria de **Maria Cláudia Meira Santos Barros** (participação por videoconferência), candidata ao título de **Doutora em Educação**, turma **2017** do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A Banca Examinadora, constituída pela Professora orientadora Patrícia Corsino (UFRJ - participação por videoconferência), da co-orientadora Profa. Dr^a. Graça Regina Franco da Silva Reis (UFRJ - participação por videoconferência), a Prof. Dr^a Libânia Nacif Xavier (UFRJ - participação por videoconferência), Prof. Dr^a Inês Barbosa de Oliveira (PPGE- UNESA/ PROPED-UERJ- participação por videoconferência) e do Prof. Dr. Nivaldo Oswaldo Dutra (PPGLS-UNEB - participação por videoconferência), considerou o trabalho:

Aprovado Aprovado(a) com recomendações de reformulação
 Reprovado

A banca destaca a riqueza do material empírico, a relevância da abordagem histórica a partir das vozes docentes e recomenda ampla divulgação

Eu, Patricia Corsino, Presidente da Banca, lavrei a presente Ata que segue por mim assinada no verso, representando todos os membros da Banca Examinadora e a candidata.

Continuação da Ata de Defesa de Tese de **Maria Cláudia Meira Santos Barros**, realizada em 24 de agosto de 2021.

Profa. Dr^a Patrícia Corsino (UFRJ)- orientadora-

Profa. Dr^a Graça Regina Franco da Silva Reis (UFRJ)- co-orientadora

Prof. Dr^a Libânia Nacif Xavier(UFRJ)

Prof. Dr^a Inês Barbosa de Oliveira (PPGE- UNESA/ PROPED-UERJ)

Prof. Dr Nivaldo Oswaldo Dutra (PPGLS-UNEB)

Patrícia Corsino

Patrícia Corsino
Presidente da Banca

Mulheres do Alto Sertão da Bahia
(Letra e música de Luiza Meira)

Tantas histórias pra contar
Sertanejas, sabedoria
Mulheres Alto Sertão da Bahia
Lápis, papel, amor, maestria

Tantas vitórias pra orgulhar
Corajosas, desbravadoras
Da educação defensoras
Mulheres, Marias, professoras

Como brota o verde
Quando a chuva molha o chão
São resistência, força, raízes
Profundas como a sua vegetação

Bromélia, Xique-xique, Jitirana
Umbuzeiro
Angico, Carnaúba, Jurema
Juazeiro
Ipê-roxo, Palma, Catingueira
Macambira, Mandacaru, Aroeira.



Dedico,

À memória do meu pai, Crescêncio Pereira Santos, que não teve tempo de testemunhar essa vitória, mas sei que estaria orgulhoso! A minha mãe, Maria Do Carmo Meira Santos, meu esposo Vinícius Sousa Barros, meus filhos Vinícius e Letícia e minha irmã Inês.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento final de escrita, sou grata a Deus por me dar forças de chegar até aqui. Foram muitos os obstáculos enfrentados, muitas experiências que me atravessaram de maneira singular, inesperada, voraz e sem Fé, provavelmente sucumbiria.

Apesar da pandemia de Covid-19, em 2020, ano marcado pelo distanciamento social, pelo medo do amanhã, pela necessidade de isolamento do “outro”, não posterguei o que deveria ser feito, e apesar das dificuldades, trabalhei exaustivamente para o cumprimento disso, que passou a ser minha missão: registrar as narrativas orais sobre as Escolas e os Cursos Normais do Alto Sertão da Bahia, através de narrativas de professoras. Dessa forma, mesmo em meio a todo o caos que me cercava, encontrei pessoas amigas que me estimularam a ir em frente e fazer valer tantas vozes invisibilizadas na história. Portanto, quero dizer de minha eterna gratidão, àquelas que cederam parte de seu tempo, as professoras/protagonista dessa pesquisa, que de forma respeitosa, afetuosa, nos encantaram com suas narrativas, propiciando a construção dessa pesquisa, enriquecendo a História da Educação da Bahia, com amor e dedicação em abundância! A todas, minha gratidão!

Agradeço à minha família pelo amor incondicional: À minha mãe, Maria do Carmo Meira Santos, pelo exemplo de mãe, o amor, afeto e os ensinamentos e incentivo, para que eu fosse em busca dos meus sonhos!

Ao meu esposo, Vinícius, pela parceria e por compreender minhas angústias e cansaço durante os últimos anos. Meu reconhecimento e respeito por tudo que fez e faz por mim e nossa família. Aos meus lindos e carinhosos filhos, Vinicius e Leticia, que me incentivaram e acreditaram em mim, desde a dúvida que tive em me inscrever ou não para a seleção desse doutorado. Lhes agradeço pelo “socorro” que me deram assessorando-se com a leitura atenta, os aprendizados em lidar com artefatos midiáticos, e em tudo o mais. Vocês são joias raras, que Deus me presenteou!

Aos meus irmãos: Inês e Júnior os quais me fizeram companhia, dividindo os sobressaltos que a vida nos apresenta. Especialmente, à minha irmã Maria Inês Meira Santos Brito, que mesmo em dias difíceis os quais experienciamos, partilhou comigo saberes e me inspirou. Dessa forma, lhe digo “Muito obrigada! Você está imbricada nessa escrita. Gratidão sempre”.

Agradeço a querida Prof^a. Dr^a. Graça Reis, que aceitou ao desafio e me acolheu e me orientou, tal qual as estrelas orientam aos que se encontram perdidos em uma floresta, em meio a noite escura. Muito obrigada Graça, por compartilhar comigo suas experiências, por

me incentivar, pela confiança, provocações e, também, pelo respeito e reconhecimento quanto a minha capacidade. Com você, aprendi que escrever uma tese é muito mais que escrever um trabalho acadêmico estruturado e rígido em normas metodológicas, é uma forma de interação com/no mundo.

Aos meus sobrinhos Maria Clara, Felipe José e Théo, que foram parceiros nesses últimos quatro anos. Vocês são meus filhos também!

Agradeço a Jel, Jéssica Silva Porto. Você tornou os nossos dias mais alegres, desde que entrou para a família. Você é adorável, uma alma inigualável!

Às minhas tias Rita, Lourdes, Theresinha, Lucinha e Ana pelo suporte, carinho e aconchego nos dias em que estive em trabalho de campo aí em Brumado. Vocês deixaram a pesquisa mais agradável e me fizeram re-viver momentos singulares de minha vida.

Um agradecimento especial à Letícia Meira-minha filha, alma gêmea - que me acompanhou durante o percurso da pesquisa, registrando por meio de vídeos e fotografias, com sensibilidade, profissionalismo e emotividade, os momentos especiais os quais experienciamos.

Agradeço ao ser iluminado e de terna delicadeza, Maria Theresinha Meira com quem discutir, apresentei, compartilhei os objetivos da tese e que sabiamente me orientou, sugeriu e realizou muito do que trago narrado nesse texto final.

Meus primos/irmãos de Brumado, em especial à Luiza Meira, que se deixou marcar pela pesquisa, e compôs uma linda canção em homenagem a essas “Mulheres professoras do Alto Sertão da Bahia”. Lú, eterna gratidão!

À toda minha família quero dizer que vocês são meu porto de inspiração, meu pouso, meu ninho, sempre e para sempre!

Agradeço à Maria Helena Viana, essa mulher forte que muito admiro, e pacientemente, fez a correção dos escritos, com interesse peculiar;

Aos colegas de curso, irmãos/anjos em minha vida, Maria Célia Aguiar, André Pedreira e Anna Donato Teixeira, companheiros incansáveis para todas as ocasiões. Tenho certeza de que a amizade e os momentos compartilhados por nós durante esse caminhar, durarão para sempre. Sem a colaboração, a compreensão e amizade de vocês, tudo teria sido mais difícil.

Agradeço à professora Dr. Livia Diana Rocha Magalhães por todo carinho e ensinamentos compartilhados bem como a professora Dr. Patrícia Corsino, que desde o início vibrou com a temática da pesquisa.

Toda gratidão e afeto às amigas Angelita Leite, Luciana Canário pelas discussões, trocas e parcerias. Aprendi muito com vocês.

À colega e amiga Eliana Marcia dos Santos Carvalho, coordenadora do DINTER, na UNEB, que sempre me incentivou à realização do doutoramento e quem me assistiu em momentos decisivos sempre pronta a escutar e auxiliar bem como a Marinalva Nunes Fernandes, Diretora do DCH – Campus VI.

Um agradecimento especial aos colegas do “Ap. da Urca”: o querido Reinaldo, Zé Alves, Felipe, André, Célia, Anna, Angélica, pelos bons e tensos momentos que vivenciamos, como experiências inesquecíveis em nossas vidas.

Às colegas do grupo de pesquisa ConPas, pelo acolhimento e carinho, pelo incentivo e pelos encontros. Suas vozes ecoam de alguma forma em cada página deste trabalho.

Agradeço aos demais professores e colegas, da UFRJ, que me ensinaram através das experiências as quais me lancei, sobre ética profissional, responsabilidade e atitude frente aos desafios, fatores importantes que muito me ajudaram a concluir este trabalho.

Agradeço aos funcionários do PPGE/UFRJ da Faculdade de Educação. Minha gratidão especial à secretária do programa, Solange Rosa, que sempre nos atendeu com atenção e desvelo.

A todos os colegas do DINTER, por compartilhar comigo as angústias, as dificuldades, as alegrias, as decepções, mas principalmente pelo companheirismo e incentivo.

Ao Programa de Pós Graduação - PPG/UNEB pela bolsa PAC, imprescindível a realização das atividades de pesquisa.

A iniciativa da UNEB e UFRJ que em parceria nos possibilitou o DINTER o qual contou com o empenho do ex-diretor do Departamento de Ciências Humanas/ Campus VI, Caetité-DCH IV, o professor Reinaldo Ferreira da Silva. Rei você já faz parte da memória do Campus VI pelo excelente trabalho desenvolvido e das minhas memórias e certamente de todos que estiveram a oportunidade de conviver esses anos ao seu lado.

Por fim agradeço a todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

BARROS, Maria Cláudia Meira Santos. *Memória e trajetória de vida de professoras, no Alto Sertão da Bahia, nas décadas de 1950 e 1960*. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – URFJ, 2021.

RESUMO

Este trabalho, aborda a formação de professoras nas Escolas Normais do Alto Sertão da Bahia, entre as décadas de 1950 e 1960, tendo por objetivo compreender a concepção das professoras acerca da importância do Curso Normal para o desenvolvimento do Alto Sertão da Bahia. Identifica, o contexto sócio histórico em que se deu a formação dessas educadoras, e seus contributos para a formação geracional de uma época e a importância do educador Anísio Teixeira, para a implantação das Escolas Normais no Brasil, principalmente na Bahia. Com esse propósito, buscou construir as fontes para a pesquisa, através dos pressupostos da História Oral e das rodas de conversa, com a participação de 14 professoras, na faixa etária entre 69 e 88 anos de idade, apresentadas aqui por nomes fictícios de plantas do sertão nordestino. As rodas de conversa, foram de suma importância enquanto dispositivo para a busca de narrativas memoriais, que deram visibilidade às histórias experienciadas pelas professoras/protagonistas. As narrativas dão conta de memórias da infância, quanto à aquisição da leitura e da escrita, costumes e hábitos do Alto Sertão da Bahia, às lembranças da primeira escola, das professoras, bem como dos desafios e agruras enfrentados por elas, para se tornarem professoras, num período marcado pela concepção machista e patriarcal. As narrativas registradas, destacam, ainda, que as relações das professoras entre si, com alunos, pais e comunidade em geral, se sobressaíram em relação às determinações das leis que regulamentavam o Ensino Normal da época, como os despachos, decretos, circulares, metas, testes, que geralmente emperravam a vida dos alunos e sobrecarregavam os professores. Ancorada em conceitos como experiência e memória, conforme Bergson, Benjamin e Halbwachs, a pesquisa aponta que, as memórias que persistem, não são exatamente as memórias da escola, mas sim, as memórias das relações que sobreviveram a partir dos laços afetivos que se formaram no passado e que persistiram no decurso do tempo, a partir da manutenção das relações sociais, trazendo assim contribuições para o campo da pesquisa sobre a formação de professores e sua importância para o desenvolvimento do Alto Sertão da Bahia.

Palavras-chaves: Escola Normal. História Oral e de Vida. Experiência e Memória. Narrativa de Professoras. Anísio Teixeira.

ABSTRACT

This work addresses the training of teachers in the Normal Schools of Alto Sertão da Bahia, between the 1950s and 1960s, aiming to understand the conception of teachers about the importance of the Normal Course for the development of Alto Sertão da Bahia. It identifies the socio-historical context in which the formation of these educators took place, and their contributions to the generational formation of a time and the importance of the educator Anísio Teixeira, for the implantation of Normal Schools in Brazil, mainly in Bahia. With this purpose, it sought to build the sources for the research, through the assumptions of Oral History and conversation circles, with the participation of 14 teachers, aged between 69 and 88 years old, presented here by fictitious names of plants from the northeastern hinterland. The conversation circles were of paramount importance as a device for the search for memorial narratives, which gave visibility to the stories experienced by the teachers/protagonists. The narratives account for childhood memories, regarding the acquisition of reading and writing, customs and habits of the Alto Sertão da Bahia, the memories of the first school, the teachers, as well as the challenges and hardships faced by them to become teachers, in a period marked by the sexist and patriarchal conception. The recorded narratives also highlight that the relationships of the teachers among themselves, with students, parents and the community in general, stood out in relation to the determinations of the laws that regulated Normal Education at the time, such as orders, decrees, circulars, goals, tests, which often hampered students' lives and burdened teachers. Anchored in concepts such as experience and memory, according to Bergson, Benjamin and Halbwachs, the research points out that the memories that persist are not exactly the memories of the school, but the memories of the relationships that survived from the affective ties that were formed in the past and that persisted over time, from the maintenance of social relations, thus bringing contributions to the field of research on teacher education and its importance for the development of the Alto Sertão da Bahia.

Keywords: Normal School. Oral and Life History. Experience and Memory. Narrative of Teachers. Anísio Teixeira.

ABSTRACTO

Este trabajo aborda la formación de docentes en las Escuelas Normales del Alto Sertão da Bahia, entre las décadas de 1950 y 1960, con el objetivo de comprender la concepción de los docentes sobre la importancia del Curso Normal para el desarrollo del Alto Sertão baiano. Identifica el contexto socio-histórico en el que se desarrolló la formación de estos educadores, y sus aportes a la formación generacional de una época y la importancia del educador Anísio Teixeira, para la implantación de las Escuelas Normales en Brasil, principalmente en Bahía. Con este propósito, se buscó construir las fuentes para la investigación, a través de los supuestos de Historia Oral y círculos de conversación, con la participación de 14 docentes, con edades entre 69 y 88 años, presentados aquí por nombres ficticios de plantas del interior del noreste. Los círculos de conversación fueron de suma importancia como dispositivo de búsqueda de narrativas conmemorativas, que daban visibilidad a las historias vividas por los docentes / protagonistas. Las narrativas dan cuenta de los recuerdos de la infancia, sobre la adquisición de la lectura y la escritura, las costumbres y hábitos del Alto Sertão da Bahia, los recuerdos de la primera escuela, los maestros, así como los desafíos y dificultades que enfrentaron para convertirse en maestros, en un período marcado por la concepción sexista y patriarcal. Las narrativas registradas también destacan que las relaciones de los docentes entre sí, con los alumnos, los padres y la comunidad en general, se destacaron en relación a las determinaciones de las leyes que regulaban la Educación Normal en su momento, tales como órdenes, decretos, circulares, metas, exámenes, que a menudo obstaculizaron la vida de los estudiantes y agobiaron a los maestros. Anclado en conceptos como experiencia y memoria, según Bergson, Benjamin y Halbwachs, la investigación apunta que los recuerdos que persisten no son precisamente los recuerdos de la escuela, sino los recuerdos de las relaciones que sobrevivieron de los lazos afectivos que se formaron en el pasado y que persistió en el tiempo, desde el mantenimiento de las relaciones sociales, aportando así aportes al campo de la investigación sobre la formación docente y su importancia para el desarrollo del Alto Sertão da Bahia.

Palabras clave: Escuela normal. Historia Oral y de Vida. Experiencia y Memoria. Narrativa de profesoras. Anísio Teixeira.

LISTA DAS IMAGENS

Imagem 1 - A formatura - 1986. Acervo pessoal.....	23
Imagem 2 - Desenho dos Alunos da Creche, 1993. Acervo pessoal.	27
Imagem 3 - Alunos no processo de alfabetização, 1994. Acervo pessoal.	28
Imagem 4 - Encontro Pedagógico do REAJA, 2000. Acervo Pessoal.	30
Imagem 5 - 1º Fórum dos alunos do REAJA, 2002. Acervo pessoal.	31
Imagem 6 - Formação Docente, 2005. Acervo pessoal.....	32
Imagem 7 - Primeira Turma de Alunos da UNEB2, 2006. Acervo pessoal.	34
Imagem 8 - Confeccionando a Colcha de Fuxico. Acervo pessoal.	38
Imagem 9 - Verso de Bromélia.....	44
Imagem 10 - Bromélia, 2020. Acervo pessoal.....	44
Imagem 11 - Verso de Mandacaru.....	45
Imagem 12 - Mandacaru, 2020. Acervo pessoal.....	46
Imagem 13 - Verso de Bromélia.....	46
Imagem 14 - Verso de Xique-xique.....	47
Imagem 15 - Xique-xique, 2020. Acervo pessoal.....	48
Imagem 16 - Verso de Umbuzeiro.....	49
Imagem 17 - Umbuzeiro, 2020. Acervo pessoal.....	50
Imagem 18 - Verso de Jitirana.....	51
Imagem 19 - Jitirana, 2019. Acervo pessoal.....	52
Imagem 20 - Verso de Carnaúba.	55
Imagem 21 - Carnaúba, 2020. Acervo pessoal.	55
Imagem 22 - Verso de Angico.....	56
Imagem 23 - Angico, 2020. Acervo pessoal.	57
Imagem 24 - Verso de Catingueira.....	58
Imagem 25 - Catingueira, 2019. Acervo pessoal.....	59
Imagem 26 - Verso de Palma.	60
Imagem 27 - Palma, 2019. Acervo pessoal.....	60
Imagem 28 - Verso de Ipê Roxo.....	61
Imagem 29 - Ipê Roxo, 2019. Acervo pessoal.....	62
Imagem 30 - Verso de Jurema.....	63
Imagem 31 - Jurema, 2020. Acervo pessoal.	63
Imagem 32 - Verso de Macambira.	64
Imagem 33 - Macambira. Acervo pessoal.	65
Imagem 34 - Verso de Aroeira.	66
Imagem 35 - Aroeira. Acervo pessoal.	66
Imagem 36 - Alto Sertão da Bahia. Acervo pessoal.	72
Imagem 37 - Sobrado do Brejo. Acervo pessoal.....	75
Imagem 38 - Rua Principal de Brumado, 1957. Acervo pessoal.....	76
Imagem 39 - Igreja Matriz de Brumado: Ontem e Hoje.	77
Imagem 40 - Antiga Prefeitura de Brumado, 1957.....	78
Imagem 41 - Cantiga de Roda.	80
Imagem 42 - Baú de Francisco de Souza Meira. Acervo pessoal.	82
Imagem 43 - A Gamela.	83
Imagem 44 - Rio de Contas para Brumado e Lagoa Real.	85
Imagem 45 - O Carro de Boi. Enilson Meira.....	87

Imagem 46 - A Bênção dos Ramos	87
Imagem 47 - O Aboio.....	88
Imagem 48 - Brumado para Livramento de Nossa Senhora.	91
Imagem 49 - Igreja Matriz de Livramento: Ontem e Hoje. Edir Meira.	92
Imagem 50 - Colégio João Vilas Boas: Ontem e Hoje. Edir Meira.	93
Imagem 51 - Aroeira, 1969. Acervo pessoal.	95
Imagem 52 - Estação Ferroviária de Brumado, 1950.....	96
Imagem 53 - Cisne Branco ou Canção do Marinheiro.....	97
Imagem 54 - Prédio da Primeira Escola Primária em Brumado.	98
Imagem 55 - Colégio Getúlio Vargas: Ontem e Hoje.....	99
Imagem 56 - Xique-Xique. Acervo pessoal.....	100
Imagem 57 - Monsenhor Antônio Fagundes. Enilson Meira.	101
Imagem 58 - Balcão da Farmácia, 1958. Acervo pessoal.	103
Imagem 59 - As Amigas de Caculé, 1958. Acervo pessoal.	104
Imagem 60 - O Abecedário Moral, 1585.....	109
Imagem 61 - A Escola Normal em Niterói, 1835.	116
Imagem 62 - Formandas do CEB e a professora Jitirana, 1970. Acervo pessoal.	120
Imagem 63 - Manuscritos de Bromélia.....	126
Imagem 64 - A Escola Normal de Salvador/Bahia,1836.	127
Imagem 65 - A Escola Normal em Caetité, 1946.	129
Imagem 66 - Álbum de Formatura de Jurema. Acervo pessoal, 2019.	130
Imagem 67 - Turma de aluno de Bromélia, 1973. Acervo pessoal	134
Imagem 68 - Cantiga de roda/Cancioneiro popular.	137
Imagem 69 - O menino e a Coca.	137
Imagem 70 - Diploma de Bromélia, 1953. Acervo pessoal.	156
Imagem 71 - A Lição do P.	166
Imagem 72 - Casa de Anísio Teixeira: Ontem e Hoje	173
Imagem 73 - O Educador Anísio Teixeira.	174
Imagem 74 - Umbuzeiro, Angico e demais colegas no INEP.....	185
Imagem 75 - Fachada da Casa Anísio Teixeira.	187
Imagem 76 - Fachada da Casa Anísio Teixeira.	188
Imagem 77 - Interior da Casa Anísio Teixeira.....	189
Imagem 78 - Interior da Casa Anísio Teixeira.....	189
Imagem 79 - O quarto.	190
Imagem 80 - A sala de estar.	190
Imagem 81 - IAT/ Salvador, Bahia.....	192
Imagem 82 - INEP.....	194
Imagem 83 - Distância entre Caetité e Brumado.	197
Imagem 84 - Distância entre Lagoa Real e Caetité.....	199
Imagem 85 - Escola Normal de Caetité década de 1950.....	202
Imagem 86 - Bromélia. Acervo pessoal, 2019.....	203
Imagem 87 - Jurema e Umbuzeiro. 2019. Acervo pessoal.....	205
Imagem 88 - Rua Barão, 1950.....	207
Imagem 89 - Salão Nobre: Ontem e Hoje.....	208
Imagem 90 - Catingueira, 1953.	209
Imagem 91 - Jurema, 1956.	210
Imagem 92 - Juazeiro com 19 anos de idade. Acervo pessoal.	212
Imagem 93 - Distância entre Botuporã à Wagner.....	214

Imagem 94 - Turma dos alunos do IPN – 1958. Acervo pessoal.....	218
Imagem 95 - Carnaúba e colegas no pátio do IPN. Acervo pessoal.....	219
Imagem 96 - Alunos do IPN, 1960. Acervo pessoal.....	220
Imagem 97 - Nota de material da livraria – 1954.	221
Imagem 98 - Caderno de Cartografia do IPN.	222
Imagem 99 - Slogan Instituto Ponte Nova.....	222
Imagem 100 - Comemoração dos 110 anos do IPN.....	226
Imagem 101 - Homenagem à mulher por Carnaúba	226
Imagem 102 - Distância entre Brumado e Salvador.	228
Imagem 103 - Professorandas no INEP, 1963. Acervo pessoal.....	231
Imagem 104 - Aula de Práticas Rurais, 1963. Acervo pessoal.	232
Imagem 105 - Umbuzeiro, Angico e demais colegas em Dias D’Ávila. Acervo pessoal.....	233
Imagem 106 - Aula de Audiovisual, 1963. Acervo pessoal.....	235
Imagem 107 - Caderneta de anotação de Umbuzeiro. Acervo pessoal.	236
Imagem 108 - Professora Georgina, 1963. Acervo pessoal.	237
Imagem 109 - Eloisa Meirelles. Acervo pessoal.....	238
Imagem 110 - Professora Beatriz. Acervo pessoal.	238
Imagem 111 - Umbuzeiro.1964. Acervo pessoal.....	240
Imagem 112 - Diploma de Umbuzeiro. Acervo pessoal.	240
Imagem 113 - Ginásio General Nelson de Melo, Brumado.....	242
Imagem 114 - Carteira de Autorização Precária de Mandacaru.....	246
Imagem 115 - Alunos do Curso Normal Dr. Pompílio Leite. Acervo pessoal.	247
Imagem 116 - Estágio de Jitirana, 1969. Acervo pessoal.	249
Imagem 117 - Os livros. Acervo pessoal.....	250
Imagem 118 - Roda de Conversa. Acervo pessoal.....	252
Imagem 119 - Verso de Jitirana.....	253
Imagem 120 - Alunos do Curso Normal Dr. Pompílio Leite: Acervo pessoal.....	253
Imagem 121 - Formandos do Curso Normal, 1969. Acervo pessoal.....	254
Imagem 122 - Organização dos Festejos do cinquentenário. Acervo pessoal.....	254
Imagem 123 - Verso de Jitirana.....	255
Imagem 124 - Verso de Jitirana.....	255
Imagem 125 - Verso de Jitirana.....	256
Imagem 126 - Camisa e docinhos.2019. Acervo pessoal.....	256
Imagem 127 - Preparativos para os festejos. Acervo pessoal.....	257
Imagem 128 - Penerô xerém.....	258
Imagem 129 - Apresentação dos alunos do CEB, 1976. Acervo pessoal.....	258
Imagem 130 - Ensaio do Penerô Xerém. Acervo pessoal.....	259
Imagem 131 - Reunião para organização dos festejos. Acervo pessoal.....	259
Imagem 132 - Festa no Bar Juá dos formandos de 1969. Acervo pessoal	260
Imagem 133 - Formandos de 1969, 50 anos depois, 2019. Acervo pessoal.....	261
Imagem 134 - Discurso de Jitirana na Solenidade do Cinquentenário. Acervo pessoal.....	262
Imagem 135 - Convite de formatura. Acervo pessoal.....	264
Imagem 136 - Festejos do cinquentenário, 2019. Acervo pessoal.....	264
Imagem 137 - Festejos da turma de 1969 no Bar Juá, 1969. Acervo pessoal.....	265
Imagem 138 - Bolos e doces da festa do cinquentenário, 2019. Acervo pessoal.....	265
Imagem 139 - Formandos de 1969. Acervo pessoal.....	266
Imagem 140 - Cerimônia da Colação de Grau, 1969. Acervo pessoal.....	267
Imagem 141 - Acróstico do Convite. Acervo pessoal.....	268

Imagem 142 - Formatura de 1969. Acervo pessoal.	268
Imagem 143 - Alunos da turma de 1969. Acervo pessoal.....	269
Imagem 144 - Lembrança do cinquentenário. Acervo pessoal.....	270
Imagem 145 - Alunos de 1969, 50 anos depois, 2019. Acervo pessoal.....	270
Imagem 146 - Comemoração do Cinquentenário, 2019. Acervo pessoal.....	271
Imagem 147 - Cartaz professores, 2019. Acervo pessoal.....	272
Imagem 148 - Cartaz dos professores 50 anos depois., 2019. Acervo pessoal.....	273
Imagem 149 - Desfile do CEB no centenário de Brumado. Acervo pessoal.....	274
Imagem 150 - Desfile Cívico do CEB - Década de 1970. Acervo pessoal.....	275
Imagem 151 - Encontro de Normalista do CEB. Acervo pessoal.....	276
Imagem 152 - I Encontro de Normalistas do CEB. Acervo pessoal.....	278
Imagem 153 - Convite do I Encontro de Professoras do Alto Sertão da Bahia.....	280
Imagem 154 - Angico, 2020. Acervo pessoal.....	281
Imagem 155 - Jitirana e Xique-xique, 2020. Acervo pessoal.....	282
Imagem 156 - Exposição Participativa, 2020. Acervo pessoal.....	282
Imagem 157 - Dinâmica de Grupo, 2020. Acervo pessoal.....	283
Imagem 158 - Depoimento de Carnaúba, 2020. Acervo pessoal.....	284
Imagem 159 - 100% Educa-dor.....	285
Imagem 160 - Dinâmica de interação, 2020. Acervo pessoal.....	286
Imagem 161 - Xique-xique e Umbuzeiro, 2020. Acervo pessoal.....	287
Imagem 162 - Exposição: Recordar é viver, 2020. Acervo pessoal.....	288

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APMC	Arquivo Público Municipal de Caetité
CAP	Centro de Aperfeiçoamento de Professores Anísio Teixeira
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior
CAT	Casa Anísio Teixeira
CEASA	Central de Abastecimento de Alimentos
CEB	Colégio Estadual de Brumado
CEJVB	Colégio Estadual João Vilas Boas
CEL	Colégio Estadual de Livramento
CENMAS	Centro de Educação Maria Nilza Azevedo
CONPAS	Conversas entre Professores: Alteridades e Singularidades
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea
CRINEP	Centro Regional do INEP
DF	Distrito Federal
DINTER	Programa de Doutorado Interinstitucional
EaD	Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENCCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
IAT	Instituto Anísio Teixeira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IEAT	Instituto de Educação Anísio Teixeira
IEED	Instituto de Educação Euclides Dantas
IES	Instituição de Ensino Superior
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
INB	Indústrias Nucleares do Brasil S.A.
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
IPN	Instituto Ponte Nova
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis

JK	Juscelino Kubitschek de Oliveira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MASB	Museu do Alto Sertão da Bahia
MEC	Ministério de Educação e Cultura
PMVC	Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista
PPGE	Programa de Pós Graduação em Educação
PPGLS	Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade
REAJA	Repensando a Educação de Adolescentes Jovens e Adultos
REVALIDA	Exame Nacional de Revalidação de Diplomas Médicos Expedidos por Instituição de Educação Superior Estrangeira
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEC	Secretaria de Educação e Cultura
SIMMP/VC	Sindicato do Magistério Municipal Público de Vitória da Conquista
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
SMED	Secretaria Municipal de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UCSAL	Universidade Católica de Salvador
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFOB	Universidade Federal do Oeste Baiano
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIT	Universidade Tiradentes
UNIVASF	Universidade Federal Vale do São Francisco
URSS	União Republicana Socialista Soviética

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS: AGULHAS, TECIDOS, RISCOS E BORDADOS.....	21
A Curiosidade que nos move: Os caminhos por onde andei	23
Traçando a colcha de fuxico: Caminhos metodológicos	38
As professoras/protagonistas e a vegetação do Alto Sertão	40
A tese e seus capítulos	63
CAPÍTULO I - O ALTO SERTÃO DA BAHIA E AS PRIMEIRAS MEMÓRIAS DE NOSSAS PROTAGONISTAS.....	70
1.1 O Sertão e o Alto Sertão da Bahia	70
1.2 Primeiras memórias	72
1.1.1 A vida e seu cotidiano.....	79
1.1.2 As escolas por onde andei.....	89
CAPITULO II - A LUTA DA MULHER PELA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE.....	107
2.1 A inserção da mulher na escola no Brasil.....	107
2.2 A Criação da Escola Normal.....	120
2.3 A Escola Normal na Bahia.....	127
CAPITULO III -MOVIMENTO DE SABERES, AGUÇANDO O OLHAR: A HISTÓRIA ORAL E AS NARRATIVAS COMO DISPOSITIVO EPISTEMOLÓGICO.....	136
3.1 A História Oral e a arte da escuta	136
3.2 Narrativas e memórias	142
3.5 Mosaicos da Memória: duração e memória coletiva	161
CAPITULO IV - PUXANDO FIOS IMPORTANTES DA FORMAÇÃO: O SERTANEJO EDUCADOR ANÍSIO TEIXEIRA.....	172
4.1 Do berço a Instrutor de Educação da Bahia.....	172
4.2 Manifesto dos pioneiros.....	179
4.3 O INEP e a Escola Parque: Legados de Teixeira.....	183
CAPITULO V - EXPERIÊNCIA E TRAJETÓRIA DE PROFESSORAS: AS ESCOLAS NORMAIS DO ALTO SERTÃO DA BAHIA	190
5.1 Escola Normal Rural de Caetité	190
5.2 O Instituto Ponte Nova	204
5.3 A grande aventura: A Escola Parque	215
5.4 O Curso Normal Dr. Pompílio Leite	227
ENTRE CAFÉ, BOLOS E CHIRINGA: SER PROFESSORA NO SER'TÃO DA GENTE.....	277
À GUISA DE CONCLUSÃO	269
REFERÊNCIAS.....	273
ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	286
ANEXO 2 – TCLE (Responsável pelo idoso)	287

Primeiras palavras: Agulhas, tecidos, riscos e bordados

Tecer, como narrar, é relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem ordenado no final. Este trabalho de tessitura é, no entanto, obra da mão de quem tece, da imaginação e habilidade de quem narra (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 31).

A proposta de escrever esse texto, me soa como um grande desafio, na medida em que me vejo diante da necessidade de romper com ideias colonizadoras as quais estive imersa toda minha vida. É um desnudar-se e reconhecer que, mediante toda uma história de vida, em busca da emancipação cidadã, de uma postura reflexiva e crítica, tendo o diálogo e a valorização dos saberes do outro, como pontos de partida ao ato pedagógico, sempre houve fios que teciam a realidade social de invisibilização e silenciamento do saber de alguns para exaltar saberes de outros.

Tomada por inúmeras reflexões, que se configuram em minha vida como um divisor de águas, reconheço que há muito o que se aprender, mas esse não é o meu medo. Medo maior se instaura na medida em que me percebo apequenada frente ao projeto de colonização dos saberes, da disciplinarização dos corpos, do silenciamento da linguagem. Romper com uma visão eurocêntrica hegemônica tão bem arquitetada, parece ser agora meu maior objetivo enquanto ser humano, professora, mulher, feminista, formadora de opiniões.

Sendo de família de sertanejos, sair do meu município, Vitória da Conquista - localizado no Planalto da Conquista, com altitude média de 1 100 m, clima tropical de altitude que registra temperaturas inferiores a 10 °C, em alguns dias do ano - para descer a Serra do Pombos em direção ao Sertão da Bahia, faz parte de minha história, desde criança, quando ia visitar meus familiares nos municípios de Brumado e Livramento de Nossa Senhora.

A partir do momento em que inicio minha atividade docente, na UNEB (Universidade do Estado da Bahia), tal percurso passa a ser feito semanalmente e o próprio trabalho em um município que preserva sua história a partir da manutenção da Casa Anísio Teixeira (CAT) como local de visitação, apresentação de peças, oficinas de aprendizagens diversas, biblioteca, coral, grupo de teatro, etc.; do Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB) e Arquivo Público de Caetité (APMC), ambos chancelados como museus pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), fazem de Caetité uma cidade interiorana pitoresca¹ e fascinante.

¹ Caetité chama atenção por sua particularidade e unicidade, além de possuir uma paisagem própria e diferente que mistura fatores históricos, arborização e urbanização de forma peculiar.

Tais patrimônios históricos aumentaram o meu interesse pela temática e, no caso especial, da memória de professores que frequentaram as Escolas Normais (ou Curso Normal) do Alto Sertão da Bahia, tendo Caetité como sede da primeira delas, ainda no século XIX, apesar de não ter sido vindoura e fechar para posteriormente, no início do século XX, ser reinaugurada e, somente no início dos anos de 1950, voltar a florescer.

Diante dessa nova conformação em minha trajetória docente, nasceram projetos de ensino e extensão que buscam valorizar a narrativa memorial como possibilidade de formação docente. Com os projetos, passo a ouvir narrativas memoriais, saberes e cultura do povo sertanejo, o que me instigou a curiosidade de tal sorte que passei a frequentar as reuniões do Grupo de pesquisa da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) do curso de pós-graduação em Memória e História com o tema “História e memória das políticas educacionais e trajetórias sócio geracionais” sob a orientação da Professora Doutora Lívia Diana Rocha Magalhães.

Mediante as discussões teóricas e os aprendizados adquiridos, em 2010, ingresso no Mestrado na UNIT/Se (Universidade Tiradentes) onde apresentei a dissertação intitulada “Memória, História e Representação Social de um grupo de protagonistas do programa REAJA (Repensando a Educação de Adolescentes Jovens e Adultos)”, dentre os anos de 1997 a 2003, no município de Vitória da Conquista, Bahia.

Dessa forma, novos questionamentos sobre como se dão os processos que constituem a formação docente, ressurgiram com maior intensidade, o que me motivou a encarar a seleção do Doutorado em Educação, oferecido em parceria da UNEB com a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, o DINTER (Programa de Doutorado Interinstitucional).

Foi uma grande oportunidade que vislumbrei, apesar dos receios. O esboço do projeto já existia e foi com alegria que recebi a notícia de ter sido aprovada. De setembro de 2017 até a presente data, muitas leituras, caminhos traçados, contornos, retornos e o acúmulo de experiências que venho adquirindo no decurso do tempo. Reconheço, em minha trajetória docente, essas experiências, acontecimentos, que me aventuraram por caminhos de desassossegos que me impulsionam à atualização constante, na perspectiva de engendrar novos devires.

Curiosidade que nos move: Os caminhos por onde andei

Vasculho minhas memórias e recordo que, ao terminar o 1º Ano do Ensino Médio, em escola particular, interessei-me em cursar o Magistério, decisão que tomou de surpresa meus pais. Fui uma criança quieta, tímida, mas que, aos 15 anos, já tinha decidido ser professora.

Nossa existência se dá a partir de um emaranhado de composições e de vivência que deixam em nós novas marcas, estados inéditos que produzem a sensação de desconforto, fazendo tremer os contornos, estremecer o corpo. Recompôr o equilíbrio exige de nós criarmos um novo corpo e assim, pode-se dizer que *“cada marca é gênese de um devir, de um novo corpo”* (ROLNIK, 1993, p. 2).

O Instituto de Educação Euclides Dantas (IEED) – tornou-se um lugar de descobertas. Me encantei pela Escola Normal. O entusiasmo para com o curso foi crescendo e, aos poucos, a menina tímida ia deixando de existir, cedendo lugar a uma adolescente dinâmica, criativa e muito requisitada pelos professores para as mais diversas atividades.



Imagem 1 - A formatura - 1986. Acervo pessoal.

Ao concluir o Magistério, ingressei na UESB, no curso de Licenciatura em Geografia, e isso se deu, não por opção (não havia opção), mas por achar necessário continuar os estudos. O critério de escolha se deu por ser o curso que minha irmã mais velha fazia e, assim, caso fosse aprovada, poderíamos ir juntas. O curso funcionava no matutino e o transporte coletivo municipal nos deixava lá às 7h30min e íamos buscar às 12h20 min. Quando não havia aula, fazíamos o percurso a pé (cerca de 7 km) de volta para casa. Eu e toda a turma, pois poucos tinham seu próprio transporte.

Durante a licenciatura sou chamada, via concurso público, a lecionar pela SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município de Vitória da Conquista). A busca de sentidos à práxis vivenciada é necessidade pungente à formação docente, o que se adquire a partir de uma certa inquietude, um ineditismo, um desequilíbrio que nos move ao novo. Nessa perspectiva, a humildade e senso de atualização constante me fazem buscar novos desafios na tentativa de encontrar-me.

Ao exprimir em escrita minha trajetória profissional, reconheço que, tal qual minhas diversas marcas, a vida segue e *“uma vez posta em circuito, uma marca pode eventualmente ser reativada, pois contém em si a potencialidade de voltar a reverberar, quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância”* (ROLNIK, 1993, p. 3).

Com o passar dos semestres, aprendi a gostar do curso, ampliando minha visão de mundo, ao entrar em contato com autores como Marx, Althusser, Gramsci, Milton Santos, Marilena Chauí, Saviani, Paulo Freire, dentre outros. Reconheço que a passagem pela universidade, especificamente o curso de Geografia, oportunizou-me muita aprendizagem em um momento de transformações significativas do espaço geopolítico mundial (final da década de 1980).

Naquela época, o cenário político mundial testemunhava um período de tensão histórica. Durante a Guerra Fria, existiam duas nações principais que dominavam e polarizavam as relações de poder global: de um lado o capitalismo dos Estados Unidos (EUA) e de outro o socialismo da União Republicana Socialista Soviética (URSS). Essa ordem mundial era notadamente marcada pelas corridas armamentista e espacial e pelas disputas geopolíticas no que se refere ao grau de influência de cada uma no plano internacional. Esse era o mundo bipolar.

A partir do final da década de 1980 e início dos anos 1990, mais especificamente após a queda do Muro de Berlim e do esfacelamento da União Soviética, o mundo passou a conhecer apenas uma grande potência econômica e, principalmente, militar: os EUA. Analistas e

cientistas políticos passaram a nomear a então ordem mundial vigente como unipolar, ou processo de globalização que, para o geógrafo Milton Santos (2000), é o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Nesse contexto, ele enxerga três diferentes mundos em um só: O primeiro seria o mundo como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o outro, o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e por fim, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

Para Boaventura de Sousa Santos (2002) a globalização,

É um conjunto de relações sociais que se traduzem na intensificação das interações transnacionais, sendo o processo de globalização um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religioso e jurídicas interligadas de modo complexo (SANTOS, 2002, p. 45).

Tais circunstâncias foram definitivas para minha formação política e logo me engajei ao movimento estudantil e, posteriormente, na participação e fundação do Sindicato do Magistério Municipal Público de Vitória da Conquista (SIMMP/VC).

A experiência vivenciada na militância do sindicato foi muito importante em minha formação. A luta por melhores condições de trabalho, melhores salários, a participação em greves, a articulação dos movimentos, as ideias que surgiam, as feiras de pechincha que realizávamos no CEASA (Central de Abastecimento de Alimentos), tudo isso me impingiu à formação de lutar por aquilo que reconheço justo, a participar de movimentos, um posicionamento político que foi de grande importância em minha vida, algo que transmito aos meus filhos, alunos e aos que estiverem, de alguma forma, em meu convívio social.

Ao contrário das demais colegas, eu percorri, várias escolas sem bairros distintos e vivenciei diferentes modalidades de ensino, funções escolares, nada disso planejado, mas impulsionado por eventos que estavam acima do meu querer. Esses acontecimentos me apresentavam novas realidades, desequilíbrios, saída da zona de conforto o que foi fundamental para ter me tornando destemida e sempre curiosa por descobrir o que há lá para se ver, ouvir e aprender.

Fui experimentando a necessidade de assumir o “*belo risco da educação*” (BIESTA, 2017), sendo atravessada pela vontade de pensá-la como campo de criação, de experimentações e invenções de onde surgem possibilidades outras. Percebendo o diverso como possibilidade de aumentar e encantar o mundo, de ser responsável, potencializando a expressão de sentidos, imagens e poesia, sempre confiante no processo.

Deleuze (1988) diz que,

Aprender vem a ser tão somente o intermediário entre o não-saber e saber, a passagem viva de um para o outro. Pode-se dizer que aprender, afinal das contas, é uma tarefa infinita, mas esta não deixa de ser rejeitada para o lado da essência supostamente simples do saber como inatismo, elementos a priori ou mesmo Idéia Reguladora (DELEUZE, 1988, p. 271).

Recordamos Capra (1996) quando trata à “teia da vida” que:

[...] consistem redes dentro de redes onde buscamos arrumar esses sistemas, alinhados dentro de sistemas maiores, num sistema hierárquico colocando os maiores acima dos menores, formando uma grande teia de relações da qual não podemos fugir (CAPRA, 1996, p. 45).

Neste sentido, como seria a nossa sociedade, nossa história, se nossa forma cultural de encarar o mundo não fosse tão unilateral, se não olhássemos apenas para frente, se conseguíssemos olhar em volta, se conseguíssemos olhar o que há ao nosso redor verdadeiramente disposto a ver o que nos cerca? Teríamos chegado aonde chegamos? E aonde chegamos, afinal?

Para Capra (1996) pensar algo assim implica pensar o problema do ensino e da educação e refletir sobre a pedagogia da resposta e a pedagogia da pergunta. Qual nos é mais proveitosa e por quê? Sei, sim, que o ser humano é um ser que anseia por respostas, mas o que se faz nas escolas não é apenas uma tentativa de respondê-las. É também uma forma - não sei se proposital ou não - de minar a faculdade mais comum e imprescindível no ser humano: a curiosidade.

Entendo que a curiosidade nos remete à busca por experiências, por acontecimentos, novidades que, de acordo Alves (2002) gera o conhecimento em forma de teia, o pensar em rede o que, segundo a autora, “*nada mais é que a forma como cada um de nós pensa todo dia e o dia todo, quando com outros nos comunicamos, ou seja, sempre*” (ALVES, 2002). Dessa forma, é nas *práxis* cotidianas que aprendemos/vivemos/transformamos/ensinamos, a partir das mais variadas experiências.

Minha primeira experiência em sala de aula, como professora pública pela SMED/PMVC, (Secretaria Municipal de Educação e Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista) foi em uma classe de alunos com dificuldade de aprendizagem. Ao chegar à escola, diante das recomendações da diretoria e coordenação escolar, percebi que o problema não era somente a questão do método de alfabetização. Depois, trabalhei numa turma de quarta série primária e em creche com turmas de Educação Infantil.

O desempenho do trabalho desenvolvido em sala de aula, me levou a um novo desafio, agora como coordenadora pedagógica de Educação Infantil. Nesse período, surgiu o primeiro curso de especialização na UESB, em Alfabetização o qual me inscrevi e as leituras de autores como Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Luiz Carlos Cagliari, Magda Soares dentre outros, muito me ajudaram na elaboração dos cursos de formação para os professores de alfabetização.

Acompanhava, através dos desenhos e rabiscos, as hipóteses da aquisição de leitura e escrita, como meio de representação, embasada em Emília Ferreiro. Fui catalogando as fases da escrita das crianças. Lembro-me de uma vez em que, durante uma atividade, um aluno por nome Francisco, fez um desenho o qual ficou registrado em minha memória e o guardo até hoje. Eu costumava questioná-los sobre o que haviam desenhado, e, depois, escrevia ao lado.



Imagem 2 - Desenho dos Alunos da Creche, 1993. Acervo pessoal.

Era um trabalho realizado coletivamente e juntos procurávamos fazer daquele ambiente o mais agradável possível para as crianças, organizando atividades lúdicas, passeios, piqueniques, jogos, reuniões com as mães, etc. O trabalho se dava a partir da perspectiva de Emília Ferrero e Ana Teberosky (1989), o qual promoveu mudanças no entendimento do processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita no Brasil, deslocando o foco de como se ensina para como se aprende. Segundo as autoras, a aquisição da leitura e escrita da criança, passa por um processo gradual corresponde aos mecanismos deduzidos por Piaget, segundo os

quais cada salto cognitivo depende de uma assimilação e de uma reacomodação dos esquemas internos, que necessariamente levam tempo. Distinguem, assim, cinco níveis de hipóteses: pré-silábica, intermediário, hipótese silábica, hipótese silábico-alfabética e hipótese alfabética. Nesse sentido, diante das atividades desenvolvidas, no meio do ano letivo, alguns alunos já escreviam seus nomes ainda que de forma não convencional.

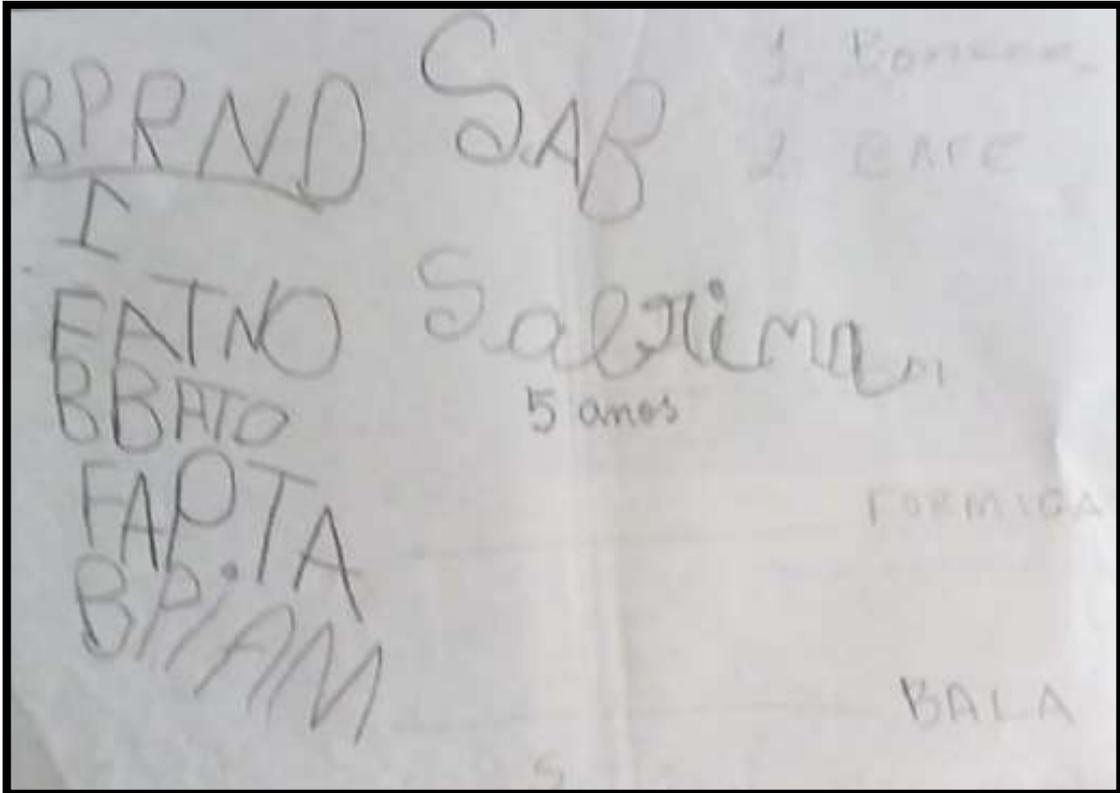


Imagem 3 - Alunos no processo de alfabetização, 1994. Acervo pessoal.

Não havia em mim nenhum receio em experimentar o novo. Praticava, sem o saber, a pedagogia pobre, de que nos fala Masschelein (2008), que é um convite a sair para o mundo, a nos expor, a nos colocarmos numa posição vulnerável através das experimentações que vamos realizando.

Concursada pela SEC/BA (Secretaria de Educação da Bahia) passo a lecionar, no Ensino Médio, no período noturno. As turmas eram superlotadas, com alunos que tinham a minha idade ou eram mais velhos. Foi preciso me preparar bastante para cada aula, propiciando dialogicidade e reflexão para que pudéssemos nos entender.

Conversávamos sobre todo tipo de assunto, inclusive sobre sexo, uso de preservativos, IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis), gravidez indesejada e autoestima. Foi nessa escola que estagiei durante a graduação, portanto conhecia todos os professores e a direção, o

que se tornou mais rápida minha adaptação. Não tive problemas com a questão da disciplina em sala de aula, mas, às vezes apareciam “cantadas” dos alunos, bilhetinhos, que causavam certo constrangimento.

Reconheço, nessa experiência, um novo movimento, uma marca dotada de energia revitalizadora e impulsionante que, de novo, me lançou num movimento de descoberta [...] e “mais uma vez nos vemos convocados a criar um corpo para a existencialização desta diferença” (ROLNIK, 1993, p. 3). Assim, junto com algumas colegas, que tinham graduação, assumimos as disciplinas no primeiro colégio municipal de Vitória da Conquista a oferecer o ensino fundamental II, como se designava à época, a Escola Municipal Ridalva Correa de Melo Figueiredo.

Trabalhando no ensino fundamental e médio, surge o convite para participar de uma seleção para uma especialização em Ensino de Geografia pelo Instituto Anísio Teixeira (IAT), em Salvador. Realizei todo processo seletivo e fui aprovada. As perspectivas e projetos do IAT para os professores que se especializavam, eram de nos tornar formadores dos professores do ensino fundamental e médio dos municípios baianos. Foram ricas as experiências nesse período, não apenas as ligadas à aquisição de conteúdo didático-pedagógico no ensino de Geografia, mas também os referentes às questões administrativas, pois tive oportunidade de trabalhar na gestão escolar.

Nos idos de 1999, passo a fazer parte da nova equipe de governo que buscava repensar o ensino noturno na rede municipal, até então designado 3º Turno, modalidade de oferta escolar, criada em 1975, para atender a um contingente populacional que não conseguia acesso ao turno diurno. Funcionava das 17h às 20h30min, em escolas e estabelecimentos da rede municipal de ensino, nas zonas urbana e rural, conforme demanda de cada localidade, atendendo a crianças, adolescentes e adultos.

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na rede municipal de ensino, era desenvolvida com características que não atendiam à realidade daqueles estudantes, necessitando de maior dinamismo, não porque se limitava apenas à alfabetização de adultos, com um número reduzido de classes, mas porque, precisava incorporar novos princípios teórico-metodológicos e de organização pedagógica; introduzindo a diferenciação nas estratégias de organização curricular, de modo a contemplar as múltiplas possibilidades oferecidas pela Legislação educacional em vigor e, conseqüentemente, a complexa realidade do universo sócio educacional do alunado (PMVC/SMED², 1999 p. 35).

² A SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura) a partir do início dos anos de 1990, passa a se chamar SMED (Secretaria Municipal de Educação) pois, surge a Secretaria de Esporte, Lazer e Cultura.

Recordo o dia em que o nome do programa surgiu. Foi a professora Heleusa Câmara (*in memória*), secretária de educação na época, grande educadora, que o batizou como Programa Repensando a Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (REAJA).

A proposta político-pedagógica do REAJA estabelecia uma articulação entre a realidade sociocultural, a escola, o professor, o aluno e a comunidade, o que fortalecia o compromisso quanto ao processo de elaboração e apropriação do saber. Baseando-se em princípios freirianos de educação, a proposta do REAJA valorizava a dialogicidade, a cultura existente, o saber das experiências cotidianas dos alunos e professores, na construção do planejamento pedagógico.

O Programa de formação continuada aos professores, implementada pelo REAJA, tinha na figura do professor, um educador sujeito da sua prática, cumprindo-lhe criá-la e recriá-la através da reflexão sobre o seu cotidiano. A formação do educador se dera de forma permanente e sistematizada, sempre na última sexta feira do mês.



Imagem 4 - Encontro Pedagógico do REAJA, 2000. Acervo Pessoal.

Dentre os anos de 1997 a 2000, ocorreram vários Seminários de capacitação onde eram desenvolvidas temáticas que iam, desde os princípios freirianos de educação à elaboração da rede temática, planejamentos, avaliações, etc. Cada temática desdobrou-se em cartilhas

produzidas por todos os envolvidos no programa. Além disso, foram desenvolvidas diversas estratégias, na tentativa de consolidar os objetivos e metas do REAJA, enquanto ação política educativa (PMVC/SMED/2000).

Devido à apresentação dos princípios teóricos e metodológicos do REAJA, na cidade de Salvador, fui convidada, após alguns dias, a realizar o trabalho com professores alfabetizadores no município de Uruçuca. A experiência foi enriquecedora. Foi um período de aprendizagem bastante significativo, numa região quente e úmida de restinga da Mata Atlântica. Depois dessa experiência outras surgiram.

Essa participação no REAJA, foi uma experiência única em minha vida que abrindo caminhos para outras oportunidades. Recebi inúmeros convites pedagógicos para formação de professores. Pude trabalhar com consultoria para universidades e prefeituras, elaborando e executando curso de formação para docentes. Foram anos de aquisição de conhecimento e convívio com os mais diversos depoimentos de professores por toda Bahia. Essa experiência me enriqueceu muito, tornando o trabalho cada vez mais prazeroso e desafiante.



Imagem 5 - 1º Fórum dos alunos do REAJA, 2002. Acervo pessoal.

Desde que comecei a frequentar a Escola Normal, passei a ter o hábito de guardar (inicialmente numa caixa de cobertor Jolitex), vários materiais que lançava mão para elaboração de aulas, confecção de cartazes, jogos lúdicos, fantoches, tintas, cola, etc. Ao longo do tempo, quando passei a participar da formação docente da rede municipal, estadual, e em consultorias diversas, a caixa deixou de existir, passando a utilizar uma mala pequena, à qual meus alunos da faculdade apelidaram de Catarina.

A “Catarina” inspirou muita gente. Nela continha lápis de cor e de cera, pincel, crepom, cartolina dupla face, papel madeira, envelopes, tinta guache e de dedo, tesouras, barbante, cola, tubo de linha, agulhas, livros de dinâmicas de grupo, recortes de textos com contos, poesias, narrativas orais, histórias infantis, as quais recortava, colava em duplex e encapava com plástico, para servirem de uso frequente, chapéus de fantasia, máscara, jogos recreativos, entre outros.



Imagem 6 - Formação Docente, 2005. Acervo pessoal.

Aprendi muito nesse período, principalmente sobre a cultura e *modus vivend* dos povos baianos. Culinária, expressões, sotaques, estilo de vida e a diferenciação climática acrescentaram muito ao meu conhecimento de mundo, ou melhor, de Bahia.

De forma empírica, trabalhava com os estudantes, o que passei a chamar de “diário reflexivo”, o que hoje poderia ser designado diário de campo. Era um caderninho, confeccionado por eles, no qual deveriam, todos os dias até o final do curso, deixar um depoimento, uma reflexão daquilo que mais chamou sua atenção, bem como críticas e sugestões. Essa atividade era fundamental ao trabalho que desenvolvia, tornando-se imprescindível a mim e a eles, uma vez que, ao reler, tornávamos conscientes dos fatos vividos.

Podemos dizer que a cada vez que isso acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar esse estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um desses estados, nos tornamos outros (ROLNIK, 1993, p. 2).

Só depois de mais de 10 (dez) anos de profissão, me lanço a um novo movimento e decido lidar com o desconhecido, abrindo margem para outras emergências de ser. Me refiro à seleção docente para a UNEB, à qual me lancei. Sendo aprovada, passo a lecionar, dentre outras disciplinas, Estágio Supervisionado em Geografia.

Na época, nossas aulas de Estágio Supervisionado eram geminadas e, na tentativa de não as tornar cansativas e enfadonhas, trabalhei com o formato de oficinas, em que podia além das discussões teóricas, apresentar aos estudantes dinâmicas de ensino que lhes seriam úteis em sala de aula.

No primeiro momento, quando expliquei a metodologia de trabalho e buscava com eles construir o plano de ação, ouvi de um aluno a crítica de que não acreditava em nada do que eu estava dizendo. Acolhi a crítica e pedi a ele que me desse a chance de demonstrar meu trabalho. Ele assentiu e, mesmo que algumas vezes saísse da sala, sempre acompanhava as discussões, participava das dinâmicas e preenchia o diário. Ao final do semestre, em seu diário estava escrito:

Pró, como diz o poeta: aprendemos a caminhar no caminho! Você me ensinou que o ensino pode se dar de diferentes maneiras e que o uso de uma metodologia dinâmica e participativa, não é perder tempo com bobagens, mas é aprender com criatividade (NARRATIVA DE ALUNO DA UNEB).

Entendo o ambiente de sala de aula como ricas possibilidades onde as emoções se expressam e, como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos, situações que provocam os mais variados tipos de emoções, cabendo a nós, professores/professoras, administrá-las, coordená-las.

Fui criando, junto a essa turma, um forte laço afetivo. Foi a primeira turma que lecionei ao chegar na UNEB. A um mês do encerramento do semestre, passei a estudar com eles os temas divulgados para concurso docente. Dos 29 alunos da turma, os 27 que fizeram o concurso passaram. Hoje, muitos deles são Doutores, meus colegas na própria UNEB ou são professores de geografia pelo Estado a fora.

Uma outra atividade que realizei com os graduandos do curso de Geografia foi o da busca de memórias em relação ao primeiro dia na escola. Ao som ambiente, iniciava fazendo exercício de respiração e pedia depois de um tempo, para voltarem a ser crianças., se imaginarem no primeiro dia de escola. Então pedia-lhes que observassem quais eram os sentimentos? Estavam fardados? Havia alegria, expectativa? Queriam ir à escola? Quem os conduziria até lá? Como era a escola? Como foram recebidos na escola? Quem era a professora? Essas e outras questões que me surgiam à mente eram feitas e percebia que muitos deles viajavam no tempo.



Imagem 7 - Primeira Turma de Alunos da UNEB2, 2006. Acervo pessoal.

Passados alguns minutos, lentamente ia conduzindo-os de volta à realidade, à sala de aula. Daí em diante, em círculo, pedia que relatassem a experiência. Muitos e variados depoimentos foram relatados e era comum haver choros e risos! Estávamos trabalhando com sentimentos, depoimentos e narrativas memoriais que, provavelmente, nunca pararam para refletir.

Lembro-me da querida Lilian Cabral, que narrou, em lágrimas, que estudar era um sonho para ela. Na época da matrícula, sua mãe estava em São Paulo cuidando de um filho doente. A matrícula passou e quando a mãe voltou, não teve como matricular. Uma vez que

estava bem crescadinha, as crianças gozavam dela por não está na escola. No ano seguinte, sua mãe, puxando-a pela mão, a levou até a escola. Era uma escolinha pequena de classe multisseriadas. Estava lotada. O professor explicou a situação. Não tinha sequer uma carteira para que Lilian pudesse sentar. Sua mãe continuou insistindo e, em dado momento, perguntou ao professor se ele a aceitaria se trouxesse a carteira? Sem ter como argumentar, o professor aceitou. Lilian diz muito emocionada que,

Voltamos pra casa muito animadas, mas eu não tinha ideia do que se passava na cabeça de minha mãe. Mas o que importava era que eu poderia ir para a escola, estava feliz! [...] Em casa, sem ao menos tomar fôlego, mãe pega um martelo e começa a martelar a cadeira da sala. Retirou o encosto e, com um pedaço de pau, fez a mesinha pra apoiar o caderno. Depois de martelar aqui e ali, ela, pingando suor, olha pra mim e diz com um sorriso no rosto: - Pronta filha, esse ano você vai estudar. Tá aí sua carteira. Nos abraçamos e, no dia seguinte, almocei mais cedo e me dirigia escola, que não ficava tão pertinho (LILIAN, 2009).

Lilian parou por um segundo, respirou fundo e prosseguiu:

O sol castigava e eu, desengonçada, levava a cadeira e uma capanga onde coloquei um lápis e um caderno. Estava cansada, mas feliz da vida. Ao chegar à escola, o professor me apresentou à turma e me deu os parabéns por querer estudar. Eu não me lembro nada do que foi feito naquele dia! [...] Pra meu desespero, ao sair da escola, uma meninada foi atrás de mim gritando: - Lilian cadeirada! Lilian cadeirada! Eu nunca me esqueci disso. Saí correndo e cheguei em casa com os olhos espantados, chorando muito [...] (LILIAN, 2009).

Nesse momento, olhei em volta e todos, até os mais durões, enxugavam as lágrimas teimosas que insistiam em correr pela face. Curiosos, aguardávamos que Lilian retomasse a palavra. Assim, ela prosseguiu:

No dia seguinte, quando me aproximava da escola, o professor, na porta, me esperando. Ele me disse que haviam sujado minha carteira com cocô e já havia advertido as crianças. Naquele dia fiquei muito envergonhada e eu mesma fui limpar a carteira, mas o mau cheiro persistia. Ao final da aula, o professor mandou que eu levasse a carteira pra casa pra lavar, já que na escola a água era pouca. Assim eu fiz, voltei pra casa carregando a carteira. Contei o que ocorreu pra minha mãe. Ela ficou muito triste. [...] No outro dia, voltei com a carteira limpa. A meninada me esperava pelo caminho e gritava: - Lilian cadeirada, Lilian cadeirada! [...] Passado mais um dia, novamente, o professor estava à porta da escola. Estremeci. Não sabia o que me esperava. Fui me aproximando e o professor novamente me disse que a cadeira estava suja de cocô, mas que dessa vez eu deveria voltar pra casa. Eu voltei, chorando e carregando aquela cadeira imunda (LILIAN, 2009).

A essa altura escutava-se na sala um e outro soluço. Todos nós estávamos bastante comovidos com a história de Lilian. Uma moça alegre e prestativa, curiosa e bastante comunicativa. Crescia entre nós o sentimento de empatia. Lilian dizia:

Cheguei em casa arrasada. Minha mãe foi até a escola conversar com o professor. Daí em diante, passei a ir à escola, levando e trazendo a cadeira todos os dias embaixo do sol quente da caatinga. Confesso que foi um ano em vão! Não aprendi nada. Entrava ano e saía e aquela situação se repetia. Eu não sabia dizer o que acontecia comigo. Mas, quando eu fui para o ginásio, a professora que conhecia minha mãe, fez uns testes comigo e viu minha dificuldade. Ela então pediu para eu ir pra casa dela no turno oposto à aula. Ela sim, me ensinou a ler, escrever, contar e é por ela e pra não decepcionar minha mãe que enfrentei tudo isso e hoje estou aqui na UNEB (LILIAN, 2009).

A narrativa de Lilian nos faz refletir sobre o papel do professor e a necessidade de estar atento às singularidades de cada estudante. Me deixar afetar pelas narrativas memoriais, foi fator determinante em minha prática docente. E não poderia ser diferente, durante essa pesquisa, uma vez que as memórias compartilhadas, me fizeram repensar sobre minha prática docente, compreendendo o quanto nossas experiências se constituem saber.

Compreendo a experiência vivida por Lílian como marca, no sentido atribuído por Rolnik (1993), à medida em que ela, não estagnou, não baixou a cabeça aos inúmeros fatos que lhe aconteceram como trama para uma desistência, ao contrário, ao deixar-se estranhar pelas inúmeras marcas que se fizeram em seu corpo, ela as potencializou reconhecendo-as como fatores de existência geradores de vida e vida em abundância.

Diante das narrativas orais e/ou escritas dos estudantes, passei a conhecer formas de ser, pensar e estar no mundo, as quais me foram reveladas a partir das dinâmicas reflexivas que tinham como mote a busca por memórias da infância ou mesmo pelo uso do “diário reflexivo”. Tais instrumentos, foram importantes para efetivar um vínculo entre mim e os estudantes, que passaram a expor, não só questões alusivas ao cotidiano da escola, mas, principalmente, questões outras.

A essência do diário reflexivo é observar e reflexionar sobre si, na perspectiva de perceber, através dos registros, as mudanças, os deslocamentos de posições, de comportamentos que se deram no percurso. Relatar o feito, no âmbito educativo é devolver ao outro aquilo que só é possível existir de modo compartilhado.

O processo educativo é, sobretudo, uma forma de se “por” e “ex-por” diante da vida, e tais experiências precisam ser compartilhadas, reinventadas, transformadas em histórias de se contar, na medida em que possibilitam a aprendizagem de outros, instiga a curiosidade, a vontade de saber além do que se sabe. Pensando dessa forma “a prática educativa passa a ser

um desdobramento da prática da vida em sua cotidianidade, nos afetos que provoca, no entendimento das coisas que nos tocam” (LACERDA, 2009, p. 11).

Busco educar meu olhar, me tornar mais desperta para melhor compreender o caminho que percorro em busca dos objetivos a que me imponho. Reconhecendo-me um ser em transformação a partir da atenção, “[...] *que envolve uma libertação (isto é, uma e-ducação) do olhar e, nesse sentido, ela ilumina”* (MASSCHELEIN, 2008 p. 44).

Na universidade, torna-se condição *sine qua non* o trabalho em equipe, a participação em grupos de estudos, organização de seminários, eventos outros, banca de seleção docente, orientações discentes, coordenação, elaboração e execução de projetos de ensino, pesquisa e extensão, realização de ações práticas que notabilizem nossa formação profissional e possibilitem a aquisição de experiências que se dão, de forma singular, a partir da interatividade e daí a probabilidade criadora de subjetividade.

Acredito que a leitura, a discussão, o encontro com o outro, seja responsável por esta impulsão constante, a vontade de estar sempre em movimento, uma força potente que nos inspira a buscarmos novos ares essenciais à vida, necessários para continuarmos caminhando por territórios ainda não conhecidos, o qual precisamos desbravar para sermos diferentes do que fomos até então.

As narrativas foram de fundamental importância para trilhar diversos caminhos, envolvendo o contexto familiar, as experiências vividas, bem como para compreender as marcas identitárias, práticas político-pedagógicas e as mudanças perpassadas pela história da educação no decurso do tempo. Daí surge um fator de grande relevância na pesquisa: assumir o compromisso com a ética, a alteridade e os valores que perpassaram durante toda pesquisa.

Ao exprimir em escrita minha trajetória profissional, e mais importante que isso as narrativas das protagonistas da pesquisa, reconheço que tal qual minhas diversas marcas, a vida segue e

[...] uma vez posta em circuito, uma marca pode eventualmente ser reativada pois, contém em si a potencialidade de voltar a reverberar, quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (ROLNIK, 1993, p. 3).

Nesse sentido, acredito que as narrativas das protagonistas são fontes de conhecimentos que não estão registrados em lugar algum, mas que emergiram através das rodas de conversa, onde a memória se fez um dispositivo indispensável, nas minhas anotações, na elaboração e reelaboração dos meus pensamentos, que foram se refazendo ao contato com as fontes e a cada pequeno gesto das ex-normalistas.

Traçando a colcha de fuxico: Caminhos metodológicos

Agulha. Linha. Tesoura. Um alinhavo. Outro alinhavo. Alguns nós. Pontos, outros pontos, pontos de encontros, e desencontros... Cortes. Amarrações, laçadas... Assim, retalhos de tecidos são recolhidos, selecionados, recortados em círculos, alinhavados, arrematados, costurados uns nos outros e assim, pouco a pouco, a costura é feita, surgindo uma colcha de fuxico, um “caminho” de mesa, uma toalha etc.

É a partir das relações entre matéria e ideia, mão e ideia, projeto e ação, coisas e palavras, que se encontra o desafio de dar forma, sem formatar, limitar ou definir as potencialidades e as possibilidades de (cri)ação.

Tais procedimentos manuais, podem referir-se tanto ao ato de costurar, quanto ao desenvolvimento de uma pesquisa/investigação. Isso porque, ambos os gestos solicitam daquele que imagina, que deseja realizar e partilhar coletivamente seu processo inventivo, olhares e ações atentas, além de mãos habilidosas, com destreza para tecer experiências de criação e externalizar a efervescência interna de desejos, angústias e ideias.



Imagem 8 - Confeccionando a Colcha de Fuxico. Acervo pessoal.

Nesses fazeres artesanais, emergem a atenção, o cuidado, a escuta, a presença e a experimentação temporal de desaceleração ou, como nos fala Bergson (1999, 2006), um mergulho na duração, em que o corpo e a cognição são pareados e convocados a se enveredarem, juntos, por um mesmo caminho. Em meio a passos hesitantes não é possível prever onde iremos chegar, mas é no deslocamento que o percurso vai se delineando. O corpo sente o cansaço e as alegrias de manusear as condições de possibilidade ao escrever novos rumos.

A mão que escreve é a mesma que costura e, assim, vai tecendo veredas de mergulho na intensidade temporal e implicando o sujeito que executa ação. Para ambas as ações, o corpo mantém-se sentado. Porém, inquieto.

Nesse sentido, esta pesquisa, que ora apresento, faz parte de estudos e questionamentos que há muito tempo venho acalentado sobre a formação dos professores, do Alto Sertão da Bahia, na tentativa de compreender os processos cotidianos de aprendizagem produzidos pelos diferentes modos de inserção dos sujeitos nos diversos espaço/tempo de interação social (SANTOS, 1985, 2000).

Assim, nesse texto de tese, trago a narrativa das professoras, suas lembranças sobre a Escola Normal do Alto Sertão da Bahia, entre os anos de 1950 e 1960, e sua atuação docente. São memórias pessoais, mas, sobretudo, memórias sociais, familiar e grupal, uma vez que esse grupo de participantes mantém entre si algum tipo de elo afetivo, o que dá suporte às memórias coletivas a partir da concepção de Halbwachs (2003).

Para isso, tracei como objetivos:

- Compreender, por meio das narrativas memórias, a concepção das professoras acerca da importância da Escola Normal, no Alto Sertão da Bahia, nas décadas de 1950 e 1960;
- Identificar o contexto sócio histórico em que se deu a formação dessas educadoras e seus contributos para a concepção geracional de uma época;
- Refletir sobre a importância do educador Anísio Teixeira, para a implantação das Escolas Normais no Brasil, e principalmente na Bahia;
- Buscar, através de narrativas memoriais e fontes iconográficas, elementos e vestígios para compreender marcas identitárias e práticas político-pedagógicas, e as mudanças perpassadas no decurso do tempo.

A escolha pelas rodas de conversa e escuta de narrativas de experiências, se deve ao fato de que é, a partir das mesmas, que se *“reconstrói ações e contextos da maneira mais adequada:*

ela mostra o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do ator” (JOVCHLOVITCH; BAUER 2002, p.92), portanto adequada para a produção de dados da pesquisa aqui proposta.

Os critérios de escolha, utilizados para formar o grupo pesquisado, se deu pelo interesse em conhecer e deixar registradas as narrativas vivenciadas por mulheres sertanejas, que frequentaram as Escolas Normais do Alto Sertão da Bahia, nas décadas de 1950 e 1960. As professoras, foram abordadas, com explícito consentimento, a partir do TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido) mediante rodas de conversas, devidamente agendadas e planejadas.

No total foram 14 (quatorze) professoras, aqui identificadas como plantas características do Sertão - que, em 2019, estavam com idade entre 69 a 88 anos, nascidas nos municípios de Brumado, Botuporã, Livramento de Nossa Senhora, Lagoa Real, Barra da Estiva e Ituaçu, que frequentaram Escolas Normais ou o Curso Normal, em escolas do Alto Sertão da Bahia, no período compreendido entre as décadas de 1950 e 1960. A ideia dos codinomes se deu a partir de uma dinâmica realizada em uma das rodas de conversa³.

O recorte temporal escolhido, décadas de 1950 e 1960, se deve ao fato de que as protagonistas da pesquisa se formaram nesses períodos, justamente quando se impulsionaram as discussões quanto à necessidade da implementação/inauguração de escolas em toda Bahia, em especial as Escolas Normais, para a formação docente.

Dentre as professoras, quatro se formaram na Escola Normal Rural de Caetitê; uma no Instituto Ponte Nova, localizado à época em Itacira, hoje município de Wagner (Chapada Diamantina), no qual existia o curso de professores; cinco do Curso Normal Dr. Pompílio Leite/Colégio Estadual de Brumado, duas que foram selecionadas e participaram do curso de professores do INEP/CRINEP (Instituto Nacional de Pesquisa–Centro Regional do INEP) em Salvador (1963), cujo objetivo era capacitar professores alfabetizadores a partir do Método de Iracema Meireles, “Casinha Feliz”; e duas professoras formadas no Curso Normal do Colégio de Livramento de Nossa Senhora⁴.

A problemática desse estudo nos remeteu aos seguintes questionamentos: Qual a importância da Escola Normal no Alto Sertão da Bahia nas décadas de 1950 e 1960? Como se

³Tal proposta, foi tão bem aceita por nossas professoras protagonistas, que desde essa data passaram a se identificarem com os nomes das plantas utilizadas na dinâmica.

⁴Infelizmente não foi possível obter maiores informações sobre o Curso Normal de Livramento de Nossa Senhora devido à pandemia do Covid-19.

deu os processos formativos das professoras/protagonistas desta pesquisa? Quais foram os transtornos, entraves e empecilhos enfrentados pelas sertanejas para concluírem sua formação?

Baseado no pressuposto de que a educação está estritamente relacionada ao contexto social, devendo ser compreendida de forma multivariada, trago à baila as narrativas de experiências individuais e coletivas, herdadas socialmente, bem como os acordos, as tensões, e os conflitos que decorreram deste processo.

Trazer à tona as narrativas memoriais, tem como proposta contribuir para o registro da história da educação e dos saberes no Alto Sertão da Bahia, uma vez que pouco ou nada se tem documentado sobre essa temática. Dessa forma, busquei, por meio da escuta atenta de narrativas de 14 (quatorze) professoras, que se formaram em Escolas Normais ou Cursos Normais do Alto Sertão da Bahia, desvelar histórias e saberes vivenciados por essas mulheres, fontes vivas da memória.

As conversas, pontos de partida para esta investigação, estão povoadas de modos distintos de ser, pontos de vistas - às vezes opostos - mas, sobretudo, uma forma de exposição às mudanças de incompreensão, de intraduzibilidade e de impotência (SKLIAR, 2018).

Assim, ouvir o outro é não só ouvi-lo e valorizá-lo em suas palavras, mas se responsabilizar pelo vínculo formado nesse encontro. Dessa forma, as fontes orais se materializam em narrativas que surgem na interseção poética, histórica e mitológica. Intervenções e informações, que se dão, para o pesquisador, a partir da análise dos elementos formais e estilísticos das narrativas orais que revelam o caráter pessoal e social da memória (FARIAS, 2015).

Além das narrativas foram utilizadas as fontes iconográficas que se constituem na linguagem visual que utilizam imagens para representar determinado tema, importantes como fontes informativas de épocas, pessoas e das sociedades nas quais foram produzidas. Neste sentido, utilizamos tais registros que permitem a reconstrução historiográfica, bem como, o entendimento dos processos de mudança social. Assim, as imagens foram aqui utilizadas como fundamentos que estabelecem mediações da memória ao grupo estudado.

O meu interesse em trabalhar com essas professoras, que narram suas memórias, não aconteceu por acaso, pois desde tenra idade, escuto essas narrativas e me envolvo com elas. Afinal, uma dessas é minha mãe e outras três são minhas tias. As demais foram sendo indicadas, ao longo da pesquisa, por serem amigas, colegas e manterem o vínculo de amizade até os dias atuais.

Nesse sentido, foram realizadas cinco “Rodas de Conversa⁵”, na cidade de Brumado, Bahia, conforme as datas agendadas com as professoras. Descrevo a seguir, um pouco dos acontecimentos e temas de cada encontro.

A primeira roda de conversa aconteceu no dia 20 de janeiro de 2019, numa tarde de intenso calor, onde iniciamos uma animada conversa com Jitirana, Ipê Roxo, Bromélia, Xique-xique, Angico, Aroeira, Mandacaru, Carnaúba, Palma, Umbuzeiro e Jurema. De posse de álbuns de formatura, imagens antigas da Escola Normal e dos municípios de Caetité, Caculé, Livramento e Brumado, uma série de memórias e sentimentos dos mais diversos, despontaram nessas mulheres.

A segunda roda de conversa ocorreu, no dia 14 de março de 2019, e foi organizada no intuito de registrar as memórias das professoras Carnaúba, Umbuzeiro e Angico. A experiência vivenciada por Carnaúba foi singular. Natural de Botuporã, esta professora cavalgou junto ao seu pai, negociante de gado da região, até o povoado de Itacira, atualmente Wagner, Chapada Diamantina, Bahia, para estudar no Curso Normal oferecido em uma escola Presbiteriana, chamada Instituto Ponte Nova – IPN.

As professoras Umbuzeiro e Angico, por sua vez, narraram fatos do período em que permaneceram na Escola Parque, também conhecida como Centro Educacional Carneiro Ribeiro, projeto do educador Anísio Teixeira, coordenado por sua irmã Carmem Teixeira. Nessa oportunidade, aprenderam o método de alfabetização criado pela educadora Iracema Meireles, “A Casinha Feliz”, e se tornaram capacitadoras, passando o método aos professores e coordenadores de Brumado e toda região. Elas se lembram que ficaram, em regime de internato no INEP, estudavam e trabalhavam na Escola Parque, tendo direito a uma bolsa de estudo.

A terceira roda de conversa, ocorreu no dia 18 de junho de 2019. Na oportunidade, discutimos sobre o papel da mulher na sociedade e sua profissionalização na Escola Normal, bem como realizamos uma dinâmica para que pudessem escolher um codinome para a pesquisa. Após a escolha e leitura de pequenos memoriais, elas relataram sobre a importância de ser mulher e normalista nas décadas de 50 e 60, e o quanto isso dava visibilidade às mulheres não apenas em suas famílias, mas profissionalmente, pois se tornaram suportes na formação de uma geração de professores de toda região. Narraram, também, sobre o baile de formatura, os professores, os colegas e as experiências adquiridas com todas as dificuldades e agruras que se apresentavam na época.

⁵ Uso, como aprendi com Reis, Oliveira, Skliar, Alves, Ribeiro, 2018.

A quarta roda de conversa aconteceu no dia 20 de setembro de 2019, data em que festejamos os cinquenta anos de formatura dos alunos da turma de 1969, do Curso Normal Dr. Pompílio Leite. A ideia desse acontecimento se deu durante as rodas de conversa e para isso, realizamos outros encontros para organizar o evento.

A quinta roda de conversa aconteceu no dia 13 março de 2020, tendo como objetivo confraternizar, expor e refletir sobre o material produzido até aquele momento da pesquisa – painéis com fotografias, livros, cadernos de recordação, diários, álbuns de formatura, exposição de porta retratos com fotografias de diplomas, e demais situações em que se encontravam as professoras/protagonistas.

As narrativas das professoras serão apresentadas em fonte Times New Roman, tamanho 11, itálico, sem recuo, espaçamento 1,15, pois esse trabalho dá às narrativas das professoras protagonistas o mesmo status que as citações dos diferentes teóricos.

As professoras/protagonistas e a vegetação do Alto Sertão

Devo esclarecer que, ao utilizar o termo protagonistas, faço-o, não no sentido atribuído do teatro grego clássico, ou demais obras artísticas televisivas, cinematográficas, que caracterizam o protagonista como o personagem mais importante, em torno do qual, se constrói a trama. Protagonista, aqui, é como cada professora, que relata suas experiências, suas sabedorias e história de vida e que, traz sua voz, sua individualidade construída numa perspectiva comunitária. Apesar de partilharem uma mesma conjuntura espaço/tempo, cada uma tem sua particularidade.

Na tentativa de conhecer melhor nossas protagonistas, pensamos numa dinâmica onde pudessem espontaneamente falarem de si. Assim, em se tratando de um cenário bastante peculiar, o do Sertão da Bahia, escolhi 14 (quatorze) plantas característica desse bioma, contendo no verso de cada imagem as características e o uso que lhes são dados no sertão nordestino. Todas ficaram animadas e, como já era previsto, cada uma escolheu a que mais lhe chamou à atenção. Como dito anteriormente, os codinomes foram de tal forma acolhido por nossas protagonistas que deste momento em diante passamos a identifica-las carinhosamente pelo nome da planta a qual escolheram.

Sentadas em círculo, pedi que refletissem e escrevessem em poucas palavras de terem se identificado com aquela planta. Depois de alguns minutos, Rita de Cássia, nossa Bromélia inicia dizendo que:

Bromélia flor bonita
 Nativa do Alto Sertão!
 Você foi escolhida, pois faz
 Vibrar meu coração.
 Seu fruto, abacaxi, difícil de descascar.
 Foi como nos meus tempos de estudo
 Difícil de suportar!

(BROMÉLIA, 2020)

Imagem 9 - Verso de Bromélia.

Logo em seguida, após ser elogiada, Bromélia lê o memorial que trouxe de casa⁶.



Imagem 10 - Bromélia, 2020. Acervo pessoal.

Nascida em 31 de março de 1933, na Fazenda Casa Nova, município de Brumado, Alto Sertão da Bahia, filha de Francisco de Souza Meira e Maria do Patrocínio Meira. Sou a primogênita de nove irmãos, sendo três do sexo masculino e seis do sexo feminino.

Como não havia ultrassom naquela época, qualquer um, não importando o sexo, era bem recebido, pelos pais, a avó paterna que morava conosco, sua irmã e uma sobrinha. Tínhamos os pais presentes em todos os momentos. Nas refeições, estudos, brincadeiras e religião. Procuravam sempre o melhor para os filhos.

Os homens tinham alguns privilégios. “Mandavam no figurino” naquele tempo... alguns trabalhos domésticos eram feitos apenas por mulheres. Elas não podiam sair para estudar fora da localidade, não podiam viajar sem a companhia masculina e muitos pais não deixavam as filhas irem à escola por acharem que a leitura e a escrita eram privilégio só para os homens.

A leitura e a escrita, em meu tempo, começaram em casa, ensinada pelos meus pais, em uma cartilha chamada “Ensino Rápido” que ganhei de presente de meu avô materno, vô Digo, que gostava muito

⁶ Foi pedido que cada uma levasse um pequeno texto contando sobre si.

das letras. Já estava sabendo ler e escrever, razoavelmente, quando fui estudar na cidade de Livramento de Nossa Senhora, onde moravam meus avós maternos e os tios. Isso aconteceu graças aos esforços dos meus pais, principalmente minha mãe. Ela me falava que eu precisava estudar e aprender muitos trabalhos manuais que minhas tias sabiam fazer. Parentes e vizinhos aconselhavam para não me deixarem estudar fora de casa com apenas dez anos. Ela então dizia que não me obrigava a ficar lá, porém se eu quisesse poderia ficar. Eu sempre quis ficar, pois desejava aprender cada vez mais. Antigamente a mulher era tratada como “sexo frágil” não só fisicamente como também em resolver problemas financeiros. Isso era fruto da criação da época. Lembro-me de que minha mãe não envolvia nos negócios de meu pai, não que ele não deixasse, mas ela achava que tudo estava bem a sua maneira. Achavam que a mulher daquele tempo, tinha que ficar em casa cuidando dos filhos, do marido, da culinária, dos trabalhos manuais, coisas que elas faziam com muito prazer e muito bem. Hoje, sabemos que a mulher é tão capaz e às vezes, até mais capaz que certos homens. Graças a Deus já está muito melhor, mas é preciso melhorar mais. Aqui em casa mesmo é uma de minhas irmãs quem resolve os problemas das finanças, com sabedoria, prudência e justiça. Estudar na Escola Normal de Caetité, naquela época, era um privilégio para poucos. Me formei em 1953 e isso significou muito em minha vida, pois sempre sonhei em ser professora e exercer a profissão. Alfabetizei durante muitos anos e mesmo depois de aposentada, continuei com trabalho de evangelizadora de crianças na Igreja matriz. Tenho 86 anos e me considero uma pessoa feliz, pois apesar da idade, tenho saúde, tenho uma família que amo, muitos sobrinhos e cada dia sempre procurando aprender algo novo. Agora, no momento, estou aprendendo a me conectar com o mundo através do uso do WhatsApp (BROMÉLIA, 2019).

Posteriormente, foi a vez de Mandacaru ler seus versos:

Deus nos deu a caatinga
Nesse céu de azul anil,
Na natureza que nos acolhe
Flores silvestres e cactos mil
No sertão onde há seca
Dos frutos, nunca faltou umbu
Quando anuncia as chuvas
Pela flor do Mandacaru

(MANDACARU, 2020)

Imagem 11 - Verso de Mandacaru.



Imagem 12 - Mandacaru, 2020. Acervo pessoal.

Mandacaru fez seus versos, e carinhosamente, recebeu de Bromélia um outro verso em sua homenagem. Bromélia (2020) lê:

As folhas do mandacaru
 Parecem um candelabro de luz
 Lembram o saber e a inteligência
 Que recebemos de Jesus.
 Seus espinhos, o sacrifício
 Que para estudar tivemos
 As flores, a alegria
 De ver os alunos vencendo

(BROMÉLIA, 2020)

Imagem 13 - Verso de Bromélia.

Mandacaru faz a leitura:

Eu nasci em 28 de março de 1943 no município de Brumado, Bahia, em uma família de seis irmãos contando comigo. Na minha família não existia privilégio quanto à figura masculina com relação aos estudos. Quando as famílias tinham um poder aquisitivo melhor, os homens estudavam em outras cidades, como em Salvador. Por serem homens possuíam mais liberdades, e as mulheres eram mais resguardadas, reservadas ao lar com uma ou outra exceção. Nossa mãe regulamentava nosso comportamento e nós, não discutíamos muito, embora houvesse contestação “as escondidas”.

A aquisição da leitura, naquela época, se dava em casa. Antes de irmos para a escola, mamãe e os irmãos mais velhos nos ensinaram as primeiras letras. Minha mãe, apesar de não ter formação completa, era muito responsável e exigente. Ela, nos cobrava a cartilha e a tabuada na ponta da língua. Frequentei a Escola Normal, em primeiro lugar pelo fato de Monsenhor Antônio Fagundes ter fundado o ginásio General Nelson de Melo, proporcionando aos estudantes de Brumado, a continuação dos estudos. Erámos seis filhos, cinco mulheres e um homem e não tínhamos condições de ir estudar fora. Assim, só temos a agradecer o empreendedorismo de Monsenhor. Mais tarde, então surgiu o anexo com o Curso Normal. Foi uma oportunidade ímpar na época. Em segundo lugar, a minha intenção em estudar e me tornar professora, se deve ao exemplo dos meus professores do ensino primário, cursado no Colégio Getúlio Vargas, o qual foi a base para que eu pudesse cursar a Escola Normal. Agradeço a dedicação e sabedoria que eu tanto admirava e até hoje guardo muitas recordações daqueles tempos de estudante. Nós valorizávamos muito a escola, o estudo como formação humana. [...] a primeira escola que lecionei foi no São Felix. Me lembro dos rostinhos de criança de meus alunos que vez ou outra ainda encontro pelas ruas, agora com suas famílias. Depois conseguir as 40 horas e passei a lecionar Geografia. Fiz o curso em Conquista e recebi a carteirinha de autorização para lecionar até a 8ª série na época.

Para mim, a importância em me tornar professora foi a realização e o meio para contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, digna, que pudesse lutar pelos seus direitos. Para minha família foi motivo de orgulho. Essa conquista devo a Deus e a meus pais. Hoje me sinto realizada por ter formado muitos homens e mulheres de bem que ajudaram no desenvolvimento da cidade de Brumado (MANDACARU, 2019).

Em seguida é a vez de Xique-Xique, que declama rapidinho:

O Xique-xique foi escolhido
 Porque tem o seu valor
 Enfeita a terra ressequida
 Com sua beleza e flor
 Por isso eu o escolhi,
 por comigo parecer
 Gosto muito de plantar e também de ver florescer
 Como com os alunos:
 Ensinar e aprender.

(XIQUE-XIQUE, 2020)

Imagem 14 - Verso de Xique-xique.



Imagem 15 - Xique-xique, 2020. Acervo pessoal.

Maria de Lourdes, a nossa Xique-xique, leu sua carta:

Eu nasci na Fazenda Casa Nova que fica no município de Brumado, Alto Sertão da Bahia, no dia 25 de maio de 1935. Hoje, aos 84 anos, gosto de relembrar os meus dias de criança e de minha mocidade. Sou de uma família numerosa. São seis mulheres e três homens. Todas as mulheres exerceram o Magistério e dos homens, apenas um. Quanto aos outros dois, um é médico e o outro mecânico. Sou uma das filhas mais velhas, e sempre tive muitas responsabilidades as quais busquei desempenhar com boa vontade, otimismo e bom humor.

Não me recordo muito como aprendi a ler e escrever. Só sei que sempre gostei das prendas do lar e o estudo foi se tornar importante mais tarde em minha vida. Através do ABC, minha mãe me ensinou as primeiras letras. O caderno eram umas folhas de papel pautando. A gente ia lendo o ABC sem sair da ordem, depois pegava um papel e abria um buraquinho para ver que letra era aquela. Isso fora da ordem. Depois que já sabia de cor e salteado, juntava-se as letras formando as sílabas e depois as palavras. Quanto à escrita, fazia-se as letras a lápis, depois a gente cobria com a “pena” no tinteiro. Assim, alfabetizei só, em casa, que eu me lembre. Depois, quando aprendi o ABC e a cartilha, meu pai contratou um professor particular para dar continuidade à escrita e à leitura. O primeiro professor foi Martiniano Virgílio Meira, numa escola no Tanque Novo (reunia várias crianças de várias famílias) para poder ter as aulas. Depois, contratou-se Zaide Costa Meira, que deu continuidade às aulas. Aí já foi em nossa própria casa, na Fazenda Casa Nova. Ainda tivemos o professor Nilo Virgílio Meira.

Quando saímos da roça para morar em Brumado, nos matriculamos no primeiro ano, na escola pública, tive como professora Dona Altair Púbio Silva, e depois Dona Helena Meira, irmã do padre Homero Meira que foi Bispo em Itabuna. Fui fazer a Escola Normal mais tarde, pois como já disse, gostava muito das prendas domésticas: confeitaria era o meu forte, mas também costurava, bordava, pintava, fazia de tudo um pouco. Assim, levei algum tempo para me dedicar aos estudos no Curso Normal Dr. Pompílio Leite e me formar em professora no ano de 1966. Fui muito feliz, pois, assim que formei veio logo o concurso do Estado, fui nomeada e me senti independente. Naqueles anos, a sociedade reconhecia essa formatura com certa distinção e para a família, era um privilégio (XIQUE-XIQUE, 2019).

Em seguida foi à vez de Umbuzeiro que iniciou sua narrativa dizendo:

Escolhi o umbuzeiro porque, na minha infância, na época da seca (quando secava tudo, rio, lagoa, cacimba, e não tinha mais água) era normal o pessoal cavar em volta do umbuzeiro e tirar o bobo, algo parecido com uma abóbora, que envolta tinha raízes que guardavam umidade. O pessoal espremia e tirava dali a água, que servia para o consumo. Depois, já casada e com meus 5 (cinco) filhos, sempre que era tempo de umbu, meu esposo nos levava, eu as crianças e quem mais quisesse ir, para um piquenique embaixo de um umbuzeiro. As crianças se divertiam e nós matávamos a saudade do cheiro da chuva na caatinga, da paisagem retorcida contrastando com o verde da folhagem do umbuzeiro (UMBUZEIRO, 2020).

Fazendo uma analogia do umbuzeiro ao professor,
podemos dizer que ambos têm em seu manancial muito a oferecer.
Um saber que nunca seca
Haja a seca que houver,
em suas raízes sempre há esperança, água fresca pra beber
Seus frutos saborosos de grande significação
Tal qual o professor que abraça a profissão
Lutando por melhorar a educação
Pois sem ela nada é válido
Só há lamentação.

(UMBUZEIRO, 2019).

Imagem 16 - Verso de Umbuzeiro.

Ouvimos a narrativa com curiosidade, umas afirmando que conheciam à prática de se aproveitar a água das raízes do umbuzeiro, outras, mais novas, desconheciam esta prática.



Imagem 17 - Umbuzeiro, 2020. Acervo pessoal.

Umbuzeiro dá continuidade com a leitura de seu memorial:

Nasci na Fazenda Casa Nova, no município de Brumado, no dia 22 de agosto de 1941. Filha de Maria do Patrocínio Meira e Francisco de Souza Meira. Sou a quinta filha de uma família de nove irmãos. Desses, seis são formados em professores, um formado em Medicina e outro abandonou os estudos, passando a ser trabalhador autônomo desde cedo.

Aprendi as primeiras letras na sombra de um umbuzeiro, com minha irmã mais velha que estudava em Caetité. Eu tinha muita vontade de aprender a ler principalmente para poder cantar as músicas do seu caderno de canto, bem como ler os livros que minha vó lia à luz de vela que muitas vezes deixava as páginas amareladas pela fumaça.

Depois que fui alfabetizada, fomos estudar em Brumado. Lá eu me encantei pela escola. Quando terminei o curso primário, fui para Livramento cursar o ginásial. Lá, fui morar na casa de meu tio e padrinho. Infelizmente, por motivos de saúde, tive que retornar a Brumado sem concluir meu curso. Assim que melhorei de saúde, tive a oportunidade de concluir o curso ginásial na cidade de Caculé onde tinha um clima mais favorável à minha saúde, pois eu sofria de asma, na época. Morei na casa do diretor do Colégio o Senhor Dr. Vespasiano.

Naquela época, havia muita distinção na educação entre filhos homens e mulheres. Os homens eram privilegiados diante da sociedade. Eu mesma senti isso. Eu era colega de meu irmão mais velho. Ele foi estudar Medicina na capital e eu fiquei em Brumado, ajudando meu pai na loja. Mas eu não perdi a esperança de um dia realizar meu “sonho dourado” de estudar na capital.

Comecei a frequentar o Curso Normal em Brumado, pela manhã, e à tarde trabalhava na loja de tecido do meu pai, a fim de ajudar nas despesas. Apesar de não ter muito tempo pra estudar, eu tive ótimos professores que me ajudaram e viram, diante de meu desempenho, a vontade de prosperar nos estudos. Quando eu cursava o terceiro ano, fui convidada a participar de um curso intensivo de formação e capacitação de professores no INEP em Salvador. Fiquei muito satisfeita! Logo passei as instruções do meu trabalho para minha irmã que iria ficar tomando conta da loja “Bom Jesus”.

Me formar em professora foi um sonho realizado e a oportunidade de estudar no INEP conhecendo a capital, foi mais uma conquista em minha vida, pois além de conhecer o método “Casinha Feliz”, tive a oportunidade de fazer novas amizades e ampliar meus horizontes para além do sertão. Era dezembro do ano de 1963, quando terminamos o curso no INEP e voltamos para Brumado. Em 1964, com o golpe militar, meu pai, preocupado que o certificado não fosse validado, sugeriu que eu fizesse o terceiro ano

no Curso Normal Pompílio Leite. Assim eu fiz e tive a oportunidade de estagiar na turma da nossa professora regente, Dona Zilda Neves, a quem eu presenteei com o material do Método Casinha Feliz, que fiz durante o curso no INEP.

Ser professora, pra mim, é uma missão de vida. Você tem que ir pra sala de aula amando o que faz, sendo feliz com seus alunos e dando exemplo de vida a ser seguido (UMBUZEIRO, 2019).

Em seguida foi à vez de Jitirana, que nos narra que:

Eu escolhi, ser Jitirana porque me fez lembrar da minha infância, pois é uma flor delicada e produzia muito aqui em Brumado. Aos domingos íamos eu e minha irmã casula e muitas amiguinhas tomar sorvete num bar chamado Juá. Atravessava a ponte e na beira do rio tinha muito dessa jitirana, nós a chamávamos de “Maria Tola”. Elas se entrelaçavam e o visual era muito lindo. Comparando ao Magistério, cada plantinha daquelas dava suporte para a outra e aí, cada vez mais, as cercas ficavam floridas, ou seja, cada colega dando suporte e suportando o outro a produção é bem melhor (Jitirana, 2020).

Como a flor da jitirana, se unidas:
 teríamos uma educação de qualidade,
 sem orgulho e sem vaidade.
 jitirana, planta do Sertão,
 Trepadeira invasora.
 Achando terreno fértil
 Sua ação é desbravadora!

(JITIRANA, 2020)

Imagem 18 - Verso de Jitirana.

Depois dos aplausos, e dos comentários que se seguiram quanto as lembranças do Bar Juá, ou da trepadeira de flor singela agora conhecida como jitirana, nossa protagonista, limpa a garganta e ler seu memorial.



Imagem 19 - Jitirana, 2019. Acervo pessoal.

Sou natural do município de Brumado, nasci no dia 27 de abril de 1950, numa família de oito irmãos, comigo nove. Naquela época, às mulheres destinavam-se os trabalhos de casa, o aprendizado com bordados, culinária e a brincadeira com bonecas. Aos homens não cabiam esses trabalhos, havia esse preconceito. Assim, tinham o privilégio de receber tudo pronto. Era o pensamento da época. Cada tempo com sua cultura!

Hoje, não vejo diferença, pois tudo está ao alcance de todos. Devemos encaminhar filhos e filhas às atividades do lar e à diversidade dos trabalhos, para que um não fique esperando pelo outro. Dever e responsabilidade devem ser partilhados.

Tive o privilégio de ser alfabetizada por minha irmã mais velha que já estava se formando em 1953. E também, pude acompanhar meus irmãos nas aulas de cartilha. Nessas aulas, eu levava o “ABC” e também, “A Cartilha do povo”. Lembro-me de que na sala de aula, a professora Mirian Azevedo fazia uma fila para ouvir a nossa leitura. E a escrita, ela fazia as letras para a gente cobrir. Quando estava mais adiantado, passava para a cópia e depois os ditados. A redação, fazíamos muito raramente.

Há cinquenta anos, era muito importante ser professor. Ser professora era ter referência de sabedoria, de dignidade, de respeito. Desde criança eu queria ser professora! Ainda estudante dei banca para adultos e adolescentes.

Para as famílias, terem uma filha professora, era um privilégio. As pessoas diziam à filha “é professora, então vai ajudar a família, vai colaborar com a sociedade, vai ajudar na educação, vai ser uma mulher independente!”

O Curso Normal me proporcionou dar continuidade aos estudos, permitindo que eu cursasse a Faculdade de Pedagogia na Universidade Católica de Salvador – UCSAL, porque eu gostava mesmo era de ensinar! Enfrentei muitos obstáculos. Hoje estou aposentada graças ao Curso Normal. Só gratidão! (JITIRANA, 2019).

Durante a escolha dos codinomes, Carnaúba também se identificou com a árvore do juazeiro, mas em respeito à vizinha de muro, consentiu que ela ficasse com o codinome escolhido. Nesse dia, Juazeiro não teve tempo de fazer seu relato, pois precisou sair mais cedo para medicar a irmã. Passados uns dias Juazeiro me liga e diz que gostou muito da escrita que

Carnaúba fez do juazeiro e me pediu para manter o texto. Sendo assim, esclareço que o texto sobre Juazeiro foi escrito e lido por Carnaúba.

Carnaúba (2020) lê:

Esta é a árvore mais linda, que permanece e resiste ao sol escaldante do sertão, na caatinga do nordeste do Brasil. Lá está ela, verde, majestosa, copa fechada, com frutinhos amarelos e cobre o solo com uma sombra que abriga os trabalhadores fatigados da labuta diária. Só ele, entre a mata rala de galhos secos, retorcidos, permanece com sua folhagem sempre viva. Assim é nosso juazeiro resistente à estiagem prolongada! Pertence ao bioma de sol mais causticante, onde os rios e os córregos secam, só se encontrando água em algumas cacimbas de minaçoão. O que fiz em minha jornada de educadora foi semelhante ao Juazeiro. Encontrei também os rigores da caatinga, suportando o desconforto do calor do sol causticante para mim e para os meus alunos, em salas pequenas, sem acomodação e ventilação; jamais desanimei! Ensinei, me adaptando à situação.

E destruindo a seca passa
Só quem fica resistindo e
Tem sombra pra dar,
É o Juazeiro verde cor da esperança,
Quando a gente ao sol se cansa
Vai para sua sombra se abrigar.
(CARNAÚBA, 2020)

Imagem 20 -Verso de Carnaúba para Juazeiro.

Em seguida Jitirana (2020) leu o memorial deixado por Juazeiro:



Imagem 21 - Juazeiro, 2020. Acervo pessoal.

Nasci na cidade de Lagoa Real, Alto Sertão da Bahia, em 28 de dezembro de 1932, na fazenda Alegria, próximo à Lagoa Real, distrito de Caetité, que foi emancipada em 1989, herança dos meus avós paternos, onde meu pai e meu tio constituíram família e viviam da lavoura. A lavoura era nossa principal fonte de renda, principalmente a de algodão. Meu pai era apaixonado pela lavoura de algodão, mas tinha um lavourazinha de feijão, milho, arroz. Meu pai fez o curso primário até o 5º ano, acredito que em Rio de Contas com professor Santana. Dizem que ele ensinava à criança até a calçar o sapato, calçar a meia, como sentar-se à mesa, como receber uma pessoa, ele dava essa formação ao aluno. Éramos 10 irmãos, mas não cresci junto com eles. Com uns oito anos de idade, fui estudar em Rio de Contas. Eu fui com a professora de Rio de Contas que se tornou comadre de meus pais, pois crismou minha irmã. Ela, encantada com minha facilidade em aprender, pediu meu pai para me levar para estudar em uma escola em Rio de Contas, pois era um desperdício eu ali na roça. Meu pai deixou e eu vivi em Rio de Contas. Veja a confiança que se tinha naquela época, nas pessoas, pois meu pai me levou para ficar com aquela família, que conhecera quando chegamos lá. Morei com essa professora e com os seus pais, já idosos, com umas moças já idosas que tomavam conta da gente, e lá eu fiz o segundo ano e o terceiro. Em 1943 fui para Caetité morar com a família Moura, minhas primas, e continuei meus estudos na Escola Normal.

Naquela época, havia mais liberdade aos filhos homens embora prestassem obediência aos pais. Eram formados para exercerem seu papel em família, demonstrando boa conduta conquistavam a confiança paterna chegando a exercer o papel de “guardiões das irmãs mais jovens” substituindo os pais, que recomendavam zelo e rigor.

Os meus quatro primeiros irmãos foram alfabetizados em Lagoa Real na única escola particular, com professora leiga a base da “palmatória”. Tempos depois, nossa família passa a residir na zona rural, os filhos aumentaram e os primeiros tiveram que abandonar a escola.

Mais tarde meus pais contrataram uma professora leiga da cidade de Rio de Contas (80 km de distância) para morar em nossa casa. As crianças menores (7 a 12 anos) estudavam durante o dia. Os filhos homens maiores, acompanhavam meu pai nos serviços da lavoura e nos cuidados da criação. As meninas maiores ajudavam nas tarefas domésticas. Por isso, estudavam a noite. Todos aprenderam a ler e escrever, primeiras noções de matemática (operações fundamentais, escrever cartas, declamar poemas, cantar, dançar, quadrilhas de São João, organizar ternos de reis com os jovens, etc.). Ressalto que os filhos das famílias vizinhas se juntavam a nós para os estudos e era muito divertido.

Fui para Caetité fazer o Curso Normal. Naquela época, principalmente para as famílias de pouco recursos, tanto para as meninas quanto para os meninos, era a única opção. E a vocação em ser professor? Não se falava! Fazíamos como uma predestinação que mais tarde virava vocação.

Motivo de grande orgulho para os pais, ver os filhos ingressarem numa escola de qualidade cujos frutos eram reconhecidos pela boa formação, conhecimento, esforço e compromisso. A Escola Normal de Caetité – estrela que brilhou através dos tempos, no Alto Sertão baiano, formou muitos bons professores! Caetité, berço do grande educador Anísio Teixeira e outros.

Assim, foi de suma importância para mim e minha família formar-me professora. Recebi total apoio de meus irmãos mais velhos logo eles que não chegaram a completar o curso primário. Tive depois o prazer de manter os estudos de três irmãos mais novos na mesma escola em que me formei.

Ser professora foi de grande sentido em minha vida! Foi uma época de desafios e de carências. Pequenos sonhos realizados, mas com sabor de vitória. Valeu a pena! Andei a pé, carro de boi, carroceria de caminhão e cheguei aqui.... Cresci como pessoa, aprendi a entender melhor as limitações do outro, combati as minhas, a fim de ser o mínimo de luz para o outro. Fui referência na minha família, na minha terra.... Cresci profissionalmente. Meus alunos ensinaram-me a amar. Amei-os por isso! Concluí que na vida, nada acontece por acaso, a mão de Deus nos conduz! (JUAZEIRO, 2020).

Chega a vez de Carnaúba, que como boa professora que foi de Geografia, nos ensina com seus escritos que:

Olhando pelo retrovisor da minha existência de 80 anos, posso afirmar que fui uma pessoa que enfrentei como a carnaúba, os reveses do tempo, mas em uma região semiárida onde essa árvore não floresceu. Ela predomina muito mais no Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte, onde se tornou fonte de renda e

lucro. Pode medir até 15m de altura. Evita a perda da umidade. No Brasil já é uma alternativa sustentável na fabricação de remédio, óleo alimento e artesanato; a cera. utilizada em lubrificantes vernizes e graxas; ainda aproveita as folhas para adubo após a retirada da cera. Os Estados Unidos é o país maior importador de cera entre os 33 países que importam do Ceará. O que represento diante de uma árvore que dura até 200 anos produzindo, talvez?

Eu me assemelho à Carnaúba, em nossa origem nordestina,
no desafio das adversidades do clima; servi ao meu povo 35 anos
ministrando a educação de crianças e jovens e terminada a tarefa, me
encontro ainda forte,
em perfeitas condições físicas e mentais;
Nessa minha caminhada, ajudei a cuidar de algumas feridas,
peguei na mão de algumas pessoas e as ajudei a levantar.
Tenho uma família e produzi frutos humanos. Continuo, até onde
minha força me conduzir, fazendo o que posso para
aliviar um pouco o fardo de quem não o suporta carregar.

(CARNAÚBA, 2020)

Imagem 20 - Verso de Carnaúba.

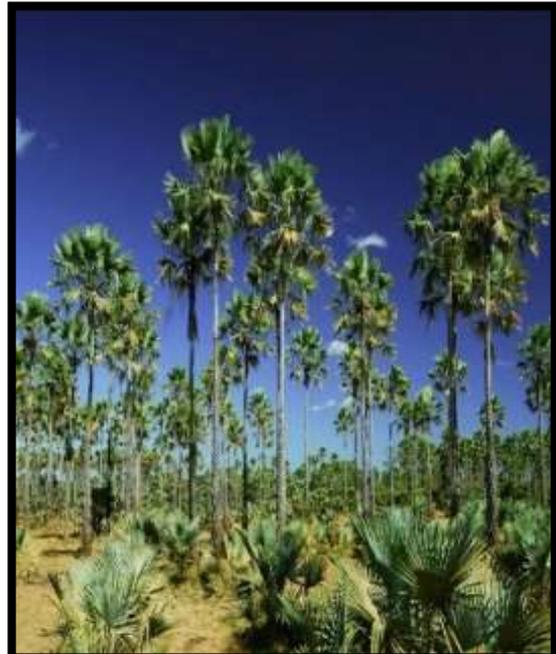


Imagem 21 - Carnaúba, 2020. Acervo pessoal.

Sou do município de Botuporã e tinha muita vontade de estudar. Um dia meu pai que negociava boiada em toda região do sertão da Bahia chegou convidando minha irmã mais velha pra ir estudar em Itacira no Instituto Ponte Nova. Ela não quis nem pensar imaginando a viagem a cavalo. Eu que contava com

14 anos disse ao meu pai que gostaria de ir. E assim foi. Ele mandou providenciar a viagem e depois de seis anos eu me diplomei em professora no Instituto Ponte Nova.

O colégio funcionava como um internato e me recordo que ficava a margem de um rio chamado Utinga. O colégio foi fundado em 1906 por missionários presbiterianos oriundos dos Estados Unidos que formaram a Missão Central do Brasil. Tinha por divulgar o presbiterianismo como crença religiosas, sendo conhecida como Missão Central do Brasil o grupo formado para percorrer os estados da Bahia, Sergipe, Goiás, Mato Grosso e norte de Minas Gerais.

Tinha também um hospital que era muito bom. Naquela época já era considerado modernizado. Tinha um tal de Dr. Ude, na verdade era Walter Welcome Wood, um dos primeiros missionários, mas o povo falava Ude, Dr. Ude.

Me recordo de um fato interessante que após os três anos de estudo que eu não ia em casa (a viagem era cansativa), pois não tinha ônibus na época, descobri que algumas meninas, colegas que viajavam na mesma região de caminhão. A partir daí combinamos que daquele ano em diante eu viajaria a cavalo só uma parte e a outra ia de caminhão que vinha já de mais longe, de Mucugê, Abaíra, de Piatã, Jussiapé, etc. Vínhamos naquela algazarra, naquela festa, cantando e quando chegávamos em Ponte Nova no internato algumas já tinha chegado e era aquela gritaria. Uma festa!

Me lembro que nosso material escolar era comprado todo no colégio. No colégio existia uma livraria que a gente tinha os “vales” e aí a gente pegava o vale e preenchia e quando os pais vinham visitar pagavam ou então depositavam o valor no banco. Me formei em dezembro de 1960. Eu fui a primeira professora formada e concursada de Botuporã (CARNAÚBA, 2020).

Seguidamente vem Angico (2020) que declama:

Sou Angico, sou exótica,
Resistente pra valer!
Travei muitas batalhas na vida,
Pra estudar e, assim, sobreviver!
Na minha formação fui abençoada,
No INEP fui estudar
Aprendendo novo método
De ensinar o bê-a-bá
Numa maneira inovadora
De como alfabetizar!
Ao Bom Jesus devo agradecer
Pelo dom da minha vida
E a meus pais por seu empenho
Em me fazer crescer,
Incentivando minha caminhada
Em busca do saber.

(ANGICO, 2020)

Imagem 22 - Verso de Angico.



Imagem 23 - Angico, 2020. Acervo pessoal.

A lembrança é a reconstrução de imagens e ideias de hoje, centradas em experiências do passado. São lembranças de um passado feliz que ocupa espaço na minha caminhada de vida. Quando abri o baú das minhas lembranças, retratei-me a um passado distante, cuja recordação traz imagens de um convívio escolar significativo e que se esvai em lembranças ao longo dos anos. Nasci em Brumado-Bahia, aos 26 dias de fevereiro de 1944. Filha de Edith Viana Machado e Alvino José Machado, ela costureira e ele sapateiro. Sou a quarta de uma série de seis filhos. Aprendi as primeiras letras, em casa, com minha mãe que, apesar de não ter cursado todas as séries do ensino primário, auxiliou no meu processo de alfabetização. Cursei o primário no Grupo Escolar Getúlio Vargas e, ali, tive como professoras: Dona Mirian, Dona Palmira e, por último, Dona Carmita. Excelentes professoras!! Na sala, não havia distinção de sexo, apesar de no intervalo do recreio, existirem ambientes distintos para as meninas e os meninos. Fiz concurso para o Município e passei a dar aulas, como professora leiga, na Fazenda Esconso. Essa foi a possibilidade que tive para, com o salário que recebia da Prefeitura, cursar o Curso Ginásial no Ginásio Nelson de Melo, cujo Diretor era Dr. Délio Gondim Meira, muito exigente e sisudo! Todos nós o temiam! Desse período, lembro-me das aulas de Inglês com o professor Érico Lima Dias, que sempre dava aula de Inglês, com apresentação de uma música. Eu sofria, pois, apesar de ter boas notas, era sempre requisitada para cantar as músicas de que ele se valia para dar aulas. Tereza Souza, a Garotinha, foi minha professora de Artes. Ela ensinou-me a bordar (guardo até hoje um jogo de panos de prato e um de porta-guardanapos, feitos sob sua orientação). Em 1962, ingressei no Curso Normal Dr. Pompílio Leite e, em 1964, cursando o segundo ano de Magistério, fui surpreendida, na sala de aula, pela presença de D. Julieta Trindade comunicando que eu faria parte das alunas escolhidas para fazerem o Curso no INEP, em Salvador. Fiquei radiante!!!! O Curso teria a duração de um ano e, como objetivo, a divulgação do método de alfabetização “Casinha Feliz”. Ficamos alojadas no INEP (Centro de Educação e Estudo Pedagógico), onde aconteciam as aulas teóricas e as práticas, no Centro Audiovisual da Bahia. Essa experiência abriu horizontes em minha vida, enquanto estudante, pois o grupo escolhido seria responsável pela retransmissão do referido método aos professores primários de nossa cidade, assim, o fizemos. Foi uma época maravilhosa. De volta à Brumado, concluí o Curso Magistério no ano de 1965 no Curso Normal Pompílio Leite. Em inícios de 1966, fui nomeada para dar aulas na Escola Anísio Teixeira e, após aprovada no Concurso

Público Estadual, fui nomeada para a Escola Rotary Clube. Ali continuei como regente daquela minha turma de alfabetização, levando-a até o 5º ano primário. Nessa época, com a sua estadualização, o Ginásio Nelson de Melo passou a ser denominado Colégio Estadual de Brumado, para o qual fui requisitada por Aroeira, diretora da escola para lecionar Língua Portuguesa nas turmas de 5ª e 6ª séries do 1º grau. Em 1975, casei-me. Nesse ínterim, com o intuito de realizar meu sonho, resolvi fazer Vestibular em Letras, na cidade de Teófilo Otoni, mesmo contra a vontade do meu esposo. Fui aprovada e, depois de concluir o curso, Fiz Pós-Graduação em Letras e, mais tarde, Pós-Graduação em Docência Superior. Em turno oposto ao trabalhado no CEB, eu ministrava aulas de Português, em regime particular, no CEMNAS (Centro Educacional Maria Nilza), depois na Escola Nossa Senhora de Fátima e, finalmente, no Centro Educacional Monteiro Lobato. Hoje, aposentada do Estado, continuo trabalhando na última escola citada, exercendo a função de Apoio à equipe Técnica Pedagógica, cujo trabalho é prazeroso e muito gratificante! (ANGICO, 2020).

Em seguida é a vez de Catingueira, que nos alegra com seus versos poéticos:

Árvore que se cortada, regenera
 Traz folhagem nova, para as terras ressequidas do Sertão!
 O gado gosta e se alimenta de montão
 Se crescida mais um pouco,
 A formosa catingueira, se veste de amarelo
 E a beleza se mistura
 Ao cinza do Sertão!
 Jesus, Nosso Senhor
 Essa planta nos deu, mostrando seu divino amor
 Eu professora me tornei
 Com alunos labutei
 Por uma boa educação lutei, perseverei
 E então aqui cheguei
 No auge de meus anos vividos
 Experiência acumulei
 E agora essa oportunidade aproveitei
 Conteí da minha vida o que na memória guardei.

(CATINGUEIRA, 2020).

Imagem 24 - Verso de Catingueira.

Muito comunicativa e com excelente memória Catingueira ler seus escritos:



Imagem 25 - Catingueira, 2019. Acervo pessoal.

Nasci no dia 18 de fevereiro de 1933 no município de Brumado. Tive nove irmãos, comigo dez e desses, quatro se formaram em professores. Fomos muito privilegiados. Meus pais eram dedicados e nos educaram de tal forma que, com um olhar já entendíamos o que queriam dizer. Tenho muitas recordações boas!

Uma de minhas irmãs foi a primeira professora, em toda a região, a fazer um curso no Rio de Janeiro para dar aulas a pessoas surdas e mudas. Na época foi uma grande novidade!

Tive uma infância feliz e uma mocidade melhor ainda. Papai, devido a sua educação não nos deixava participar dos bailes organizados pela prefeitura, então construiu o Clube Social de Brumado. No Clube, meu pai junto com o conselho, organizavam bailes que aconteciam todas as noites para o entretenimento da juventude. À tarde nos arrumávamos para passeios de mãos dadas com as amigas, desfilando para ver os rapazes e a noite escolhíamos um par para uma dança.

Havia muito respeito e zelo. Uma paquerinha boba, sem maldade. O estudo era visto como oportunidade de adquirir conhecimento e poder ingressar na Escola Normal formando-se em professora era sonho de muitas, porém realizado somente por algumas, pois as condições naquela época eram muito difíceis. Em Brumado, não havia escola de ensino fundamental, tínhamos que ir estudar muito cedo em outras cidades.

Eu fui para Caetité, novinha, e lá fiquei na casa das freiras. Não foi fácil me adaptar ao regime severo de pensionato. Os banhos frios às 5 horas da manhã eram uma penitência que me deixou com uma bronquite e me fez deixar os estudos por mais de 1 ano. No entanto, a vontade de estudar, o apoio da família, as boas amigas e a graça de Deus me formei em professora e hoje, aposentada há muito tempo, trago somente boas lembranças dos muitos alunos os quais alfabetizei ao longo da minha profissão, e das amigas e amigos que fiz do decorrer da vida, os quais não pretendo esquecer (CATINGUEIRA, 2020).

Chega à vez de Palma e em seguida Ipê Roxo:

A Palma no Sertão
É verde que não se desfaz
Alimenta a criação
O gado não sofre mais.
E saboreá-la com carne do sol,
São lembranças
Afetuosas do meu coração!
Assim como as Normalistas,
Nos tempos áureos vividos,
Eram símbolos de progresso e sabedoria
Para todos os indivíduos

(PALMA, 2020)

Imagem 26 - Verso de Palma.



Imagem 27 - Palma, 2019. Acervo pessoal.

Nasci em 07 de março de 1942. Meu pai era dentista prático e minha mãe uma dona de casa muito prezada. Quando ela se casou com meu pai, ele era enviuvado e tinha três filhos. Com minha mãe teve seis filhos.

Um fato que marcou minha infância foi que meu pai, mais conhecido como “Seu Bininho”, era muito procurado por todo o povo da região porque ele tinha o dom da cura através da oração. Ele curava as pessoas de diferentes males e assim, essa lembrança ficou muito forte em mim e em meus irmãos. Naquela época, não se ouvia falar em médico. O povo tinha muita fé em meu pai e em suas orações.

Minha irmã me levava à escolinha perto dos Correios, onde os professores pagavam pelo aluguel de sua sala de aula. O meu cunhado foi professor de meus irmãos. Na verdade, eram duas ou três salas de aula. Naquela época era assim. Passávamos pela estação ferroviária. Fiz o exame de admissão em Livramento, passei e estudei lá por um ano, mas não me adaptei, voltando para estudar em Brumado. Aí fui para o Getúlio Vargas onde tive professores maravilhosos como Dona Nice Púbio, dentre outros. Me formei no ano de 1964 no Curso Normal Dr. Pompílio Leite, colégio que foi muito importante na minha trajetória de vida e para a sociedade de Brumado. Devemos muito ao Monsenhor Fagundes que trouxe o ginásio para nossa cidade. Ele era um homem visionário que também trouxe a ferrovia, o aeroclube e etc. contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico de toda região.

Aposentei-me como vice-diretora do Colégio Getúlio Vargas, depois de ter exercido por um bom tempo à docência. Atualmente, vivo na cidade do Rio de Janeiro e infelizmente, desfruto pouco das amizades sinceras que fiz ao longo de minha vida (PALMA, 2020).

Escolhi ser Ipê Roxo
 Pois bonita ela é!
 De cores variadas e nomes também,
 Traz beleza e alegria
 Ao sertão que quero bem.
 Assim como o Ipê Roxo
 De utilidades mil,
 Trabalhei como professora e
 Travei muitos desafios!

(IPÊ ROXO, 2020)

Imagem 28 - Verso de Ipê Roxo.



Imagem 29 - Ipê Roxo, 2019. Acervo pessoal.

“Minha filhinha Lila nasceu no dia 27 de outubro de 1940 às 5 horas da manhã, num dia de domingo” (Gerardo Meira). Assim escreveu meu pai em seu diário!

Sou a primogênita de oito irmãos e nasci na Fazenda Água Comprida, município de Livramento de Nossa Senhora. Nessa fazenda, num casarão do século XIX onde moraram meus avós, vivi uma parte da minha infância e aprendi as primeiras letras. Lá em casa se formaram professoras eu e mais quatro irmãs.

“Minha filha Lila se formou em professora em 18 de dezembro de 1860 e começou a lecionar no dia 28 de março de 1961, recebendo R\$52.153 (Cinquenta e dois cruzeiros e cento e cinquenta e três centavos)” (GERARDO MEIRA).

Meus pais, apesar da pouca leitura, tinham muita sabedoria e se amavam muito, nos ensinando a sermos unidos e a valorizar o que tínhamos e principalmente, a oportunidade de estudo.

Em Livramento em frequentei o Colégio Estadual de Livramento – CEL, e tive excelentes professores. Fiz o exame de admissão, cursei o ensino secundário e o Curso Normal, me formando em Magistério. Torna-me professora foi muito importante para mim e minha família, bem como, toda a comunidade, pois além de significar aquisição de uma profissão bastante qualificada para a época, nos proporcionava reconhecimento e a estabilidade financeira. Foi a partir do Magistério que tive o privilégio de custear os estudos de meu irmão caçula que se formou em Medicina. Depois, me casei e ajudei na formação de meus filhos dentre tantos alunos que passaram por mim (IPÊ ROXO, 2020).

Entre uma apresentação e outra, sempre há murmúrios, conversas, boas risadas e algumas e narrativas de lembranças de experiências, compartilhadas ali, na roda de conversa. Cada carta lida por uma das protagonistas, é como um gatilho que ativa memórias até a pouco esquecidas e essas são compartilhadas com alegria. Por vezes, com algumas palavras, relembro a necessidade de oportunizar a participação de todas.

Feito o silêncio, Jurema faz a apresentação de seu verso.

Conhecida por suas utilidades, a jurema
em todo o mundo há,
Faz banho, chá, calmantes e muito mais!
Bem como o professor,
Que nunca pode faltar.
Professores como nós,
Tá difícil de encontrar
Fizemos de um tudo na escola e também no lar
Mas, tudo hoje são memórias
As quais devemos preservar
Registrando essas histórias
para a todos poder contar

(JUREMA, 2019)

Imagem 30 - Verso de Jurema.



Imagem 31 - Jurema, 2020. Acervo pessoal.

Nasci no município de Barra da Estiva, em 25 de novembro de 1936. Lá aprendi as primeiras letras. Durante a infância e adolescência, houve muita cobrança por parte do meu pai que, apesar de ter muitas virtudes, era muito rígido com toda a família. Tenho quatro filhos maravilhosos os quais moram fora, mas me dão muita atenção. Meus oito irmãos foram criados no mesmo regime austero e acho que

é por isso que todos se tornaram pessoas honradas, estudiosas, trabalhadoras e excelentes pais de família.

Fomos para Brumado em 1945, onde completei o curso primário no Colégio Getúlio Vargas, no tempo em que o aprendizado era superior ao nono ano de hoje e onde a Educação Moral e Cívica era ensinada e os alunos aprendiam de verdade. Na quinta série, no colégio Getúlio Vargas, tive como privilégio uma professora, um anjo, de nome Atlas. Muito dedicada, carinhosa e eficiente.

Prestei o exame de admissão em Caetité e lá fiquei para fazer o Curso Normal, onde me diplomei em 1956. É desse tempo que mais tenho saudade, pois era feliz e não sabia! Além de mim, uma irmã também se formou em professora.

Em Caetité, fiquei em pensionato e depois na casa das freiras por opção, pois gostava do ambiente religioso. Até pensei em ser freira. Hoje sou espírita por não achar respostas lógicas para minhas dúvidas no catolicismo. No espiritismo, encontrei racionalidade.

Em julho de 1956, o Curso Normal (pedagógico) 1º e 2ºano passou a funcionar no novo ginásio. Um colégio com muitas salas de aula, a escola em anexo. O acesso era difícil e se dava pela atual avenida Santana, onde enfrentávamos um areião, até a escola, além do frio e às vezes chuva.

Naquele tempo o Magistério me preparou para exercer a profissão, o que fiz com muito orgulho e depois, com os filhos crescidos, fui para Salvador onde cursei Educação Física e foi lá que me aposentei, após meus filhos se formarem.

O que mais me marcou enquanto professora foi o reconhecimento e gratidão dos pais e alunos. Muitos me param na rua para agradecer e lembrar daquela época em que existia respeito pelo trabalho do professor, não existia o celular para atrapalhar e os jovens se dedicavam aos esportes, treinando para competições de forma sadia. Existia respeito mútuo. Éramos valorizados por toda sociedade! Hoje, reencontrar as colegas de outrora é uma alegria em saber que nossas histórias estão sendo resgatadas e registradas (JUREMA, 2020).

Depois, com descontração e alegria é a vez de Macambira, que diz que por não ser boa em versos, resolveu fazer um acróstico:

**Mulher sertaneja que
Aprendi nas agruras da vida a
Continuar a caminhar
A frente sempre a sorrir
Medo, tive muitos
Bem, não desisti
Instruída pelas mulheres da família a persistir
Razão de lutas atroztes que me trouxeram até aqui
Assim posso afirmar: Macambira é meu nome, sinônimo de
resistir**

(MACAMBIRA, 2020)



Imagem 33 - Macambira. Acervo pessoal.

Nasci em 22 de junho de 1949, na cidade de Ituaçu, Bahia. Tive sete irmãos, comigo oito. A educação na minha casa era algo primordial. Apesar de pouco estudo, minha mãe era obcecada pela leitura e morreu lendo o livro “Inteligência emocional”.

Naquela época, existia a diferença de direitos entre homens e mulheres. Mas mesmo assim, eu tinha liberdade. Aos homens era dado o direito de escolha e quando chegava aos 18 anos, era dada a “iniciação sexual” nas casas de prostituição e a mulher, ao contrário, tinha que ser virgem, aquela que cuidava das prendas domésticas.

Com seis anos, fui para a escola pública no Distrito de Tranqueiras, município de Ituaçu, onde minha madrinha era professora. Eu me lembro de que ela puxava minhas orelhas para dar exemplo aos outros. Formei na Escola Normal em Brumado, em 1969. Ser professora, na época, correspondia a ser um Médico. Fiz a Escola Normal porque não tinha condições de ir para Salvador. Na minha família, todas as mulheres eram matriarcas. Vemos muito isso nas famílias nordestinas onde as mulheres assumem a família desde cedo, e está presente em todas as oportunidades.

Naquele tempo, os homens serviam a Polícia Militar – PM, ou poderiam ir para Caculé fazer o científico. Aqueles com mais recursos, iam para o Colégio Central em Salvador. Eu me identifiquei com a profissão. Modéstia parte têm alunos que alfabetizei, sem recursos visuais e que têm me carinho até hoje. Mas eu queria vencer na vida e me tornei um concurseira. Eu fui a terceira mulher em Brumado a prestar concurso para o Banco do Brasil. Fui muito feliz trabalhando no banco e sai no governo de Fernando Henrique Cardoso, no ano de 1997, quando fiz um acordo. Aí fui para Salvador fazer faculdade para Secretaria Executiva e me apaixonei pelo pai de meu filho [risos]. Nunca exerci a profissão. Depois, fiz vestibular para Letras. Abandonei para fazer tratamento de um câncer. Hoje estou curada, graças a Deus (MACAMBIRA, 2020).

Finalmente é a vez de Aroeira que declama:

Aroeira é árvore catingueira e
 muito servideira
 Serve pra tudo que é inflamação e
 seus frutos bem vermelhos se
 iguala ao meu coração!
 Sou mulher forte e sertaneja, que
 sempre amou a profissão
 Em Brumado fiz morada,
 do Colégio minha missão
 No estudo trajetória, sempre com luta e dedicação
 Herança de meus pais
 Formar professoras competentes
 Reconhecidas na sociedade, por caráter e devoção.
 Com o povo brumadense, aprendi a ser e fazer
 Pois equipe como aquela, não é fácil de se ter!
 Agradeço aos meus colegas, amigos e irmãos
 Que nessa trajetória, fez brilhar a educação, aqui no Sertão

(AROEIRA, 2020).

Imagem 34 - Verso de Aroeira.

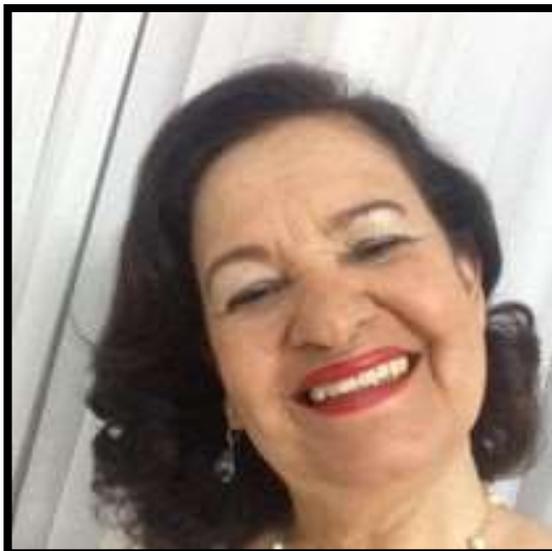


Imagem 35 - Aroeira. Acervo pessoal.

Nasci em 3 de junho de 1944, na cidade de Livramento de Nossa Senhora. Dos muitos filhos que meus pais tiveram (14 filhos), sobreviveram apenas eu e mais duas irmãs. Muitas lembranças de aprendizado são guardadas carinhosamente, pois foram dados a mim e minhas irmãs por nossos pais. Minha mãe, Dona Pequena, às vezes nos deixava de castigo devido nossas

traquinagens dizendo: “- Não ficar de castigo, sentadas no batente da porta até a hora que seu pai chegar!”

Me lembro do meu pai nos ensinando a desenhar passarinhos e coisas da roça, contando histórias de sua infância, das dificuldades trazidas pela seca e das alegrias sentidas, após o período de chuva e do enverdecer da caatinga.

A formatura em professora foi a maior herança que poderia nos dar. Em nossa casa, sempre houve ajuntamento de primos, afilhados acolhidos por meus pais porque demonstravam desejo de estudar no primeiro curso ginásial da região: no Colégio Estadual de Livramento, educandário que disseminou conhecimento com pioneirismo.

Me formei em professora e cursei Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia em 1969. Prestei concurso público para o ensino médio e na época o Colégio General Nelson de Melo em Brumado, que tinha em anexo o Curso Normal Dr. Pompílio Leite estava se tornando estadual, como não havia, na época, diplomados em pedagogia no município, fui designada a ocupar o cargo de direção do agora CEB. Assim, iniciei minha experiência com um rico aprendizado junto a um grupo de professores, uma parte sem formação em Magistério, mas, que eram grandes educadores. Desenvolvemos um trabalho riquíssimo com a comunidade, na perspectiva das concepções anisianas de uma escola pública de qualidade que valorizasse a realidade do educando e sua cultura (AROEIRA, 2020).

Ao término da apresentação de cada uma das professoras/protagonistas, quanto ao seu codinome, bem como a leitura do memorial, agradecemos a participação, confiantes de que nos veríamos o mais brevemente possível, uma vez que minha intenção era, além de dar a devolutiva das primeiras análises da pesquisa, propor a efetivação de encontros outros, tais quais esse, com o objetivo de partilhar experiências, tecer saberes constitutivos em redes a partir da narrativa memorial.

Sabíamos de antemão, que esse “encontro” seria um momento de alegrias e emoções, que nos deixariam marcas. E nos marcou realmente! Esse foi o último encontro e fomos acometidos com a pandemia da Covid 19⁷.

Assim, a partir da segunda semana de março, a vida de nossas professoras/protagonistas mudou drasticamente. Para algumas, um processo mais difícil do que para outras, uma vez que o impacto significativo em suas rotinas causou alterações em suas funções cognitivas, o que tem levado à melancolia e ao esquecimento.

A tese e seus capítulos

Nesta Tese, busquei abordar as experiências dessas mulheres, como protagonistas da história da educação, do Alto Sertão baiano, por meio das narrativas memoriais de sua família, da vida na infância, suas lembranças escolares, as agruras e dificuldades enfrentadas para se

⁷Infeção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CVO-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

tornarem professores. As narrativas memoriais possibilitaram construir caminhos para contar a história da formação de professoras em Escolas Normais do Alto Sertão baiano.

A Tese está organizada em cinco capítulos, além desta introdução e das Considerações Finais.

No Capítulo I – **O Alto Sertão da Bahia e as primeiras memórias de nossas protagonistas** apresento as narrativas do cotidiano das professoras de tenra idade, bem como as memórias da aquisição da leitura e da escrita. Assim, faço a introdução ao leitor do espaço/tempo da pesquisa.

No Capítulo II – **A luta da mulher pela profissionalização docente**, trago recortes da memória narrativa sobre a importância da mulher e sua condição, na sociedade, paralelo a um breve histórico sobre o surgimento da Escola Normal e a feminização do Magistério, ressaltando sua importância para o Alto Sertão da Bahia, enquanto fator de desenvolvimento econômico e cultural.

O Capítulo III, intitulado: **Movimento de Saberes, aguçando olhar: A história oral e as narrativas como dispositivos epistemológicos**, é um capítulo de cunho mais teórico, onde apresento os conceitos e discussões sobre a história oral e sua importância como fonte de saber através das narrativas, muitas vezes “invisibilizadas” pela sociedade, as quais deveriam ser mais valorizadas e registradas. Discorro sobre o mosaico conceito de memória em Bergson e Halbwachs e vou “costurando” sobre a experiência a partir de Benjamin.

No IV Capítulo - **Puxando fios importantes da formação: O Sertanejo Educador Anísio Teixeira**, resalto as histórias de vida do educador Anísio Teixeira, natural do município de Caetité, cidade do Alto Sertão da Bahia. Teixeira colaborou, desde sempre, com a educação não só da Bahia, mas quiçá do mundo inteiro. O educador sertanejo foi o responsável pela reimplantação da Escola Normal, em Caetité, no ano 1926.

O V Capítulo – **Experiência e trajetórias de professoras: As Escolas Normais do Alto Sertão da Bahia** – apresento as narrativas colhidas durante a pesquisa. São narrativas únicas e singulares de experiências vivenciadas na Escola Normal Rural de Caetité, no Instituto Ponte Nova (Escola Presbiteriana de origem Norte-americana instalada em Wagner, Ba), na Escola Parque (Centro Educacional Carneiro Ribeiro, Salvador, Ba) e a Curso Normal Dr. Pompílio Leite em Brumado.

Por fim, trago com o título “**Entre cafés, bolos e chiringas⁸: Ser professora do Sertão da gente**”, a experiência vivenciada no encontro que aconteceu na cidade de Brumado, cuja

⁸ Nome dado a biscoito de polvilho famoso no Sertão baiano, também conhecido como avoador, peta, dentre outros.

finalidade primordial foi apresentar alguns resultados da pesquisa, bem como confraternizar e explorar dinâmicas reflexivas sobre a importância da memória e do saber de experiências narradas por cada professora/protagonista. Em seguida apresento as considerações finais.

Embasei-me nos postulados de Alexandre Portelli, Benjamin, H. Bergson, M. Halbwachs, Ecleá Bosi, G. Louro, Denise Catani, Marie Christine Josso, Gaston Pineau, Elizeu Clementino de Souza, Anísio Teixeira, Graça Reis e tantos outros que dialogaram comigo na tessitura desta pesquisa.

Finalmente, ressalto a importância da escuta atenta às narrativas, como manancial de saber, que devem ser exploradas para não se perderem com o tempo, já que essa pesquisa traz informações pioneiras para que outros pesquisadores possam dar continuidade.

Nesse sentido, a história da Escola Normal⁹, narrada pelas professoras/protagonistas dessa pesquisa, significou a possibilidade do registro de relatos de experiências valiosas que se deram por fonte viva, um manancial do saber, experiências vividas na concretude do cotidiano dos tempos de outrora, onde a educação era para poucos.

Nessa perspectiva, acredito que a leitura, a discussão, o encontro com o outro, seja responsável por essa impulsão constante, a vontade de estar sempre em movimento, uma força potente que nos inspira a buscar novos ares essenciais à vida, necessários para continuar caminhando por territórios ainda não conhecidos, os quais é preciso desbravar para sermos diferentes do que somos até então.

⁹ Trago as memórias da Escola Normal Rural de Caetité, da Escola Normal do IPN e a experiência na Escola parque. Assim, esclareço que as professoras/protagonistas, vivenciaram o “Curso Normal”, oferecidos nos colégios de Livramento de Nossa Senhora e Brumado.

CAPÍTULO I

O ALTO SERTÃO DA BAHIA E AS PRIMEIRAS MEMÓRIAS DE NOSSAS PROTAGONISTAS

1.1 O Sertão e o Alto Sertão da Bahia

As primeiras lições aprendíamos em casa. Eram passadas por nossos pais, avós, tios e tias, ou alguém que morasse com a gente. Na Fazenda Casa Nova moravam muitas pessoas. [...] Costumávamos ouvir as histórias e ensinamentos dos mais velhos. O rabisco das primeiras letras, os primeiros pontos do bordado [...] fiar algodão, fazer renda com birros [...]. Era menina, tinha minha almofada e queria fazê-lo também. Na colheita, também ajudávamos, fosse o algodão, eu gostava muito de colher algodão, colocava-o no avental ou às vezes num embornal (...) o feijão era mais trabalhoso [...]. A vida na roça, no sertão, foi uma vida rica de ensinamentos e muitas alegrias. Tudo era aprendizado pra gente. Nos períodos de fartura e chuva costumava-se guardar os alimentos: [...] algumas coisas eram levadas para Brumado para serem negociadas no dia da feira. A carga era arrumada de véspera, e saíam bem cedo, antes do sol nascer, com os cavalos e o carro de boi (UMBUZEIRO, 2019).

A narrativa de Umbuzeiro sobre as lembranças da infância na fazenda Casa Nova, traz informações sobre os ensinamentos que começavam em casa – geralmente passados de pai para filho ou por alguém mais experiente. Durante o dia, além das brincadeiras de criança, havia o ensino dos mais velhos sobre os ofícios e afazeres da roça, que iam desde os bordados para as meninas, a fiação do algodão, costuras de sacos para mantimentos, ou peças de roupas mais simples e, para os meninos, os cuidados com a criação, plantio, colheita, curtir o couro, tosquiado ovelha, etc.

Umbuzeiro apresenta a aprendizagem dos saberes dos mais idosos aos mais novos. Assim, é possível conhecer as experiências que eram transmitidas de geração a geração, por meio de provérbios, aprendizagem de ofícios (bordado, fiar, tecer, curtir, tingir etc.) através do ensinamento prático ou das narrativas orais. No Alto Sertão da Bahia, tal tradição se manteve viva sempre.

Para compreender o conceito de “sertão”, trago a definição de Guimarães (2012) que diz que tal conceito é utilizado para designar “espaços de personalidades variáveis, sem uma única conotação ao longo do tempo, uma vez que definir sertão como um determinado território, não é suficiente para se entender os processos sócio-políticos-econômicos-culturais que lá se desenrolaram.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2009), não se pode “definir um determinado segmento do território como sertão, para entendermos os processos

que lá se desenrolam” (IBGE, 2009). O sertão é, portanto, “movediço em vários sentidos” (IBGE, 2009, p. 101) de tal forma que não cabe em um conceito pré-definido.

Assim, com relação ao termo “Alto Sertão”, geralmente ele é utilizado por pesquisadores, memorialistas locais, cronistas regionais e habitantes do atual extremo Sudoeste da Bahia. De acordo com Guimarães (2012), tal expressão ganha uma elasticidade histórica que contribui e possibilita dar conta de expressar as dinâmicas socioculturais de uma porção do território baiano.

Para outros autores, o Alto Sertão é tratado de maneira plural (sertões de cima) no intuito de tratar das distâncias e altitudes das terras existentes entre o Sul da Bahia e Norte de Minas Gerais. Outros ainda, de maneira estratégica e para facilitar a compreensão, usam o termo como um recurso para metaforizar o território, suas tramas político-sociais e culturais, além de seus símbolos e redes que, juntos, identificavam a porção territorial sertaneja que ficava no alto, na parte de cima da Bahia, tendo como referência principal o Rio São Francisco.

No entanto, é importante elucidar que o termo “Alto Sertão da Bahia” aqui utilizado, se caracteriza muito mais por uma referência imaginária que evidencia a paisagem, o espaço geográfico, as ações humanas e os fatores físicos, do que limites e fronteiras geográficas determinados por órgãos federais ou estaduais.

Conforme Estrela (2003) sobre a noção de região imaginária, ressalta a necessidade de “historicizar” as regionalizações, o que, conseqüentemente, influencia e identifica não somente os fatores que particularizam a região imaginária– geográficos, culturais, históricos, etc. – “*mas sobretudo as percepções e o imaginário dos homens que o habitam*” (ESTRELA, 2003, p. 37).

Aprendi com Prado Júnior (1999), ao tratar dos “Altos Sertões”, a importância quanto a ênfase no fato de essas serem terras mais afastadas da capital, que alcançam maiores distâncias e altitudes em relação ao litoral. Para esse autor,¹⁰ o Alto Sertão foi um refúgio para negros, índios e mestiços que fugiam do jugo da escravidão, vindos do litoral e “*escapos da justiça, que sobre eles pesava mais que sobre as outras categorias da população*” (PRADO JÚNIOR, 1999, p.113). Uma região imensa que compreende praticamente todo interior baiano bem como parte de Minas Gerais. Uma área formada “*por toda a Serra Geral e franjas das microrregiões econômicas Médio São Francisco, Chapada Diamantina, Sudoeste e Paraguaçu*” (ESTRELA, 2003, p.37-39).

No mapa, a seguir, localizo de forma o território conhecido como Alto Sertão da Bahia e pontuo os municípios referidos nessa pesquisa: Botuporã e Wagner os mais afastados, e os

¹⁰ A região imaginária ocupava – e ocupa – área de aproximadamente 180 mil km², totalmente incluída no polígono das secas, apresentando alto risco de estiagem. Apresentam as mais elevadas altitudes do Estado.

demais mais próximos, que são Caetitê, Brumado, Livramento de Nossa Senhora, Caculé, Rio de Contas, Ituaçu, Lagoa Real e Barra da Estiva.

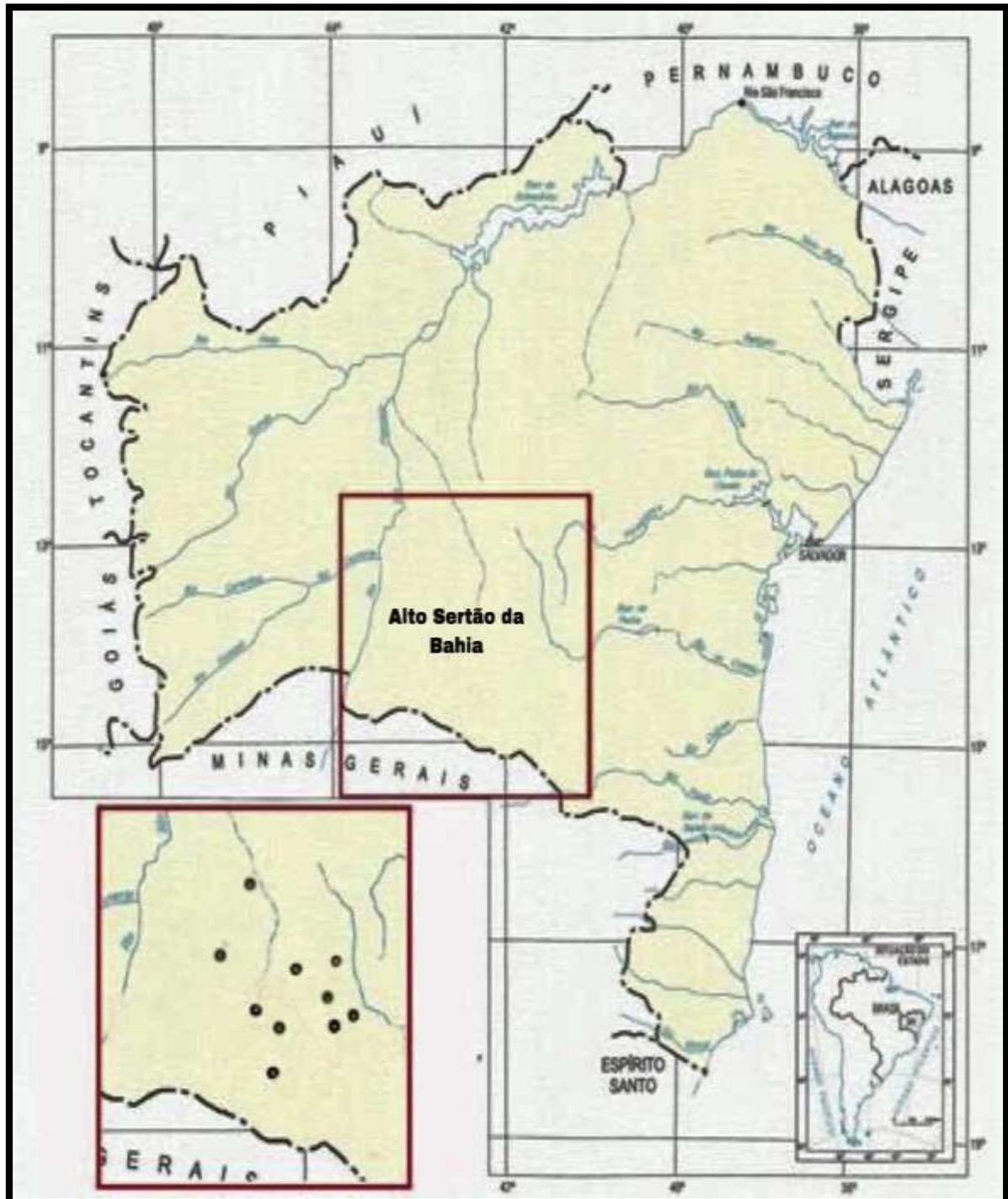


Imagem 36 - Alto Sertão da Bahia. Acervo pessoal.

1.2 Primeiras memórias

Apesar da maioria dos nossos pais não terem frequentado os bancos escolares, eles sempre buscaram dar condições de estudo aos filhos. O estudo começou em volta de uma mesa grande, orientados por meu pai [...] com minha mãe também foi assim. Vô Digo, meu avô materno, era autodidata e infelizmente teve o seu curso de Medicina interrompido devido as dificuldades financeiras, mas reunia todos os filhos em volta de uma mesa e os alfabetizou com a luz de um fifô¹¹ (XIQUE-XIQUE, 2019).

Xique-xique, em sua narrativa, reporta a importância do estudo na família, que se iniciava em casa com pais e avós. Muitas famílias contratavam professores para ministrar aulas particulares em casa. Numa construção social, a memória é, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais ao qual se faz parte. “*Vale dizer que a memória individual se estrutura e se insere na memória coletiva*” (HALBWACHS, 2003, p. 25), assim sendo, é a partir do encontro em uma tarde de intenso calor, tomando refresco de carambola, colhidas do pé ali mesmo no quintal, que iniciamos uma animada conversa com Jitirana, Ipê Roxo, Bromélia, Xique-xique, Angico, Aroeira, Mandacaru, Palma, Carnaúba e Jurema.

Em meio ao burburinho que fazem, mostro várias fotografias e imagens que eu havia levado para o encontro. Jitirana, olhando para mim, diz que é preciso organizar as falas. E me pergunta se eu tenho alguma pergunta que queira fazer.

Agradeço a deixa, e aproveito para agradecer-lhes pela presença. Em seguida digo que não, não eu não tenho uma pergunta, um roteiro que as ajude a recordar. Gostaria que relatassem o que sentem ao ver essas fotografias (da década de 50 e 60 da cidade de Brumado, Livramento, Caculé, etc.). Jitirana diz pausadamente:

Pois se é para começar, que façamos pelo início! Vou passar a palavra para a Bromélia que de todas nós, é quem mais se interessa por esses assuntos. Fale Bromélia, sobre os “Meiras”, e como nossos antepassados chegaram aqui (JITIRANA, 2019).

A professora Bromélia, limpa a garganta, se ajeita na cadeira e conta que:

A família Meira é oriunda do norte de Portugal e chegou ao Brasil em princípio do século XVIII. D. Heitor da corte de D. João I, foi o tronco dos Meiras que veio para o Brasil. As primeiras famílias aqui chegaram com crianças e foram habitar em Serra Fria, Minas Gerais. Dali a família Meira se ramificou e chegou até o Estado da Bahia. Um ramo ficou no Estado do Rio de Janeiro, onde vivem os Alves Meira, outros para São Paulo no final do século XVIII, onde existe os Meira Penteado, Meira Godói, Meira Botelho. [...] em Bom Jesus dos Meiras (Brumado) existem os Souza Meira, Vasconcelos Meira,

¹¹Utensílio de formatos variados que, contendo líquido combustível e provido de pavio geralmente de algodão, destinado a iluminar.

Tanajura Meira, Castro Meira e Santos Meira descendentes do capitão Francisco de Souza Meira (BROMÉLIA, 2019).

Ao escutarem a narrativa de Bromélia, me perguntam se era assim que eu queria que elas fizessem. Eu respondi que me contassem o que lhes viesse à mente, que com relação à memória não há certo e errado. Há caminhos, e que se escolheram por esse, o de percorrer a trajetória da chegada dos Meiras à região de Brumado, enquanto pesquisadora, me deixaria conduzir por elas.

Quando se trata da memória, não existe um caminho retilíneo, temos curvas, ribanceiras, areia movediça e toda sorte de obstáculos possíveis são comuns, muito comuns ao tentarmos dar continuidade à narrativa memorial. Há muitas memórias que queremos lembrar e esquecemos, outros que não há como esquecer, são lembranças vivas, coloridas que, muitas vezes, vêm com cheiro e sabor. Assim Ipê Roxo se anima e continua:

As terras que hoje formam o município de Brumado antes faziam parte de uma fazenda chamada Campo Seco, localizada na Serra das Éguas e pertenceu à família Canguçu. Possuía um grande sobrado chamado Sobrado do Brejo, casarão histórico do início do século XIX, que acabou sendo destruído pelo tempo (IPÊ ROXO, 2019).

Segundo Brito (2002), Brumado, localiza-se na zona fisiográfica da Serra Geral e seu território faz parte do Polígono das Secas. A sua formação aconteceu de forma semelhante à muitas outras cidades do sertão, surgidas depois que o gado “abre” caminho para o interior do Brasil, intensificando a pecuária, a agricultura e a migração de aventureiros, provocada pela febre da mineração.

Ensina Teodoro Sampaio (apud BRITO, 2002) que o nome Brumado, em tupi é Itimbopira (Y-timbó-pyra), que significa enevoadado, coberto de brumas. O padre José Dias, para justificar o nome de Brumado, costumava relatar que ele se originava da Serra Geral e da Chapada Diamantina que, durante a noite, quando acontecia a cerração, o amanhecer era coberto por brumas descendo a serra das Éguas, cobrindo a cidade.

Outra versão para a origem do nome Brumado ou seu étimo, está ligado à palavra bromo (bromo). Era empregada para designar perda ou engano, mistificação ou desaparecimento do ouro na lavra ou córrego que se supunha rico desse minério (BRITO 2002).

Dando continuidade às narrativas, Bromélia conta a história do coronel Exupério Pinheiro Pinto, um dos coronéis da região que mudou seu sobrenome para o de uma onça da região que se chamava canguçu.

Naquele tempo se podia tudo! Pinto era bichinho pequeno, que podia ser pisoteado por qualquer um, não servia para ele. Resolveu que se chamaria Exupério Pinheiro Canguçu, nome de onça nativa da região, bicho valente, temido por todos [risos] (BROMÉLIA, 2019).

Bromélia é uma estudiosa da história de Brumado e se preocupa em guardar e registrar os conhecimentos relativos, não só a Brumado, mas, principalmente, à família Meira.

Como eu ia dizendo, Leonídio Oliveira Canguçu, apesar de casado se encantou com a boniteza da menina Pórcia. Foi um amor arrebatador. Eles se apaixonaram e acabaram fugindo para viver esse amor. Os Castros, revoltados com o acontecido se uniram com os Mouras contra os Canguçus e foi aquela guerra. Na luta, morreram muitas pessoas inclusive Leonídio e o filho de Pórcia, ela nunca mais foi encontrada. O caso de amor entre eles foi tão grande que ficou marcado na história de Brumado (BROMÉLIA, 2019).

Apesar da importância da família Canguçu, para Brumado, atualmente o que resta do sobrado, além da memória, é uma pintura e as trovas populares que lembram esse fato.

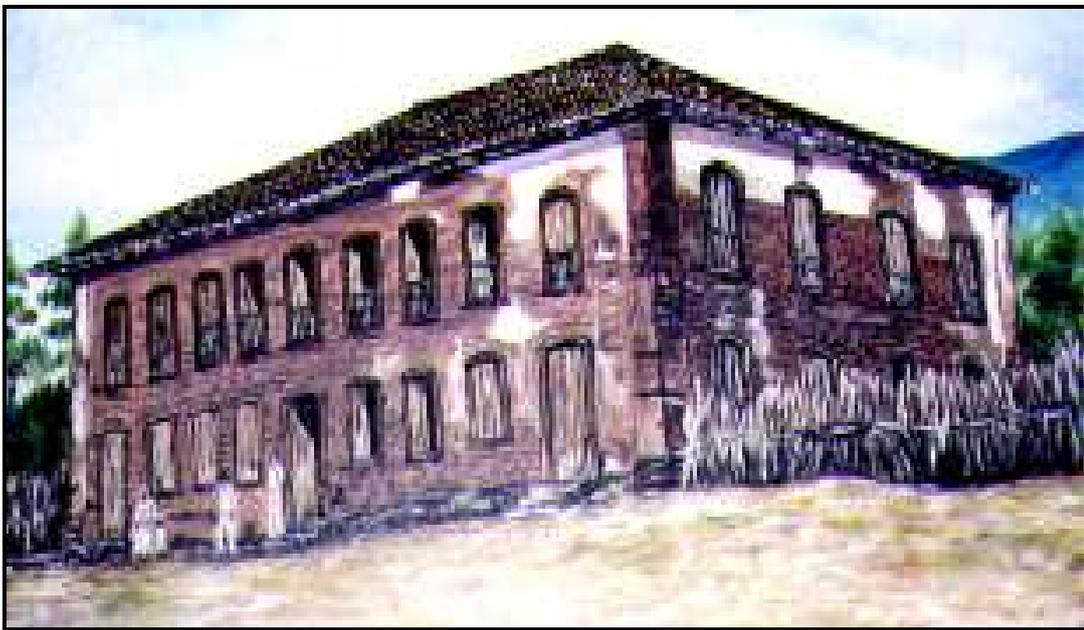


Imagem 37 - Sobrado do Brejo. Acervo pessoal.

Conforme o IBGE (2018), Brumado possui uma população estimada em 67.335 habitantes, apresentando uma altitude de 454 metros, com clima quente durante todo o ano. Aqui, recorreremos à explicação de Mandacaru que foi professora da disciplina Geografia:

Brumado se localiza em um terreno bastante acidentado, composto de rios e serras, onde se destacam a Serra das Éguas e o Morro da Pedra Preta. A sua flora contém árvores de médio e pequeno porte,

arbustos xerófilos próprios da Caatinga. O município de Brumado está inserido na bacia do rio de Contas e na micro bacia do rio do Antônio, que, infelizmente, não é o cartão postal que desejamos pra nossa cidade. Ao contrário, ao longo dos anos, o rio, que se apresenta na entrada de quem vem da região de Conquista, está cada dia mais poluído, degradado devido ao desmatamento das matas ciliares e a ação humana (MANDACARU, 2019).

Reconhecida como a "Capital do Minério", Brumado possui, em seu subsolo, variados tipos de minérios e é onde está localizada a terceira mina, a céu aberto, do mundo que explora magnesita, a Magnesita S/A, e tem também a Xilolite, que explora talco, sendo essas duas empresas a fonte econômica que detém a maior parte da renda do município.

De acordo com Aroeira (2019),

A Fazenda Bom Jesus dos Meiras era um pequeno povoado que pertencia ao município de Livramento do Brumado das Minas do Rio das Contas e posteriormente passou, a pertencer a Caetité que surgiu bem depois de Livramento. Com o passar dos anos, o povoado Bom Jesus dos Meiras passou a ser distrito e só então foi construída a igreja (AROEIRA, 2019).

Pode-se dizer que com o decorrer dos anos e com a evolução natural, criou-se mais abaixo, pela mesma margem do rio do Antônio, uma pequena povoação que foi tomando corpo, graças aos êxitos obtidos pelos esforços dos aventureiros que nessa altura, já se entregavam de corpo e alma, às explorações agrícolas e à pecuária, dando vida à povoação, que seria mais tarde a sede do Município de Brumado (BRITO, 2002, p. 5).



Imagem 38 - Rua Principal de Brumado, 1957. Acervo pessoal.

De repente, Xique-xique rompe o silêncio e nos conta as primeiras impressões que teve sobre do município de Brumado:

Lembro-me que, quando vinha aqui com meus pais, quando criança, tinham poucas casas. Tudo girava em torno da igreja matriz. Meu pai já tinha essa casa. Estava alugada. Ele pediu a casa, pois tinha a intenção de nos trazer para estudar. Ele mandou pintar de branco e as portas eram azuis. Eu me lembro que achei tudo muito bonito (XIQUE-XIQUE, 2019).

Percebo que, a cada narrativa, os olhos de nossas professoras parecem vislumbrar o passado. As falas são mais espaçadas, dando a entender que estão em outro tempo/espaço.

Xique-xique continua,

Meu pai tinha essa casa aqui. Era uma herança de meus avós! Meu pai mandou pintar para que pudéssemos ficar para estudar. Chegamos de carro de boi eu e toda a família. Minha mãe veio na frente para organizar a casa e nos matricular na escola e depois foi nos buscar (XIQUE-XIQUE, 2019).



Imagem 39 - Igreja Matriz de Brumado: Ontem e Hoje.

Com o passar dos anos o povoado Bom Jesus dos Meiras passou a ser distrito e só então, foi construída a igreja, como nos conta a professora Jitirana,

A igreja matriz é datada do século XIX, e é um Patrimônio Histórico, Religioso e Cultural da nossa cidade. Foi construída pelo Sr. Antônio Pinheiro Pinto (Canguçu), 2º Senhor do Brejo. Primeiro foi chamada de Capela do Bom Jesus, depois Igreja do Bom Jesus e também Igreja Senhor do Bonfim cujo o primeiro vigário foi o padre José Mariana Meira Rocha. Naquele tempo, a maioria das pessoas eram católicas e, geralmente, as famílias praticavam os cultos religiosos em casa. Quem tinha condições, construía uma capela próxima à sua casa, enfeitando-a com imagens dos santos, a quem devotavam, flores, velas etc. (JITIRANA, 2019).

Depois a professora Jurema narra:

Sou do município de Barra da Estiva e cheguei aqui em Brumado em 1945, junto com meus irmãos. Éramos dez ao todo. Fomos morar aqui mesmo na rua de baixo (abaixo da Igreja matriz). Lembro-me que era um grande largo, com a igreja, não era essa igreja, uma outra bem mais modesta. [SILÊNCIO]. Meu pai, apesar de não ter frequentado escola nenhuma, era um auto didata, pois aprendeu a ler e escrever sozinho. Interessava-se pela política e pelo que se passava no Brasil. Assinante do Jornal à Tarde, apesar de receber com atraso, lia tudo e comentava com os amigos. Tínhamos um rádio que funcionava à bateria e só era para ouvir as notícias sobre o Brasil. Fiz o curso primário no Colégio Getúlio Vargas e fui direto pro colégio (JUREMA, 2019).



Imagem 40 - Antiga Prefeitura de Brumado, 1957.

Ipê Roxo destaca que:

Havia outros casarões! Todos com vários quartos, salas, muitas janelas, uma cozinha grande e uma dispensa para guardar os mantimentos que vinham de longe. O banheiro era fora da casa. Os banhos eram em gamelas. [...] Trago na memória, uma lembrança de Livramento, uma certa rua em que passava com Umbuzeiro. Ali era comum as moças se banharem e jogarem a água na rua. Sentíamos o cheiro do sabonete “alma de rosas” (IPÊ ROXO, 2019).

Jurema, com olhos fixos em uma fotografia que retrata a primeira igreja matriz de Brumado, diz:

Tem muita história boa, do povo antigo, né? Vem as lembranças de coisa que a gente leu ou ouviu contar. Muita coisa antiga que nem sabemos mais de onde aprendemos. É assim, a memória vai e volta,

mistura tudo. Olhando essas fotografias me vem muitas lembranças à mente! [Suspiro] (JUREMA, 2019).

1.1.1 A vida e seu cotidiano

Minha infância foi na fazenda Casa Nova. Minha meninice foi como a de muitas crianças que naquela época, viviam na roça. Brincadeiras pelos roçados e terreiros! Nas noites de lua cheia, brincávamos de ciranda de roda cantarolávamos versos como: “Em cima daquele morro tem um pé de jericó, a mulher matou o marido, com uma tampa de urinol. (Risos) Assim íamos vivendo uma vida feliz com amizade e simplicidade, que só existem em corações infantis (BROMÉLIA, 2019).

A epígrafe acima retrata a vida cotidiana de nossas protagonistas, naquilo que elas denominam de “roça” e as brincadeiras que eram feitas. Tais lembranças, as deixaram com semblante de alegria ao recordar memórias de suas infâncias tão bem vividas no sertão.

Umbuzeiro recorda de como eram as brincadeiras naquela época em que não existia televisão, e o rádio era artigo de luxo, que foi chegar à sua família muito mais tarde.

Nossas brincadeiras eram com as coisas da roça mesmo. Brincávamos de contar histórias debaixo do umbuzeiro, de boneca - uma boneca podia ser uma abóbora, uma melancia da caatinga - de casinha, as vassouras- feitas por Dedé [risos] era os maridos [...] de pega-pega, de roda, amarelinha, cozinhado, até de enterrar as bonecas nós brincávamos. Repetia a vida dos adultos. Oh tempo bom! (UMBUZEIRO, 2019).

Xique-xique por sua vez complementa,

Nós não tínhamos boneca de loja. As bonecas eram feitas de pano, sabugo de milho e até mesmo com uma moranga ou abóbora, fazia-se uma boneca. Todas eram tratadas como se fossem filhas, tinha até o batizado com festa e tudo. Mas eu não era muito chegada a essas brincadeiras. Sempre gostei dos afazeres domésticos. De aprender a costurar, a cozinhar [risos] (XIQUE-XIQUE, 2019).

Segundo Silva (2003) a boneca era um dos brinquedos mais antigos e difundidos em todas as culturas (povos primitivos, antigos, modernos). Possui grande significado em cultos e ritos religiosos, muitas vezes considerado perigoso instrumento do feiticeiro e do bruxo.

Ipê Roxo se lembra que, além de brincar de boneca, ela gostava muito de brincar de anelzinho, de amarelinha, de vó (brincadeira com as pedrinhas) de pega-pega e de carrinho feito de lata. E gostava também de cantar ciranda de roda e cantarola esses versos:

“A rosa vermelha.
 É meu bem querer.
 A rosa vermelha e branca.
 Hei de amar até morrer”.
 (Ipê Roxo, 2019)

Imagem 41 - Cantiga de Roda.

A cantiga de roda é uma herança do povo português e é uma brincadeira que tem sido fonte de inspiração para muitos artistas, como Schubert, Shumann, Brahms e, Villa-Lobos no Brasil, que reuniu várias delas num trabalho chamado “A Prole do Bebê”. Além disso, as cantigas de roda têm a vantagem de aproximar as pessoas, que juntas, de mãos dadas formam um círculo, cantam e dançam compartilhando as lindas melodias. A depender da música, as cirandas são cantadas acompanhadas de gestos que representam a letra da canção.

Aqui no Brasil, essas cirandas ficaram conhecidas como Samba Rural (Rio de Janeiro) e Dança Paulista (São Paulo) [...] quando cantamos uma cantiga de roda, estamos falando de histórias muito antigas que, de tanto serem repetidas, se tornaram parte de nossas tradições orais. Isso quer dizer que elas são passadas de geração em geração (GRAEFF, 2015, p. 33).

Alves (2015) ensina que a narrativa faz parte de nossa vida, no dia-a-dia, onde existe bastante trocas de conhecimento e experiência em todo espaço de convivências. Neste sentido, a narrativa procura compreender que a história das práticas cotidianas pode ser conhecida ouvindo o que é contado sobre as experiências de vida.

Assim, as narrativas se constituem construção de conhecimentos e significados nas redes em que vivemos. São tessituras e trajetórias, marcas experienciais que ao serem narradas, são reflexionadas, questionadas, argumentadas tornando-se fonte de saber.

Dando continuidade às narrativas da nossa roda de conversa, segundo as memórias das nossas protagonistas, demoravam-se dias para ir de um canto a outro. Não havia estradas, apenas algumas picadas abertas no mato com ajuda dos facões.

Conta-nos Xique-xique que:

Meu avô paterno como já tinha alguns parentes aqui na região, já negociou um pedaço de chão e logo construiu moradia. Sua fazenda recebeu o nome de “Casa Nova”. Era um casarão antigo que possuía cinco quartos, três salas, uma dispensa e uma cozinha grande (XIQUE-XIQUE, 2019).

Juazeiro que também cresceu numa roça em Lagoa Real, por nome Alegria, se recorda como tudo era difícil e que, naquela época, costumava-se guardar, num quarto próximo à cozinha, a dispensa, tudo o que era necessário, no dia a dia, e armazenado para os períodos de seca.

Umbuzeiro complementa dizendo que,

A vida na roça era muito boa. Eu tive uma infância muito feliz. Me lembro que tudo, de certa forma, era produzido lá mesmo. Tinha o leite, que fazia a manteiga de garrafa, o requeijão. Quando abatia um porco, guardava a banha, salgava a carne e pendurava na dispensa. Um porco, um carneiro, tudo era separado e guardado, de tal forma, pra não perder. Não tinha geladeira naquela época nem luz elétrica. A vela também era feita lá em casa. A gente ficava feliz no dia de fazer biscoitos e bolos. Minha vó gostava de fazer os doces de compotas. A comida era simples. O feijão era plantado e colhido lá mesmo. Guardava de um ano pra outro, bem sequinho, pra não dá gorgulho. O arroz, meu tio, irmão de minha mãe, trazia de Livramento a saca. Ele cultivava na fazenda Água Comprida. Minha mãe gostava de pescar e comer o peixe frito. As verduras eram essas nossas conhecidas, como também a palma e o cortado de mamão verde que, também, era aproveitado para fazer o doce. O açúcar era tirado do melaço da cana, mas meu pai comprava um pouco para adoçar um chá num momento de alguém adoecer. Tudo era simples, mas à mesa, tínhamos os guardanapos de pano. Meu pai não abria mão. Minha mãe comia um peixe da forma correta, não foi para a escola, nem existia próximo, mas esse aprendizado ela trouxe de casa. Quando tinha goma, fazia o escaldado à noite e quando não tinha, usava a farinha mesmo, que Dedé fazia com as mandiocas plantadas lá mesmo (UMBUIZEIRO, 2019).

Bromélia, como que endossando a narrativa de Umbuzeiro, se lembra de que seu avô materno, que morava em Livramento e com quem conviveu durante mais ou menos três anos, ensinou aos filhos as primeiras letras e os preparou para o estudo. “[...], mas, não havia escolas por estas bandas em minha infância e muito menos para minha mãe. A educação, a leitura e escrita eram ensinadas em casa. Minha mãe era uma mulher sábia!” (BROMÉLIA, 2019).

Estudar, naquele tempo, era algo difícil. Os índices de analfabetismo no Brasil, na época, eram alarmantes (ORTIZ, 2001). A maioria da população permanecia analfabeta ou aprendia com os pais ou professores leigos, contratados para ensinar as crianças, o pouco que sabiam. No início do século XX, a educação foi considerada como fator de segurança nacional, tendo em vista o alto índice de analfabetismo: aproximadamente 50% da população, já em meados dos anos de 1940.

A partir de 1946, começaram a surgir iniciativas do Governo, como a Campanha de Alfabetização, conhecida como "cruzadas", para "erradicação do analfabetismo", entendido como uma "chaga", uma doença (BEISIEGEL, 1997).

Conforme nos relata Umbuzeiro,

Minha avó, mãe de meu pai, queria muito que ele estudasse. Ela mandou arrumar uma liteira (uma carruagem antiga usada na época) para meu pai ir estudar em Caetité. Arrumou enxoval que era guardado em baús, e até uma pessoa para ficar com ele no período de estudo. Não sei bem o que aconteceu, mas meu pai não foi ou se foi voltou logo (UMBUZEIRO, 2019).



Imagem 42 - Baú de Francisco de Souza Meira. Acervo pessoal.

Jitirana, apesar de mais nova, observa que:

Meu pai não foi porque os irmãos de minha avó colocaram, na cabeça dela, que não tinha necessidade de tanto gasto. Que estudar era caro demais e ela ia perder dinheiro. Na verdade, esses parentes de minha avó viviam das regalias do dinheiro dela, que perdeu tudo sustentando essa parentada, (risos)(JITIRANA, 2019).

Continuando a narrativa, Umbuzeiro aponta para o caráter familiar e comunitário existentes durante sua infância:

Moravam muitas pessoas lá na roça. Era uma casa grande que abrigava além de meu pai, minha mãe, eu, meus irmãos, a irmã de minha vó, que chamávamos de madrinha/tia e uma prima de minha mãe. Além da família, tinha o vaqueiro Ioiô, o ajudante do vaqueiro que não me lembro o nome. [...] Tinha Miúda, que era meio atrapalhada, tinha a casinha dela, mas passava o dia lá em casa. Losa era comadre de minha mãe, era uma agregada que morava com a gente desde cedo e Dona Rosa, a professora. Depois nasceram Zé, Meira, Jitirana e Lucinha (UMBUZEIRO, 2019).

Além disso, Juazeiro menciona que:

Assim como nas demais fazendas, o banheiro não fazia parte das dependências da casa, era construído do lado de fora. E também não existia água encanada. Tomava-se banho nas bacias ou gamelas, uma vasilha feita de madeira que possui várias utilidades na roça, inclusive para as parteiras aparar o bebê (JUAZEIRO, 2019).

Nesse momento, a professora Angico pede para recitar o poema de um ex-aluno seu, do Curso Normal por nome Esechias Araújo. O poema é sobre a gamela, utensílio utilizado pelo sertanejo e que tinha muito valor.

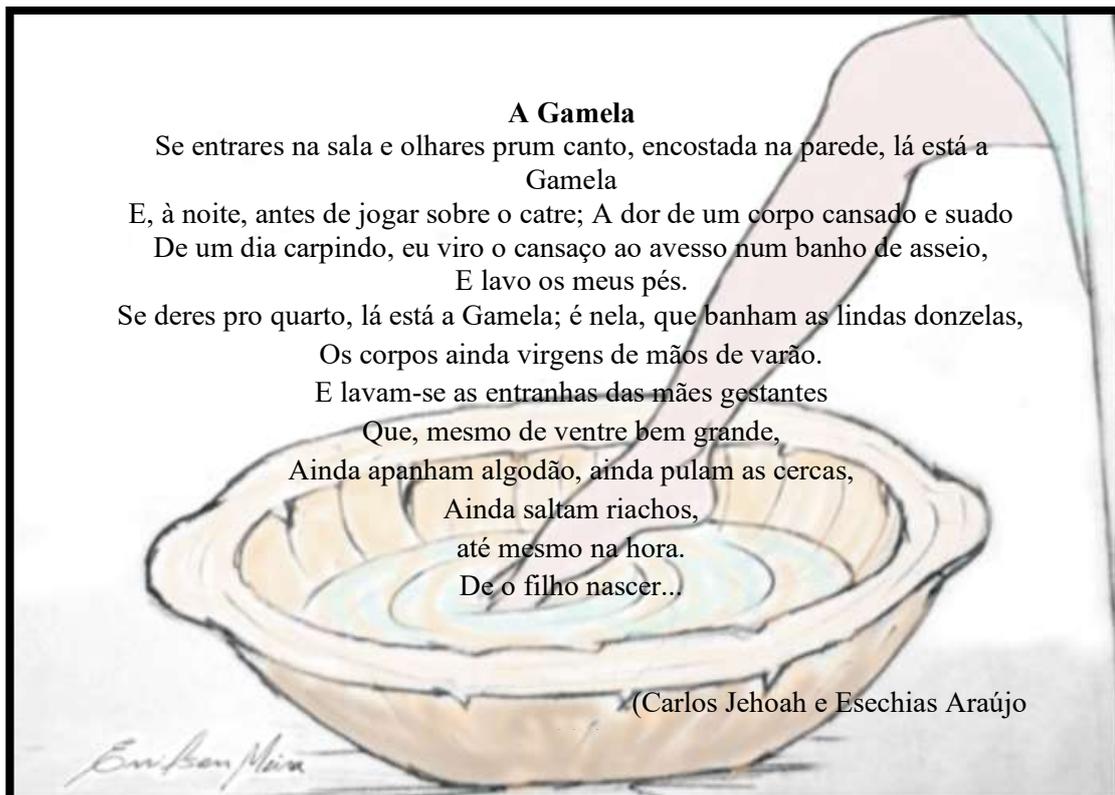


Imagem 43 - A Gamela.

Após aplausos e vivas, Angico, com ar saudosista nos conta que: *“Esequias foi meu aluno no Curso Normal, eu ensinava Literatura Infantil, e um dia briguei com ele”*. E olhando para Jitirana, questiona como a buscar uma confirmação de sua narrativa:

“- Tu lembra?” [RISOS] (ANGICO, 2019).

Jitirana assente com a cabeça, em meio às risadas e diz:

“-Quias, era bem danado! Tu ficaste foi brava e levou ele pra diretoria. Isso foi no 1º Ano do Curso Normal” (JITIRANA, 2019).

A fama de Angico para declamar versos vem de longas datas, recorda Umbuzeiro que:

“- Lá no INEP, quando estudávamos, sempre que chegava alguma visita, Angico era chamada para recitar um poema [risos] e isso perdura até hoje” (UMBUZEIRO, 2019).

Bromélia e Xique-xique, trazem lembranças da professora Rosa, que fora contratada para lecionar na Fazenda Casa Nova. Bromélia narra que na roça, estudaram com professores leigos, pois seus pais, apesar de não terem frequentado a escola, queriam que todos os filhos fossem instruídos, então:

Contratou uma professora para nos ensinar[...] naquela época a professora vinha de Rio de Contas. Era professora leiga, mas muito inteligente. Dona Rosália Dantas Chaves, mas todos a chamavam de Rosa. Ela tinha um bracinho pequenininho, mas não tinha complexo era uma boa bordadeira. Ensinou a bordar e dava aulas para todas as crianças lá da roça. Não tinha distinção. Eu já tinha aprendido alguma coisa com meus pais e com ela fui aperfeiçoando (BROMÉLIA, 2019).

Juazeiro também se recorda que apesar dela e de mais três irmãos terem sido alfabetizados numa escola particular em Lagoa Real – a base de palmatória - sua família se mudou para uma fazenda na região e nos diz que:

Tivemos que abandonar a escola. Os filhos aumentaram. Chegamos a dez! As crianças cresciam sem estudo, mas o sonho de nosso pai era contratar uma professora leiga da cidade de Rio de Contas, uns 80 quilômetros de distância, para morar em nossa casa. E assim se deu. As famílias vizinhas, próximas a nossa casa na roça, se uniram e contrataram uma professora e assim crianças menores de 7 a 12 anos estudavam de dia. Os filhos homens acompanhavam o pai nos serviços da lavoura e nos cuidados com a criação. As meninas ajudavam nas tarefas domésticas. Os mais velhos estudavam a noite (JUAZEIRO, 2019).

Nossas protagonistas ao narrarem as memórias sobre a primeira professora e retratá-las como pessoas de notório saber, legitimam a fama das professoras leigas do município de Rio de Contas, mulheres que por dominar a leitura, escrita e conhecimentos gerais, se disponibilizaram a vivenciar anos com uma família, em lugares de difícil acesso, para ensinar e preparar as crianças para o exame de admissão¹².

Até os dias de hoje o município de Rio de Contas guarda a fama de ter um dia, sido o berço de professores que alfabetizaram várias gerações no Alto Sertão da Bahia. Apesar de essa ser uma verdade sobre os professores e professoras leigas do município de Rio de Contas, tal fato não se apresenta registrado, a que eternizamos a partir das narrativas de nossas professora/protagonistas que experienciaram e compartilham aqui suas memórias.

¹²O exame de admissão ao ginásio foi instituído, em nível nacional, no ano de 1931, e perdurou oficialmente até a promulgação da Lei nº 5692/71, quando foi instaurado o ensino obrigatório de 1º grau, com duração de oito anos, integrando os cursos primário e ginásio em um único ciclo de estudos.



Imagem 44 - Rio de Contas para Brumado e Lagoa Real.

Rio de Contas se distancia, tanto de Brumado quanto de Lagoa Real, aproximadamente 80 km. E, nas duas localidades, temos narrativas sobre professoras leigas que não só alfabetizavam, mas também preparavam os alunos para a prova de admissão no colégio, além de ensinar o “catecismo”, bordados, plantio de hortaliças, etc.

A prova de admissão era destinada aos alunos que pretendiam cursar o Ginásial, atual 2º ciclo do Ensino Fundamental. Eram provas difíceis, conforme as narrativas. Bromélia diz que depois de aprender as primeiras lições e ser considerada apta, foi para Livramento fazer o exame de admissão.

Meu interesse pelo estudo surgiu desde cedo. Minha vó paterna era uma leitora nata. Meu pai e minha mãe, apesar de não terem frequentado escola, eram muito educados, donos de muita sabedoria. Eles queriam que a gente estudasse e eu quis muito ir em busca desses estudos. A vida não era fácil, dinheiro era uma coisa muito difícil naquela época. Estudar e fazer a Escola Normal, era a certeza de um emprego certo. Um auxílio para a família. Depois que terminei o colegial, em Livramento, eu voltei pra Casa Nova e esperei um ano pra fazer o exame de admissão (BROMÉLIA, 2019).

Umbuzeiro lembra-se que,

Foi um período muito bom esse que Bromélia passou com a gente na Casa Nova. Ela foi, minha primeira professora. Tudo era difícil: papel, lápis. Então ela me ensinava com uma varinha na beira do rio, ou com pedaço de carvão. Eu tinha muita curiosidade em aprender a ler o caderno de cantos que ela tinha [risos] (UMBUZEIRO, 2019).

Segundo a narrativa de Umbuzeiro, o ano em que Bromélia ficou em casa foi muito bom, pois pode compartilhar a amizade, a afetuosidade com a irmã que ensinou muito do que aprendera na escola aos demais irmãos. Após um ano em companhia da família, ela é aprovada no exame de admissão e começa a arrumação do enxoval para ir estudar em Caetité.

Bromélia recorda que:

Na Casa Nova mesmo teciam o algodão que era usado para cobertas e mantas, lençóis, anáguas, toalhas [...] Toda vestimenta, tanto de homem quanto de mulher. As roupas eram todas brancas e as vezes comprava o corante para tingir [...]. Mas geralmente eram brancas. Quando ia fazer uma roupa mais arrumada, aí sim, comprava-se o tecido em Brumado. Meu enxoval, para ir para o curso Normal em Caetité, foi preparado com muito carinho. Bordava o monograma, as iniciais do meu nome [...] Fomos no caminhão de Sr. Braulino, eu, meu pai e minha mãe. A estrada era muito ruim. Teve trecho que meu pai teve que caminhar a pé. Ele disse que teve de andar de quatro pés. Acho que era uma pinguela [...] Como ele disse (BROMÉLIA, 2019).

Xique-xique complementa:

Depois de Dona Rosa, ainda passaram lá na Casa Nova, Zaide, que nos ensinou muito a cantar, os hinos da Bandeira, Cisne Branco, Hino da independência as músicas de ciranda: Rosa Vermelha, Alecrim, Apareceu a Margarida e as mais cantadas na época como Rancho Fundo, Maringá; Abre alas de Chiquinha Gonzaga; "Olha pro céu, meu amor", de Luiz Gonzaga e outra e outras (XIQUE-XIQUE, 2019).

Jitirana, apesar de ter nascido na cidade de Brumado, se recorda que as irmãs tiveram, na roça, um professor que se chamava Martiniano Meira. Tal memória segundo Halbwachs (2003) é considerada uma memória coletiva herdada do grupo social do qual faz parte.

Assim, Xique-xique destaca que,

O professor Martiniano Meira, apesar de mais velho, era sobrinho de seu pai e me preparou para o exame de admissão. E foi com muito estudo que adentrei no colegial. Nessa época, Bromélia, já estudava em Livramento (XIQUE-XIQUE, 2019).

Umbuzeiro continua a narrativa recordando-se das viagens realizadas em carro de boi:

As viagens, naquela época era de carro de boi. Me lembro quando fomos de muda pra Brumado. Minha avó ficaria na cidade com as crianças maiores e meus pais voltariam [...] no carro de boi foi minha mãe carregando, no colo, Zé, Dedê carregando Meira que era recém-nascido, uma tia a qual chamávamos de madrinha tia, irmã de minha vó, Tila, Diula, Xique-xique e eu. Meu pai, foi a cavalo enquanto o vaqueiro, Ioiô, puxava o carro de boi (UMBUZEIRO, 2019).

Juazeiro narra,

Quando alguém adoecia era comum procurar usar as ervas, cultivadas na horta, mandava benzer e quando não tinha mais jeito, arrumava o carro de boi e levava o doente para a vila. Não era fácil a vida no sertão. A falta de água maltratava os animais e a roça era muitas vezes perdida. Hoje está mais

fácil já existe transporte, as estradas levam o homem em pouco tempo a qualquer lugar. Mas eram tempos ricos, de verdadeiras amizades, coleguismo e valores passados de pais para filhos. O respeito aos idosos e seus saberes. A afetividade inocente, os namorim bestas (JUAZEIRO, 2019).



Imagem 45 - O Carro de Boi. Enilson Meira.

Segundo Juazeiro, benzer é a mesma coisa que rezar. No sertão, existem algumas mulheres que têm esse ofício de rezar os outros, com ramos de plantas, para tirar doenças e mau olhado. Costume que vem de longe. Muitas cantam suas rezas.

Ipê Roxo lembra que, para cada mal, existia um determinado tipo de reza que era respeitada e acompanhada por toda a família. A rezadeira era respeitada, e o banho de ervas receitadas por ela curava qualquer mal-estar. A maioria das rezadeiras também eram parteiras.

**Com dois te botaram
Com três eu tiro,
Com os poderes de Deus, de Jesus
E da Virgem Maria!**

Imagem 46 - A Benção dos Ramos.

Aroeira prossegue a narrativa dizendo que,

Um outro ofício muito respeitado no sertão era o dos vaqueiros. Eles usavam roupas toda de couro para se proteger dos espinhos da caatinga. Muitos até ficavam cegos de um olho, quando não se protegia. O comércio de gado ajudou no povoamento da região. Muitas cidades nasceram, a partir dessa atividade de comércio (AROEIRA, 2019).

Carnaúba completa:

Geralmente os vaqueiros eram reconhecidos no sertão. Tinham muito prestígio e sua função exigia muito trato, uma roupa especial toda de couro para livrar o corpo dos espinhos da caatinga. Muitos vaqueiros entoavam uma música, ao tocar seu gado. É como se eu voltasse no tempo, por um instante, ouvindo um dos vaqueiros da fazenda que cantava algumas músicas para tanger o boi, eram os aboios (CARNAÚBA, 2019).

A professora Carnaúba lembra que seu pai negociava gado e que, de certa forma, como um vaqueiro, enfrentava as agruras do sertão.

Ele viajava por toda essa região de sertão. E foi numa dessas viagens que conheceu o Instituto Ponte Nova, pros lados da Chapada Diamantina. Hoje é Wagner, mas naquela época chamava-se Itacira. E foi por conta disso que eu me aventurei a passar três dias e três noites, viajando no “lombo” de um cavalo para chegar ao Instituto Ponte Nova. Foi uma viagem muito difícil! [RISOS] (CARNAÚBA, 2019).

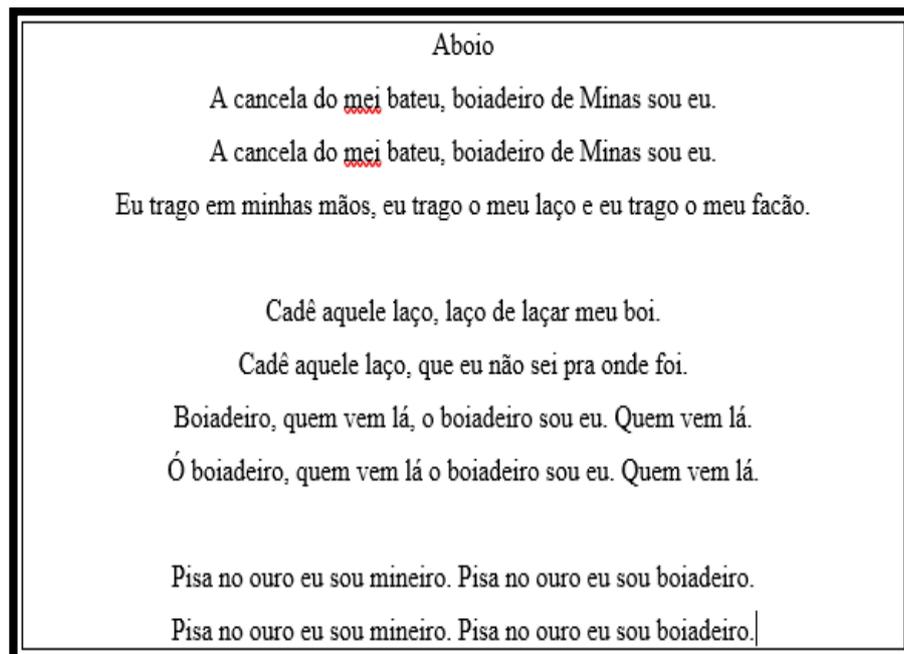


Imagem 47 - O Aboio.

Umbuzeiro recorda que:

Meu pai fazia com exímio, as vestimentas do vaqueiro. Ele fazia gibão, jaleco, perneira, capanga, além dos arreios, cinto, chicote, cabresto, rédeas e bordava as roupas com suvela [...] naquele tempo como os dias eram mais compridos, os anos demoravam a passar e as pessoas não tinham muita pressa – meu pai caprichava nos bordados e detalhes da roupa aos utensílios. Fazia também os chinelinhos de couro pra gente(...) O couro era curtido e preparado lá em casa também (...) as vestimentas eram adequadas à mata fechada da caatinga, pois os vaqueiros, muitas vezes, tinham que correr atrás do gado que se afastava ou fugia (UMBUZEIRO, 2019).

Umbuzeiro, além de trazer na narrativa a memória do seu pai como artesão na confecção das roupas típicas do vaqueiro, faz menção à impressão da duração do tempo passado como um tempo maior, mais lento, onde as pessoas “*não tinham tanta pressa*” (UMBUZEIRO, 2019).

Essa sensação de velocidade do tempo é discutida por diversos autores, diante da modernização e das novas tecnologias. Benjamin (2011), aborda a pobreza da experiência nos tempos modernos e Bérghson (1972), por exemplo, retrata a percepção do tempo, enquanto sensação de duração.

1.1.2 As escolas por onde andei

Eu era uma das menores da minha casa eu sou a 6ª filha, dos filhos nascidos vivos. Com uns oito anos de idade, fui estudar em Rio de Contas. Depois, fui para Caetité e minha família foi para São Paulo. Me lembro que papai me visitou uma única vez, mas a família não, nem na minha formatura pôde vir. Naquele tempo, tudo era muito difícil. Dinheiro era difícil. (...) não sou do tipo que guarda, mudamos muito. Assim muitas coisas foram descartadas ao longo do tempo (JUAZEIRO, 2019).

Na narrativa, acima, Juazeiro conta que depois de morar em Lagoa Real, mudou-se com sua família para a zona rural. Ela narra que a família cresceu, chegando a 10 crianças que cresciam sem escola. Mesmo com as dificuldades, seu pai se junta com os vizinhos contrataram uma professora de Rio de Contas para alfabetizar os filhos, mas viu-se obrigado diante das circunstâncias, migrar para São Paulo em busca de melhor qualidade de vida.

Nossa professora/protagonista da pesquisa narra com emoção: “*papai me visitou uma vez, mas a família não, nem na formatura pode vir*” (JUAZEIRO, 2019). Ao falar das suas experiências de vida, é perceptível seu cuidado com as palavras. Percebo que narrar suas experiências era algo que lhe sensibilizava por demais.

Tive, portanto, muita cautela em adentrar por esses caminhos. Reflexionei o quanto foi difícil para Juazeiro vivenciar todas essas condições. Em seguida a essa fala de Juazeiro,

Bromélia (2019) diz que, não havendo escola em Brumado, ela precisou ir para Livramento de Nossa Senhora, onde morou na casa dos avós maternos:

Eu saí da casa dos meus pais, do convívio amistoso e afetuoso da família, para ir estudar em Livramento com 10 anos de idade. Já sabia ler e escrever, copiar e fazia as quatro operações as quais aprendi com a professora Rosa. Eu fui morar na casa dos meus avós maternos em Livramento. Xique-xique, companheira de idade por assim dizer, não quis ir comigo. Era muito apegada a minha vó, sua madrinha. Minha mãe perguntou: - Você vai mesmo estudar em Livramento? E eu dizia que sim. [...] Minha mãe me arrumou muito direitinho. Lá em casa, na roça, fazia as cobertas de flanela, o casaquinho, camisas, vestidos, tudo direitinho. Minha vó costurava muito bem. A mãe de meu pai morava com a gente. Minha vó se chamava Rita da Glória de Castro Meira. Meu pai era filho único e toda vida morou com minha vó. Minha vó se casou com um “velhão” que já tinha uns filhos. Ela era muito exigente, gostava de ler, fazer umas compotas de doce e costurava muito bem, inclusive terno. Mas minha vó achava que eu não ia ficar em Livramento. Ela dizia: - “Ela fala que vai ficar em Livramento, mas acho que não fica não!” [Suspiro] (BROMÉLIA, 2019).

Desde criança, Bromélia deu grande importância aos estudos e mesmo sabendo que ficaria distante da família, não se intimidou, demonstrando ser uma pessoa de convicções firmes. No entanto, percebo, na narrativa dessas protagonistas, o quanto essas foram experiências que as tocaram.

Apesar de falarmos de duas meninas que ficaram distantes da família para estudar e que trazem o sentimento de saudade reprimido no peito, a experiência de Juazeiro e Bromélia são diferenciadas. Provavelmente, outras meninas e também meninos viveram essa circunstância naqueles tempos, mas nesse caso, apesar de Juazeiro ter ficado estudando em casa de parentes em Caetité, durante sua formação na Escola Normal, ela praticamente ficou sem ver seus pais e irmãos durante bom tempo. Já Bromélia, ficou morando com estranhos, mas via uma vez ou outra seus pais e irmãos.

São narrativas carregadas de emoção e percebo que há muitas coisas que não querem dizer, e silenciam, talvez por não quererem reviver tais sentimentos ou expor-se nas rodas de conversa.

Livramento¹³ fica a 68,9 km de Brumado, sendo bem mais distante da capital, entretanto, seu surgimento se deu devido aos bandeirantes que chegaram à região, vindos de Minas Gerais e Goiás. Nesse sentido, o fato de em Livramento a escola chegar primeiro que em Brumado, se deve às expedições realizadas em busca de ouro, pelos bandeirantes, desde os idos dos anos de 1710.

¹³ Livramento de Nossa Senhora será tratado daqui em diante como Livramento.



Imagem 48 - Brumado para Livramento de Nossa Senhora.

Conta à história que, quando a bandeira paulista de Sebastião Raposo subiu o rio das Contas Pequeno (rio Brumado) até as nascentes, encontrou ouro e formou-se o primeiro núcleo populacional da região, conhecido inicialmente pelo nome de "Aldeia de Mato Grosso", hoje o município de Rio de Contas, numa altitude de 1.450 metros.

No século XVIII, os bandeirantes, ao descerem o rio, foram encontrando pepitas de ouro, surgindo um núcleo populacional em 1715, atualmente cidade Livramento, onde foi construída uma capela de pau-a-pique pelos padres jesuítas sob a invocação de Nossa Senhora do Livramento, tradição portuguesa. Livramento, portanto, se encontra ao pé da serra que leva a Rio de Contas, a 500 metros de altitude, ou 12 quilômetros abaixo de Rio de Contas.

Por conta de fatores socioeconômicos, a necessidade de escolas e instalação das mesmas se deram primeiro em Livramento e Rio de Contas, que em Brumado. Ressalto, entretanto, que desde o surgimento do núcleo populacional aos pés da serra, o povoamento e desenvolvimento de Rio de Contas diminuíram, passando a ser considerada uma cidade turística que traz a memória impregnada na fachada de seus casarões.



Imagem 49 - Igreja Matriz de Livramento: Ontem e Hoje. Edir Meira.

Bromélia prossegue narrando sobre seus estudos em Livramento:

Lá em Livramento, era tudo muito simples. Eu dormia com Tia Lena na mesma cama. Ela era mocinha na época. Hoje ela tem 91 anos. Fiquei estudando em Livramento, por quatro anos. Depois que terminava fazia o curso de admissão. Primeiro formava no Ginásio, depois no Curso Normal. Tinha muitas saudades lá de casa, mas eu queria aprender. Meu avô me ensinava muito. Quando eu fui estudar, só tinha eu, Xique-xique, Diula, Tila e Umbuzeiro que era pequena ainda. A minha primeira irmãzinha veio a falecer. Depois de oito anos, veio Zé e Meira que nasceram lá na roça, na Casa Nova. Jitirana e Lúcia nasceram em Brumado, mas minha mãe teve todos nós com parteira (BROMÉLIA, 2019).

Até o momento sinto que as lembranças são ricas em detalhes e mais que isso há um prazer em reviver tais memórias pelo nosso grupo de professoras, o que me deixa animada e ansiosa por novas narrativas. Aos poucos vão costurando uma memória sobre o aprendizado das primeiras letras, sobre o município de Brumado, os primeiros professores, os costumes e princípios, e o valor dado aos vínculos de família e amizade.

Umbuzeiro anuncia que também ela estudou em Livramento. E diz que:

Eu queria continuar os estudos. Aqui em Brumado não tinha o ginásio. Eu fui por minha conta, na carroceria de um caminhão. [Olhos vibrantes]. Eu resolvi, por minha conta, que iria. Tirei certidão de conclusão, certidão de nascimento, ajeitei o transporte. Minha mãe ficou muito sentida com minha vó, porque ela não fez nenhum vestido pra eu levar. Em Livramento, fui ficar na casa de tio Gerardo, irmão de minha mãe e meu padrinho. Todos ficaram muito felizes com minha chegada. Minha madrinha, tia Dona, fez umas roupas pra mim. Tio Gerardo pediu que Ipê Roxo me levasse para um curso, pra ver se realmente eu estava preparada para o exame de admissão, pois faltava um tempinho ainda. Eu fiz o exame e passei (UMBUZEIRO, 2019).



Imagem 50- Colégio João Vilas Boas: Ontem e Hoje. Edir Meira.

O Colégio de Livramento era particular, geralmente os professores eram formados na Escola Normal de Caetité, ou eram médicos, dentistas, autodidatas da região. Não havendo o curso de ginásio em Brumado, aqueles que quisessem continuar os estudos teria que se deslocar para outro município. Umbuzeiro nos conta que, por ter família em Livramento e sem ter consultado seus pais que, na época, estavam na fazenda Casa Nova, não pestanejou e providenciou sua ida para Livramento, sendo muito bem acolhida por todos. Sua prima de Livramento, Ipê Roxo, diz que:

Não havia estradas e a viagem era o dia todo. Foi muito bom quando Umbuzeiro foi morar em nossa casa para estudar. Éramos como irmãs. Estudei no Colégio Estadual de Livramento. Lembro-me até hoje da nossa farda: uma saia de casimira azul pregueada, uma blusa branca de mangas compridas, sapato preto e meias três quartos (IPÊ ROXO, 2019).



Imagem 51 - 1º ano Colegial de Umbuzeiro, 1955. Acervo pessoal.

Na fotografia, Umbuzeiro que contava com 13 anos de idade, é a segunda da esquerda para a direita e está vestida com a farda do colégio a qual foi descrita por Ipê Roxo: “*saia azul marinho com pregas e blusa branca de mangas compridas*” (Ipê Roxo, 2019). O diretor do Colégio o padre Maurício, como é lembrado, está sentado entre os alunos.

Umbuzeiro complementa lembrando que:

Ipê Roxo me emprestava casaco, sapato, até a roupa de educação física [Risos] ela era um ano mais adiantada do que eu, mas íamos juntas para a escola. Em Livramento chovia muito naquela época. Estudávamos muito. Era uma turma grande com 43 alunos. A Educação Física era feita do lado de fora do colégio. Não tinha muros e muitos rapazes acordavam cedo pra ficar nos olhando. A farda era um macacão bege com elástico na cintura e na gola tinha um laçarote azul com bolas creme também (UMBUZEIRO, 2019).

Aroeira narra que sua irmã Lili¹⁴ foi diretora do colégio de Livramento nos anos de 1991 até 2006. Ela nos narra que:

No final da década de 1940, de acordo com Lili minha irmã, existia excelentes escolas primárias em Livramento, mas faltava uma escola secundária. Foi então que o senhor João Batista Vilas Boas e Mário do Carmo Tanajura, buscaram apoio de membros da comunidade preocupados com a educação, tentando trazer o ginásio para a cidade. [...] No fim dos anos de 1940, foi criada a Cooperativa de Educação e Cultura Resp. Ltda., que veio a ser a mantenedora do então Ginásio de Livramento. João Vilas Boas se encarregou de obter autorização, na capital da República (RJ) para o funcionamento da instituição. Enquanto isso, funcionou o Curso de Admissão ao Ginásio, ministrado pela professora Corina Correia da Silva Lima. No mês de março de 1950, foi oficialmente instalado o Ginásio de Livramento, no prédio da Prefeitura Municipal, com 39 alunos, sob a regência de seis professores, sob a direção de D. Corina Correia da Silva Lima. Compareceram à aula inaugural autoridades locais e o inspetor de ensino cônego Fenelon Costa. O colégio esteve prestes a fechar suas portas. Mas, em 1994, no governo de Paulo Souto foi estadualizado passando a se chamar Colégio Estadual João Vilas Boas (AROEIRA, 2019).

Depois de um cafezinho e chiringa, Aroeira continua:

Em 1964, iniciei o primeiro ano no Curso Normal, do Colégio João Vilas Boas em Livramento. Lá, eu fiz o primeiro e segundo ano. O terceiro ano fiz em Salvador no Instituto Normal de Educação Isaías Alves. Em Salvador, eu morei na casa de uma tia. Lá morava também meu primo Diula, que fazia Medicina. Naquela época, era muito comum ir morar com parentes para estudar. Hoje tudo é diferente. As pessoas querem privacidade (AROEIRA, 2019).

¹⁴Maria Aparecida Alves Meira diretora CEJVB no período de 1991 a 2006



Imagem 51 - Aroeira, 1969. Acervo pessoal.

A família Meira foi para Brumado para que as crianças pudessem estudar. Umbuzeiro recorda que foi sua mãe quem providenciou matricular os menores na escola.

Minha mãe me levou e Diula, os menores, para o primeiro dia de aula na escola. Íamos com uns chinelinhos de couro que meu pai fazia e uma “mochila”, onde guardávamos o caderno e o lápis, feita por minha vó. Na verdade, era um embornal. No caminho pra escola, uns meninos gritaram pra Diula, “lapiou”! [Risos]. Você já ouviu essa palavra, Cau? (UMBUZEIRO, 2019).

Antes que eu pudesse responder, ela continua em meio às risadas, as quais foram seguidas pelas demais pessoas presentes.

Significa tabaréu da roça. Diula, abaixou, pegou umas pedras e jogou na meninada. Minha mãe, mandava deixar quieto, mas ele não se conformou. Aquele dia ele se zangou e até hoje ao lembrarmos do ocorrido, damos muitas risadas. [Risos] (UMBUZEIRO, 2019).

Parece que o primeiro dia de escola ficou registrado nas lembranças da nossa protagonista, por um episódio que certamente é memória recorrente a muitos alunos que vêm da zona rural para estudar na cidade. O fato de virem de um ambiente cultural diferenciado, promove muitas vezes risos e é motivo de uma “segregação que ocorre de forma branda e despercebida” (BOURDIEU, 2003, p. 11).



Imagem 52 - Estação Ferroviária de Brumado, 1950.

Chegamos lá a professora foi muito educada. Nos matriculou e ia fazer um teste pra saber, ao certo, onde iria ficar cada um de nós. Ficamos juntos nessa escola. Essa primeira escola ficava junto à estação de trem, perto do prédio do Correio. Minha mãe voltou pra roça com meu pai, e minha vó ficou com a gente em Brumado. Minha vó era muito austera, era boa de dá pito [RISOS] e era a madrinha de Xique-xique (UMBUZEIRO, 2019).

Pergunta olhando para Xique-xique, que acena com um sim com a cabeça enquanto Umbuzeiro prossegue:

Era muito diferente de minha mãe que era carinhosa, contava histórias, conversava muito com a gente. Tila voltou com minha mãe pra roça. Ela era muito apegada a minha mãe! [Silencio] (UMBUZEIRO, 2019).

Ao se lembrar de Tila, há um suspiro profundo, pois ela faleceu em 2015, inesperadamente, e as saudades ainda persistem. Mas logo reinicia a narrativa dizendo: “Só mais tarde Tila veio estudar, quando minha mãe veio de vez morar em Brumado” (UMBUZEIRO, 2019).

A riqueza das narrativas, os detalhes anunciados de forma colorida e marcantes, obtidos por meio das lembranças, nos faz viajar no tempo e permite o desvelar de sentimentos e singularidades subjetivas quanto às experiências vivenciadas e suas marcas.

Xique-xique se recorda que:

Não havia escola e nenhum grupo escolar em Brumado. Eram salas de aula isoladas. As professoras alugavam uma salinha, que tinha o quadro, as vezes um pote com água, e mesas e cadeiras improvisadas [...] eu estudei meu primário em uma salinha assim. Mesmo simples as professoras eram as melhores e bem conceituadas e respeitadas por todos. Eu estudei com Dona Miriam, Dona Altair, e outras, todas muito inteligentes. Havia alunos desde aos que estavam no ABC, até os mais adiantados. Geralmente os mais velhos ajudavam nas lições dos menores. Todos eram amigos. O respeito aos mais velhos era fundamental assim como o respeito aos símbolos brasileiros, hinos, religião, etc. Naquele tempo o professor era responsável por toda aprendizagem das crianças, o ensinamento cívico, o desenvolvimento de todas as funções cabidas à escola. Tudo era feito pela professora. Fazíamos prova oral e escrita. Tudo copiado do quadro em folha de papel pautado (XIQUE-XIQUE, 2019).

Nesse momento, Umbuzeiro e Xique-xique começam a cantar Cisne Branco, hino da marinha brasileira, e são acompanhadas pelas demais. Eu que não conhecia a letra recorri ao Google e também me pus a cantar.

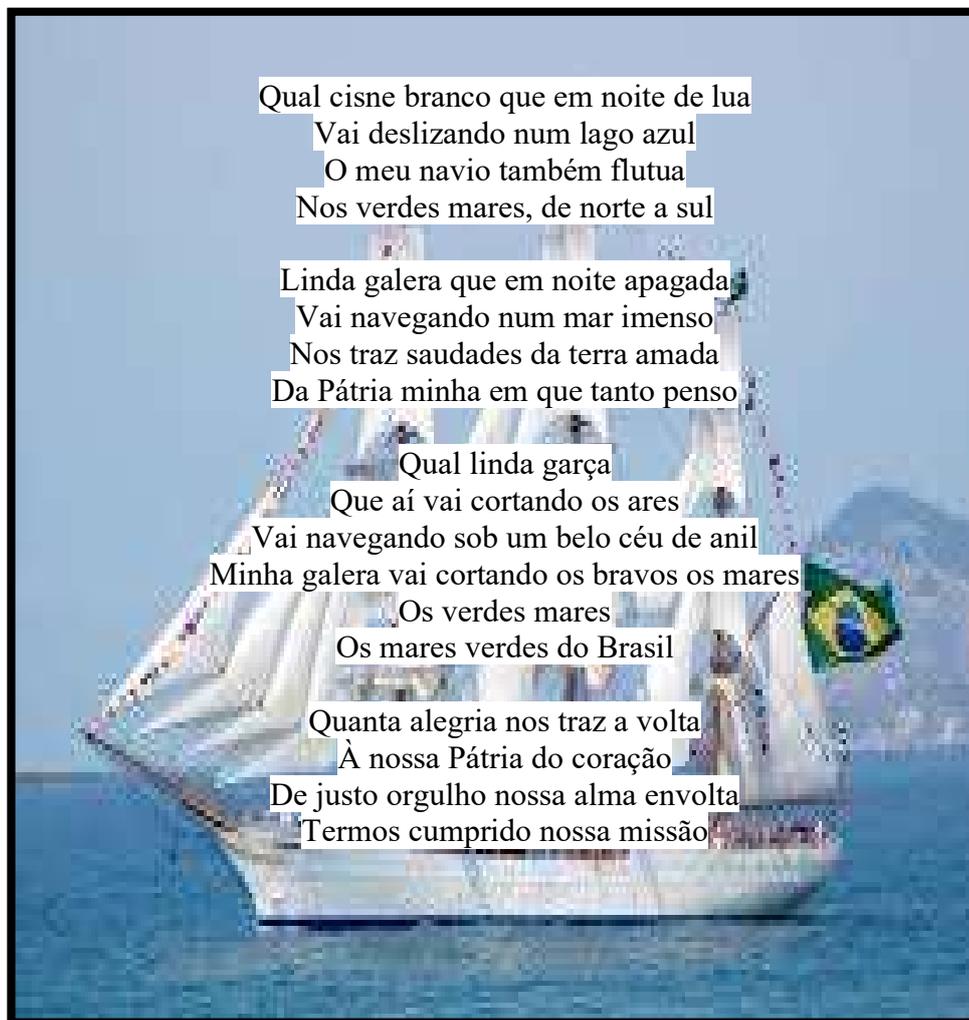


Imagem 53 - Cisne Branco ou Canção do Marinheiro.

Depois dessa música, vieram as cantigas de roda, como: Aí eu entrei na roda; O cravo e a rosa; Samba Lelé; Marinheiro, marinheiro; Alecrim dourado; A rosa vermelha; Sabiá lá na gaiola e outras.

Vê-se na expressão, no sorriso leve e descontração que aqueles momentos são de grande importância para as nossas protagonistas e me enche de alegria poder está presente.



Imagem 54 - Prédio da Primeira Escola Primária em Brumado.

Uma outra professora/protagonista, que também estudou em uma dessas salas alugadas, foi Palma, atualmente morando no Rio de Janeiro, vem rever a família constantemente. Palma é uma senhora muito agradável e jovial que nos narrou, com muita satisfação, sobre o estudo primário em Brumado,

Minha irmã me levava na escolinha perto dos Correios. Eu não me lembro bem, acho que naquela época cada professora pagava por sua sala de aula. Era isso! Eu tinha um cunhado que era professor. Ele foi professor de meus irmãos. Na verdade, eram duas ou três salas de aula. Naquela época era assim. O casarão ainda existe. Passávamos pela estação ferroviária [...] fiz o exame de admissão em Livramento, passei, estudei lá por um ano, mas não me adaptei e voltei pra estudar aqui em Brumado. [...] Aí eu fui para o Getúlio Vargas [...] (PALMA, 2019).

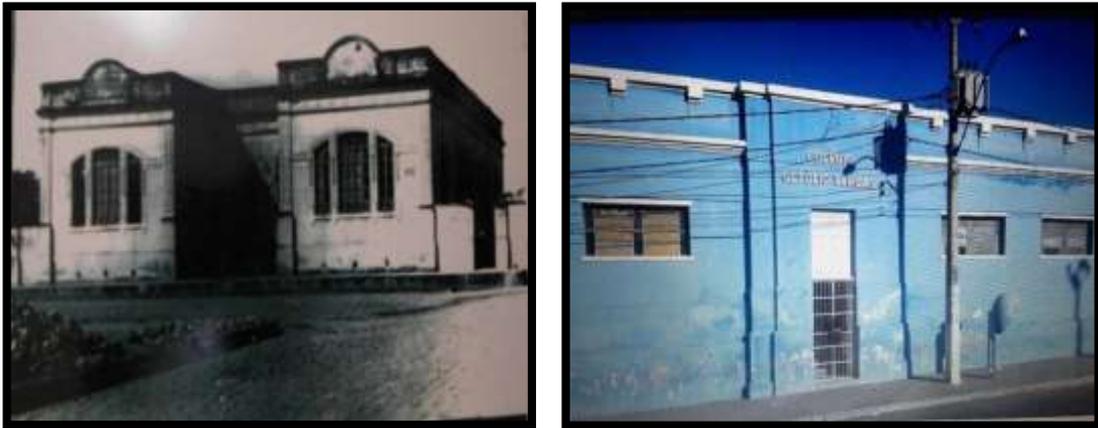


Imagem 55 - Colégio Getúlio Vargas: Ontem e Hoje.

Quanto ao colégio Getúlio Vargas, Palma se recorda ainda que:

Era um prédio grande com várias salas de aula. Salas amplas, o pátio na época, chamava de quintal, um sanitário feminino e outro masculino. Eu me lembro bem. Tive excelentes professoras! Me lembro das professoras: Dona Helena Meira, irmã do padre Homero que se tornou Bispo; Dona Altair Publio que veio de Caetité e Dona Nice Publio da Silva Leite, também de Caetité. Todas excelentes professoras. Eu gostava muito de assistir às aulas. Tempo muito bom. Muitas amizades boas. Tu sabes que eu guardei essas provas, cada uma delas, até 2010? Eu tinha tudo guardadinho. Mas quando fui morar no Rio, me desfiz de tudo (PALMA, 2019).

Conforme a professora Jurema:

O estudo primário, no Getúlio Vargas, era muito bom. Os professores, em sua maioria, eram da Escola Normal de Caetité. Eu tive o privilégio de ter como professora um anjo de nome Atlas, que era muito dedicada, carinhosa e eficiente (JUREMA, 2019).

Neste momento, Umbuzeiro complementa e endossa a fala da amiga dizendo que foi no Colégio Getúlio Vargas que vivenciou uma escola, colegas, pátio, e diz que:

No Getúlio Vargas, tivemos bons professores, como dona Atlas do 4º ano, Miriam do 3º, Dona Helena do 5º ano, Nice Púbio e a professora Altair, que também foi professora de Crescêncio (meu falecido esposo). Todas elas muito preparadas. E tinha Monsenhor que, uma vez por semana, reunia todas as turmas e nos falava sobre assuntos diversos. Quem quisesse participar, podia fazer perguntas. Eu sempre dava um jeito de participar [risos]. Eu ia pra muitos lugares com monsenhor pra celebração de missa. Estudei quatro anos no Getúlio Vargas. Fiz muitas amizades, foi muito bom. Para dar continuidade ao estudo, fui para Livramento (UMBUZEIRO, 2019).

As narrativas sobre o Colégio Getúlio Vargas, em Brumado, destacam o colégio como sendo de excelência e de bons professores, apesar de, no município, dentre todo alunado, haver

poucos livros ou material de estudo. Assim, a prática de copiar as lições nos cadernos era comum, bem como emprestar os poucos livros que tinham para que os colegas pudessem copiar os textos. “*Tínhamos muito cuidado com nossos cadernos que eram nosso meio de estudo. Geralmente, forrávamos com papel de embrulho ou até com um retalho de tecido* (UMBUZEIRO, 2019).

Xique-xique menciona que:

Eu já fui estudar, fazer o Curso Normal depois de velha. [Risos] Era o ano de 1963. Estudávamos muito no período da Escola Normal. E o que eu mais gostava eram prendas domésticas [risos]. Lembro-me com saudade das sessões solenes nas datas cívicas: 7 de setembro, dia das mães, primavera (silêncio) o 7 de setembro - além da sessão solene - tinha o desfile cívico. Ensaiávamos a semana toda. Eram verdadeiras aulas de cidadania. Nessas sessões, cantávamos respeitosamente o Hino Nacional da Independência e outros alunos declamavam poesias. Havia também dramatizações (XIQUE-XIQUE, 2019).

Conforme Jitirana, apesar das riquezas minerais de Brumado, a educação levou muito tempo para se consolidar.

O ginásio só chegou aqui em 1958, com o Ginásio General Nelson de Mello. A ideia de trazer o ensino secundário para Brumado foi de Monsenhor Antônio da Silveira Fagundes. Ele era um homem visionário. Além do ginásio, do Curso Normal, da linha férrea, Monsenhor foi idealizador do Aeroclube, e recebeu um avião, um teco-teco que permaneceu na cidade por dois anos, para treinamento [Pausa] (JITIRANA, 2019).



Imagem 56 - Xique-Xique. Acervo pessoal.

Jitirana nos conta que:

Em conversa com o Monsenhor, ainda vivo, ele nos contou que nasceu em 21 de maio de 1915. Filho do Sr. Amélio da Silveira Fagundes e da Sra. Ambrosina da Silveira Fagundes ele apesar de ter nascido em São Felipe (BA) veio para Brumado no dia 18 de agosto de 1939, sendo considerado, por todos da cidade, como cidadão Brumadense já que foi responsável por inúmeros benefícios para o município. Entre os benefícios trazidos por Monsenhor, destaca-se a chegada da estrada de ferro, onde ele bateu o último cravo dos trilhos no dia 19 de abril de 1945. Além disso, colaborou na implantação do sistema de água, energia elétrica, estradas, televisão, entre outras. O Monsenhor, apesar da idade, sempre celebrava missas, e lutava para a preservação da memória cultural desse município que, vem se perdendo com o tempo. Monsenhor morreu aos 94 anos e deixou muita saudade (JITIRANA, 2019).

Percebo que o Monsenhor Antônio Fagundes teve uma grande influência no crescimento de Brumado e região. Era um homem à frente do seu tempo, buscando sempre inovações para o município. Sob seu empenho surgiu a Fundação Educacional de Brumado, entidade mantenedora do Colégio General Nelson de Mello, onde lecionou Latim e Psicologia e, vez por outra reunião todos os alunos para falar de assuntos diversos, uma vez que era um homem culto e de leituras constantes e atualizadas. Foi também graças a seus esforços, bem como a do major Valdir Magalhães Pires, que conseguiu ampliar o colégio que passa a oferecer o Curso Normal para formação docente no ano de 1962.



Imagem 57 - Monsenhor Antônio Fagundes. Enilson Meira.

Quanto ao colégio de Caculé, Palma (2019) nos narra que o mesmo foi fundado em 1954. Através de pesquisa, descobrimos que foi pelo Decreto nº. 15.913 de 2 de setembro de 1954, que o governador, Luiz Régis Pacheco Pereira, fundou o colégio de Caculé inicialmente denominado “Ginásio Norberto Fernandes”. Ainda conforme Palma:

O diretor do colégio foi o Professor Antônio de Meireles, formado na Escola Normal de Caetité. Era um homem justo e rigoroso. Tínhamos bons professores. O ensino era de qualidade. Estudávamos muito para acompanhar as matérias. A turma era muito unida e era comum emprestarmos os cadernos para complementar os apontamentos um dos outros (PALMA, 2019).

E continua:

Fiz admissão em Caculé, cursei a quinta e a sexta série lá, onde primeiro eu fiquei em uma casa, de hóspede, só eu. Era uma parenta de uma cunhada de minha mãe. Depois fui ficar com meu tio, José Viana, irmão de papai. Depois fui para Salvador, onde morei com meu irmão que havia se casado. Havia muitos professores bons. Dr. Vespasiano, de Matemática, padre Daniel, de Português e Latim, Professor Edmundo Silveira Souza, na função Instrutor de Canto Orfeônico, Dr. Deoclides, de História Geral, Dona Helena de Castilho ensinava Geografia, Dona Zélia Guimarães, Francês. (Silêncio). Em Salvador, fiz a terceira e a quarta série. Aí, eu perdi por três décimos no conjunto. Na época era assim. Então, repeti a quarta série, no mesmo colégio. Aí, tive que parar, pois adoeci. Como não melhorei, papai veio me buscar. Fiquei em Brumado, cuidando da saúde! Mas, até hoje agradeço ao nosso bom Deus, Dr. Altamirando e Dr. Esaú que descobriram... Fiz a quarta série e o Normal em Brumado, somos eu e Umbuzeiro da primeira turma de Professores de Brumado no ano de 1964! (PALMA, 2019).

Umbuzeiro, que também estudou em Caculé, diz que enfrentou muitos desafios pelos padrões machistas e patriarcais severos da época, mas, sem titubear, partiu em busca da realização de um sonho e narra que, tendo sido acometida por frequentes crises de asma em Livramento, foi aconselhada a ir concluir o ginásio em uma cidade mais quente, nesse caso Caculé. E assim, mesmo com tenra idade, não se amedrontou e sempre teve o respeito e apoio dos pais para alcançar suas metas. Ela narra que:

Em Caculé, fui para um hotel. Minha mãe foi me levar, fomos de trem. No dia seguinte minha mãe voltou e eu fui para o Colégio. O diretor da escola, Dr. Vespasiano, ao saber que eu ficaria no hotel, me levou para conhecer sua família e me convidou, junto a sua esposa, Dona Tosa, para morar com eles. Meus pais ficaram muito felizes. Eu fui acolhida como uma filha e nasceu uma grande amizade (UMBUZEIRO, 2019).

O hotel de “Dona Lia”, o qual Umbuzeiro se hospedaria, ficava na mesma calçada da casa de Dr. Vespasiano. Ainda na mesma praça, localizava-se a farmácia de Dona Tosa, onde Umbuzeiro, muitas vezes, ajudou no atendimento.



Imagem 58 - Balcão da Farmácia, 1958. Acervo pessoal.

Naquele tempo era assim, as pessoas se ajudavam mutuamente. Hoje não se vê mais isso. Todo mundo anda tão apressado. O tempo corre rápido. Naqueles tempos as casas viviam cheias. Foi Dr. Vespasiano, carinhosamente chamado de Dr. Vespa e Dona Tosa, a sua esposa que me deram acolhida. Eles tinham três filhas: Lícia, Lígia e Leda [suspiro]. Morava lá, Cassilda, irmã de Dona Tosa e Nadir sobrinha de Dr. Vespa. Eu não disse, mas Dr. Vespa era cirurgião dentista e Nadir também. Trabalhavam juntos no consultório. Cassilda tinha um atelier de costura e era tabeliã. Dona Tosa tinha uma farmácia onde eu aprendi muita coisa. A casa era pequena, muito simples, mas muito organizada. Havia um cardápio, e as refeições eram feitas com todos juntos. Tinha um guardanapo pra cada um (UMBUZEIRO, 2019).

A subjetividade dos depoimentos, as distorções nas falas, os erros, as omissões, os silêncios, a percepção, tudo isso passa a ser encarado de nova maneira, à medida que vão surgindo as recordações de fatos, marcas, experiências de vida. Ao narrá-los, registra-se novos sentimento seja de alegria, esperança, angústia, saudosismo, dentre outros. Percebo que, a cada narrativa, uma energia circunda entre nós, com tamanha intensidade que posso afirmar que novas emoções são vivenciadas. Dessa forma, a subjetividade torna-se força potente, passando a ser reconhecida, como valor de memória que não está na narrativa em si, mas na experiência vivida e revivida que pode ser registrada como sabedoria de vida.



Imagem 59 - As Amigas de Caculé, 1958. Acervo pessoal.

Apreendi muita coisa com Dona Tosa, Dr. Vespa e toda família. Era um pessoal simples, mas havia muitas regras de etiqueta. Sentávamos à mesa, todos com seu guardanapo. Eu fiz muito guardanapo com bainha aberta e alguns bordados. Dr. Vespa, além de diretor da escola, ensinava matemática. E Dona Tosa tinha a farmácia que eu costumava ajudar no balcão (UMBUZEIRO, 2019).

Continuando a narrativa, nossa protagonista retrata a escola,

A escola era muito boa. Mas muito diferente de Livramento. A turma ia viajar pra Brasília fazer um passeio da formatura do ginásio. Dr. Vespa não me deixou ir. Eu estudava muito, não podia desapontar. Foram só seis meses, mas fiz muitas amizades e aprendi muito com essa família que me acolheu e fez muito por mim (UMBUZEIRO, 2019).

A cada encontro, ouço narrativas que parecem levar a um outro espaço/tempo as professoras. Geralmente, ao término, agradecem e diz ter sido momentos ricos em que puderam reviver, revisitar momentos de suas vidas, trazendo uma nova e mágica sensação que lhes enche o coração de esperanças e agradecimentos pelas lembranças vividas.

Conforme a professora Catingueira,

Caetité, nome derivado da língua tupi que significa "mata da pedra grande". Essa cidade interiorana atualmente é conhecida pela exploração da única mina de urânio em produção no Brasil, explorada pela estatal Indústrias Nucleares do Brasil S.A. (INB), mas, no passado, fora diferente. Berço natal do educador Anísio Teixeira, nome de destaque da educação do Brasil, Caetité se popularizou como pioneira na educação regional, ao inaugurar a primeira Escola Normal do Sertão baiano. Por conta disso, foi identificada, durante muito tempo, como uma cidade polo cultural da região sertaneja da Bahia. Hoje em dia, a cidade tem até universidade, a UNEB! (CATINGUEIRA, 2019).

Segundo o IBGE (2018), Caetité é um município com uma população de cerca de 50.861 habitantes, e que, devido à altitude de 825 metros, possui clima ameno, apesar de situado na região semiárida da Bahia.

Tendo como um dos filhos mais ilustre, o professor Anísio Teixeira (1900-1971) que, além de jurista, intelectual, educador e escritor brasileiro, ocupou papel de destaque como personagem da história da educação do Brasil, difundindo os pressupostos do movimento escolanovista da educação, que tinham como princípio a ênfase no desenvolvimento do intelecto e na capacidade de julgamento, em preferência à memorização.

A cidade interiorana ficou conhecida como pioneira na educação regional ao inaugurar a primeira Escola Normal do Ato Sertão da Bahia e, por conta disso, foi identificada, durante muito tempo, como cidade polo cultural da região sertaneja da Bahia. Atualmente, Caetité é mais conhecida pela exploração da única mina de urânio em produção no Brasil, explorada pela estatal Indústrias Nucleares do Brasil S.A. (INB).

Carnaúba destaca que:

O município de Caetité, na verdade, até hoje referência educacional. A Escola Normal era bastante conhecida, principalmente pela fama de Anísio Teixeira. No entanto, meu pai conhecia muito a região de Itacira e a fama do IPN (Instituto Ponte Nova). E aí, eu fui estudar no IPN com 14 anos de idade. [suspiro] (Carnaúba, 2019).

E Bromélia rememora:

Quando cheguei em Caetité, meu pai e minha mãe me levaram para a casa das freiras. Ao me despedir deles, tive vontade de chorar! A freira me abraçou, eu pequenina (ainda sou, riso!) e me disse: - Que saudade dos paizinhos, né minha filha! (Olhos marejados, voz trêmula). Eu fiquei quatro anos estudando na Escola Normal Rural de Caetité. Lá, os alunos eram chamados por ordem alfabética. Meu número era 123, e tinha gente depois de mim [...] foram bons tempos e eu consegui, apesar da saudade e das dificuldades da época, me formar em professora (BROMÉLIA, 2019).

As memórias narradas, nessa primeira roda de conversa, trazem um pouco da infância e do contexto em que estão inseridas nossas protagonistas, compreendendo que as narrativas são lembranças vivas do passado, que nunca são somente individuais, mas inseridas num contexto familiar, social, nacional, coletiva, por conta das relações sociais às quais estamos inseridos.

Nossas professoras/protagonistas, ao narrarem suas memórias, trazem os lugares que ocuparam ao longo da vida. Seja como normalista ou como professoras, são lembranças de experiências e acontecimentos, uns agradáveis, outros nem tanto, mas tanto um como o outro, trazem marcas e, ao serem revividos, reelaborados pela memória, fazem com que reflitam, de

maneira que tais memórias reverberam em todo o ser. Parecem não acreditar que suas lembranças se constituem um manancial de saber, potência e desvelamento do que há muito esteve silenciado. Assim, é recorrente que eu as lembre que estamos fazendo história ao registrar as suas memórias. Memórias que serão úteis e se fazem necessárias para ampliarmos nosso olhar sobre a história da Escola Normal do Alto Sertão da Bahia, porque falam das experiências como marcas do que lhes atravessou, mexeram com suas emoções. Nesse sentido, Thompson (1981), corrobora dizendo que:

Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral (THOMPSON, 1981, p. 189).

Daí, como viventes de uma sociedade, estamos imbricados com o outro, compartilhando, muitas vezes, acontecimentos comuns, narrativas carregadas de emoções, vivenciadas até em um mesmo evento, porém, com experiências individuais. A memória é desempenha papel fundamental para nossa qualidade de vida, pois a capacidade de evocar lembranças possibilita nossa adaptação ao mundo, nossos relacionamentos sociais, o planejamento e a tomada de decisões. Nessa perspectiva, reconhece-se que narrar é uma atividade simultaneamente social, interpessoal e pessoal, o que justifica recurso a distintas orientações epistemológicas.

No próximo capítulo, abordo a luta e resistência das protagonistas da pesquisa, pelo estudo até a formação na Escola Normal.

CAPÍTULO II

A LUTA DA MULHER PELA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE

2.1 A inserção da mulher na escola no Brasil

Sempre houve distinção entre os filhos homens e mulheres. Aos homens cabiam o direito de sair, podiam jogar bola na rua, se divertir, escolher uma profissão, e aos 18 anos, era iniciado ao sexo. As mulheres, por sua vez, eram destinadas aos afazeres domésticos (cozinhar, bordar, costurar, etc.), a fim de fazer um bom casamento. As brincadeiras eram realizadas no quintal de casa, com bonecas [...]. Por muito tempo não tivemos direito à escolha. A sociedade era machista e tínhamos que acatar as ordens de nosso pai ou do irmão mais velho, e depois de casada ao marido (MACAMBIRA, 2019).

A fala de Macambira (2019) expressa a desigualdade no tratamento, entre homens e mulheres, imposta pela sociedade patriarcal e machista que, ao longo da história do nosso país, dificultou a participação da mulher nos espaços públicos ocupados pelos homens, colocando-a em posição subalterna e negando-lhe a possibilidade de realização pessoal. Para que possamos compreender a narrativa de Macambira, vamos nos reportar ao contexto histórico em que se deu, gradativamente, a inserção da mulher na escola.

No Brasil colonial, a sociedade patriarcal e agrária extremava essa diferenciação, criando um padrão duplo de moralidade, no qual o homem era livre e a mulher, um ser submisso. Esse padrão de moralidade permitia, conforme narrativa de Macambira, ainda no século XX, o direito ao homem de desfrutar do convívio social, oportunidades de escolha, enquanto que a mulher, mantinha-se subordinada e impossibilitada de tomar decisões de forma autônoma.

Desde a chegada dos padres jesuítas e da fundação da primeira escola de ler e escrever, em 1549, com a intenção de atender a “formação cultural da elite brasileira”, as mulheres¹⁵ foram excluídas. Podiam educar-se na catequese ou em conventos e raramente com preceptores que as ensinavam em casa.

Na verdade, para a concepção cristã e patriarcal da época, uma “boa” esposa seria aquela que estivesse preparada para cuidar do lar, do marido e dos filhos, pois a instrução feminina e sua inserção na escola, seriam uma ameaça aos lares e aos bons costumes.

Segundo Almeida (1998),

A mulher deveria cultivar-se para viver em sociedade e ser agradável ao homem, porém não poderia concorrer com ele profissional e

¹⁵ Me refiro aqui as mulheres, que mesmo não sendo da elite, tiveram possibilidades de estudar.

intelectualmente, pois isso seria ultrapassar os limites da segurança social e ela representaria um risco, se lhe fosse dado liberar-se economicamente do marido ou dos pais e tornar-se lhe igual no intelecto (ALMEIDA, 1998, p. 119).

As mulheres da colônia não tinham liberdade de escolha ou de decisão, eram mantidas dentro do lar e se integravam à sociedade colonial por sua capacidade reprodutiva. Cabia à mulher a organização de festas e a procriação, o que representava subjetivamente os propósitos da política de povoamento da colônia, com fins de proteção das fronteiras.

Nesse sentido, Umbuzeiro nos narra que:

Minha avó não frequentou escola, mas gostava muito de ler. Ela ficava lendo até tarde sob a luz de um fífô. As páginas dos romances ficavam chamuscada pela fumaça. Ela lia até os jornais com notícias atrasadas. Queria se manter informada. Era uma mulher forte, que se casou com seu tio idoso que já tinha filhos. Com ele, ela teve um único filho, meu pai, e o criou viúva (UMBUZEIRO, 2019).

Assim como a avó de Umbuzeiro, muitas mulheres não puderam frequentar a escola, sendo-lhes negado o direito de aprimorar o conhecimento e a cultura. Durante o século XIX, com a criação das Escolas Normais, se inicia o processo de profissionalização do Magistério feminino, o qual foi caracterizado por exigências de cunho moral e disciplinar e poucas exigências quanto à qualidade da profissão (DEMARTINE; ANTUNES, 1993; VILLELA, 2006). Nossa professora/protagonista, Umbuzeiro, nos conta que sua avó aprendeu a ler e escrever com os pais e que, seu casamento com seu tio, um senhor idoso, foi arrumado por questões de interesse e negócios, tendo ela aceitado sem questionar. De acordo com Ribeiro (2000), tais costumes, ligados à submissão feminina, são resultado da influência da tradição ibérica, transposta de Portugal para a colônia brasileira.

Jitirana narra que,

Os pais de minha avó eram de origem portuguesa, muito católicos, e o casamento dela foi arranjado [...] apesar de ter um gênio forte, ela aceitou sem contestar a decisão de seus pais, em benefício da família. Naquele tempo era assim, a sociedade funcionava assim [...] conheço muitos casamentos que foram arranjados e deram certo. O amor foi sendo construído aos poucos [...] outros, no entanto, deixavam as mulheres tristes e depressivas e os homens [...] ah! A eles era permitido uma vida fora de casa [...] depois foi mudando um pouco tudo isso [risos] (JITIRANA, 2019).

Tal afirmativa ressalta o caráter submisso em que muitas mulheres se encontravam mediante as influências, sobretudo da igreja e mesmo sendo a avó de Jitirana “*exigente e de gosto refinado, em respeito aos pais, se casou com um tio idoso, rico e cheio de filhos*” (JITIRANA, 2019).

Nesse contexto, as mulheres brasileiras se mantinham submissas à Igreja, ao pai e ao marido, cuja autoridade era legitimada e, frequentemente, reforçada pelos discursos religiosos. As bases da educação da mulher brasileira, que influenciaram nossa cultura por vários séculos, foram construídas a partir das ideias apregoadas pela maioria dos intelectuais masculinos, ao longo dos séculos, e que tão fortemente eram impregnados por padrões europeus a respeito da educação feminina.

Conforme Ribeiro (2000), mesmo depois da expulsão dos jesuítas, em 1759, e da implantação da Reforma Pombalina da Educação em Portugal e em suas colônias, a educação destinada às mulheres restringia-se ao lar, à serventia doméstica.

Bromélia reflexiona e diz que:

Os homens tinham privilégios “mandavam no figurino” naquele tempo! Os trabalhos domésticos só eram feitos por mulheres que não podiam sair de casa sozinhas, nem mesmo para estudar. Não podiam viajar sem a companhia masculina [...]. Para aquela época, acho que devia tá certo pois a mentalidade era muito diferente [...] nós não tínhamos transporte, nem estradas, nem meios de comunicação e cabia ao pai nos acompanhar e, quando este não podia, um irmão mais velho, acompanhava (BROMÉLIA, 2019)

Foi o escritor português Gonçalo Fernandes Trancoso quem criou, na época, “O Abecedário Moral”, que continha, em cada letra, o padrão de comportamento feminino socialmente desejado para a sociedade, dedicado às mulheres que pretendiam aprender a ler (RIBEIRO, 2000).

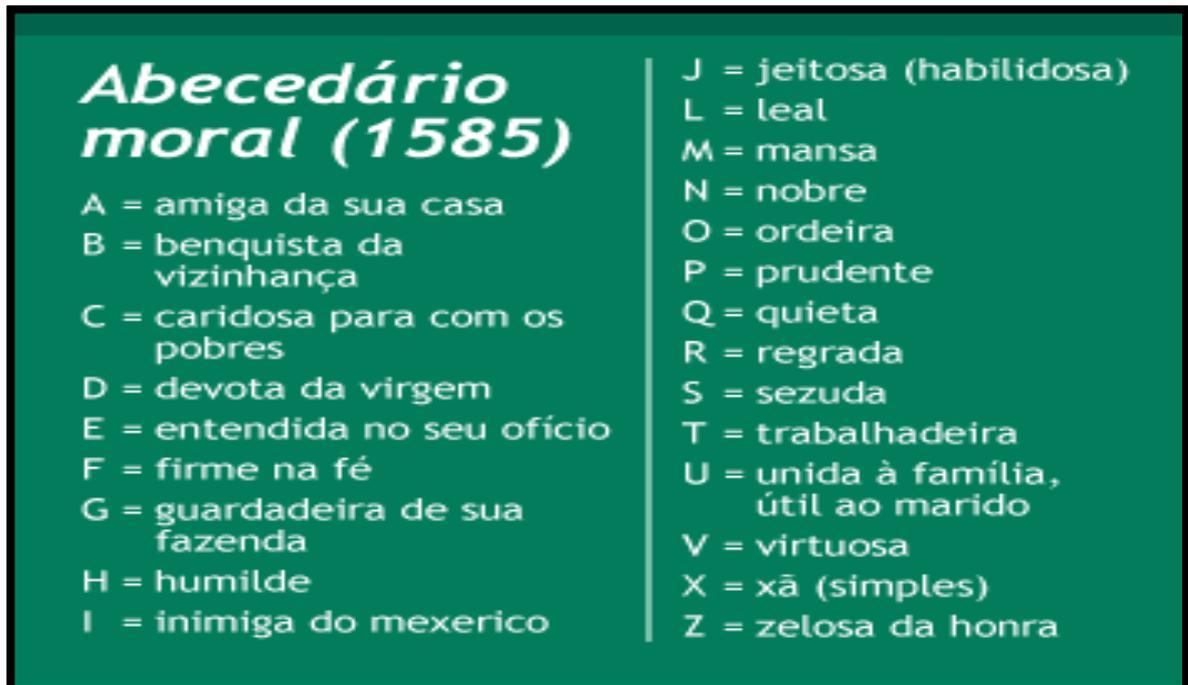


Imagem 60 - O Abecedário Moral, 1585.

Macambira diz ter sido criada em família matriarcal e por isso nunca sentiu qualquer forma de menosprezo a figura da mulher, e diz como num desabafo:

Em minha família as mulheres sempre trabalharam e se sustentavam desde cedo. Minha mãe e tias, representaram pra mim a força da mulher que sempre se esforçou para dar condições aos filhos para estudarem, vencendo muitas adversidades, mas sempre vivendo de acordo com os “padrões” morais e culturais da época (Macambira, 2019).

Sua narrativa nos parece importante para pensarmos quantas mulheres, nesse e em outros períodos, criaram e criam, até hoje, sozinhas seus filhos e filhas. Macambira nos diz ainda que começando a trabalhar desde tenra idade pode ajudar na educação de seus irmãos.

Os dados mais atuais sobre a participação feminina no mercado de trabalho são do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que apontam um aumento do percentual de domicílios brasileiros comandados por mulheres, de 25%, em 1995, para 45% em 2018. Entretanto, a maior responsabilidade por suas famílias, não resultou em melhorias na renda e oportunidades de trabalho, pois dentre as famílias chefiadas por mulheres, 11,28% recebem renda per capita mensal de até ¼ de salário mínimo.

Dentre os séculos XVI e XVII, conforme Saffioti (1976), em algumas regiões do Brasil, a maioria das mulheres não sabia sequer falar a língua portuguesa e, nem mesmo com a chegada da Família Real, em 1808, e as inovações culturais promovidas por Dom João VI, a educação feminina sofreu mudanças.

As famílias abastadas geralmente “importavam”, naquela época, de Portugal, da França e até da Alemanha, educadoras as quais chegavam a sofrer com as tensões em relação à respeitabilidade social, à moralidade sexual e à autonomia, geralmente por serem livres, solteiras e desempenharem um trabalho remunerado. A preceptora, representava uma constante ameaça aos valores e à estrutura familiar.

Não é por acaso que, na literatura do período, existem tantas associações da preceptora como mulher que busca sua independência, às imagens de louca, de prostitutas, vistas também como seres fronteiros (VILLELA, 2000, p 112).

Quando passa a ser permitido o ingresso das mulheres na escola, elas se deparavam com um currículo diferenciado ao dos homens, que tinham aulas de línguas e álgebra, além das aulas elementares, enquanto que às garotas eram reservadas aulas de costura, bordados, canto e até orações.

Foram criadas poucas escolas femininas, em que se ensinava exclusivamente para as moças pertencentes a grupos sociais privilegiados. Portanto, as mulheres não eram formalmente proibidas de frequentar as escolas, mas acabavam sendo excluídas, em sua maioria, da formação intelectual oferecida aos homens. Um dos mecanismos de exclusão do saber se operava pela redução do conteúdo do currículo das escolas para as meninas da elite, que se destinavam mais ao ensino das prendas domésticas, às orações e aos rudimentos de leitura. [...] O currículo incluía os “trabalhos de agulha” e “prendas do exercício doméstico” (VILLELA, 2000, p.111 e 119).

A adoção de um currículo diferenciado, para a educação das mulheres era justificada devido ao papel que era reservado à mulher nessa sociedade de costumes patriarcais e aos preconceitos quanto à sua capacidade intelectual. Nesse sentido, Juazeiro nos diz que:

Percebe-se o machismo impiedoso, que prevaleceu por tanto tempo causando sérios problemas na família, podando as jovens de serem elas mesmas, sem coragem de reagirem à autoridade paterna. Quantas jovens abandonaram as famílias, fugindo de casa em busca da sonhada independência que geralmente era mera ilusão? [...] Lá fora, o jugo masculino predominava, obrigando-as a uma vida de submissão e anonimato. Se exceções surgissem, eram de meninas destemidas e inteligentes, surpreendendo os pais, reclamando seus direitos e criticando o modelo e formação para as filhas. Era a voz da mulher, contra a opressão, como a dizer “Estou aqui, sou gente, sou filha!” (JUAZEIRO, 2019).

Bromélia acrescenta:

Antigamente a mulher era tratada como “sexo frágil”, não só fisicamente como também para resolver problemas financeiros. Isso era fruto da sociedade da época. Lembro-me que minha mãe não envolvia nos negócios de meu pai, não que ele não deixasse, mas ela achava que tudo estava bom a sua maneira. Achavam que a mulher tinha que ficar em casa, cuidando dos filhos, do marido, da culinária e dos trabalhos manuais, coisas que faziam muito bem e com prazer, mas minha mãe não deixava de exercer seu posicionamento e sabedoria, na administração das finanças e cuidados para com os filhos, os parentes e amigos mais próximos [...] hoje sabemos que a mulher é tão capaz, e às vezes, até mais que certos homens [...]! (BROMÉLIA, 2019).

Quanto a essa questão, Mandacaru se expressa dizendo:

A mulher nunca foi sexo frágil! Não passa de uma falácia. Minha mãe, por exemplo, apesar de ter tido uma infância difícil (órfã de mãe desde cedo), casou-se cedo, e foi o braço direito de meu pai. Ele era sapateiro e ela costureira, complementando a renda familiar fazendo salgados. Administrava financeiramente, organizava o lar como ninguém e cuidava da nossa educação. Toda a economia da casa era administrada por ela com sabedoria e obediência a Deus (MANDACARU, 2019).

Posso inferir nessas narrativas, quão forte foram as ideias apregoadas de que a mulher era incapaz de aprender ou realizar atividades anteriormente cabíveis somente aos homens. Tais

narrativas revelam o quanto nossas protagonistas vivenciaram em casa, com suas mães, avós e tias, a importância das mesmas na administração do lar e na condução educacional dos filhos, mostrando que a mulher não era um sexo frágil, e que essa frase não passa de uma falácia, uma ideia disseminada na sociedade patriarcal da época que infelizmente, ainda hoje é fortalecida por atos e falas daqueles que se prendem ao patriarcado.

Nesse sentido, a inserção da mulher, na escola em nosso país, foi marcada por muitas dificuldades devido ao patriarcado, o machismo, a intolerância e menosprezo à mesma, no entanto, quando emerge na sociedade o interesse e necessidade do Estado moderno por mão-de-obra barata, facilmente se constrói um discurso que concilia o papel da mulher à professora nata e abnegada, mãe espiritual das crianças, pois, para que a escolarização se democratizasse era preciso que o professor custasse pouco.

Assim, no início do século XX, não foi coincidência o discurso dirigido às mulheres como abnegadas, dedicada, altruísta (CATANI, 1997, p. 28-29), uma vez que sua inserção ao Magistério, foi uma forma de convocação das mesmas para assumirem uma profissão que não lhe abonasse a conduta e contribuísse com o acirrado sistema produtivo que se iniciava.

Dessa forma a mulher passa a ser considerada uma educadora nata, abnegada, dedicada, podendo exercer a profissão de professora, reportando-se aos alunos como se fossem filhos, podendo trabalhar em escolas, casas particulares ou em suas próprias casas, ou seja, sempre em ambientes fechados que a protegesse. Entretanto, ainda não era permitida a sua entrada em cursos universitários, devendo se limitar ao ensino infantil e primário.

Diante das mudanças exigidas pelas transformações do capital, posso dizer que a profissionalização da mulher, enquanto professora primária, se deu de forma rápida, apesar da formação docente e a institucionalização das escolas no Brasil sempre enfrentarem obstáculos e resistência do poder público à designação de verbas para implantação e manutenção das escolas, pois o interesse do capitalismo é sempre mais urgente.

2.2 A Escola Normal e a Feminização do Magistério

[...] Quando surgiu a oportunidade de sair de casa para estudar, recebi essa notícia com muita alegria. Eram muitos os desafios a serem enfrentados, mas pra nós era uma sensação de liberdade que aguçava nosso espírito aventureiro herdado de nossos antepassados, desbravadores do sertão (CARNAÚBA, 2019).

Carnaúba expressa, em sua narrativa, a vida da mulher brasileira, que sofreu com o machismo da época em que era negada à mesma, o direito de escolha. A chegada da Escola

Normal significou para as nossas professoras/protagonistas, uma oportunidade de vislumbrarem o mundo e mostrarem sua capacidade de ir além das prendas domésticas.

Nesse sentido, foi a partir do século XVIII, na Europa, num cenário marcado por diversas transformações advindas da Revolução Industrial (período de transição do feudalismo para o capitalismo) que surgiu a necessidade de se pensar a educação como reprodutora de classes e grupos sociais, bem como a de instituição formadora de cidadãos aptos para a produtividade social.

Seria objetivo da escola,

Dar vida a um sujeito humano socializado e civilizado, ativo e responsável, habitante da cidade e capaz de assimilar e também renovar as leis do Estado que manifestam o conteúdo ético da sua vida no homem-cidadão (CAMBI, 1999, p. 326).

Assim, Bromélia destaca que:

Aqui, no Alto Sertão, só havia a Escola Normal de Caetité, cidade que naquele tempo era conhecida como “A Princesinha do Sertão”. Ser normalista, naquela época, era privilégio de poucas. Era muito importante se formar em professora. Aliás, eu ainda acho que é até hoje, para a pessoa, a família, para a sociedade, pois o professor ensina, mesmo sem perceber que está ensinando (BROMÉLIA, 2019).

Bromélia apresenta, em seu relato, a importância do surgimento da Escola Normal no Alto Sertão da Bahia, vista como privilégios para poucos, orgulho para a família e de grande relevância para a sociedade. Destaca ainda a importância do professor, pois ele “*ensina mesmo sem perceber que está ensinando*” (BROMÉLIA, 2019).

No contexto de acirradas transformações de uma sociedade agrária, para um crescente processo de urbanização decorrente da acelerada industrialização, se origina as Escolas Normais como instituição capaz de propiciar a adequada formação de mão de obra qualificada para o trabalho. Embora desde o século XVIII se discutisse a educação universal, foi no século XIX que se concretizaram iniciativas do Estado para estabelecer a escolarização elementar universal, gratuita, laica e obrigatória.

Segundo Saviani (2009), a primeira instituição com o nome de Escola Normal foi proposta em Paris, pela Convenção Nacional de 1794, através do decreto do 9 Brumário, sendo instalada no ano seguinte, 1795. Tal decreto, estabelecia em seu primeiro artigo que seriam convocados, de todas as partes da República, cidadãos já instruídos nas ciências úteis, para aprender com os professores mais hábeis de todos os gêneros, a arte de ensinar (Decreto 9 Brumário, 1794, apud Saviani, 2009).

Nesse sentido, se introduziu a distinção entre Escola Normal Superior com objetivo de formar professores de nível secundário e Escola Normal para o ensino primário. A partir daí,

foi que Napoleão Bonaparte, ao conquistar o Norte da Itália, fundou a Escola Normal Superior de Paris, nos mesmos formatos da francesa, a qual se destinava à formação de professores para o ensino secundário. No entanto, na prática, se transformou em uma instituição de altos estudos, não se preocupando com o preparo didático-pedagógico tão necessário para a formação do professor.

O formato institucional da Escola Normal foi se espalhando pelos demais países que vivenciavam o conjunto de ideias iluministas, atrelada às necessidades imperativas da expansão e qualidade do ensino primário para as classes populares, orientada pelos valores da modernidade, marcada por mudanças de diversas ordens.

A criação da Escola Normal, na Europa, portanto, está vinculada à criação dos Estados Nacionais e à institucionalização da instrução pública no mundo moderno. Embora as raízes da Escola Normal remontem ao período da Reforma e Contrarreforma, com as experiências de formação de professores de Jean Baptiste de La Salle, foi com a Revolução Francesa que ela se efetivou.

No Brasil, no ano de 1831, num contexto de conflitos acirrados, de transição entre o que os historiadores brasileiros denominam de 1º reinado para o 2º reinado, Dom Pedro não resistindo às pressões, abdica do trono em função de seu filho, causando a primeira crise política do Brasil. Dessa forma, para amenizar os conflitos, aprovou-se o Ato Adicional de 1834, quando se torna responsabilidade e competência das Províncias a implantação e organização da instrução pública primária e secundária e a formação do professor (Saviani, 2005). Ou seja, caberia às províncias organizar e zelar pela educação básica e, ao governo central, apenas o ensino superior.

A primeira Escola Normal foi inaugurada em Niterói, Rio de Janeiro, em 1835, de acordo ao Ato Adicional de 1834, Artigo 1º, que diz:

Haverá na capital da Província, uma Escola Normal para nela se habilitarem as pessoas que se destinarem ao Magistério da instrução primária e os professores, atualmente existentes, que não tiverem adquirido necessária instrução nas escolas de ensino mútuo, na conformidade da Lei de 15/10/1827 (BRASIL, ATO ADICIONAL DE 1834, p. 25).

O Artigo 2º, diz ainda que a escola deveria ser regida por um diretor, que também será o professor, tendo como designo desenvolver o seguinte currículo: ler e escrever pelo método lancasteriano; as quatro operações e proporções; a língua nacional; elementos de geografia; princípios de moral cristã. Os pré-requisitos para ingresso limitavam-se a "ser cidadão

brasileiro, ter 18 anos de idade, ter bons hábitos, saber ler e escrever" (BRASIL, DECRETO DE CRIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL 1835 – nº. 10).

No final do século XIX, a República Velha já demonstrava interesse com a implantação dos grupos escolares, o que era visto como sinônimo de avanço na modernização da educação primária. Entretanto, diante dos inúmeros problemas sociais enfrentados por um país de economia agrária, escravocrata e elitista, tais preocupações foram postergadas, não havendo interesse por investimentos na educação, sobretudo na difusão da Escola Normal, motivo pelo qual seu funcionamento foi irregular, pois embora a escola tivesse sido difundida como caminho para organizar a instrução do povo, ela foi implantada com desprestígio, não gerando interesse na população, nem tão pouco político.

A partir dos anos de 1920, o número de mulheres, nas Escolas Normais, supera o número de homens (FARIA FILHO, MACEDO, 2004; LOURO, 1997). No entanto, o aumento da figura feminina no universo dos Cursos Normais trouxera problemas para os governantes, considerando-se que, desde a primeira escola não se previa a presença feminina, mesmo que existissem determinações legais que asseguravam esse direito (DEMARTINE; ANTUNES, 1993).

De acordo com Louro (1997), Demartini e Antunes (1993), o fato de poucos homens ocuparem o espaço da sala de aula, ou ao ocupá-lo ser por pouco tempo, se dava porque os mesmos eram convocados a exercerem cargos de diretor, inspetor, dentre outras funções que lhes davam poder. Nessa perspectiva, os autores consideram importante buscar compreender que a feminização do Magistério não pode ser entendida como um consentimento e abandono dos homens.

Para Louro (1997), as mulheres não participaram de forma ativa no processo de feminização, no entanto buscavam sua inserção em uma carreira profissional assalariada, que lhe fornecia um prestígio para a época, embora o Magistério não oferecesse condições de trabalho adequadas e os salários fossem baixos.

Nessa perspectiva, ao analisar a criação da Escola Normal, no Brasil, Nóvoa (1991) salienta que elas representaram uma grande conquista do professorado e que essas instituições “estão na origem de uma verdadeira mutação sociológica do corpo docente: o ‘velho’ mestre-escola é definitivamente substituído pelo ‘novo’ professor da instrução primária” (NÓVOA, 1991, p.15).

Conforme Juazeiro,

Naquela época, depois do exame de admissão, já começávamos o Curso Normal. Do 1º ao 5º ano. Isso até os anos de 1953, 1954. Daí, quando foi para o Instituto Anísio Teixeira, já eram as quatro séries do

ginásio, para depois fazer o pedagógico. Eu entrei com 13 anos. Fiz o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano (JUAZEIRO, 2019).



Imagem 61 - A Escola Normal em Niterói, 1835.

Bromélia reitera:

Ao todo eu fiquei 5 anos morando na casa das freiras em Caetité. A cada ano do Curso Normal, nós bordávamos um pontinho na blusa para diferenciar uma turma de outra. Cada uma fazia o pontinho do jeito que sabia (BROMÉLIA, 2019).

De acordo com nossas professoras/protagonistas, o Curso Normal de preparação para professores no início dos anos 50, era realizado em 5 anos. Com o término do curso primário, faziam o exame de admissão e mais um ano do curso complementar, ministrado somente nos Grupos Escolares, daí poderiam ir para a Escola Normal que era dividida num ciclo geral ou propedêutico de três anos e em um ciclo profissional de dois anos.

Nesses ciclos, as ideias e princípios escolanovista eram adotadas, bem como um conjunto de normas didático-pedagógicas, as quais inspiraram a introdução de novas disciplinas de formação profissional - além da Pedagogia, da Psicologia e da Didática -, como a História

da Educação, a Sociologia, a Biologia e Higiene, o Desenho e os Trabalhos Manuais (NAGLE, 1974, p. 221).

Ainda conforme nossas narradoras, Juazeiro e Bromélia (2019) após os anos de 1950 e 1953, a Escola Normal de Caetité passou a se chamar Instituto de Educação Anísio Teixeira. Nesse período, tendo como governador da Bahia, Octávio Mangabeira, e como instrutor público Anísio Teixeira, o Estado adquire o terreno onde ainda hoje está instalado, em Caetité, o IEAT (Instituto de Educação Anísio Teixeira). Anísio Teixeira tinha a intenção de implantar o projeto de educação integral nos moldes que implantou na capital, no entanto, somente foram construídos o prédio escolar, a escola de aplicação e o ginásio.

Juazeiro reflexiona e nos diz:

Foi de grande sentido me formar professora pela Escola Normal Rural de Caetité! Especialmente por ter sido uma época de tantos desafios, tantas carências! Pequenos sonhos realizados, mas com sabor de vitória. Valeu a pena! Andei a pé, de carro de boi, carroceria de caminhão e cheguei aqui.... Cresci como pessoa, aprendi a entender melhor as limitações do outro, combati as minhas, a fim de ser o mínimo de luz para o outro. Fui referência para a minha família, na minha terra.... Cresci profissionalmente e meus alunos me ensinaram amar! Amei-os por isso! Conclui que na vida nada acontece por acaso, a mão de Deus nos conduz! (JUAZEIRO, 2019).

A Escola Normal e a formação de professores, portanto, são atravessadas pela configuração social, que tem o papel de definir o sujeito, seja por meio das relações de poder entre professores e alunos, seja na forma pela qual concebe a aprendizagem e transmite o saber. O surgimento da Escola Normal está estritamente ligado aos interesses e projetos capitalistas, ao ditar diretrizes para adaptação à civilização industrial e à reprodução da ideologia dominante, vinculando-se diretamente à preparação das classes populares ao sistema fabril a partir da formação de subjetividades.

Nesse sentido, o processo histórico de profissionalização do Magistério primário, deriva do conjunto de normas e valores que foram atribuídos a atividade do ensino, com a criação de um corpo de conhecimentos e técnicas necessárias para orientar esse ser e fazer (NÓVOA, 1999; LIMA 2006).

O movimento de laicização do ensino e de demanda por escolarização provoca o controle do Estado sobre os docentes, que deveriam realizar uma formação específica e especializada nas Escolas Normais. A inserção da mulher na escolarização foi incentivada pelo processo de industrialização, pela abolição do trabalho escravo e pelo surgimento de uma nova forma de mão-de-obra, os assalariados.

Com o processo de industrialização e com tantas cobranças advindas das leis e decretos, os salários irrisórios e a condições precárias do ensino, os homens vão abandonando, pouco a

pouco, o Magistério, sobretudo o ensino primário (DERMARTINI; ANTUNES, 1993, FARIAS FILHO, LOURO, 2003). Dessa forma, o surgimento da Escola Normal está associado, não apenas à necessidade da profissionalização dos docentes, num tempo de institucionalização da instrução pública no mundo moderno que se construía sob o signo da ordem social burguesa, mas como lócus especializado em formar professores para o ensino primário, perpassada por toda uma conjuntura sócio-política, que vai além de questões de cunho meramente pedagógico (SCHAFFRATH, 2008, p. 146).

Dessa maneira, Mandacaru menciona:

A importância em me tornar professora foi poder além da realização pessoal, um meio de sustento e de contribuição para a construção de uma sociedade mais justa. Para as famílias era um motivo de orgulho e ser professora era motivo de respeito. Uma conquista que devo a Deus e aos meus pais, por eu ter ajudado na formação de muitos homens de bem (MANDACARU, 2019).

Para a democratização da escola, era preciso que a mulher, enquanto professora, fosse reconhecida em sua capacidade, buscando exaltar qualidades que antes eram só dos homens. Dessa forma, diante às novas configurações sociais, novos empregos que surgiam para a figura masculina, eles começam a abandonar o Magistério primário, demandando do Estado a missão de convencer a população da adequação feminina ao mesmo (RAGO, 2013). Foi a partir do discurso moralizador disseminado pelo Estado, que aos poucos, a visão da professora como sedutora e pecadora vai sendo desconstruídos, e no lugar, se constrói a noção de um ser “naturalmente” puro, o que propicia a mulher um novo estatuto social feminino para o Magistério fazendo emergir mecanismos de controle e discriminação, enraizando as ideologias de interesse do capital.

Juazeiro narra que:

As aulas eram em nosso pátio, pois no pátio dos rapazes funcionava a escola primária. A maioria sempre foi de mulheres em busca do Magistério. [...] Naquela época era nossa única opção e também uma grande oportunidade de profissionalização. Uma honra para as famílias que pudessem encaminhar os filhos à Escola Normal. Geralmente, eram mais moças, mas tinha um ou outro rapaz também. Em Caetité, eu ficava na casa de minha tia. Era um pensionatozinho muito simples, que recebia parentes ou pessoas bem íntimas da família. Ficavam 6 a 7 alunos. Até isso naquele tempo era diferente! Destaco a amizade, o convívio muito prazeroso. As paqueras, de muitas saíram casamentos. Foi um tempo bom. Amizades verdadeira. Muita cumplicidade, em um tempo difícil (JUAZEIRO, 2019).

A Escola Normal tornava-se um argumento de dupla importância, na medida em que era uma instituição que condensava um saber pedagógico vinculado, tanto às aulas elementares

propriamente ditas, quanto à estrutura da administração da instituição pública estadual. A instituição social da mulher ao Magistério, a atuação dos agentes da política educacional é de importância fundamental na construção de significados e imagens positivas da professora.

Para a professora Mandacaru,

Ser professora em primeiro lugar, se deve ao fato de Monsenhor Antônio Fagundes ter fundado o Ginásio Nelson de Melo onde havia, em anexo, o Curso Normal. Foi uma oportunidade ímpar para mim que possuía, na imagem de minhas professoras do ensino primário da Escola Getúlio Vargas, um exemplo a ser seguido, pela dedicação e sabedoria que eu tanto admirava e que até hoje guardo muitas recordações carinhosas. Eram professoras formadas na Escola Normal de Caetité que era uma referência para todo o sertão. Eram mulheres educadas, inteligentes, cheias de amor pra dar e, além de tudo, com uma bagagem de conhecimento que faziam questão de nos transmitir com toda docilidade que era necessária para se aprender no curso primário. Posso afirmar que dessa época só trago boas recordações e que me serviram de exemplo para me tornar uma professora (MANDACARU, 2019).

Ou ainda, segundo narrativa de Jitirana:

Eu sempre quis ser professora como minhas irmãs. Gostei muito de estudar no Curso Normal, pois adquirir conhecimentos que abriram muitas portas e me fizeram ser a pessoa que sou hoje. Grata a Deus pela oportunidade de atuar como professora que é a base de todas as outras profissões! Minhas irmãs já eram professoras e eu aprendi muito com elas [...] mesmo antes de formar, eu dei curso. Alfabetizava e ensinava matérias para o pessoal que queria fazer o concurso de professor leigo. Minha turma do Magistério só tinha quatro homens, o resto era uma mulherada só. Éramos e ainda hoje, somos unidos. Apesar de cada um seguir seu caminho, mantemos um grupo no WhatsApp e temos notícias uns dos outros. [...] Quando eu estagiei, foi em dupla. Estagiamos na escola Monsenhor Fagundes, na quarta série. Foi muito importante. Atualmente, denominado “Colégio Estadual de Brumado”. Gostamos muito do estágio. Éramos boas estagiárias, muito compenetradas. No encerramento do estágio, foi realizada uma festa com troca de presentes, lembrancinhas. Me lembro de que recebi um álbum de presente da professora! (JITIRANA, 2019).

Jitirana, depois de concluir o Magistério no Curso Normal Dr. Pompílio Leite em Brumado, vai para a capital e cursa Pedagogia na (UCSAL) Universidade Católica de Salvador. Ao retornar, para Brumado, assume a disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado no CEB¹⁶(Colégio Estadual de Brumado). A fotografia abaixo é do início de sua carreira docente e nela, Jitirana está com um vestido de cor bege com bordados de ponto cheio. As formandas do CEB estão com a farda do estágio. Uma calça azul e uma bata, com tiras bordadas, toda branca. Jitirana nos conta que cada turma escolhia a farda para estagiar e geralmente havia muita discussão até o consenso.

¹⁶ Ao retornar da capital com o curso de Pedagogia, Jitirana vai ensinar no Curso Normal do CEB.

Conforme nossas professoras/protagonistas, se a feminização implementada pelo governo à sociedade foi uma estratégia para expansão da instrução pública, tal fato se constatou na medida em que, eram poucos os homens que optavam em fazer Magistério.



Imagem 62 - Formandas do CEB e a professora Jitirana, 1970. Acervo pessoal.

2.2. A Criação da Escola Normal

A Escola Normal, para nós sertanejas, trouxe uma nova perspectiva de vida. Num “sertãozão” como o nosso, ser professora era a realização de um sonho que, aos poucos, ia se transformando em realidade (CATINGUEIRA, 2019).

Segundo Catingueira, ser professora, no Alto Sertão da Bahia, era algo a ser comemorado por toda a família, pois na época ser educador ou educadora, era referente a ser um Médico nos dias atuais.

A Escola Normal, no Alto Sertão da Bahia, tardou a chegar e, quando aconteceu, foi vista como um grande acontecimento por toda a sociedade, pois a ela estava vinculado o sentido

de desenvolvimento e progresso para toda a região. Para entender o sentido da fala de Catingueira, se faz necessário revisitar o contexto histórico em que se deu tal acontecimento.

Foi nos anos de 1895, com a Lei nº 117, de 24 de agosto, que a Escola Normal passou a apresentar uma estrutura unificada, porém é sabido que o percurso da formação docente e instauração das Escolas Normais no país, foi longo e intermitente, sofrendo com os períodos de estagnação, retrocessos, falta de recursos e políticas de governo adversas.

Por mais que houvesse uma ambição de um ensino comum e democrático, isso não se efetivou de fato, pois, a escola era para a classe chamada elite uma vez que *“o seu programa, o seu currículo, mesmo na escola pública, era um programa e um currículo para privilegiados”* (TEIXEIRA, 1977, p. 29); acresce-se a isso, a insuficiência do número de vagas para a matrícula e a falta de estrutura do espaço escolar,

As escolas brasileiras estão com efeito a ser buscados pelo povo com ansiedade crescente, havendo filas para a matrícula, da mesma natureza das filas para a carne. Os turnos se multiplicam, os prédios se congestionam, os candidatos aos concursos de admissão são em número muito superior aos das vagas e as limitações de matrículas constituem graves problemas sociais, às vezes até de ordem pública (TEIXEIRA, 1977, p. 33).

Anísio Teixeira (1977), como crítico da educação seletiva, demonstrava que o sistema educativo funcionava apenas para uma parcela da população e isso significava que tais instituições não foram criadas visando o progresso social e a subversão da estratificação social dominante, mas para perpetuar as desigualdades.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pelas ideias da extensão universal do processo de escolarização através do Estado, no qual os indivíduos sem escolaridade se transformavam em cidadãos esclarecidos, base do movimento denominado de “entusiasmo pela educação”, vertente que atinge seu ápice na década de 20.

Em meio ao cenário marcado pelas transformações políticas, econômicas e sociais inerentes à crise internacional e econômica de 1929 e da reordenação política nacional, devido ao Golpe de Estado de 1930, surge o projeto de reconstrução da educação do Brasil. Diante a todos esses problemas, emerge a iniciativa de se pensar e organizar uma nova educação para o Brasil, no intuito de preparar a sociedade para o futuro. Destaca-se assim, a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública no governo de Getúlio Vargas.

Em 1932, é lançado o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, preconizando a reconstrução social da escola na sociedade urbana e industrial. Junta-se a isso a sanção de

decretos organizando o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes que ficaram conhecidos como “Reforma Francisco Campos”.

Nesse contexto, nasce o movimento escolanovista, que, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932, criticaram a falta de investimentos e infraestrutura para as Escolas Normais, vistas aos olhos dos pioneiros da educação como descuidadas,

[...] como se a função educacional, de todas as funções públicas a mais importante, fosse a única para cujo exercício não houvesse necessidade de qualquer preparação profissional. Todos os professores, de todos os graus, cuja preparação geral se adquirirá nos estabelecimentos de ensino secundário, devem, no entanto, formar o seu espírito pedagógico, conjuntamente, nos cursos universitários, em faculdades ou escolas normais, elevadas ao nível superior e incorporadas às universidades (MANIFESTO de 1932, apud SAVIANI, 2010, p.200).

O movimento dos Pioneiros da Educação Nova foi a primeira iniciativa de se implantar um modelo de educação inovador através do qual, intelectuais, educadores e pensadores, repensaram e criaram todo um projeto de educação para o Brasil, registrando-o sob o título “A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo”.

Tal documento foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado, dentre outros, por personalidades como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Heitor Lira, Carneiro Leão, Cecília Meireles e A. F. de Almeida Júnior, circulando em âmbito nacional com a finalidade de oferecer diretrizes para uma política pública para a educação em nosso país.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação, preconizava a escola como instituição formadora, capaz de promover a emancipação humana a partir da consideração da diversidade e valorização dos sujeitos, devendo para isso manter relação com o entorno escolar. Favoráveis a uma educação pública, gratuita, mista, laica e obrigatória, em que o Estado teria, como papel, responsabilizar-se pelo dever de educar o povo, responsabilidade inicialmente atribuída à família. Destaca-se ainda, nas palavras de Azevedo (1958), que:

[...] o direito de cada indivíduo à sua educação integral, decorre logicamente para o Estado que o reconhece e o proclama, o dever de considerar a educação, na variedade de seus graus e manifestações, como uma função social e eminentemente pública, que ele é chamado a realizar, com a cooperação de todas as instituições sociais. [...] é preciso que ela seja reorganizada como um “mundo natural e social embrionário”, [...] a escola deve favorecer um ambiente dinâmico em íntima conexão com a região e a comunidade. [...] A escola que tem sido um aparelho formal e rígido, sem diferenciação regional, inteiramente desintegrado em relação ao meio social, passará a ser um organismo vivo, com uma estrutura social

organizada à maneira de uma comunidade palpitante pelas soluções de seus problemas (AZEVEDO, 1958, p. 66-71).

Tal movimento, acreditava na educação como ferramenta de participação política e de organização do meio social e do sistema de ensino, reivindicando uma educação de qualidade e democrática, atribuindo ao Estado tal responsabilidade. Para os pioneiros da educação, a escola deveria ser a porta de entrada para a universalização de uma nova concepção de sociedade em que os privilégios de classe, de dinheiro e de herança não fossem barreiras para que o indivíduo pudesse buscar sua posição na vida social. Assim, caberia à escola a função de abrir as possibilidades de melhor interação, de convívio mais humano e democrático.

Nesse sentido, o educador Anísio Teixeira (1977) afirmava que:

É dever do governo – dever democrático, dever constitucional, dever imprescindível – oferecer ao brasileiro uma escola primária capaz de lhe dar a formação fundamental [...] obrigatória, gratuita e universal, a educação só poderia ser ministrada pelo Estado. Impossível deixá-la confinada a particulares, pois estes somente poderiam oferecê-la aos que tivessem posses (ou a “protegidos”) e daí opera antes para perpetuar as desigualdades sociais, que para removê-las. A escola pública, comum a todos, não seria, assim, o instrumento de benevolência de uma classe dominante, tomada de generosidade ou de medo, mas um direito do povo, sobretudo das classes trabalhadoras, para que, na ordem capitalista, o trabalho [...] não se conservasse servil, submetido e degradado, mas igual ao capital na consciência de suas reivindicações e dos seus direitos (TEIXEIRA, 1977, p. 33, 54).

Segundo o texto do manifesto dos pioneiros, era necessário que a educação pudesse:

[...] servir não aos interesses de classes, mas aos interesses do indivíduo, o que se funde sobre o princípio da vinculação da escola com o meio social [...] e eminentemente pública [...] com a cooperação de todas as instituições sociais (AZEVEDO, 1958, p. 66).

Juazeiro narra que:

Exerci a minha profissão com muita dedicação e compromisso, lecionei por dez anos em minha terra natal, Lagoa Real, numa equipe de mais sete colegas contemporâneas, trabalhando em escolas isoladas alugando salinhas, classe multisseriadas superlotadas, onde ali realizávamos um ótimo trabalho. Tenho a certeza de que fomos fortes agentes transformadores naquela comunidade. Não ensinamos só a ler e escrever, mas cuidamos também da formação pessoal, familiar e religiosa das crianças¹⁷, procurando entender as suas carências, seus pequenos sonhos e esperanças. Recebíamos alunos da zona rural, que faziam o percurso de casa para a escola montados em um jumentinho, trazendo irmãozinhos menores na garupa. Outros, caminhavam três, cinco quilômetros para chegarem à escola. Não havia merenda

¹⁷ Na época, as professoras desenvolviam o papel pedagógico, como também outras atribuições, de acordo com a demanda da comunidade, como por exemplo, auxiliavam dando orientações higiênicas e sanitárias, bem como, se necessário, evangelizavam.

escolar, nem material (livros e cadernos). Tudo era mantido pelos pais. Como sofríamos com isso! Contávamos com todo apoio da família. Falávamos do nosso desafio para estudar. Pais pobres da zona rural, deslocavam as famílias para acompanharem os filhos a estudarem em Caetité. Vimos vários alunos nossos se diplomarem professores, outros com mais recursos estudavam em Salvador ou em outra cidade de sua conveniência. Não visávamos apenas o salário, pois levávamos até seis meses para recebê-lo (JUAZEIRO, 2019).

A fala de Juazeiro endossa Azevedo, quando diz que a educação deve buscar servir não aos interesses de classes, mas aos interesses do indivíduo, que se funda sobre o princípio da vinculação da escola com o meio social e com a cooperação de todas as instituições. Apesar disso, Juazeiro conta sobre dificuldades que o professor enfrentava no Alto Sertão da Bahia para lecionar, uma vez que não havia prédios escolares, as salas de aula eram alugadas pelo próprio professor, o mobiliário, geralmente, era providenciado pelos pais ou pela comunidade: uma ou duas mesas e bancos, um pote com água e o quadro de giz. Não havia nenhum material didático disponível e cabia às professoras providenciar o material a ser trabalhado em sala de aula.

Conforme memórias de Bromélia,

Quando ensinei em Ubiraçaba, foi um período muito difícil [...] tudo era muito pobre, não tinha dinheiro nem para o giz e tinha que ficar a semana inteira hospedada na casa do fiscal. A escola era muito pobrezinha. Não havia nenhum material. Como a classe era multisseriada, eu fazia os grupos e ia trabalhando com cada um. Os mais espertos ensinavam os menores. Quem podia, levava uma merenda. Mas, geralmente, isso não acontecia. Uma vez, eu vim caminhando, pois havia tempo que não tinha transporte. Não tinha com quem conversar [...] foi um período muito difícil e solitário. Às vezes, meu pai tinha que pagar um carro pra me levar ou trazer de lá pra cá [...] quando eu fui para Aracatu, foi mais fácil, pois tinha transporte, pessoas para conversar, mas também era turma multisseriada e não havia nenhum material. Na época de matrícula, nós íamos de casa em casa, fazíamos as matrículas e encaminhávamos tudo para Salvador (BROMÉLIA, 2019).

Juazeiro diz ainda que:

As minhas primas, as “Mouras”, já formadas, tinham mais experiência que eu e assim, pude aprender com elas. Rica, por exemplo, gostava de na hora do recreio, brincar com os alunos. Batia corda e perguntava a tabuada. A criança que acertava, ia ficando mais tempo pulando corda. Acho que era assim. Elas eram muito criativas. [Risos]. Não tinha lanche, como vemos hoje, nem caderno, nem mesmo giz! Quem tinha um lanchinho comia, quem não tinha aguardava a hora do retorno pra casa. Era tudo muito pobre! Mas as crianças aprendiam. Para elas, o recreio, que era de 30 minutos, era uma folia! Era escola isolada. Você fazia as matrículas no início do ano, acompanhava os alunos, e ao final, passava o relatório para o delegado com as notas. As provas, nós copiávamos no quadro e as crianças copiavam, bonitinho, no caderno. Ali a gente corrigia. Dava nota nas atividades também. Era assim, eu fui criando meu método de ensino (JUAZEIRO, 2019).

As narrativas de nossas protagonistas retratam a situação de abandono e descaso com que era tratada a educação na Bahia. Tal realidade levou algum tempo para ser modificada, uma vez que temos como exemplo a implantação do curso ginásial em Brumado que só aconteceu no ano de 1958, por intervenção do pároco local. Geralmente, as escolas que existiam eram particulares e poucos eram aqueles que tinham acesso a elas.

Imperava na época, a contratação de professoras leigas vindas do município de Rio de Contas. A distância entre Rio de Contas para Brumado ou Lagoa Real varia entre 80e 83 km. Geralmente, as professoras eram solteiras, e dispunham a morar na roça e passar a conviver com a família e toda a comunidade.

A referência ao notório saber, inteligência, e desenvoltura das professoras de Rio de Contas tornou-se referência para as gerações atuais.

As professoras de Rio de Contas eram boas alfabetizadoras e ensinavam um pouco de tudo, além de ler, escrever, e as quatro operações. Nos ensinava a declamar, fazer carta, poemas, cantar [...] o necessário aos primeiros anos de estudo. Também ensinava sobre as datas cívicas, os hinos e os festejos. Ensinava o porquê dos festejos, contando sobre o nascimento de Jesus, o sentido da Páscoa, a festa de São João, o Reisado [...] Ensinava bordado às meninas depois da aula e também a fazer uma horta. Além de aprender em casa com nossos pais, avós [...] na escola também a gente aprendia sobre valores e princípios, respeito aos mais velhos, o evangelho. [...]. Acho que esse saber de como agir como professora, elas aprenderam repetindo o que aprenderam com seus professores e, cada uma a seu jeito, ia fazendo as mudanças, trabalhando mais aquilo que achavam importante ou que gostassem mais. Cada grupo de aluno era dividido conforme o saber que tinha. Era assim que dividia a turma e, os mais adiantados ensinavam aos demais (JUAZEIRO, 2019).

Conforme foi dito no capítulo anterior, Rio de Contas passou a ser referendado, na região do Alto Sertão, não apenas como o local onde os primeiros bandeirantes encontraram ouro. Ao descerem o rio e se instalarem em Livramento, apesar de o progresso ter deixado de vez Rio de Contas, a cidade ainda ficou conhecida como lugar de pessoas com notório saber, autodidatas, possuidoras de excelentes alfabetizadoras que ajudaram no processo de escolarização do povo sertanejo. As memórias compartilhadas aqui dão conta desse fato histórico fundamental à preparação do povo sertanejo para que pudessem realizar o curso de admissão exigido na época e se profissionalizarem.

Nesse encontro, a professora Bromélia pediu para ler uma carta que havia escrito. E leu:

Brumado, Bahia

Nasceu no dia 31 de março de 1919, uma menina de cor branca de parto normal, feito por parteira analfabeta, tendo as práticas aprendidas na época. Seus pais eram Francisco de Souza Meira e Maria do Patrocínio Meira que se amavam muito e recebia a segunda filha com muita alegria. Em idade escolar, essa menina teve dificuldades, pois na roça onde vivia não tinha escolas públicas. As primeiras letras e números foram aprendidos com os pais, cuja instrução também era pouca, pois aprenderam em casa com os pais e professores leigos. As primeiras escolas foram particulares com aulas ministradas por professores que mal sabiam ler, escrever e fazer as quatro operações fundamentais. Na primeira escola que frequentei a professora, Dona Rosa, não tinha o braço direito, um defeito de nascença, porém ela não tinha complexo. Escrevia muito bem com a mão esquerda e bordava com maestria! Isso para mim foi muito bom, porque até então eu tinha medo de ser obrigada a escrever com a mão direita como fizeram com o meu avô. Também tinha medo de apanhar e ser castigada na escola pois, naquela época, as meninas tinham medo da escola que era sinônimo de castigo. Tal não aconteceu comigo, pois me esforcei bastante para obter bons resultados na escola.

(BROMÉLIA, 2019)

Imagem 63 - Manuscritos de Bromélia.

A escrita da professora Bromélia, nos impressiona quando conta o medo de ser castigada, como foi seu avô materno, Rodrigo de Souza Meira Junior, por também ser canhoto, como ela. O medo cedeu lugar à coragem, ao ver que sua primeira professora, também era canhota, justamente por não ter o braço direito, e nem por isso deixara de escrever, bordar e desenvolver outras atividades com maestria.

No dia em que Bromélia leu essa carta, estávamos reunidas e depois de ouvir sua leitura, Mandacaru relatou que:

Minha mãe costumava contar que o povo mais antigo, tinha essa ideia de que a mão direita era divina e que a esquerda estava ligada às coisas ruins, ao pecado e ao erro. Mas isso é coisa de povo bem atrasado. Da época que farmácia se escrevia com “ph”. Mamãe contava que eu, quando bebezinho, também só pegava as coisas com a mão esquerda e que o médico daqui, não me lembro o nome, mandou que ela amarrasse minha mão esquerda com uma fralda, pra me forçar fazer as coisas com a mão direita [risos] (MANDACARU, 2019).

Ainda que criticadas, há de se destacar o importante papel das professoras leigas, no processo educacional das crianças do Alto Sertão da Bahia, uma vez que foram elas, em sua maioria, que alfabetizaram e prepararam os estudantes nos primeiros anos do ensino primário, uma vez que não existiam escolas na região e quando existiam, os professores eram remanejados constantemente, diante dos inúmeros empecilhos e dificuldades encontradas.

2.3 A Escola Normal na Bahia

A primeira Escola Normal, que chegou aqui no sertão, foi a de Caetité. Meus professores no primeiro colégio que estudei, o Getúlio Vargas, eram de Caetité. Se formaram na Escola Normal de Caetité. Eram mulheres elegantes e excelentes professores. Eu guardo na minha memória, grande carinho e admiração por elas. As demais escolas não era como vimos hoje, geralmente era uma sala alugada pelo professor que fazia várias tarefas e ao mesmo tempo era diretor, secretário e professor. As classes eram multisseriadas (PALMA, 2019).

Para Palma, participar dos estudos na Escola Normal foi uma rica experiência de vida. A sua vontade de ser professora vinha desde tenra idade, quando admirava as suas professoras quanto ao modo de falar, vestir e se comportar com toda altivez e elegância.

As primeiras Escolas Normais que surgiram na Bahia datam da última década do século XIX. A primeira, no Alto Sertão, foi inaugurada em Caetité e, posteriormente, em outras cidades, como Caculé, Livramento de Nossa Senhora e Brumado chegaram o Curso Normal. Por não haver instituições universitárias, as Escolas Normais foram legitimadas como espaços para a formação das professoras de toda a educação escolar, desde o Magistério, para regentes do ensino primário e secundário, até a habilitação para administração de escolas.



Imagem 64 - A Escola Normal de Salvador/Bahia, 1836.

A Escola Normal da Bahia foi criada a partir da Lei número 37, de 14 de abril de 1836, com o objetivo de habilitar pessoas para o ensino nas escolas primárias. O curso possuía duração de dois anos, sendo que, só em princípios do mês de outubro de 1841, na presença de

autoridades civis e militares, inclusive do diretor do Liceu, bem como do presidente da província, foi inaugurada a Escola.

A professora Mandacaru leu a edição comemorativa do centenário da Escola Normal que foi publicada numa parte do Diário Oficial do Estado da Bahia (1936), onde dizia que:

As aulas na Escola Normal no Estado da Bahia iniciaram-se a partir do dia 26 de março de 1842. Isso porque, segundo o artigo 4º da Lei de 1836, dois professores deveriam ser enviados à Escola Normal da França a fim de aprenderem os princípios do método mútuo, ficando obrigados a traduzir um manual dos métodos mútuo e simultâneo e escrever o regulamento para a Escola Normal e para as escolas primárias do estado (DIÁRIO OFICIAL DA BAHIA, 1936, p. 209).

A primeira Escola Normal sancionada para funcionar em Caetité, Alto Sertão da Bahia, se deu pela Lei n.º 117, de 24 de agosto de 1895, porém a inauguração se efetivou em maio de 1898, no governo de Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima. A criação da Escola Normal, em Caetité, se deu devido ao prestígio político de Dr. Deocleciano Pires Teixeira, pai de Anísio Teixeira.

Nesse primeiro momento, a inauguração da Escola Normal em Caetité se insere numa tentativa de homogeneizar e unificar os saberes práticos e teóricos da instrução primária, a partir do pressuposto de um conhecimento especializado, demarcado para todos os professores das Escolas Normais do país, sobre o que ensinar (conteúdo para a escola primária) e como ensinar.

Segundo Saviani (2009), as Escolas Primeiras Letras, instituídas D. Pedro I, em 15 de outubro de 1827, estabelecia a obrigatoriedade da “criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império” (BRASIL IMPÉRIO, 1878, p. 71), além de definir que o trabalho dos professores seria realizado mediante a adoção de um procedimento pedagógico específico, o ensino mútuo ou método lancasteriano

O método lancasteriano, que se tornou oficial em todo o Império, tinha por objetivo otimização do trabalho do professor, de forma que este pudesse ensinar a uma grande quantidade de alunos ao mesmo tempo em que mantinha controle sobre o progresso dos mesmos. O professor ensinava a matéria primeiramente para um conjunto de alunos selecionados entre os mais aptos e organizava os demais em pequenos grupos, que eram instruídos pelos que já tinham aprendido. O sistema era controlado por uma disciplina rigorosa, em que cada aluno tinha um lugar definido pelo seu nível de conhecimento e mudava de posição em relação aos demais à medida que progredia nas lições.

Inspirada na Constituição de 1824, que evocava os princípios da liberdade de ensino e instrução primária gratuita para todos, a Lei das Escolas de Primeiras Letras cumpriu um papel de reformulação do sistema educacional brasileiro, que se encontrava em uma situação totalmente.



Imagem 65 - A Escola Normal em Caetité, 1946.

Jurema traz para nossa roda de conversa seu álbum de formatura e nos conta que se formou, na Escola Normal de Caetité, em 1956, e que a turma se chamou Juscelino Kubitschek, em homenagem ao recém-eleito, presidente do Brasil, e nos narra:

Me lembro de que o Curso Normal, destinava-se a homens e mulheres, apesar da quantidade insignificativa de homens. A Escola Normal de Caetité era considerada símbolo de progresso e desenvolvimento. Eu gostei muito de ter estudado em Caetité. Foram 4 anos de ginásio e 3 anos de curso pedagógico. Muitos professores eram de Caetité, outros vieram da capital com sua família ou eram da região (JUREMA, 2019).

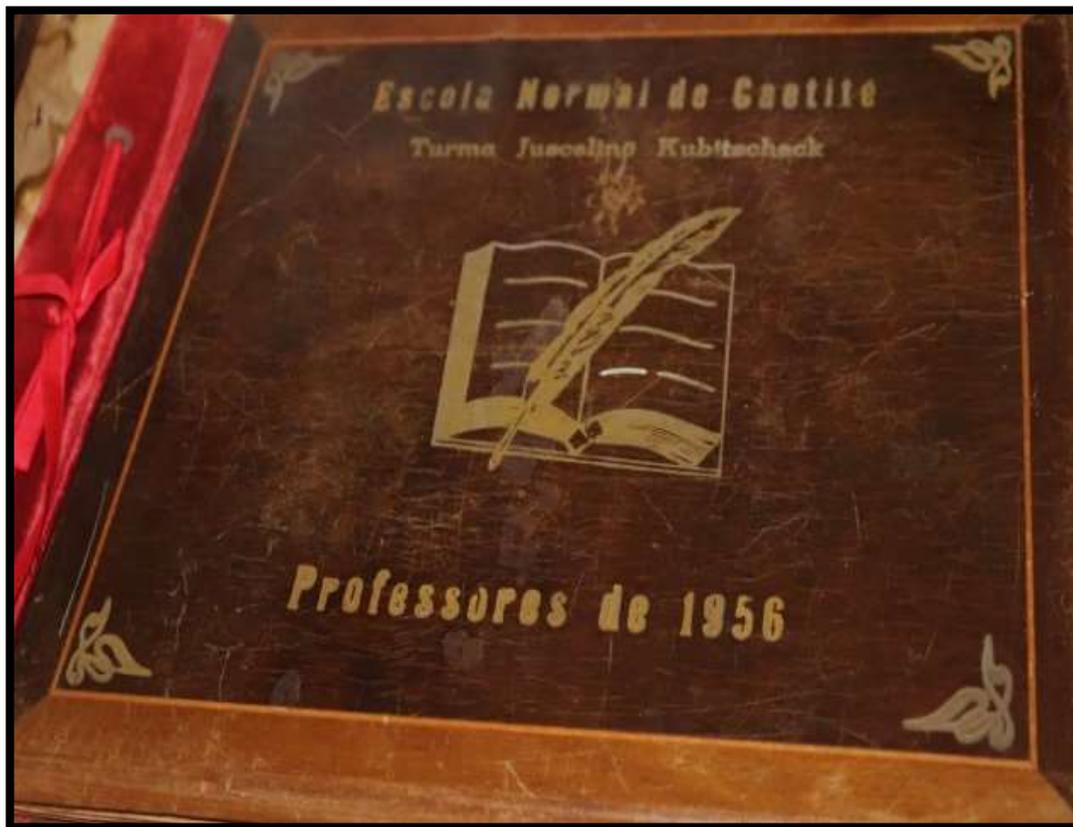


Imagem 66 - Álbum de Formatura de Jurema. Acervo pessoal, 2019.

Mesmo considerada como propulsora de desenvolvimento para a realidade do Alto Sertão baiano, a Escola Normal de Caetité, foi desativada pelo governador Severino Teixeira, a partir do Decreto Nº 215, de 29 de dezembro de 1903, por divergências políticas.

O fechamento da Escola Normal de Caetité foi noticiado como um retrocesso ao desenvolvimento do município e de todo Alto Sertão da Bahia. Entretanto, os caetiteense continuaram a envidar esforços e depois de duas décadas, nomeado diretor-geral da Instrução Pública da Bahia, Anísio Spindola Teixeira, reinaugura em 21 de abril de 1926, a Escola Normal de Caetité.

Em nossas rodas de conversa, Juazeiro narra que:

Quando estudei em Caetité, a escola chamava-se Escola Normal Rural de Caetité. Não me lembro porque o “rural”. Fazíamos o exame de admissão ou suficiência para cursar o 1º Ano do ginásio hoje o 5º Ano, depois cinco anos de Magistério (JUAZEIRO, 2019).

À época, não interessou a nossa protagonista pesquisar sobre o porquê do Curso Normal se chamar “rural”. Na verdade, já havia discussões teóricas quanto à necessidade de formação de professores habilitados e com competências específicas para atenderem à demanda urgente dos habitantes do campo, a fim de evitar o êxodo rural crescente, acentuando-se pelas

possibilidades de melhoria de vida, noticiadas pelas ofertas de emprego nas fábricas que emergiam no país.

Daí a necessidade de formação específica para que os professores pudessem atuar no meio rural, começando a ser propugnada por alguns educadores brasileiros e se fortaleceu em um movimento conhecido como ruralismo pedagógico, tendência educacional disseminada no país entre as décadas de 1930 e 1960. Seu principal defensor foi o professor e jornalista Sud Mennucci - um dos fundadores do Centro do Professorado Paulista, em 1930, sendo seu presidente por dezoito anos – trabalhando durante toda a década de 1930, na Comissão de Estudo de Redivisão Municipal do Estado de São Paulo.

Ensinei em Aracatu e ficava numa pensão, cuja proprietária era uma mulher muito boa. Por ali passava muita gente, com quem conversava e fazia amizade. Mas no ensino, não tinha novidades. A sala multisseriada, as famílias muito carentes. Não tinha método não. Era tudo no quadro de giz. Pedíamos aos alunos algum dinheiro para comprar o giz, que ali não tinha. O dinheiro era muito difícil naquele tempo. A gente ia fazendo da forma como tínhamos aprendido quando criança, porque na Escola Normal não ensinava uma didática, uma metodologia pra crianças. Então, eu começava com as vogais, depois as consoantes. Aí ia juntando as sílabas para formar as palavrinhas. Os mais adiantados iam fazendo outra tarefa. Cada um ia fazendo o que achava certo e assim as crianças aprendiam (BROMÉLIA, 2019).

Sud Mennucci (2006), era favorável à diferenciação regional das escolas primárias adaptadas ao meio. Assim, propunha para as zonas rurais, uma escola primária impregnada dos valores ali existentes e capazes de combater o êxodo do campo. Para tanto, era imprescindível um novo tipo de professor formado na Escola Normal rural o que deveria:

[...] ser entusiasta, portador de mentalidade e perfil psicológico voltado para o campo, indiferente, senão mesmo quase antipático à cidade, tipo de homem que se propunha incentivar, através do prestígio de sua irradiação pessoal, o conforto do campo e a formação de uma consciência agrícola. Essa mesma educação deve atender às variações regionais não se limitando à bipartição de escolas em urbanas e rurais, mas reconhecendo a possibilidade de diversos tipos de escolas rurais, conforme as necessidades econômicas, densidade demográfica e nível cultural de cada zona (MENNUCCI, 1934, p. 43).

Segundo o educador, esse novo tipo de professor deveria ser formado com base em três diretrizes básicas: ser um profissionalmente da vida rural, um abnegado mestre comprometido com o desenvolvimento das comunidades rurais, um líder comunitário com atuação dentro e fora da escola, um mestre que pudesse ser um enfermeiro, dominando conhecimentos da agricultura e acima de tudo, um líder cultural incentivador do progresso do meio.

Juazeiro narra que:

Logo que formei fui nomeada pelo Estado. Eu tinha uns 17 pra 18 anos. O que eu sabia da vida? Fui nomeada para uma roça chamada Pilões, uma região muito seca, não tinha estrada. Eles ficaram com tanta pena de mim que colocaram “desistir” naquela nomeação. E me encaminharam para um outro distrito chamado Caldeiras, onde passei 1 ano ensinando uma turma multisseriada. Percebi que a Escola Normal não tinha me preparado! Foram muitas teorias, mas a prática nada. [...] Eu tive que aprender comigo mesma (JUAZEIRO, 2019).

Juazeiro em sua narrativa, faz uma reflexão sobre a falta de maturidade, conhecimento e experiência ao se formar professora pela Escola Normal naqueles tempos. Apesar de reconhecer na escola um modelo de “boa escola e bons professores” percebe que na prática não tinha aprendido como fazer, como dá aulas e foi repetindo a forma com que aprendeu na escola e aos poucos, errando e aprendendo, foi construindo sua própria metodologia. Nossa protagonista refere-se ainda que ao ser convocada para assumir uma sala de aula em um distrito de Caetité de difícil acesso, as pessoas responsáveis orientaram-na a “desistir” até que surgisse vaga em um local de melhor acesso.

Nesse sentido, posso inferir que o termo “rural” no diploma de nossas protagonistas se deve ao pensamento ruralista que pretendia conter o êxodo rural, no entanto, o que se percebe é que os professores e responsáveis pela instituição não tinham conhecimento de tal fato. Mesmo tendo o movimento ruralista, de acordo aos estudos de Tanuri (2000), vigorado nas décadas de 30 e 40 em todo o país, com intenção de “[...] ajustar os currículos da escola primária e normal às peculiaridades do meio” (TANURI, 2000, p. 74), tal concepção de escola não saiu dos documentos e das discussões teóricas dos grandes nomes representantes da educação do Brasil na época, uma vez que os professores não mencionavam tal perspectiva aos alunos. No caso de nossas narradoras, algumas delas se deram conta do termo rural no diploma, tempos mais tarde ou durante a pesquisa.

Juazeiro narra que:

De acordo a necessidade as ideias ia surgindo e a gente ia inventando. Os menores, que deveriam ser alfabetizados, eu ia ensinando as letras. Depois de saberem todas as letras, as consoantes e as vogais, íamos formar as sílabas e depois formando as palavras, aprendendo depois a soletrar. Você sabe o que é soletrar? [Risos] em um ano, outros em um ano e meio, estavam todos alfabetizados. Tinha a cartilha do “ABC”, “Ensino Rápido”, “Cartilha do Povo”. “Eva viu o ovo”! Nós tomávamos a lição. Era no tempo em que “tomávamos” a lição um por um. Cada um ia até a mesa pra fazer uma leitura.

Tinha o tempo da tabuada. Eu ouvia a experiência de minhas primas “as Mouras”. Elas eram mais adiantadas do que eu 4 a 5 anos e eu aprendi com elas. Mas não tinha nada, nada de recurso, de livro. Quando o professor era mais criativo, inventava um jogo (JUAZEIRO, 2019).

Constata-se que muito do que fica na memória, a exemplo das lembranças das práticas escolares e saberes docentes, se devem às experiências cotidianas. Assim, na sala de aula, vê-se a representação do saber adquirido na trajetória escolar, saberes esses que vão se reconstituindo em novos saberes na busca de solucionar os problemas e conflitos com os quais se deparam.

A década de 1950, foi marcada pela ação do INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, criado em 1938, atualmente denominado de Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEPE) –que através do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) disseminou a ideia humanista moderna de filosofia da educação, inclusive no meio do movimento católico, fazendo emergir uma “espécie de escola nova católica”.

Na euforia desenvolvimentista dos anos de 1950, as reformas educacionais, por sua vez, tentavam responder ao acordo Mec/Inep/USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional) que, segundo Tanuri (2000), tinha por objetivo a instrução de professores em Escolas Normais, trazendo para o Brasil, inovações metodológicas de ensino existente nos Estados Unidos, procurando adaptá-las às especificidades de nosso país. Diante disso, justifica-se a prioridade conferida aos cursos de formação de professores, à época considerados multiplicadores e disseminadores de inovações.

Com o Método da Casinha Feliz, eu alfabetizei muitas crianças. Eu gostei muito. Tinha todo o material [...], aí sim foi uma beleza! As crianças aprendiam rápido. Aprendiam as letras com uma historinha contada com fantoches que representavam a família e as crianças gostavam muito. Hoje está ultrapassado, né? Depois ensinava cobrir e pintar as consoantes com as vogais e ia soletrando, formando as sílabas, depois as palavrinhas. Era uma beleza, um avanço pra época (BROMÉLIA, 2019).

De acordo com a Bromélia, ela aprendeu um método para alfabetizar quando já estava em Brumado. Foi o método da Casinha Feliz, da qual lembra-se com um sorriso no rosto. O método de alfabetização, criado por Iracema Meireles, conhecido como “Casinha Feliz”, parte da vivência em sala de aula da autora, que organiza um verdadeiro guia de atividades para os professores, dando indicações, conselhos e mostrando de forma ampla e detalhada, como planejar as suas aulas. As propostas são claras e objetivas, mostrando passo a passo as etapas e ações. Neste método, as letras aparecem associadas a figuras do universo do aluno. Essas figuras servem para desencadear um processo de associação que facilita a descoberta das correspondências grafema-fonema. O método do método promove o ensino fônico de maneira contextualizada e lúdica, acolhendo a fala do aluno e respeitando sua individualidade.



Imagem 67 - Turma de aluno de Bromélia, 1973. Acervo pessoal

Conforme Fávero e Britto (2002), no período compreendido entre o final da década de 1950 e início da década de 1960, o processo de mobilização popular se intensificou, emergindo em consequência, a questão cultural e a educação popular. Os movimentos mais significativos foram o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Movimento Paulo Freire de Educação de Adultos, cujo ideário pedagógico mantém relação estreita como o ideário da pedagogia nova.

O período de 1960, devido à intensa urbanização e o consequente êxodo rural, gerado pela modernização da economia agrária e pela reconfiguração econômica, demográfica e sociocultural das áreas rurais, no que diz respeito ao campo educacional, a agenda política foi pautada pela relação entre educação e desenvolvimento econômico, destacando-se problemas a exemplo da erradicação do analfabetismo, a universalização do ensino primário, a ampliação da obrigatoriedade escolar, a formação técnica em nível médio e a necessidade de novas diretrizes para a formação de professores (TANURI, 2000).

Nessa época, surge a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, de 1961, que manteve os dois níveis do ensino normal (1º e 2º ciclos), dando ênfase à formação de professores para as novas funções técnicas, no âmbito da supervisão e orientação educacional.

Pela LDB/61, a finalidade do Ensino Normal passou a ser a formação de professores, orientadores, supervisores e administradores escolares destinados ao ensino primário (BRASIL, 1961). A formação de professores primários seria ministrada nos seguintes estabelecimentos de ensino: a) na escola normal de grau ginásial com quatro séries cujo diploma seria de regente de ensino primário e, b) na escola normal de grau colegial, de três séries anuais, cujo diploma seria de professor primário; c) nos Institutos de Educação que, além dos cursos de grau médio, ministrariam cursos de especialização, de administradores escolares e de aperfeiçoamento. Em relação à formação de professores para o ensino rural, o tratamento dado pela LDB foi superficial indicando tão somente que:

A formação de professores, orientadores e supervisores para as escolas rurais primárias poderá ser feita em estabelecimentos que lhes prescrevem a integração no meio (Art. 57, Lei nº 4.024/61).

As dificuldades para se garantir a educação de qualidade, em nosso país, sempre foram constantes e, de maneira geral, sempre houve o embate quanto a importância de uma educação pública, laica e de qualidade para todos. Apesar dos obstáculos existentes outrora, as narrativas das professoras/protagonistas, as histórias vividas pelas mesmas, revelam que os pais e a própria sociedade valorizavam aqueles que conseguiam estudar, principalmente as normalistas. Tal elemento ressalta a concepção quanto a importância da escola e seu papel social, frente as possibilidades trazidas pelas mesmas, para o desenvolvimento e o progresso de toda uma geração.

No próximo capítulo, trago uma discussão teórica e epistemológica, mas sempre contextualizando com as narrativas das protagonistas, tornando a leitura mais prazerosa e autoexplicativa.

CAPÍTULO III

MOVIMENTO DE SABERES, AGUÇANDO O OLHAR: A HISTÓRIA ORAL E AS NARRATIVAS COMO DISPOSITIVO EPISTEMOLÓGICO

3.1 A História Oral e a arte da escuta

Feliz de quem tem as memórias para recordar e aprender com elas. Recordar é viver! Eu aprendi, ao longo de minha vida que as histórias da minha família me fortalecem e as recordações do acontecido, das amizades, por mais que o tempo passe, elas não se acabam se você as mantém vivas na memória (UMBUZEIRO, 2019).

Para Umbuzeiro “recordar é viver” e as histórias de vida contadas oralmente pelos seus avós, pais, familiares e amigos como um todo, são um legado que deve ser mantido vivo. Através dos relatos memoriais para seus filhos, netos e bisnetos de fatos e histórias de sua família e antepassados, Umbuzeiro mantém viva a memória da família, a memória de suas experiências.

A História Oral (HO) sempre foi valorizada pelo povo do Alto Sertão da Bahia. Assim, diante das inovações metodológicas, ocorridas no âmbito das ciências sociais e humanas, sobretudo na historiografia desenvolvida no século XX, as narrativas tornaram-se fonte primordial dentre as fontes orais, o que permite o desvelamento de sentimentos, valores, atitudes, rituais, festejos, que enriquecem a experiência e a compreensão da realidade passada a qual escapa aos documentos e demais registros materiais.

Nesse sentido, proponho uma volta à origem da *Mnemosyne*, ou seja, da memória, onde o papel do pesquisador não tem sido contar a verdade sobre um fato, mas conhecer diferentes verdades e entender como foram construídas.

Recordo da narrativa de Umbuzeiro, ao narrar as histórias contadas à luz do luar por sua madrinha ou sua mãe. Histórias essas, que chegaram até nós pela oralidade.

Quando éramos criança, era comum todas as noites nos reunirmos para ouvirmos as histórias dos nossos antepassados que eram contadas por minha madrinha ou minha mãe. Era o momento mais esperado do dia. Ouvíamos histórias da “Cabrinha Cabriola”, “Da Coca”, “Da menina que perdeu o anel”, entre outras, que eram acompanhadas por cantigas. Hoje em dia conto aos meus netos e bisnetos (UMBUZEIRO, 2019).

Nesse sentido, o trabalho com a HO se dá pela narrativa de pessoas sobre suas experiências ou saberes de vida e tem sido muito utilizado em pesquisas nas diversas áreas do conhecimento. Durante esta pesquisa utilizei as rodas de conversas que permitiram uma maior interação entre os sujeitos da pesquisa. Num dos encontros que tivemos Xique-xique lembrou-se de uma história que foi ensinada por sua mãe e que dizia:

*Meu brinquim de ouro minha vó
que eu deixei na beira do rio
minha vó.
Canta, canta meu surrão
se não te meto meu facão!*

(Xique-xique, 2019)

Imagem 68 - Cantiga de roda/Cancioneiro popular.

Nesse mesmo encontro todas começaram a cantar e Bromélia lembrou de outra história “O Menino e a Coca”, que ouvira quando criança e Umbuzeiro e Mandacaru, contaram que ensinaram a seus filhos. Aqui trago o refrão cantarolado, ao narrarem a história da Coca.

- Mulher me dê meu pão. Pão que o padeiro me deu. Padeiro pegou meu cesto. Cesto que o cesteiro me deu. Cesteiro quebrou meu canivete. Canivete que a lavadeira me deu. Lavadeira gastou meu sabão. Sabão que a parede me deu. Parede comeu meu mingau. Mingau que a minha vó me deu. Minha vó comeu minha coca. Cocaricoca que o mato me deu. A mulher, coitada, não sabia o que fazer, pois tinha acabado de comer o pão com o cafezinho. Então ela pegou uma violinha que a acompanhava há muitos anos e entregou a Joãozinho que cantou:

- De uma coca fiz um sabão, de um sabão fiz um canivete, de um canivete fiz um cesto, de um cesto fiz um pão, de um pão fiz uma viola, dingui li lingue eu vou pra Angola; dingui li lingue eu vou pra Angola.

(Bromélia, 2019)

Imagem 69 - O menino e a Coca.

A história “O Menino e a Coca” lembrada na roda de conversa, demonstra que as narrativas, de fato, “nos contam menos sobre o evento e muito mais sobre o significado” (PORTELLI, 1997bp. 29) o que nos leva a refletir sobre o significado atribuído a essas lembranças trazidas pelas protagonistas. São lembranças de momentos de afetividade, de troca de saberes, costumes, experiências que vivenciaram e que, por meio de cantigas, histórias e contos repassam aos filhos, netos e sobrinhos de forma oral. Geralmente, essas histórias e experiências trazem em si um ensinamento que é repassado de geração a geração, formando um arsenal de costumes e saberes de uma comunidade.

Endossando as lembranças de Xique-xique e Bromélia, Juazeiro, nos conta:

Os mais velhos sempre começavam a falar, as vezes aumentando, enfeitando os “causos”, a exemplo da onça que quase nos matava e não matou; do veado que escapou; da cascavel que veio quando o menino assobiou [...] (JUAZEIRO, 2019).

Nossas protagonistas trazem, nas lembranças da infância, a tradição de contação de histórias, no terreiro da roça ou nas calçadas, quando já moravam na zona urbana, como maneira de transmitir saberes e experiências. A narrativa memorial, portanto, é um dispositivo potente frente às inúmeras possibilidades de pensar, entender, refletir os acontecimentos experienciados em outra lógica de pesquisa, face às possibilidades de colocar-se em um processo de desvelamento de “saberes tácitos ou experienciais, mediante dispositivos de metacognição ou meta reflexão de conhecimentos construídos sobre si e a própria vida-formação” (SOUSA, MEIRELES, 2015).

De acordo com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, da Faculdade Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), a metodologia da história oral foi introduzida na década de 1970, quando foi criado o Programa de História Oral do CPDOC. A partir dos anos de 1990, o movimento em torno da história oral cresceu muito. No Brasil, assim como na América Latina, o florescimento e a ampla aceitação da história oral deveram-se, em grande parte, à sua relação política de contestação aos regimes militares e de contribuição para a redefinição democrática. No panorama mundial, em momento anterior, a história oral surge, também, como resposta e alívio para a Segunda Guerra Mundial.

Para Meihy (2007) a HO, no Brasil, definiu-se a partir de 1979, e depois de 1983, no processo de redemocratização política do país. Ainda que nos anos 70 houvesse um esforço de prática assumida com vigor, somente depois de um amadurecimento, que provocou a aproximação de diferentes tendências, foi que se afinaram os debates capazes de promover espaços coletivos para a combinação de opiniões.

De qualquer forma, a HO vem crescendo através da arte de escutar o outro enquanto prática social dialógica, para fins comunicativos que, sistematizada cientificamente, permite o desvelar e a propagação de informações entre indivíduos e gerações, fomentando histórias relevantes por vezes invisibilizada pela valorização da macro história.

O registro das narrativas memoriais das professoras sobre a infância na roça, os costumes, as histórias, as lembranças da aprendizagem da leitura e escrita, recordações da escola e dos professores, a chegada da Escola Normal no Alto Sertão da Bahia, bem como a profissionalização e atuação nos primeiros anos e posteriormente quando se achavam experientes e engajadas enquanto professoras, são narrativas potentes que enriquecem sobremaneira o desvelamento de conjunturas, experiências, processos, modos de ser e de estar dentro em uma sociedade e/ou instituição. Nesse caso, especificamente, traz à tona registros de memórias de experiências de vida no Alto Sertão da Bahia.

Alessandro Portelli (1996), em seu texto “A Filosofia e os Fatos”, diz que o principal paradoxo da história oral e da memória é que as fontes são pessoas, e não documentos, as quais estão em processo contínuo de conhecimento de si e do outro, o que faz com que as lembranças sejam sempre reinventadas, ao ponto de podermos dar a elas matizes e coloridos diferenciados cada vez que são acionadas.

Em uma das rodas de conversa, Umbuzeiro, que estava sempre atenta as lembranças diz:

Como é bom lembrar. Eu procuro me lembrar das coisas boas [...] e cada vez que o faço é como se as vivesse novamente. As emoções, o cheiro, a música [...] há coisas que me vêm à memória, me fazem sentir o gosto, o cheiro e as vezes, sinto até o vento no meu rosto. Isso é maravilhoso! Acho mesmo que a memória nos deixa viva. Eu costumo dizer a todos: procurem se lembrar das coisas boas da vida. A vida não é fácil. Estou quase com 80 anos e acho que tenho sabedoria pra dizer isso. Temos que procurar viver com alegria (UMBUZEIRO, 2019).

Ainda conforme Portelli (1997a) a memória compreende dois níveis simultaneamente, ou seja, um individual e outro social. O caráter socio cultural da memória se dá pela interação entre indivíduo e a sociedade. No entanto, a narrativa das experiências, através do ato de rememorar, é exclusivamente pessoal. A existência de semelhanças, distinções, contradições em narrativas e relatos acerca de um acontecimento específico, não se caracteriza como fato peculiar para o estudo da memória, pelo contrário, seu caráter individual impede a possibilidade da existência de memórias exatamente iguais, o que potencializa e enriquece a produção de conhecimento.

[...] As recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas [...], porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou a bem da verdade, como vozes – exatamente iguais (PORTELLI, 1997a, p. 16).

Segundo Alberti (2004),

[...] a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade [...] decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. (ALBERTI, 2004, p. 22-23).

Heliana Rodrigues (2019), diz ter encontrado, na HO e no trabalho de Alessandro Portelli, “um intercessor apto a abalar sujeições” (2009, p. 264), uma vez que a HO e as memórias nos oferecem um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias, onde, a maior dificuldade é organizar em esquemas compreensíveis e rigorosos as diferentes narrativas experienciais da memória o que indica que:

[...] a todo momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe estas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas. Mas esta miríade de diferenças individuais nada mais faz do que lembrar-nos que a sociedade não é uma rede geometricamente uniforme como nos é representada nas necessárias abstrações das ciências sociais, parecendo-se mais com um mosaico, um patchwork, em que cada fragmento (cada pessoa) é diferente dos outros, mesmo tendo muitas coisas em comum com eles, buscando tanto a própria semelhança como a própria diferença. É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetiva dos fatos (PORTELLI, 1996a, p. 8-9).

A HO é dialógica, é sobretudo “um gênero de discurso em que a oralidade e a escritura se desenvolvem em conjunto a fim de falar uma com a outra sobre o passado” (PORTELLI, 1997a, p. 31). Esse gênero de investigação e discurso, conforme o autor, privilegia o problema da reflexividade, enfatizando a necessidade de se ter um plano de investigação e indagações transformáveis – via conflitos, alianças e negociações – com o narrador, que tem expectativas, fantasias e reações ao proposto pelo primeiro.

Nesse instante, Angico ressalta a importância do resgate memorial do Curso Normal, em Brumado, e no Alto Sertão como um todo, já que não existem muitos dados escritos sobre o tema.

Eu soube da pesquisa sobre a história da Escola Normal e pensei o quanto isso é importante aqui pra Brumado. Há alguns livros autobiográficos, cordéis, poemas até documentários feitos sobre o cinema aqui na cidade - “O Cine Teatro Regina e o Cine Teatro Fátima, né [...] a radiofonia com a inesquecível voz de Zé Maria. São as lembranças que permanecem vivas e que não podemos deixar morrer. São memórias que contam a história, o processo de desenvolvimento da cidade. A chegada do Ginásio e do Curso Normal, nos fins dos anos 50, foi um marco histórico pro desenvolvimento de Brumado [...] naquele tempo se não pudesse estudar fora, não tivesse um parente para nos acolher em outra cidade, você não teria escolha. Podia até passar no exame de admissão, mas não podia prosseguir os estudos. [...] Eu penso que nós, professores daquela época, contribuimos muito para formar uma geração de cidadãos de bem, profissionais honrados e uma cultura para a cidade e região. Penso que é um trabalho que vai ser útil pra história da educação da região (ANGICO, 2019).

Ao privilegiar as narrativas, tal perspectiva torna-se viva e instigante, demandando em nós, pesquisadores, sensibilidade, astúcia, atenção às linguagens expressas na oralidade, como os gestos, os tons, os suspiros, o embargo da voz, o ritmo da fala, e a tudo que pode ser extremamente revelador e que muitas vezes se perde na escrita, sem contar que as narrativas desafiam os registros documentais, que muitas vezes representam os fatos de acordo com a perspectiva daqueles que detinham o poder. As narrativas orais possibilitam um novo olhar para os fatos do passado, os quais muitas vezes não estão registrados em documentos.

Ao possibilitar que a própria pessoa narre as memórias que considera relevante, propiciamos-lhe momentos de reflexão sobre suas experiências e essa perspectiva é valiosa, dentro dos pressupostos da HO, ao considerar os indivíduos capazes de serem construtores e participantes da história.

Para Portelli (2016), diferente da maior parte dos documentos dos quais se vale a pesquisa histórica, as fontes orais são “*construídas com a direta e determinante participação do sujeito histórico*” (PORTELLI, 2016 p. 183). Trata-se, então, de uma fonte relacional, em que a comunicação vem sob a forma de troca de olhar (entre/vista), de perguntas e de respostas, em uma só direção. Daí importante ressaltar a narrativa como arte da escuta, bem como a importância do pesquisador está aberto, atento às pistas e caminhos que o campo vai lhe apresentado no percurso da pesquisa.

Nessa perspectiva, as narrativas são forças potentes, fascinantes, principalmente porque não se limitam a testemunhar sobre os fatos, mas elaborá-los e lhes atribuir novos sentidos por meio do trabalho da memória, da linguagem e da subjetividade implícita na narrativa. A HO representa uma valiosa contribuição científica, por auxiliar no desvendamento de aspectos subjetivos, bem como na percepção do indivíduo sobre os fatos vividos ou presenciados, apresentando-se como riqueza inesgotável e de grande importância ao trabalho de

pesquisa, à medida em que evidenciam elementos que afloram diante da cumplicidade estabelecida entre mim e as protagonistas.

3.2 Narrativas e memórias

São tantas lembranças boas [...] tem as ruins também, mas quando olhamos para trás, parecem mais engraçadas [silêncio]. Olhamos e vemos que àquela época, era um ensinamento que a vida nos dava através das pessoas mais velhas, pais e professores – por exemplo – São tantas coisas pra lembrarmos [...] muita coisa esquecemos [...] quando começamos a nos lembrar com o auxílio de outra pessoa [...] então, as ideias vão ficando mais claras e, de repente, surgem como que se estivéssemos revivendo, voltado no passado [...] tem fatos que também não me lembro [...], mas outras pessoas se lembram (JUREMA, 2019).

Presumo que a narrativa de Jurema, quanto às lembranças do passado, se destaca como modo potente de canalização de experiências e organização da memória coletiva, a partir da constituição da história social das comunidades e das vivências do narrador. Dessa forma, reconhece-se que narrar é uma atividade simultaneamente social, interpessoal e pessoal, o que justifica recurso a distintas orientações epistemológicas.

Em linguagem cotidiana, a palavra “narrativa” é utilizada como sinônimo de “história”, ou seja, um relato de ações experienciais do cotidiano. No entanto, academicamente, o conceito de narrativa diz respeito à exposição de um acontecimento ou uma série deles, mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio da palavra, escrita ou por imagens.

Nesse sentido, tidas como sinônimos de histórias, as narrativas têm sido utilizadas, há milênios e em diversas culturas como instrumentos educativos, constituindo-se artefatos culturais potentes para a organização do pensamento e da realidade e na estruturação de aprendizagens (ROLDÃO, 2005).

Configurando-se como um gênero discursivo, as narrativas que conforme Bakhtin (1989, 1997) revela o modo de organização coletiva de um grupo, em dado momento histórico, refletido nos planos social e pessoal como também nas suas motivações e intencionalidades particulares, podendo operar certos efeitos sociais, e não outros, conforme o narrador, o contexto narrativo e a audiência considerada.

As narrativas são construídas, portanto, a partir da interação entre os envolvidos na pesquisa, em que aquele que conta sobre suas memórias, o faz a partir, não apenas do que viveu, mas de todo o processo de interferência do presente e de suas vivências outras, o que justifica haver lembranças do outro que, mesmo narrando fatos passados em que estávamos presentes, não nos recordamos.

Para Benjamin (1987) a narrativa tem fundamental importância ao relacionamento história e memória. O narrador é aquele que dá conselhos, no sentido verdadeiro – *rat* como um sábio, baseando-se na experiência – *erfahrung* – de toda uma vida. A narrativa é de propriedade do narrador. A partir da experiência vivida, o narrador consegue rememora-la, por meio da expressão de um aconselhamento. O narrador tem noção, nesse caso, da sua dependência da memória, para o exercício de sua função de conselheiro de um determinado grupo, com vistas a alcançar uma moral da história.

A memória, além de ser um fenômeno de caráter individual, no qual o sujeito reconstrói seus caminhos e reinventa o que experienciou no passado, no presente é um fenômeno que permite uma autoanálise em relação às trajetórias percorridas, verificando-se de que forma nossas lembranças são ressignificadas, realimentadas numa perspectiva de ação futura.

Recorremos à fala de Angico que diz:

As lembranças não estão muito vivas [...], mas vou tentar! Eu penso que a lembrança é uma sobrevivência do passado, né mesmo? [...] Lembrar é viver, é reconstruir. Reconstruir com imagens a ideia [pausa] a ideia de hoje em relação as experiências do passado, numa vivência de continuidade de vida (ANGICO, 2019).

Complementando a fala de Angico, Aroeira (2019) diz que,

Quando estamos sozinhas, buscando lembrar, remexendo o baú das lembranças, muitas coisas nos escapam, mas, dessa maneira, junto às companheiras de jornada, a memória aflora em nossa mente e muito conseguimos recordar, entre aspás – [faz sinal com as mãos] - até mesmo detalhes que haviam se apagado de nossa memória, mas tem coisa que parece que eu não vivi, não me recordo de ter vivido [...] Mas como diz Angico, revivemos o passado com a experiência do hoje e nos vemos meninas assumindo grandes responsabilidades e tomando decisões que foram fundamentais para nossa vida, para sermos o que somos hoje [silêncio] (AROEIRA, 2019).

Dessa forma, Aroeira e Angico, retratam, em suas falas, a importância do grupo no processo de rememoração endossado teoricamente por Thomson (2002) que nos diz que, apesar de termos nossas memórias individuais elas estão inseridas nas lembranças coletivas dos grupos dos quais fazemos parte. Assim,

No que diz respeito a grupos, as memórias são consideradas individuais, mas ocorrem os maiores conflitos quando as pessoas insistem em que as lembranças dos outros sejam iguais às suas. Reuniões e aniversários são frequentemente fóruns de áspersos debates entre os participantes sobre a memória de um evento, mesmo quando todos o testemunharam. Eles discutem o que se passou e que interpretação dar à experiência (THOMSON, et al 2002, p. 85).

Nessa perspectiva, nossas lembranças são inseridas numa memória coletiva e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos, nos quais, só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, na realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Dessa forma, reconhecemos que a memória não é neutra, mas seletiva e dinâmica e não está cristalizada no tempo passado, é viva e estamos sempre a reinventá-la. A lembrança do passado é influenciada pelo tempo presente daquele que lembra. É a memória que permeia a relação do presente com o passado, e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações.

Lembrar o passado e escrever sobre ele já não podem ser consideradas atividades inocentes. Nem as recordações, nem as histórias nos parecem objetivas. Em ambos os casos, estamos a aprender a estar atentos à seleção consciente ou inconsciente, à interpretação e à distorção. Nos dois casos esta seleção, interpretação e distorção, são fenômenos socialmente condicionados. Não se trata do trabalho de indivíduos isolados (BURKE, 2000, p 231).

São as memórias e as percepções atuais do vivido que influenciam diretamente na forma como a entendemos e pensamos sobre elas, ajudando a configurar o presente, atribuindo-lhe sentidos.

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 9).

Conforme Portelli (2016) o trabalho com as fontes orais é, em primeiro lugar, uma “arte de escutar” (PORTELLI, 2016 p. 183) e por isso, muitas vezes, vai além do que “*os interlocutores pensam que estão os limites [...] e os termos da relevância histórica, ao emergirem relatos de conhecimentos imprevisíveis*” (PORTELLI, 2016 p. 183).

As narrativas são construídas, portanto, a partir da interação entre os envolvidos na pesquisa em que, aquele que conta sobre suas memórias o faz a partir, não apenas do que viveu, mas, de todo o processo de interferência do presente e de suas vivências outras. Como fragmentos de um mosaico, as memórias vão se constituindo a partir da elaboração de quem

narra, muitas vezes diferente do outro fragmento narrado por outra pessoa. Buscam, daí, semelhanças e diferenças, felizes por reviverem memórias comuns. Daí a importância de saber ouvir, valorizar cada gesto, cada olhar, suspiros, trejeitos, embargo de voz, silêncio, de quem relata suas memórias, a importância do reconhecimento da subjetividade e da realidade objetiva dos fatos.

As protagonistas, quando narram suas experiências sobre algum acontecimento, fazem mais do que lembrar, revivem momentos, alteram formas de pensar e de agir. Tal experiência também transforma quem pesquisa. As narrativas constituem uma fonte poderosa de inspiração, conhecimento, estimulando a reflexão sobre o fazer e o pensar.

A fala de Umbuzeiro retrata as diferenças existentes, na época, entre os homens e mulheres:

Eu sempre soube que os homens tiveram e ainda têm – apesar de estar mudando- certos privilégios em nossa sociedade, mas não tinha refletido quanto eram privilegiados, no sentido de que, muitas vezes nós mulheres éramos deixadas de lado com nossos sonhos, para que o do filho homem fosse atendido. Eu sempre gostei de estudar, queria ser a primeira da turma. Muitas vezes, estudava a lição antes do professor dar a aula. Tinha sede de aprender. [...] Eu e meu irmão éramos colegas, mas na hora de ir prestar vestibular, não houve dúvidas: Ele foi para capital tentar medicina e eu tive que ficar e assumir a Lojinha que dava sustento à família, pois, meu pai estava se recuperando de um infarto [silêncio]. Mas isso era normal na época. Não se questionava [suspiro] (UMBUZEIRO, 2019).

A narrativa de Umbuzeiro a faz refletir sobre os motivos de seu irmão e não ela, ter ido estudar Medicina na capital. Ela percebe, ao narrar a experiência, que tal fato se deu devido ao contexto social em que vivia, no qual os homens eram privilegiados pela sociedade patriarcal da época.

Dessa forma, a narrativa valoriza e explora as dimensões pessoais dos sujeitos, ou seja, os seus afetos, sentimentos e percursos de vida, permitindo galgar à complexidade das interpretações que eles fazem das suas vivências, das suas ações, dos seus sucessos e insucessos e dos problemas, desafios e dilemas com os quais se confrontaram.

Ao emergir tais narrativas na roda de conversa, percebo o quanto tais reflexões afetam Umbuzeiro, pois a partir da expressão fluida de sua narrativa, se tornou possível compreender como se deu o processo de formação de sua identidade e, da mesma forma como pensar a história, os processos, as escolhas ou a falta de escolha que lhe foi podado pelo padrão machista da época.

Umbuzeiro complementa sua fala lembrando seus objetivos:

Eu ainda guardava o meu sonho: Estudar na capital! Foi quando surgiu a oportunidade de ir estudar no INEP por um na. Eu agarrei a oportunidade com unhas e dentes. Preparei minha irmã pra ficar na loja. Ele teve receio, mas deu conta melhor que eu. Hoje, a realidade é outra. Vejo com meus netos, que as oportunidades, ao menos pra estudo, são iguais para homens e mulheres (UMBUZEIRO, 2019).

Optei pelas narrativas dessas professoras, na medida em que elas se dão, na perspectiva de que - apesar de vasta literatura, em âmbito nacional e internacional, sobre a formação inicial, formação docente, trajetória profissional, etc. - faltam trabalhos com as histórias reais narradas por docentes, uma vez que “o ingrediente principal que vem faltando é a voz do professor” (GOODSON, 1992, p. 69).

Parece-me necessário, neste ponto, acrescentar que as narrativas das protagonistas, registradas nesta pesquisa, são as lembranças relatadas nos momentos das rodas de conversa. Provavelmente, amanhã, suas narrativas serão outras. Não há problema, pois o interesse é compreender o processo de memória e trajetória que envolve suas vivências cotidianas.

A história de vida narrada é, assim, uma mediação de conhecimento de si, em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor, oportunidades de tomada de consciência sobre seus diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a formação.

Assim, torna-se importante resgatar Josso (2003) quando diz que:

Existem tantos territórios acessíveis aos sentidos, quanto invisíveis, nos quais as representações simbólicas dão sentido, como topologias experienciais. Os relatos de vida centrados na formação estão, geralmente, associados a questões de pertencimento e, por conseqüência, a questões de identidade. Os relatos de vida, centrados sobre a perspectiva das experiências formadoras e fundadoras de nossas identidades em evolução, de nossas idéias e crenças mais estabilizadas, de nossos hábitos de vida e de ser com relação a nós mesmos, aos outros, ao nosso meio humano e natural, têm essa particularidade de serem territórios, por vezes tangíveis e invisíveis (JOSSO, 2003, p.415).

A narrativa é entendida como um modo de pensamento que se apresenta como princípio organizador da experiência humana no mundo social, do seu conhecimento de mundo e das trocas que mantêm com outros sujeitos (BRUNER 1997, RICOUER, 2010). O modo narrativo organiza-se a partir da experiência particular do que é contextual e singular. A experiência lida com as idiosincrasias do mundo e vale para isso dar força à tradição, não sendo passível de ser “comprovada cientificamente” pela sua própria natureza.

O paradigma hermenêutico, no qual a abordagem compreensiva se insere, destaca a importância do sujeito no seu papel de intérprete, onde a memória tem uma importância fundamental. A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significativa que marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências (SOUZA, 2007).

Queiroz (1988) define narração como “*o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu*” (QUEIROZ, 1988 p. 19). A referida autora apresenta uma distinção entre as narrativas como depoimento e como história de vida, levando-se em consideração o papel do pesquisador e a forma que utiliza para recolha dos dados. Sabemos, entretanto, que essa reconstrução nunca é linear, e sempre se dá a partir da interferência do contexto presente. Assim, narrar as memórias que persistem, é reviver, é recontar uma história, que nunca é como de fato se deu, mas sim uma miscelânea das várias marcas, aprendizagens, deslocamentos, realizados durante nossa trajetória de vida, através do tempo. Narrar uma experiência é vivenciar o passado no presente, numa perspectiva de futuro.

Nesse sentido a HO, que se dá a partir da utilização da narrativa como princípio epistemológico e metodológico de abordagem qualitativa da pesquisa, implica numa forma de pensar a pesquisa em educação sob a égide da escuta, do olhar atento, das demonstrações subjetivas que se sobreelevam a narrativa memorial.

Segundo Alberti (2000) “*a consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado*” (ALBERTI 2000, p.1).

Conforme Oliveira (2007) ver, entrever, escutar, sentir, partilhar histórias e experiências podem ser tomados como movimentos epistemológicos que, por um lado buscam superar a “cegueira epistemológica” presente em modernas abordagens de pesquisa, e, por outro, se aproximam das singularidades e subjetividades dos sujeitos, através de modos emergentes de fazer ciência.

Para Souza e Meireles (2015), nos dias atuais observa-se cada vez mais, a importância e curiosidade que se detém sobre o ato narrativo, os quais se dão sob múltiplas formas - escrita, oral, imagética, digital - revelando e desvelando ações cotidianas, reflexões sobre o público e o privado, demarcando os movimentos propulsores das experiências, das histórias individuais e coletivas de diferentes pessoas, sexos, idade, condição social, etc.

No pensamento filosófico de Paul Ricoeur (2010), a narrativa e a ação estão imbricadas. Refletir sobre narrativa e ações de homens e mulheres - que agem no mundo, que faz escolhas, aquele que está vivendo - não é algo que se passe de imediato, pois uma coisa é narrar histórias, outra é ir vivendo a vida; são questões distintas. Porém, *“a vida tem a ver com a narração”* (RICOEUR, 2010, p. 197). O papel das narrativas tem bastante a ver com a aquisição da linguagem e com a constituição para cada um, de sua identidade narrativa.

Dessa forma, a relação entre história narrada e história, é desafio quanto à reflexão da unidade da história. Para Ricoeur (2010), a análise conta com a função narrativa de configurar a realidade histórica e elevá-la ao nível de uma consciência unificada em que o presente, o passado e o futuro sejam abarcados de um modo totalizante e dialético.

Ricoeur (2010), apresenta o conceito de uma mediação aberta, inacabada e imperfeita, uma trama de perspectivas entre a expectativa do futuro, a recepção do passado e a vivência do presente. Conforme o autor, para compreender a correlação implicada neste tripé - passado, presente e futuro - torna-se pertinente considerar que a narrativa histórica é uma reconstrução de circunstâncias, de motivos, de intenções, uma síntese da heterogeneidade, uma configuração do que se produziu efetivamente no passado real que existiu, mas não existe mais, entretanto não preserva o sentido de algo irreal como na ficção.

Logo, a noção de passado real traz à tona o sentido de uma propriedade absoluta do passado, de um ter-sido-absoluto, peculiar da ideia de alteridade. Essa alteridade, diferença entre o passado e o presente, acarreta dificuldades na reconstrução do tempo histórico, tanto no plano epistemológico, quanto no plano ontológico.

Considerando-se esse aspecto, ressalto que a teoria narrativa de Ricoeur (2010) propõe uma unidade plural, entendida *“a partir da ideia de uma recepção do passado a qual traz no seu interior a conotação de um ser afetado pelo passado”* (RICOEUR, 2010, p. 360).

Destaca-se, assim, as diversas maneiras como os sujeitos narram a vida, significando-a através das marcas formadoras e dos sentidos que lhes são atribuídos, quando elaboram e partilham suas histórias. O crédito outorgado à palavra do outro faz do mundo social um mundo intersubjetivamente compartilhado, onde a confiança na palavra é similitude dos membros da comunidade, intercâmbio às confianças, e vínculo entre semelhantes. Surge daí, para Ricoeur (1997), *“a troca recíproca que consolida o sentimento de existir em meios a outros homens”* (RICOEUR, 1997, p. 175).

A narrativa torna-se um tipo de saber, porque consegue combinar, pela tessitura da intriga, elementos heterogêneos, dando-lhes uma ordenação lógica, ou seja, certa inteligibilidade à obra. Nesse sentido, o ato de *“compor uma intriga já é fazer surgir o*

inteligível do acidental, o universal do singular, o necessário ou verossímil do episódico” (RICOEUR, 2010, p. 70).

Assim, para Ricoeur (1997), a narração é um gênero abrangente inerente a nossa ação no mundo. Gerar, produzir narrações, faz parte do mundo da vida e, por conseguinte, é a forma de constituirmos nossa identidade no mundo uma vez que:

[...] As histórias de vida são a tal ponto entrelaçadas umas com as outras que a narração que cada um faz ou recebe de sua própria vida se torna um segmento de outras histórias que são as histórias dos outros (RICOEUR, 1997, p. 67).

Esta opção epistêmico-metodológica advém justamente da possibilidade de acessar mundos individuais e coletivos, através dos modos próprios como os sujeitos narram e dão sentido a suas experiências. Ao narrar suas histórias e tecer redes de significação de suas experiências, os narradores são capazes de produzir um “*conhecimento de si*” (SOUZA, 2006) do ponto de vista ontológico e social.

Daí a importância de se compreender a narrativa como aprendizagem, a partir da recordação das experiências vividas, compreendendo que estamos em processo contínuo de aquisição de conhecimento uma vez que somos eternos aprendizes.

Inspirada por tais reflexões, considero que as experiências dessas educadoras – protagonistas da pesquisa - necessitam ser compreendidas e compartilhadas, pois podem revelar saberes construídos na vida e na profissão, tornando visível a memória de uma geração de professoras que dedicaram suas vidas à educação.

3.3 A História de vida como estratégia

É bom saber que nossa experiência de vida, nossa profissionalização, nossa trajetória enquanto professora servirá de fonte de conhecimento e registro da história vivenciada por todas nós, mulheres sertanejas que fazemos parte da história da educação da Bahia (ANGICO, 2019).

Angico narra a importância dessa pesquisa, pois ela registra a história da educação no Alto Sertão da Bahia, podendo servir como base para que outras pesquisas possam surgir, no intuito de desvelar a realidade vivida pelas mulheres sertanejas.

A História de Vida vem sendo utilizada a partir da década de setenta, por meio da Teoria dos Sistemas, proposta por Bertalanffy (et al 1972), que “[...], quer seja linear ou multifatorial, pela mediação do conceito de autopoiesis caracterizando, no campo social as individualidades”

(JOSSO, 2003, p. 20), iniciando-se uma nova forma de compreender as singularidades do ser humano.

Nesse sentido, a HV é entendida como “*um relato retrospectivo da experiência pessoal, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos significativos e constitutivos de sua experiência vivida*” (CHIZZOTTI, 2011, p. 101). Segundo o autor (2011), apesar de desprezada por algum tempo por pesquisadores defensores de técnicas quantitativas de pesquisa, a história de vida revitalizou-se a partir do final do século XIX e primeiras décadas do século XX “*introduzida pela Escola de Chicago e desenvolvida por Znanieski, na Polônia*” (CHIZZOTTI, 2011, p. 101), como meio sistemático de pesquisa

Dessa forma, segundo Laville & Dione (1999), a estratégia da história de vida é considerada como instrumento valioso à compreensão de como os sujeitos representam os acontecimentos e os fenômenos sociais, históricos e culturais, tendo como finalidade refletir sobre sua própria vivência, representando *de que modo os indivíduos fazem a história e modela a sociedade, ao tempo que são também modelados por ela* (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 159). Seu foco está na coleta de informações da vida pessoal de um ou de vários informantes, objetivando compreender o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou não.

Nesse sentido, considero que tanto a HO quanto a HV são caminhos metodológicos possíveis e potentes, que se complementam entre si, na medida em que histórias orais experiência das são contadas por indivíduos ou grupos de indivíduos que viveram em uma mesma época eventos, experiências que ao serem contadas e registradas apresentando-se como fontes para a compreensão das peculiaridades da formação e especificidades das situações educativas formais e informais.

Pineau e Courtois (1991) destaca o processo do movimento da história de vida, em três períodos que vão de 1980 a 2005. São eles: o período de eclosão nos anos de 1980, um período de fundação nos anos de 1990 e, finalmente, um período de desenvolvimento diferenciador, nos anos 2000. Ainda conforme o autor, ao considerar os escritos públicos editados como indicadores de acesso à historicidade, a obra franco-quebequense de autoria de Pineau, “*Produiresavie: autoformation et autobiographie*”, publicada em Montreal e em Paris, em 1983, marca para o mundo francófono a eclosão da corrente das histórias de vida em formação. É justamente essa obra que situa a auto formação como apropriação de seu poder de formação (parte I), adota um método: o das histórias de vida (parte II); e o aplica a uma vida bem comum: a de uma dona de casa (parte III).

A publicação desse livro, de acordo a Pineau (2015) é acompanhado pela formação de uma rede: História de vida e auto formação, na época do “I Simpósio Internacional de Pesquisa Formação em Educação permanente na Universidade de Montreal”. Surge daí o primeiro círculo de pioneiros que se dedicaram ao estudo da história de vida como metodologia. São eles: Pierre Dominicé e Christine Josso, da Universidade de Genebra; Guy de Villers, da Universidade Nova de Louvain; Bernadette Courtois e Guy Bonvalot, da Associação de Formação Profissional de Adultos da França; Gaston Pineau, da Universidade de Montreal; António Nóvoa e Matthias Finger (2010) da Universidade de Lisboa.

No Brasil, foi a partir da publicação de Bueno (2006) na revista “Educação e Pesquisa”, que se fez um balanço no uso das histórias de vida e dos estudos autobiográficos, como metodologia de investigação científica, privilegiando as temáticas de formação de professores e profissão docente, dentre os anos de 1985 e 2003.

O objetivo principal da autora (2006) foi mapear a produção nacional, buscando identificar as temáticas que emergiram com maior força, apontando aspectos lacunares e indicando direções para futuros estudos na área. Tal estudo evidenciou que o uso dessas abordagens cresceu significativamente no Brasil a partir dos anos de 1990. Nesse período, toda a América Latina vivenciava muitas reformas, tendo papel destacado os professores e a perspectiva da construção da nova escola que passou a vislumbrar e intensificar no período que antecedeu à aprovação da reforma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei número 9394/96, a partir da qual os professores e os pedagogos passaram a ser denominados como profissionais da Educação (art. 61 a 67). Ressalta-se aqui que um dos traços comuns aos textos, publicados na década de 1990, seja o do esforço pela multiplicação do potencial explicativo/formador das memórias/histórias de vida/autobiografias (BUENO, 1998).

Inserindo-se em expressivo movimento internacional, observável pelas produções educacionais oriundas da França, Canadá, Portugal e Suíça, os textos que propugnam, pelo caráter formador das histórias de vida. Observa-se que a intensificação de tais metodologias contribuíra para renovar as pesquisas sobre os professores, ao mesmo tempo em que fez aflorar o interesse por questões e temáticas novas, tais como as que se configuram, por exemplo, nos estudos sobre profissão, profissionalização e identidades docentes (BUENO, 1998).

Dessa arte, a narrativa memorial das experiências de vida, provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias, aos outros e o contexto sociocultural vivenciado. No resgate oral das experiências vivenciadas, o estudo da memória, não é visto como um fim em si mesmo, mas como um meio para se compreender o contexto no qual se viveu.

Sempre atenta, Bromélia (2019), narra que:

Essas lembranças têm me feito pensar o que me levou a tomar algumas decisões em minha vida! Por exemplo: Me lembro que, depois que já sabia ler, contar e escrever, minha mãe perguntou se eu queria continuar a estudar. Eu era menina, tinha 10 anos de idade e, na época, não sabia de nada. Era ingênua, nunca havia saído de casa sem meus pais. Eu não tive dúvidas. Eu queria estudar. E para que isso desse certo, teria que abrir mão do convívio dos meus pais e irmãos e ir para Livramento morar com meus avós maternos. Minha vó, mãe do meu pai, achou que eu não conseguiria [...] eu também me surpreendo de ter ido. Lá, era tudo muito simples. [...] não foi fácil. Minha infância, de certa forma, eu a vivi fora de casa e da companhia dos meus irmãos. Mas valeu a pena. Não sei se hoje eu teria a mesma coragem ou desprendimento [silêncio, suspiro] não sei se eu deixaria a família naquelas circunstâncias de outrora, né? Hoje a realidade é bem diferente, tudo é mais rápido, mais fácil (BROMÉLIA, 2019).

Posso inferir que, Bromélia ao refletir sobre sua decisão no passado, com os sentimentos, afetos e ligações que tem com a família atualmente, o que se fortaleceu ao longo de sua vida, a faz refletir sobre qual postura tomaria sobre o acontecimento do passado. Tal reflexão é compreensiva quando conhecemos a realidade de vida de nossa protagonista. Bromélia vive com mais três irmãs que também não se casaram e, juntas, compartilham toda uma vivência que foi se fortalecendo à medida que foram se aposentando e se aproximando mais uma das outras.

Para Pollak (1989) a emergência do estudo da memória vem ocasionando a disputa entre a memória oficial e as memórias subterrâneas, silenciadas ao longo do tempo, tornando-se um embate pela afirmação, sobretudo, de uma identidade que, por pertencer a uma minoria, encontra-se marginalizada.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), ao se tomar distância do momento vivido, é possível analisar e teorizar a própria experiência, promovendo a emancipação do sujeito. O resgate oral das memórias vividas provoca mudanças, na forma como as pessoas compreendem a si próprias, aos outros e ao contexto sociocultural vivenciado.

Nesse sentido, Halbwachs (2004) destaca que as memórias, ao serem reconstruídas ou simuladas, podem criar representações do passado, assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. Dessa forma para o autor:

A lembrança é uma imagem engajada em outras imagens [...] é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada (HALBWACHS, 2004, p. 25).

Para Bosi (1994), o que interessa quando trabalhamos com história de vida é a narrativa da vida de cada um, da maneira como o sujeito a reconstrói e o modo como ele pretende que sua vida seja narrada, não cabendo ao pesquisador se preocupar com a veracidade ou não dos fatos. Camargo (1984) corrobora dizendo que o uso da história de vida possibilita apreender a cultura “do lado de dentro”; constituindo-se instrumento valioso à compreensão de si, do outro e da sociedade como um todo.

O livre fluir das narrativas memoriais torna-se condição indispensável para que as vivências pessoais e singulares aflorem entranhadas do/no social, onde o processo de escavação do micro, deixa entrever o macro, o universal, mostrando-se invariavelmente, presente no singular.

Para Gomes (2012), a experiência narrada por cada sujeito pode ter sido limitada às alternativas oferecidas por condições institucionais e históricas, mas envolveram também escolhas e aprendizados, sentidos que podem ter divergido daqueles emanados dos centros de poder educacional. Assim,

[...] considerá-los como sujeitos históricos significa muitas vezes ter de sublinhar a inadequação das percepções posteriores que tenderam a generalizá-los, aplainando, simplificando, negando ou distorcendo suas ações e os sentidos a elas emprestados, significa, em última análise, guardar distância de fontes oficiais, percebendo, nas desqualificações de que esses sujeitos foram alvos, possíveis sinais de divergência, caminhos seguidos diferentes daqueles imaginados por reformadores e executores de decisões das administrações centrais e regionais. Quer dizer também desprender-se, quando necessário, de conceitos reducionistas que impediram de percebê-los na sua alteridade, nas suas identidades plurais e na diversidade de seus percursos histórico (GOMES, 2012, p. 45).

A narrativa oral da história de vida, portanto, permite conhecer o passado, através do olhar e da lembrança das protagonistas da pesquisa, as quais vivenciaram e estiveram diretamente envolvidas em fatos, permitindo o registro, a compreensão e o conhecimento da trajetória da formação identitária social e as produções histórico-culturais das professoras do Alto Sertão da Bahia em sua complexidade e diversidade. Jurema diz que:

Eu tenho gostado muito desses encontros. Desde a primeira visita e da proposta apresentada eu adorei. Sempre tive vontade de rever minhas colegas (sempre foram mais mulheres) do período de estudante e mesmo quando trabalhávamos como professoras. Então essa oportunidade surgiu e eu estou feliz. (JUREMA, 2019).

Assim, os procedimentos metodológicos possibilitam uma articulação entre espaço e tempo, compreendendo a dinâmica das relações existenciais em busca de uma sabedoria de vida. Nas rodas de conversa, as histórias de vida de cada protagonista foram confrontadas com as demais, o que as levou a perceber várias dimensões da sua realidade de vida, aprendendo uma com as outras, desde os aspectos da formação da subjetividade individual e coletiva, interioridade e exterioridade, o papel da imaginação e da tomada de consciência.

Reconheço que uma das contribuições da metodologia da história de vida é a compreensão sobre a formação do sujeito que integra a prática do saber-fazer a seus processos de aprendizagem, ou seja, o sujeito incorpora a experiência, as formulações e soluções teóricas que auxiliam na resolução de problemas. Ou, conforme afirma Josso (2003), a inserção do sujeito e suas singularidades, favorecem o olhar, o caminhar para si mesmo e o caminhar com o outro, desafiando-lhes a refletir sobre sua própria existência no mundo.

Desse modo,

O processo do caminhar para si apresenta-se como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural (JOSSO, 2003, p 59).

A história de vida possibilita a percepção de si mesmo, ao mesmo tempo em que remete ao sentimento de alteridade que possibilita a reflexão sobre as atitudes e decisões do outro, a compreensão de suas escolhas, decisões, rupturas, ressignificando acontecimentos e fatos passados.

Segundo Bosi (2003) a narrativa memorial por objetos, fotografias recortes de jornais, cartas, convites, álbuns de formatura, cantos, poemas, etc. permitem que o sujeito conte a sua história, a sua origem, destacando-se que, enquanto narram sua trajetória/história, cria-se um movimento entre o presente e o passado, configurando um movimento social contínuo e descontínuo que se sobressai ao movimento histórico.

Desta forma, as ideias de uma Escola Nova e o desejo de adentrar ao sertão baiano estavam sendo expandidas e estavam fervilhando na cabeça de educadores como: Anísio Teixeira, Isaías Alves - aquele que foi o grande educador e o precursor das instituições de Cursos Normais, desde Caetité até Jacobina (CUNHA, 2012, p. 25).

Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao

longo de um processo. Ao fim da escuta, todo o material é transcrito e discutido entre o sujeito participante e o pesquisador que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar, naquele material, as pistas que o ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa. *"É retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão"*(CHAUÍ, 1987, p. XXI).

A escolha por essa metodologia se dá na medida em que ela mesma passa proporcionar a reconstituição de memórias guardadas dos sujeitos sociais, testemunhas vivas da história o que constitui uma prática significativa de investigação social, *"visibilizando sujeitos e lugares ocultados e silenciados"* (PORTELLI, 2010, p. 07) no decurso do tempo.

Logo, a narrativa é tida como possibilidade investigativa de sutilezas e singularidades das experiências vivenciadas na vida-formação, na medida em que permite a recordação, reconstrução de fatos memoriais e novos olhares sobre o vivido, dotando-o de novas significações.

3.4 A arte de experienciar

Eu aprendi comigo mesma através das minhas experiências, errando e acertando [...]. Não tinha novidade nenhuma [...] Só muito mais tarde que chegou o curso de formação de professores. Estes professores trouxeram o método "Casinha Feliz" (BROMÉLIA, 2019).

Bromélia destaca a aprendizagem a partir da observação e da experiência já que, nos primeiros anos como professora, não teve conhecimento sobre os métodos de alfabetização, os quais só surgiram mais tarde, através do curso de formação que lhes ensinou o método "Casinha Feliz", de Iracema Meireles.

Endossando a narrativa de Bromélia, Juazeiro acrescenta que:

Eu contava com 17, 18 anos de idade, quando me vi diante de uma classe multisseriada. Era a única professora naquela vilazinha - Canabrava de Caldeiras, distrito de Caetité. [...] desejei a presença de pessoas que me orientassem e com quem pudesse dividir os meus anseios [...], mas eu era professora e os pais dos meus alunos confiavam em mim. Fui à luta. [...] Eram alunos do 1º, 3º e 5º ano. Dividi a turma por série e dei assistência direta aos iniciantes enquanto os outros faziam exercícios escritos. Me lembro bem [...] eram 26 alunos. Cada um trazia um caderninho, um lápis e uma borracha. O 1º ano, cartilha do ABC. Ah! Como foi difícil! [pausa] eu teria que alfabetizar aquelas crianças de olhinhos brilhantes, esperando por mim! Ensinar a descobrir letras, soletrar palavras, por palavras numa cartilha enfadonha, sem nenhum atrativo. Com as outras turmas o trabalho era mais fácil, porque as crianças já dominavam a leitura e a escrita. E assim foi feito. Ia fazendo rodízio, procurando acompanhá-los da melhor forma possível [...] Foi nascendo uma amizade, um grande carinho [...] começaram a fazer os bilhetinhos. Os maiores ajudavam os menores nas atividades e o recreio era por

mim dirigido com jogos e brincadeira. No final do ano, a recompensa. Todos aprovados! A gente ia aprendendo na prática, com a gente mesmo (JUAZEIRO, 2019).

As narradoras comentam sobre o aprender a aprender fazendo, agindo e interagindo com as crianças. Ressaltam, também, que não tiveram o preparo didático pedagógico na Escola Normal, explicitando o caráter teórico da formação, nas primeiras turmas de Magistério, no início dos anos de 1950. Desse modo, nossas protagonistas ao assumirem a sala de aula, utilizaram dos conhecimentos de vida, do ensino que lhes possibilitaram a aprendizagem no primeiro momento, para atuarem enquanto professoras. Aos poucos, conforme relatos, os acontecimentos diários ensinaram-lhes a melhor maneira de agir.

Tanto Bromélia quanto Juazeiro se formaram, no início da década de cinquenta, na Escola Normal de Caetité.

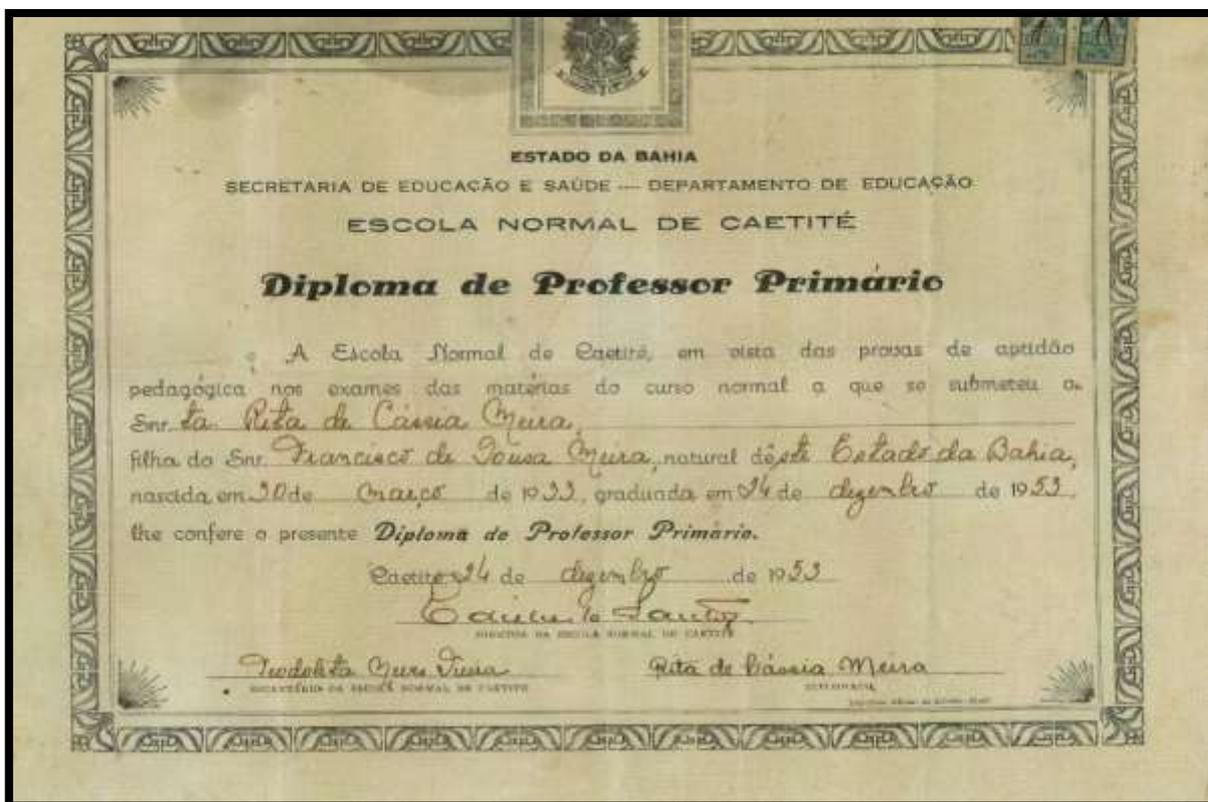


Imagem 70- Diploma de Bromélia, 1953. Acervo pessoal.

A prática e a experiência cotidiana, foram os recursos que prepararam nossas professoras/protagonistas para desempenharem a docência. Isso nos faz lembrar que um dos primeiros filósofos contemporâneos a diagnosticar a questão da importância das experiências e suas consequências para a vida humana foi Walter Benjamin. Nos primeiros ensaios, o autor considera a experiência como um saber opressor, triste e desanimador, uma máscara do adulto em repressão à juventude.

Bromélia narra como foi que começou alfabetizar os alunos:

[...] Eu fui ensinando as letras. Fazia como a professora Rosa: colocava um papel sobre as letras do alfabeto, e a criança fazia a leitura das letras, salteadas. Depois formavam as sílabas. Das sílabas as palavras. Não havia nenhum atrativo (BROMÉLIA, 2019).

Bromélia trazia para a sala de aula a mesma prática utilizada pela primeira professora e demais professores que teve, enquanto estudante, para ensinar seus alunos a ler e escrever. É bastante comum utilizarmos e repetirmos a forma de atuação a que fomos submetidos na escola. Assim como Benjamin nos diz, em primeiro plano, a experiência parece ser um conhecimento “opressor”, reproduzidor de práticas antigas.

Com o tempo, no entanto, Benjamin (2016) vai revendo seus ensaios, fazendo a autocrítica e, em 1933, trazendo um novo conceito sobre experiência, caracterizando-a como um conhecimento vindo do passado, por meio da narração, de geração para geração. Mais tarde, em outros ensaios, traz uma crítica à palavra experiência, diferenciando-a da vivência e problematizando o seu uso indiscriminado.

No ensaio “*Experiência e Pobreza*”, Benjamin (2016) faz a seguinte narrativa, que reproduzo de acordo com minha compreensão: Um pai, em seu leito de morte, diz a seus filhos que havia um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos começam então a cavar por toda parte da chácara. Cavam e cavam, mas não encontram nenhum tesouro. Veio o período da colheita e seus vinhedos produziram muito mais que nos anos anteriores, superando qualquer um outro em toda redondeza. Foi então que os filhos percebem que, na verdade, seu pai lhes havia transmitido uma experiência: a felicidade não está na riqueza, mas sim no trabalho. Segundo o autor (2016) as experiências são transmitidas dos mais velhos para os mais novos, de geração em geração, através de provérbios, narrativas orais ou histórias reproduzidas de boca em boca. Nesse sentido, Benjamin reitera que o significado da experiência, era conhecido uma vez que,

[...] sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos (BENJAMIN, 2016, p. 85).

Se verificarmos a etimológica da palavra “experiência”, vamos encontrar no latim a palavra “*experire*” que é o mesmo que provar, experimentar. Se olharmos de perto, vamos perceber que ao longo do tempo os significados das palavras vão se transformando. O prefixo

“per” (no latim), exprime a noção de “provar”. Temos então palavras como “experire”, que carrega o radical “perire” que vem do Grego “per” e dá origem a palavras como “*periculum*”, “*perigo*” em português, ou “peirô” que significa *atravessar*, ou ainda “peraô” que significa *passar através de*. Em português temos a palavra “pirata” que também, traz a ideia de atravessar. Nesse sentido, a palavra experiência carrega em si a ideia de atravessamento, de passagem, de novidade, mas também de perigo.

Posso dizer, portanto, que experienciar tem a ver com “atravessar perigos”, cruzar caminhos durante a vida, ou seja, experienciar é passar por algo inolvidável, que nos deixa marcas e nos constitui em quem somos. O sujeito da experiência não é um ser impávido, sempre seguro de si, inatingível, autodeterminado, mas, é um sujeito da reciprocidade – o que não é fraqueza- mas a capacidade de se deixar atravessar, marcar e transformar-se pela vida e por outros seres humanos.

Aqui, tomo emprestado o termo utilizado por Portelli (2017), quando aborda o uso da “História Oral como a arte da escuta”, exemplificando que é rotineiro para as professoras/protagonistas, a prática de trazer as lembranças dos momentos de reunião em família e amigos desde quando se davam no terreiro da Fazenda Casa Nova ou nas calçadas, já em Brumado, como era habitual, bem como nos dias atuais, as conversas na cozinha ou quintal, como momentos de relato do cotidiano, conversas sobre as tradições e saberes dos mais idosos, ou numa palavra mais utilizada atualmente no momento: “resenha”.

Jitirana narra que:

A chegada do motor para gerar energia elétrica na cidade de Brumado ocorreu no dia 22 de maio de 1950, data em que fui batizada. Me contaram que Monsenhor Fagundes fez o batizado às pressas, pois era o responsável por “cortar” a fita da inauguração. Foi um grande evento na cidade e contou com a presença de autoridades de toda a região. Era o progresso chegando ao sertão. O motor era ligado por “Nelson do motor” às 18 horas. Posteriormente com a rádio difusora na voz de Zé Maria irmão de Mandacaru e Angico, ouvíamos a Ave Maria, notícias gerais, notas de falecimento, entre outras. Antes das 21 horas, tínhamos que estar em casa, pois o motor era desligado nesse horário (JITIRANA, 2019).

Benjamin (2016) se preocupou com a questão da pobreza da experiência na sociedade moderna, ao perceber que ela estava se retraindo com o avanço do capitalismo e o avanço tecnológico, principalmente, com o trauma europeu vivido pela Primeira Guerra Mundial, tornando os indivíduos mais pobres de experiências transmissíveis, uma vez que os soldados que viveram os horrores da guerra retornaram mudos, introspectivos, de tal sorte que perderam a capacidade de intercambiar experiências partilháveis.

Assim, tal evento leva a sociedade ao que o autor denomina de “pobreza de experiência”, uma destituição cultural, caracterizando um novo quadro de barbárie. O avanço das tecnologias e sua afetação, no ambiente social e na vida cotidiana, fazem com que a população, como um todo, se sinta alheia aos valores comunitários antigos, cuja experiência é reconhecida como elo representante do conhecimento transmitido entre gerações passadas. A experiência denota o conhecimento acumulado por gerações, transmitido em geral por meio das fábulas, histórias, parábolas ou provérbios, anedotas, etc.

Devido à desmoralização das experiências coletivas dos indivíduos, e à conseqüente perda da capacidade de comunicá-las, os homens se tornaram incapazes de transmitir ensinamentos através da tradição oral. Ao contrário das sociedades tradicionais, que preservavam suas tradições nos épicos e narrativas, a sociedade moderna se caracteriza pelo declínio de um passado comum a ser transmitido.

Ao recordar o passado, Jurema menciona que a maioria das pessoas não tinham acesso aos meios de comunicação da época, como o rádio, que hoje, independente da classe social, todos possuem em casa, ao contrário da época de sua infância e adolescência.

Jurema nos diz:

Não havia a televisão e o rádio funcionava à pilha. Lá em casa, o rádio era ligado somente por meu pai, para escutar as notícias na Rádio Nacional, na voz do repórter ESSO, Heron Domingues. Uma voz inesquecível [...] meu pai não frequentou a escola, mas lia o jornal – que muitas vezes chegava com atraso- e lia atentamente as notícias do jornal, para compartilha-las com seus amigos (JUREMA, 2019).

Conforme Benjamin (1987), “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1987 p. 201). Assim, não nos cabe averiguar a veracidade dos fatos, mas nos atentar às maneiras sui generis das professoras contarem suas experiências, perceberem as marcas, os desassossegos, tremores, felicidades, potencial de cada vivência contada em sua singularidade.

Nesse sentido, o homem moderno, ainda que não inteiramente desprovido da lembrança da existência dessa transmissão, não é mais capaz de dar continuidade a essa experiência, não podendo mais comunicá-la ou tampouco invocar o peso contido no saber da tradição. Afinal,

[...] Esse gigantesco desenvolvimento da técnica levou a que se abatesse sobre as pessoas uma forma de pobreza totalmente nova. E o reverso dessa pobreza é a angustiante riqueza de ideias que se difundiu – melhor, se abateu – sobre as pessoas, com o regresso da astrologia e da ioga, da

Christian Science e da quiromancia do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritismo. O que nisso se mostra não é, de fato, um autêntico renascimento, mas uma galvanização. Somos levados a pensar nos grandes quadrados de Ensor, nos quais um espectro enche as ruas das grandes cidades: pequeno-burgueses em trajes carnavalescos, máscaras enfarinhadas e grotescas, coroas de palete na cabeça, derramam-se num cortejo. Esses quadros são talvez, acima de tudo, um reflexo do terrível e caótico renascimento em que tanto depositaram suas esperanças. A que se mostra, da forma mais evidente, como a nossa pobreza de experiência é apenas uma parte da grande pobreza que ganhou um novo rosto – com a nitidez e o recorte exato do mendigo medieval (BENJAMIN, 2016, p. 86).

O autor supracitado declara que, com o desenvolvimento desenfreado das técnicas e com seu novo alcance, sobrepõe-se ao homem um novo tipo de miséria, exatamente aquela ocasionada pela pobreza de experiências e pela atrofia da capacidade de comunicá-las uma vez que:

A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, dentre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (BENJAMIN, 2011, p. 198).

Benjamin (2011) observa a pobreza de experiências como característica do mundo moderno, onde muitas coisas se passam a partir de uma quantidade exorbitante de informações, de dados, que se superam a cada instante, acarretando a dificuldade de viver a verdadeira experiência, na medida em que, existe uma diferença entre estar informado e viver a experiência. A informação, você esquece, ao passo que experienciar um acontecimento, provavelmente, lhe deixará marcas.

E assim, os valores tradicionais da comunidade passaram a ser substituídos pelas relações comerciais e pela relação de empatia entre os indivíduos e as mercadorias, ao perdemos a capacidade de sermos efetivamente tocados por questões como a guerra, a fome, as catástrofes sociais.

O acúmulo de informação, advindos com o avanço do capitalismo e das TIC'S (Tecnologias de Informação e Comunicação) provoca a sensação de que a vida se passa e que nada nos acontece. Por fim, Benjamin (2011), diz que a percepção de que tudo acontece rápido demais, depressa demais, tem a ver com o consumismo estimulado pelo sistema capitalista, que administra nossa satisfação ou insatisfação, através da “novidade” do mercado. Novidade essa que é o contrário do “absolutamente novo”, pois se trata na verdade da reapresentação do mesmo, aos consumidores vorazes que nos tornamos.

Corroborando, Giorgio Agamben (2005) afirma que o pensamento benjaminiano parece caracterizar esse problema da pobreza da experiência de um modo mais próximo ao que vivemos em nossos dias. Segundo o autor, não necessitamos presenciar nenhuma catástrofe ou guerra, para percebermos a interdição da experiência, em nossos dias: basta “*a pacífica existência cotidiana em uma grande cidade*” (AGAMBEN, 2005, p. 21).

Continuando, segundo Agamben (2005), o cotidiano do homem contemporâneo não contém quase nada que possa ser traduzível em experiência: nem o trabalho, nem as notícias dos jornais, nem as viagens de férias, nem o consumo. O que se percebe, conforme o autor, é que o homem contemporâneo volta para “*casa à noitinha extenuado por uma mixórdia de eventos*” (alegres ou tristes, intensos ou não), sem que nenhum deles tenha se traduzido em experiência, tornando a existência cotidiana insuportável (AGAMBEN, 2005, p. 22).

Sendo assim, posso dizer que a experiência é aquilo que vivemos, criamos, ao longo do tempo, seja de forma individual ou coletivamente. Perpassa o nosso íntimo, atravessa o nosso corpo, constitui-se na subjetividade de cada um de nós. É a nossa compleição, a qual se dá quotidianamente, a partir da realidade e contexto sócio-histórico o qual estamos inseridos, diante das necessidades em resolver os problemas de toda a natureza.

3.5 Mosaicos da Memória: duração e memória coletiva

Foi um dia maravilhoso! Tantas coisas foram retiradas do nosso baú da memória. Revivemos, nesse dia, 20 de setembro de 2019, todos os nossos dias de formação no Curso Normal Pompílio Leite (JITIRANA, 2019).

Jitirana traz à tona a duração da memória, buscando percorrer os caminhos vivenciados outrora a partir de suas lembranças e dos seus colegas, durante os festejos de 50 anos da turma de formados de 1969. Sua narrativa aponta tanto para o caráter da coletividade da memória, quanto a percepção da duração e da subjetividade da mesma.

O campo de estudo da memória é abrangente e multidisciplinar e, a cada dia novos conhecimentos e perspectivas epistemológicas vão surgindo. A partir do século XX, os fundamentos da memória têm se tornando cada vez mais revistos, e as fronteiras encontradas em outros campos de estudos vão sendo substituídas ou ampliadas, sucessivamente, dada a sua capacidade de apreender outras questões conceituais, ainda latentes, não vistas ou assumidas por outras áreas do saber (MAGALHÃES, 2014, p. 95).

Será Bergson (2006) e sua fenomenologia da lembrança que trará a perspectiva da memória, com ideias bastante originais e polêmicas, constituindo-se o centro dos debates sobre

tempo e memória, ocasionando reações que propiciaram à psicologia social “repensar os liames sutis que unem a lembrança à consciência atual”, bem como a “*lembrança ao corpo de ideias e representações que se chama, hoje, correntemente, ideologia*” (BOSI, 1994, p. 44).

Em seus estudos, Bergson (2006) esclarece que tudo se dá a partir da leitura de mundo, suas imagens, apreensão e através do corpo. O autor critica as formas de determinismo e “coisificação” do homem e advoga que sua pesquisa filosófica é uma afirmação da liberdade humana frente às vertentes científicas e filosóficas que querem reduzir a dimensão espiritual do homem em leis previsíveis e manipuláveis, análogas às leis naturais, biológicas, como imaginou Comte.

A ciência, para Bergson (2006), procura produzir conhecimento a partir de uma perspectiva de tempo ideal ou lógico-matemático, na qual, seria possível apreender a realidade, mensurá-la e generalizá-la, como se essa se repetisse sempre, no decorrer do tempo. É este um dos principais alertas deste pensador: tomar a realidade presa em um espaço de tempo é mortificá-la, é descolar o conhecimento da vida.

Seu pensamento está fundamentado na afirmação da possibilidade do real ser compreendido pelo homem por meio da intuição da duração e ainda, que a totalidade do universo jamais pode ser completamente decifrada pelo homem, pois o seu instrumento de raciocínio é uma parte dele,

[...] o cérebro é uma imagem, os estímulos transmitidos pelos nervos sensitivos e propagados no cérebro são imagens também [...] é o cérebro que faz parte do mundo material, e não o mundo material que faz parte do cérebro [...] nem os nervos nem os centros nervosos podem, portanto, condicionar a imagem do universo (BERGSON, 1999, p. 13 -14).

Esse autor rompe com a tradição filosófica que acreditava que o homem poderia conhecer tudo, através de sua capacidade intelectual, a partir do cérebro, pois não pensa o cérebro como órgão da representação, da especulação, do conhecimento puro, remetendo-o sempre a uma ação vitalmente interessada.

Dessa maneira, a memória é um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, “ela prolonga o passado no presente” (BERGSON, 1999, p. 247) “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (IBID, p. 179).

Em vista disso, para Bergson (1999) o tempo passado, presente e futuro, se entrecruzam, e não devem ser pensados em forma linear, diferindo, assim, da forma usual em que pensamos

o tempo. O autor refere-se ao passado como parte integrante do presente, um passado eterno que é condição para passagem, para o movimento do tempo.

No prefácio de “Duração e Simultaneidade”, Bergson (1972) discorre sobre a noção de tempo sustentada pela experiência análoga ao fluxo interno de nossa consciência, alicerçada na faculdade da memória a partir da noção de tempo de Einstein e da Teoria da Relatividade.

O empreendimento filosófico de Bergson (1972) é uma tentativa de compreender como a sua concepção de duração coexiste com as ideias de tempo do físico Albert Einstein, buscando compreender melhor a experiência da consciência, discutindo os conceitos de intuição, espaço, tempo e duração. O autor compreende “duração” como um tempo real vivido, ou seja, como sucessão de “continuidade” da experiência psicológica. O sentido filosófico que este conceito adquire está intrinsecamente presente na duração interna.

Conforme Coelho (2004), Bergson critica o pensamento filosófico e científico por desconsiderar o tempo real, cuja natureza se propõe a explicitar ao longo de suas obras. Os procedimentos de mensuração do tempo, dos filósofos e cientistas, em unidades de medidas de acordo a concepção bergsoniana, são convenções adotadas pela ciência, especificamente a geometria, para medir os instantes de tempo como esquemático e espacial.

Para Bergson (1972), o tempo não pode ser medido em intervalos, e se o é, é por artifício de uma convenção, pois afirma que a mensuração do tempo é incompatível com o tecido do real, e que o mesmo deve ser compreendido como sucessão, continuidade, mudança, memória e criação.

Não há dúvida de que o tempo se confunde inicialmente para nós com a continuidade de nossa vida interior. O que é tal continuidade? É a de um decorrer e de uma passagem, mas um decorrer e uma passagem que se bastam a si mesmos [...] E é memória, mas não memória pessoal, exterior ao que ela retém, distinta de um passado cuja conservação ela asseguraria; é uma memória interior à própria mudança, memória que prolonga o antes no depois e os impede de ser puros, instantâneos que aparecem e desaparecem num presente que renasceria sem cessar (BERGSON, 1972, p. 97 - 98).

Bergson (2006) destaca que, o tempo é um fluxo, uma passagem, um escoamento, uma continuidade e a experiência humana com o tempo é naturalmente entendida como uma duração, onde a fluidez do tempo é contínua e nossa consciência se dá como uma melodia que se desenrola em nossa vida interior.

Um exemplo disso é a narrativa de Jitirana quando se refere ao dia de festejo dos 50 anos de formatura da turma da Curso Normal Dr. Pompílio Leite:

[...] Lembramos dos professores, de todo pessoal da escola, passamos em revista cada sala que estudamos, os passeios que fizemos, as festinhas no Posto Juá, os encontros, namoros, as qualidades de cada um dos colegas, os seus familiares, as dificuldades em uma disciplina ou outra, as cerimônias de formatura, o baile [...] revivemos todos aqueles dias, nesse dia memorável, inesquecível (JITIRANA, 2019).

Segundo Coelho (2004), ao definir a duração como uma continuação do que não é, mas sim no que é, Bergson (1972) estabelece que a sucessão contínua de mudança heterogênea é memória. A memória é fundamental para a compreensão da relação entre continuidade e mudança.

O tempo de Bergson não é o tempo espacial, esse “vazio” no qual os acontecimentos se sucederiam. O filósofo propõe que desviemos nosso olhar e consideremos os próprios acontecimentos, sejam eles psíquicos ou físicos. É aí que descobriremos o tempo real, cujas propriedades fundamentais são a sucessão, a continuidade, a mudança, a memória e a criação (COELHO, 2004, p. 238).

De acordo com a concepção bergsoniana, a memória é o esforço por fazer vir à tona o que está oculto, e esse movimento indeterminado provoca dúvidas ao sujeito, que retoma as práticas consagradas, que deram certo anteriormente e faz brotar a memória.

[...] A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração e, assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela (BERGSON, 1999, p. 77).

Portanto, para o autor, a memória se dá a partir do embate entre subjetividade do espírito e exterioridade da matéria, que, por sua vez, se apresenta como obstáculo à emergência dessa lembrança. Não é papel do corpo armazenar lembranças, mas simplesmente escolhê-las para trazê-las à consciência distinta, criando na existência uma reserva memorialista que reside no nosso espírito e que o corpo tem o poder de acessá-la, nunca de maneira completa, mas fragmentada.

Bromélia em sua fala endossa os estudos de Bergson, com a fala a seguir:

De que eu estava falando mesmo? A gente começa a falar de uma coisa e depois muda pra outro assunto [...] Mistura tudo, né? O passado, o presente e o futuro [risos]. Parece difícil nos lembrar do passado, sem fazer essa distinção. As ideias vêm e, quando percebemos, já entramos em outro assunto. Mas, onde eu estava mesmo? Ah me lembrei! Eu estava em Aracatu (BROMÉLIA, 2019).

A narrativa de Bromélia exemplifica o pensamento de Bergson em relação à percepção de tempo, narrativa e memória, pois, na perspectiva do autor, a memória é inseparável da percepção, que permeia passado e presente, sua dupla operação, “faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela” (BERGSON, 1999, p.77).

Bergson (1999) faz uma profunda distinção entre dois tipos de memória: a memória-motora, pelo seu efeito prático de experiências repetidas em fases anteriores da vida, para uma ação presente; e a memória-lembrança como registro de imagens de momentos de nossa vida diária sem intenção útil, apenas como uma recuperação do nosso passado vivido.

Observemos a narrativa de Umbuzeiro (2019):

Me lembro que minha vó mandou colocar um tecido novo, muito bonito na sombrinha e eu estava louca pra inaugurar. [Risos]. Não tinha muito aonde ir. Eu, então, com pretexto de usar a sombrinha nova, resolvi ir passear na casa de uma comadre de minha mãe que ficava na Vila Catiboaba, localizada a 9 km. Fui acompanhada de Sinhá Maria, para passar a noite na casa de minha madrinha de crisma por nome Nair. Pernoitamos na casa de minha madrinha. Dormi encima de uma mesa [risos]. No outro dia, fomos à missa e no almoço, comemos galinha caipira. Foi um dia inesquecível, que guardo com carinho na memória. Depois, conseguimos uma carona, de volta pra casa com um caminhoneiro conhecido de meu pai. Na época, moravam na Vila Catiboaba os funcionários da Magnesita e muitos eram fregueses da loja de meu pai (UMBUZEIRO, 2019).

Tal recordação de Umbuzeiro pode ser caracterizada como uma memória-lembrança, momentos da vida diária sem intenção útil, apenas como uma recuperação do passado vivido. Como exemplo de memória motora, a narrativa de Jitirana pode nos ajudar a compreender. Ela se recorda da lição da Cartilha do Povo, trabalhada na escola pela professora Catingueira. A lição do P, onde a mesma recorda: “a cartilha era muito enfadonha e nós decorávamos pra ser tomada a lição pela professora Catingueira” (JITIRANA, 2019)

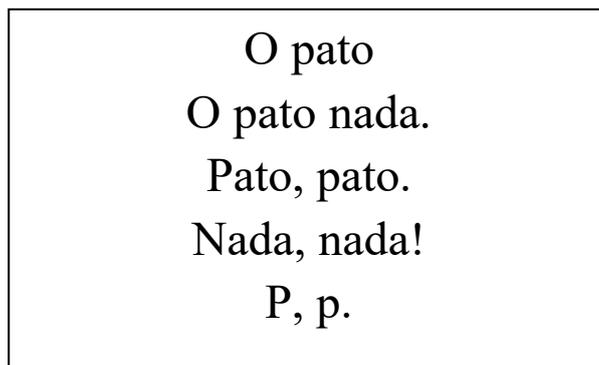


Imagem 71 - A Lição do P.

Complementando essa memória, Umbuzeiro se recorda que também estudou através dessa cartilha, ainda quando morava na Fazenda Casa Nova, e dá risadas ao lembrar do estudo da lição do M, que trazia a frase: “*A macaca da mata é má*” (UMBUZEIRO, 2019).

Conforme Bosi (1994), em seu livro “Memória e sociedade: Lembranças de Velhos”, pode-se entender, de maneira clara, a teoria de Bergson uma vez que,

[...] Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança vive em estado latente, potencial. [...] o papel da consciência, quando solicitada a deliberar, é, sobretudo o de colher e escolher (BERGSON, 1999, p.14).

Para pensar a memória como agente possível na criação de subjetividades é preciso, segundo o autor, que se observem as funções do corpo e suas potencialidades em relação às imagens que lhe são exteriores, visto que nosso corpo mantém posição privilegiada em relação às imagens e aos objetos em geral, justamente porque, com o corpo estabelecemos diferentes formas de ação. “*Os objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre eles*” (BERGSON, 1999, p. 15 e 16).

Mesmo a "subjetividade" das qualidades sensíveis, como procuraremos mostrar, consiste sobretudo em uma espécie de contração do real, operada por nossa memória [...] Na percepção concreta intervém a memória, e a subjetividade das qualidades sensíveis deve-se justamente ao fato de nossa consciência, que desde o início não é senão memória, prolongar uns nos outros, para condensá-los numa intuição única, uma pluralidade de momentos (BERGSON, 1999, p. 31 e 257).

Logo, no estudo de Bergson ressalta, portanto, a subjetividade pura (espírito) e a pura exterioridade (a matéria). A primeira filia-se à memória; uma força espiritual prévia a que se opõe à substância matéria, seu limite e obstáculo. A segunda, a percepção. Conquanto, não há,

no texto de Bergson, uma tematização dos sujeitos que lembram, nem das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas; como estão ausentes os nexos interpessoais, falta a rigor, um tratamento da memória como fenômeno social (BOSI, 1994, p. 54).

Foi Maurício Halbwachs (2003) quem preencheu esse vazio, criando o termo “memória coletiva”. A partir de então, a memória ultrapassou o plano individual, uma vez que, para ele, as memórias de um indivíduo nunca são só suas e nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Halbwachs revolucionou o pensamento de sua época ao afirmar que o fenômeno da recordação e das lembranças não podem ser percebidos e analisados se não forem levados em consideração os contextos sociais que servem de base para a construção da memória.

Desde então, Halbwachs (2003) alavancou o conceito de memória ao afirmar que ela ultrapassa as teses psicologizantes, ao fazer um estudo dos contextos sociais da memória, inicialmente apresentado na obra “Os contextos sociais da memória” (1925) e ratificado em obra póstuma, “A Memória Coletiva”, publicada em 1950.

Segundo Jean Duvignand (2003), no prefácio do livro “A memória coletiva”, são nos momentos de ruptura da continuidade histórica que as atenções se voltam para a memória e sua duração, em que a visão da destruição física, referendando-se à destruição deixada após a I Guerra Mundial (1914-1918), pode ter provocado a sensação de ruptura irreversível entre passado e presente e o temor da perda de si mesmo (a identidade) junto à perda das cidades. Nesse aspecto, a memória é utilizada como estratégia emocional ao propiciar a reconstituição entre passado/presente.

Conforme Halbwachs (2003), o indivíduo recorre às lembranças de outrem para evocar seu próprio passado. Recorre a referências extrínsecas, determinadas invariavelmente, pela sociedade, como palavras e ideias tomadas emprestado do ambiente em que vive, bastando que as lembranças do grupo tenham alguma relação com os acontecimentos que constituem seu passado. Para o autor, a memória individual se baseia naquilo que é visto, feito, sentido e pensado pelo indivíduo em determinado momento do tempo, não se confundindo, por isso, com as lembranças coletivas.

Nessa perspectiva, para Halbwachs (2003), a memória não é apenas cognitiva, mas uma construção psíquica e intelectual de um fato, uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, pois se materializa nas relações experienciadas nos grupos sociais, ou como ele denomina, nos marcos sociais da memória que são a família, a escola, os amigos, a religião, a linguagem, etc.

A fala de Catingueira corrobora com o sentido de memória de Halbwachs (2003) ao relembrar do método de alfabetização ministrado naquela época:

Quando eu e todas aqui presentes, tivemos contato com o método de alfabetização de Iracema Meireles – Casinha Feliz, ah foi um sucesso. Um material muito rico, colorido. Ensinávamos através da história de uma família, usando fantoches [...] as crianças adoravam! Para nós, foi excelente! Um curso que nos ajudou verdadeiramente. Ensinamos de forma lúdica e o resultado foi excepcional [...] quanta saudades! Até hoje meus ex-alunos me param na rua, apresentam-me a família, e me chamam de “tia”, justificando que continuam a me vê como a professorinha! [Risos] (CATINGUEIRA, 2019).

Tal característica da memória, endossada por Halbwachs (2003), assenta-se perfeitamente nas narrativas memórias de Catingueira (2019) e suas amigas de longa data, uma vez que, nas rodas de conversa, vê-se claramente o quanto uma memória se complementa, se discute, se nega, à outra.

A professora Angico complementa a narrativa das colegas mencionando:

Quando chegamos de Salvador, após o curso do INEP, tínhamos a função de repassar o método aprendido aos demais colegas. Isso foi uma experiência muito gratificante. Além de ensinar aos professores da rede pública, fui convidada para ministrar o curso aos professores da rede particular também (ANGICO, 2019).

De acordo com Halbwachs (2003):

[...] se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas (HALBWACHS, 2003, p.29).

Por conseguinte, conforme o autor, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva que, por sua vez, constitui as lembranças. Evidenciando o caráter social da memória, Halbwachs (2003) ressalta que, para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos literais, mas sim uma base comum ou muitos pontos de contato entre as memórias.

A professora Umbuzeiro faz uma narrativa que deixou todas as professoras emocionadas:

Em 2017, quando estava passeando, na casa de minhas irmãs em Brumado, fui visitar a professora Zilda Neves que, na época, contava com 93 anos. Ela me surpreendeu ao lembrar que fui sua aluna e primeira estagiária da turma do Curso Normal Dr. Pompílio Leite em 1964. A professora Zilda se recordou que eu doeira pra ela todo o material que fiz no curso promovido pelo Estado, no INEP, em Salvador. Recordou até dos fantoches usados para trabalharmos com o método Casinha Feliz. Dona Zilda disse que o material foi de grande relevância pra ela, enquanto professora de Didática Geral e Didática voltada para disciplinas específicas. Com esse material a professora diz que pôde repassar para os seus alunos esse novo método de alfabetização, além de trabalhar outros conteúdos (UMBUZEIRO, 2019).

Endossando a fala de Umbuzeiro, Jitirana nos conta que:

O material que Umbuzeiro presenteou Dona Zilda era de excelência. Tinha de tudo para ensinar não só o método Casinha Feliz, mas as outras disciplinas também. Na Didática da Matemática aprendemos a trabalhar o Quadro Valor de Lugar; fizemos flanelógrafo, alfabetos com letras maiúsculas, minúscula, muitos jogos como quebra cabeça, dominó, jogos de pescaria, caça palavras. Foram ricos os materiais confeccionados na prática, o que tornava as aulas mais atrativas (JITIRANA, 2019).

Nessa direção, para lembrar é necessário que o nosso pensamento não deixe de concordar, em certo ponto, com os pensamentos dos outros membros do grupo. Nesse sentido,

É preciso que essa reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2003, p. 34).

Nesse ponto de vista, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e isso muda segundo o lugar que se ocupa com as relações que mantêm (IBID, p. 69). Dessa forma, na concepção de Halbwachs (2003) a memória é um processo de reconstrução, e não uma repetição linear dos acontecimentos e vivências no contexto de interesses atuais os quais subsistem porque fazem parte de um conjunto de valorações e significados que são comuns a todos os membros de um dado grupo.

O grupo de referência a qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e confundiu seu passado, está presente não necessariamente de forma física, mas principalmente pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar a partir das lembranças, experiência comum próprios do grupo. Dessa forma, a manutenção das relações sociais, a afetividade estabelecida entre os membros de um grupo, permeia a consistência das lembranças que constituem o processo memorial. A lembrança é,

portanto, sempre fruto de um processo coletivo e está inserida num contexto social preciso. Em contrapartida, o desapego está ligado ao esquecimento. É nesse aspecto que se deve considerar os usos da memória, nesse jogo de lembrança e esquecimento. A memória atua no processo de reconstrução ou reconstituição como movimento contínuo, vivo, que retém aquilo que ainda está vivo na consciência do grupo, que porta o sentimento do já visto ao rememorar, reviver emoções de experiências idas.

Existem vários grupos que compõem a sociedade, portanto, há tantas memórias quantos grupos existentes, e cada momento é um âmbito temporal que tem várias dimensões que, por sua vez, são extraídas de forma comum ou distinta pelos diversos estratos geracionais que vivenciam o mesmo tempo (MANNHEIM, 1993, GONZALEZ, 2006).

Nessa lógica, há tantas memórias coletivas quanto grupos e essas memórias são balizadas por eventos históricos, mudanças sociais e preferências culturais que constituem objetos de elaboração de alguns grupos, mas não necessariamente de todos os participantes de uma coletividade; porém, podem ser apropriadas por quase todos os integrantes de uma mesma geração¹⁸, o que lhes confere uma identidade característica e única.

Ecléa Bosi (1994) em “Memória e Sociedade: lembranças de velhos” relaciona as histórias de vida com as memórias individuais, fundamentando suas discussões teóricas com os postulados de Halbwachs e Bergson para tratar da memória social, coletiva e individual a partir de transcrições das narrativas da trajetória das pessoas idosas.

Ao contrário de Halbwachs, Bosi (1994) prioriza a memória individual, atribuindo-lhe um caráter autônomo, enfatizando, no entanto, a influência dos grupos institucionais como a família, a classe social, a escola, a igreja, a profissão, como referência à construção da memória,

Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado”, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história (BOSI, 1994, p. 66).

¹⁸ Na perspectiva de Mannheim (1982), uma geração não se trata de um grupo concreto ou de uma comunidade, onde os laços que unem os indivíduos são conscientes e até desejados. Uma geração não pode se desfazer. Os membros de uma geração estão, sem dúvida, unidos entre si, mas em razão de um fenômeno social. A ligação que têm resulta da semelhante posição que ocupam dentro de um todo social.

Nessa acepção, para Bosi (1994) o caráter livre, espontâneo quase onírico da memória é excepcional, uma vez que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado, uma vez que,

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

A memória, portanto, não é neutra, mas seletiva e dinâmica e não está cristalizada no tempo passado, por ser viva, a cada momento pode ser reinventada. A lembrança do passado é influenciada pelo tempo presente daquele que lembra. É a memória que permeia a relação do presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações.

O lugar de fala o qual ocupo e o das protagonistas da pesquisa se estabeleceu a partir da concepção que temos sobre nossas experiências o que conforme Bosi (1994, p. 55), “[...] *na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, [...] com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado, pois [...] A memória não é sonho, é trabalho*” (BOSI, 1994, p. 55).

Nesse sentido, torna-se importante destacar que não estou interessada em analisar, comparar, averiguar as narrativas, mas compreender por meio dessas, a concepção das professoras/protagonistas quanto da importância da Escola Normal no Alto Sertão da Bahia nas décadas de 1950 e 1960, identificando o contexto sócio histórico, bem como seus contributos para a concepção geracional de toda uma época.

Partindo dessa perspectiva, considero que o conceito de memória se torna elemento fundamental para a compreensão dos processos de vida-formação como produtores de subjetividades a partir da narrativa de experiências vivenciadas por essas professoras.

No próximo capítulo, abordo sobre a trajetória de Anísio Teixeira, sertanejo do município de Caetité, que muito contribuiu para a educação no mundo, no Brasil, especialmente no Alto Sertão da Bahia.

CAPÍTULO IV

PUXANDO FIOS IMPORTANTES DA FORMAÇÃO: O SERTANEJO EDUCADOR ANÍSIO TEIXEIRA

Anísio Teixeira foi um grande educador que muito fez pela educação no país e para nós, do Alto Sertão da Bahia. Foi graças aos esforços de seu pai e depois pelo seu próprio empenho que a Escola Normal foi reinaugurada em Caetité, sendo vista como esperança para educar e promover o desenvolvimento do Alto Sertão. Enquanto estive na direção do CEB, tínhamos a “Semana Anísio Teixeira”, momento em que abordávamos suas contribuições à educação (AROEIRA, 2019)

4.1. Do berço a Instrutor de educação da Bahia

Aroeira compartilha conosco sua visão sobre a importância de Anísio Teixeira para o povo sertanejo, ao reinaugar a Escola Normal pública da região. Anísio Spindola Teixeira era filho do médico Deocleciano Pires Teixeira e de Ana Spínola Teixeira, conhecida como Donana.

Anísio Teixeira nasceu em 12 de julho de 1900 e, como toda criança da sua época, a aprendizagem de leitura e escrita se deu na fazenda com seus pais e, posteriormente no primário, em um dos poucos colégios do interior baiano: o Colégio São Luiz Gonzaga de padres jesuítas, em Caetité.

Seu pai, Dr. Deocleciano Pires Teixeira, foi médico, fazendeiro e importante chefe político do Alto Sertão baiano. Casado três vezes, com três irmãs, o velho chefe político teve 19 filhos, sendo que 14 deles, filhos do seu casamento com Donana. Nasceram no Sobrado que fica na Praça principal de Caetité e hoje funciona “A Casa Anísio Teixeira.”

Aroeira complementa ainda:

Nessas semanas trazíamos pessoas da SEC, da Fundação Cultural da Bahia, vinham a professora Palmira Guanais e Teresinha Guanais, grandes professoras de Caetité que faziam palestras maravilhosas, contando sobre a concepção de educação de Dr. Anísio. As duas professoras tiveram uma atuação singular na educação de Caetité e região e muito nos ajudou na construção de uma educação mais engajada com a comunidade, respeitando a cultura do aluno e sua realidade (AROEIRA, 2019).



Imagem 72 - Casa de Anísio Teixeira: Ontem e Hoje

Na época da Primeira Grande Guerra, Anísio, aos 16 anos de idade foi estudar num colégio interno, em Salvador, denominado Colégio Antônio Vieira, que também era um colégio jesuíta. Posteriormente, ele narra para seus filhos a sua experiência em ver o mar. Nesse período de estudo, no colégio Antônio Vieira, Anísio Teixeira, adquiriu formação humanística com forte influência religiosa, que o leva a pensar em ingressar na Companhia de Jesus. Tal identificação ao catolicismo, ao que parece, se deu por dois motivos: primeiro, devido a sua formação religiosa desde tenra idade e segundo, devido à grande amizade com o padre português Luiz Gonzaga Cabral, um grande erudito e pregador da Península Ibérica. Removido de tal ideia pela pressão familiar, foi convencido a ingressar no curso de Ciências Jurídicas, no Rio de Janeiro, tornando-se Bacharel em Direito no ano de 1922.

Durante o ano de 1923, Anísio Teixeira permaneceu assessorando seu pai na campanha política do Estado da Bahia. Em 1924, o eleito governador Góes Calmon, ofereceu-lhe o cargo de Inspetor Geral de Ensino da Bahia. E foi, assim, de forma inesperada, que se deu a iniciação de Anísio Teixeira na educação pública.

A nomeação com que me surpreendeu o Dr. Calmon no princípio do seu governo, marcou a minha carreira. E hoje, por gosto e pela orientação que tenho aos meus estudos, pretendo não me afastar mais do campo da educação onde comecei a minha vida (TEIXEIRA, 1927, p. 56).



Imagem 73 - O Educador Anísio Teixeira.

Teixeira saiu dos bancos escolares e tornou-se inspetor de ensino, sem formação pedagógica ou familiaridade teórica com a educação. Tornou-se gestor da educação pública, numa extensa e populosa unidade da federação, com muitos descendentes de negros escravizados, elevado analfabetismo e escolas precárias: sem prédios, mobiliários e materiais adequados, reduzido orçamento e muita ineficácia do ensino.

Nos conta Juazeiro que:

Não havia prédios escolares como conhecemos hoje. O professor procurava um lugarzinho para alugar onde pudesse funcionar sua sala de aula. Geralmente multisseriada. Era nós também que saíamos de casa em casa matriculando as crianças. Não havia carteiras. Os pais confeccionavam com caixa de pinho a mesinha e um banquinho para seus filhos. Tudo muito pobre! A mesinha cantava a manhã toda (risos). Pra ficar mais bonitinho, forrávamos mesas e tamboretas com papel de embrulho, verde, rosa [silêncio], mas daí a pouco, estava tudo sujo e rabiscado. A bem da verdade, o professor era diretor, secretário, era tudo. Havia o delegado de ensino pra vigiar, mas nunca apareceu em minha classe (JUAZEIRO, 2019).

Rodeado por homens experientes, Teixeira sentia-se despreparado. Por isso foi instruído por Góes Calmon a manter interlocuções com Afrânio Peixoto e Carneiro Leão. O que fez sem pestanejar.

Numa dessas conversas, Leão Ihe indicou o livro *“Méthodes américaines d'éducation générale et technique”* (1927), do belga Omer Buyse. Tal livro provocou, no jovem Anísio Teixeira, muitas inquietações sobre suas concepções filosóficas e pedagógicas, revelando uma nova perspectiva educacional, principalmente no que dizia respeito à defesa que fazia do sistema educacional europeu.

Ao estudar com afinco o livro de Omer Buyse, Anísio Teixeira muito se interessa e, de imediato, manda traduzir o primeiro capítulo de tal livro para ser distribuído para todos os professores primários da Bahia àquela época.

Naquele momento o Brasil passava por grandes transformações econômicas e políticas e as primeiras indústrias despontavam no país. A coluna Prestes lutando por um novo modelo republicano e na Bahia, Anísio Teixeira traçando novas diretrizes para o ensino público.

O impacto desse livro sobre Anísio Teixeira, se dava exatamente porque Ihe mostrava uma sociedade vitoriosa, do ponto de vista econômico e social, que ameaçava a supremacia europeia e era fruto do espírito empreendedor norte-americano, construído graças à educação familiar e escolarizada. Essa educação se apoiava sobre a exigência de iniciativa e esforço ativo e pessoal. Em suma, a forma de encarar a educação era a chave para a prosperidade norte-americana (SCHAEFFER, 1988, p.78).

Omer Buyse (1924) teceu críticas e observação pormenorizada sobre o processo de declínio e ineficácia da educação europeia instalado na escola, motivado pelos seus preconceitos e ignorância em relação ao progresso das ciências da educação, mostrando que os Estados Unidos possuíam um sistema educacional que funcionava bem e em perfeita integração com a sociedade moderna, que promovia um sistema educacional vitorioso.

Imbuído de novas ideias sobre a educação, Teixeira publica seu primeiro artigo intitulado “A propósito da escola única” (1924), onde desqualifica a proposta de uma escola única: simplória e inexecutável. Para Anísio Teixeira, apesar de o homem ter direito ao desenvolvimento de sua inteligência, como afirmavam os partidários da escola única, esse desenvolvimento não se daria de forma igual para todos, tendo em vista a natureza desigual do homem.

No momento da publicação do artigo, Anísio Teixeira enxergava a educação com o olhar aristocrático da *“cultura (...) aprendida nos colégios jesuítas”* (NUNES, 2000, p. 97). Seu texto doutrinário *“foi escrito num momento em que não só ainda não conhecia os problemas da escola pública baiana, mas também assumia (...) a postura reformista que o novo*

governador lhe indicava” (NUNES, 2000, p. 97). Seu pensamento expressava conflito entre velhas e novas orientações.

Foi a partir das viagens do jovem Anísio Teixeira à Europa (1925), aos Estados Unidos da América (1927) e devido sua inclinação para a educação pública, que se inicia um processo de ruptura com o campo das possibilidades que lhe foram delineadas pela família e pela igreja. Surge daí a história da formação do pensamento de um dos maiores educadores do Brasil e do mundo, a história de um sujeito individual e sua autonomia.

Segundo a observação de Anísio Teixeira, a qualidade na formação de professores para educação rural e urbana não se diferenciava e, em todos os Cursos Normais, o professor aprendia a ensinar e adquiria conhecimentos sobre a aprendizagem, no entanto, o mesmo entendia que “*não basta conhecer a matéria, é indispensável conhecer a criança e as leis a que obedece ao ato de aprender*” (TEIXEIRA, 2006, p. 110). Isso é significativo, pois Anísio Teixeira não encontrou, no modelo europeu, algo que lhe desse subsídios teórico-práticos para pensar a formação de professores no Brasil.

Em 1928, Anísio Teixeira, voltou aos EUA para aprofundar seus estudos, e conquistou o diploma de *Master of Arts* da Universidade de Columbia, tornando-se o primeiro brasileiro Doutor em Educação. Nesse período, ao inteirar-se da literatura educacional produzida em outros países, em busca de soluções para os problemas educacionais com que se deparava, refletindo sobre seus princípios e postulados metodológicos, fazendo uma autocrítica sobre as primeiras medidas adotadas em sua administração, vai gradativamente mudando sua atitude filosófica e aos poucos formula a reforma do sistema educacional do Estado da Bahia.

Assim, o educador vai se distanciando do caráter jesuítico e católico que predominavam em seu modo de agir e pensar e, gradativamente, define por vez sua filosofia de educação, significando uma ruptura com o campo das possibilidades que lhe foram delineadas pela família e pela igreja até então.

De 1929 a 1935, Anísio Teixeira viveu anos fecundos, intensos e tensos em sua trajetória como intelectual e como gestor da educação pública. Ele foi protagonista do movimento pela escola nova, além de publicar quatro livros e um artigo, resultados imediatos de suas apropriações nos EUA e nos contatos com John Dewey e sua obra.

O fato é que John Dewey impregnou a Filosofia da Educação e a prática da educação nos Estados Unidos de um sentido construtivo que fez com que seus discípulos fossem os rebeldes da educação (...). Comunidades em crise, comunidades que haviam esgotado sua capacidade de crescimento econômico, encontraram na educação a espinha dorsal de sua recuperação econômica, social e cultural. Isso mostra uma tese que os sociólogos

sempre defenderam: a da interação dialética que existe entre educação e mudança social. A educação não é só produto de mudança, ela gera mudança. Ela não é só produto da revolução social. E Anísio sentia atração pela filosofia de Dewey provavelmente porque sabia que no Brasil era através da educação que nós deveríamos realizar a nossa revolução nacional (FERNANDES, 2002, p. 53).

Dessa maneira, assim como Anísio Teixeira, seu conterrâneo, o caetiteense João Antônio dos Santos Gumes¹⁹(1858 – 1930), jornalista e literato, documentou, por meio do romance “*Os Analphabetos*”, a vida social da sua região, retratando os anseios da época, explicitando a necessidade de políticas públicas para a educação, denunciando, através da escrita, as dificuldades que a falta de letramento provocava na vida das pessoas, vindo a refletir sobre a realidade social, demonstrando a necessidade de uma educação inclusiva, comum, pública e gratuita.

O romance traz a trajetória de uma família residente na zona rural do município de Caetité, onde um dos personagens principais, Marcolino, um lavrador de origem humilde e analfabeto, pai de Zezinho, protagonista central dessa história, sonha em aprender ler e escrever. No entanto o seu pai, avesso à educação, não admitia tal “subversão”, submetendo seus filhos, desde cedo, a assumirem diversas obrigações na lavoura e no auxílio ao sustento do lar.

Nesse contexto, Marcolino foge e vai trabalhar para um coronel, que vendo o interesse do garoto pelos estudos, deixa-o frequentar a escola rural. Esse simples prefácio demonstra o interesse de Gumes (2014) em denunciar a situação de completo abandono em que se encontrava o Alto Sertão da Bahia. Em sua narrativa, circunscrita de inúmeros problemas sociais, políticos e econômicos, Gumes obstina-se a acreditar na educação como um “remédio” para o progresso de sua terra.

O analfabetismo, que é a cegueira do espírito, o impeço o mais prejudicial ao seu desenvolvimento d’ele, porque lhe tolhe o mais simples e comezinho conhecimento dos homens, dos meios de evitar os perigos a que nos podem arrastar os maus, dos deveres e obrigações do indivíduo como parte integrante da coletividade; é um dos maiores males que afligem a humanidade (GUMES, 2014, p. 252).

Anísio Teixeira percebeu a necessidade da criação de políticas públicas que alavancassem o desenvolvimento educacional em toda Bahia e, assim, o período em que ocupou

¹⁹João Antônio dos Santos Gumes, nasceu em 10 de maio de 1855, em Caetité, onde viveu durante toda a sua vida, faleceu em 29 de abril de 1930. Teve como professor seu pai. Sua família não tinha condições financeiras para investir nos seus estudos, fora de Caetité.

o cargo de Diretor de Instrução até 1928, com apoio irrestrito de Góes Calmon, conduziu reformas educacionais que o projetou no cenário nacional em função da proposta inovadora.

Tais reformas implementavam o ensino obrigatório para crianças de 7 a 12 anos de idade. Os pais que não enviassem seus filhos para a escola era passivo de punição de multa ou perda do pátrio poder. O estado seria responsável pela criação das escolas e o governo municipal deveria dispor de 6% do orçamento para a educação, sendo o prefeito passível de punição, caso não o fizesse. Tais decisões, não foram bem vistas pela Igreja que até então era responsável pela instalação de colégios e pelo ensino em a toda Bahia.

Dessa forma, embasado no pragmatismo que conheceu quanto à concepção americana de educação escolar, concepção ampliada que, ainda hoje, ecoa no pensamento e nos projetos educacionais que buscam o aprofundamento no caráter público da educação escolar, Anísio Teixeira cria uma concepção de educação levando-se em conta o contexto educacional da realidade baiana.

Nesse interim, criou a “Nova Escola Normal” imprescindível à formação das crianças bem como de professores, a qual se embasava na concepção de educação e, ancorada na extensão do tempo escolar com o objetivo de reconstrução das bases sociais para o desenvolvimento democrático, o que só poderia se dá a partir de indivíduos intencionalmente formados para a cooperação e a participação cidadã.

Assim, ele reinaugura a Escola Normal de Caetité. Agora, em sede própria onde funcionará o antigo colégio jesuíta. O Estado construiu dois pavilhões modernos e espaçosos. O projeto vislumbrava, ainda, a criação de um Jardim de Infância, uma biblioteca, um museu, um gabinete dentário, uma capela, e um laboratório.

Conforme a narrativa de Bromélia quanto á estrutura física da Escola Normal de Caetité, no início dos anos de 1950,

O pátio era muito alegre e tinha canteiros com jardim florido. Os estudantes se sentavam, nos bancos desse jardim, na hora do recreio. Se passasse um professor, todos levantavam para saudá-lo. As salas de aula eram simples, as carteiras eram duplas e em outras salas carteiras individuais. Tudo muito simples (BROMÉLIA, 2019).

Juazeiro se lembra de detalhes:

Me lembro de que na entrada, ficava o Salão Nobre. Era uma sala pequena, onde acontecia todas as festinhas da escola. Comportava, no máximo, cem (100) cadeiras. Ali acontecia todas as seções solenes, inclusive o baile de formatura. A escola era modesta, havia de dez a dose salas de aulas, arejadas e bem iluminadas. Ambiente simples e acolhedor. Algumas salas de aula eram de taco outras não, havia salas com carteiras individuais e outras em dupla (JUAZEIRO, 2019).

Além de funcionar o Curso Normal, ali funcionavam o curso fundamental, as escolas anexas e o Jardim de Infância. Segundo pesquisa bibliográfica, tudo foi idealizado e desenhado pelo professor Anísio Teixeira sem qualquer ajuda técnica.

Bromélia continua:

Pela manhã, funcionava a Escola Normal e, à tarde, a escola primária. Eu estagiei nessa escola. Era um ambiente arejado, salas de aula amplas e um jardim muito bem cuidado. A sala dos professores tinha uma mesa grande, armários e cortina [...] nós gostávamos de ir ao Salão Nobre para as aulas de piano e canto (BROMÉLIA, 2019).

No entanto, Juazeiro diz que:

Apesar do rigor, do quadro de professores que tínhamos, do ambiente amistoso de amizades sinceras, a Escola Normal era pobre! Não havia nenhum material didático, era “cuspe e giz”, como se diz. Não havia livros, sequer biblioteca. O ensino era meramente teórico. O professor, lá na frente, falando, falando e nós copiando tudo para reproduzir nas provas [risos]. Provas essas que eram um terror [expressão facial, como se quisesse afastar a lembrança] para todas nós. Tínhamos que estudar muito! Na prova oral, os pontos eram sorteados em papezinhos. Três professores faziam parte da Banca. Eu tinha pavor a Matemática e a Geografia (JUAZEIRO, 2019).

Posso inferir que, pelo menos no que se refere à instalação física da Escola Normal, em parte, a proposta foi desenvolvida. No entanto, muito do que havia previsto no projeto não foi efetivado, pois faltou a biblioteca, o gabinete odontológico, a capela, o museu e o laboratório. Além dos aspectos, meramente físicos, os professores da Escola Normal haviam sido formados dentro de uma perspectiva tradicional de educação e estava longe de ter o caráter humanístico e propedêutico que o jovem Anísio Teixeira começara a descobrir. Assim, era comuns que as aulas fossem meramente teóricas e enfadonhas conforme as narrativas.

4.2 Manifesto dos pioneiros

O meu pai era um homem franzino que passava despercebido em qualquer lugar, mas que quando começava a falar mostrava um grande diferencial ao expressar uma generosidade incrível, traço de sua

personalidade, ao lutar por uma escola pública, universal, gratuita e laica para todo o povo brasileiro (BABI TEIXEIRA, 2017).

A filha de Anísio Teixeira, Babi Teixeira (2017), descreve a figura do seu pai que, apesar de um homem franzino que passava despercebido entre tantos outros da academia, quando começava a falar sobre o seu amor pela educação, se tornava um gigante em suas expressões.

Anísio Teixeira faz circular, no Brasil, ideias e práticas da escola progressiva e sua pedagogia centrada na aprendizagem, elabora uma representação positiva da civilização americana, apresenta propostas de organização do sistema escolar, põe em relevo a formação de professores e relata avanços realizados durante o tempo em que comandou a Secretaria de Educação no Distrito Federal. A quantidade de textos escritos e de intervenções realizadas, dão mostra da medida do quanto a experiência americana foi inspiradora na vida de Teixeira.

Interessante é o modo como Anísio Teixeira articula democracia, ciência e educação em seus planos para a educação nacional. Para o autor a tarefa da educação brasileira era a realização integral daquele ideal democrático: *“dar a cada indivíduo um lugar na sociedade, correspondente ao de suas capacidades naturais, sem qualquer restrição de ordem social, econômica ou de nascimento”* (TEIXEIRA, 2007, p. 245).

Para isso,

Era necessária a organização de um sistema de educação livre, gratuito, que permita a qualquer indivíduo percorrê-lo, do jardim de infância à universidade, só com a limitação de sua capacidade inata, e que dê a todos os indivíduos uma indispensáveis formação econômica e social que os habilite a cooperar e a participar na civilização do País (TEIXEIRA, 2007, p. 245).

As expressões revelam uma pedagogia centrada no indivíduo e em suas singularidades. A ênfase no “ensino livre” é, tanto crítica a proteção estatal às escolas da igreja, quanto defesa da laicidade da educação pública. Teixeira é meritocrático num contexto em que tinha como alvo a aristocracia e sua expressão na dualidade escolar. A meta do sistema escolar gratuito era *“dar a cada indivíduo o lugar na sociedade a que o destinem os seus méritos e sua capacidade”* (TEIXEIRA, 2007, p. 245).

Juazeiro narra que de acordo à nova concepção de educação defendida por Anísio Teixeira, pôde, juntamente com suas primas e colegas, levar uma prática educativa diferenciada aos seus alunos, proporcionando momentos lúdicos, brincadeiras para aguçar a participação dos mesmos, e até a troca de professoras de sala de aula. Ela nos explica:

Muitas coisas aprendi com minhas colegas mais experientes que eu. O recreio, que durava 30 minutos, era uma folia. Aproveitávamos, para ensinar através das brincadeiras. Brincávamos de roda, jogávamos bola, pulávamos corda e em tudo havia um desafio. Era uma folia, uma forma de manter a curiosidade e interesse das crianças de forma lúdica a partir da realidade existente. Nós trocávamos de sala. Fazíamos um horário e cada uma ia para outra sala dar aula daquilo que mais lhe atraía. Assim, quem gostasse mais de Português, dava aulas de Português, outras gostava de Geografia ou Matemática. Assim fazíamos. O rodízio dava certo, os alunos gostavam e percebíamos a aprendizagem (JUAZEIRO, 2019).

Entre 1924 e 1930, Anísio Teixeira assume a Inspeção e escreve contra a escola única e, a favor da escola nova, mostrando-se um sujeito que revela significativo amadurecimento e mudança. Torna-se senhor de si e de suas ideias, liberta-se das influências religiosas e familiares, distancia-se da oligarquia, tornando-se um republicano, industrialista e democrata, que via a educação pública, laica e de boa qualidade como um vetor para o progresso e para a democracia.

Entretanto, ao retornar à Bahia em 1929, suas ideias vão de encontro as do governador Vital Henrique Soares, e então demite-se do cargo de inspetor e passa a lecionar Filosofia e História na Escola Normal de Salvador.

Em 1930, época em que o Brasil passa por várias transformações, Anísio Teixeira é convidado para elaborar a reforma da instrução pública, no Rio de Janeiro, que naquele momento era sede do Distrito Federal, o que significava que era a capital da república.

As ideias de Anísio Teixeira, aplicadas às escolas cariocas, passam a ser vistas como vitrine para os diversos Estados da federação. Anísio Teixeira criou o Instituto de Educação, responsável pela formação dos professores da rede pública e algumas escolas experimentais.

Nesse bojo, surgem os Institutos de Educação do Distrito Federal e de São Paulo encabeçados por Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando Azevedo preconizadores da Escola Nova, trazendo às escolas – laboratórios que permitiriam basear a formação dos professores em experimentação pedagógica produzidas em bases científicas.

Esse período marca a História da educação brasileira, com o Manifesto dos Pioneiros da Educação. O Brasil, assistia ao declínio elite agrária rural, os Senhores do Café., que vivenciaram de forma drástica a crise de 1929 e passam a assistir a ascensão da burguesia industrial e o crescimento do proletariado urbano que inicia suas reivindicações, juntamente com os trabalhadores rurais por melhores condições de trabalho. É nesse contexto de lutas, greves, desempregos e incertezas que surge o documento elaborado por Fernando de Azevedo o qual Anísio Teixeira dentre outros apoiam.

Anísio Teixeira, acreditava que o Brasil alcançaria o progresso se implantasse um sistema de ensino e investisse na estrutura física, na administração político-administrativa, na docência, no método e na matéria de ensino para tornar o aprendizado interessante e mais prático quanto a resolução dos problemas cotidianos do aluno.

Em 1935, devido ao Golpe do Estado Novo, Anísio Teixeira pede demissão do cargo e, diante das circunstâncias políticas do país e das constantes ameaças de que seria um comunista, ele se exila em Caetité, e passa um bom período afastado do cenário político do Brasil, passando a se dedicar a traduções e exportação de minérios.

Entretanto em 1947, Anísio Teixeira é convidado por Otávio Mangabeira, governador eleito na Bahia, para ser Secretário da Educação do Estado, cargo que aceitou prontamente. Em discurso realizado na Assembleia Estadual da Bahia, em 1947, Anísio Teixeira insistiu na democratização da vida política, via educação, ponderando sobre a autonomia dos serviços educacionais bem como promoveu, na terceira Constituição do Estado, em 1947, ideias democráticas e de descentralização do ensino, defendendo que:

A função da educação e ensino competia ao Estado, na forma da Constituição Federal, incumbindo sua superintendência e direção ao Conselho Estadual de Educação e Cultura, órgão autônomo, administrativa e financeiramente, nos termos da Constituição e da lei orgânica do ensino (TEIXEIRA, 1947, p. 90).

A concepção de Anísio Teixeira era a de um conselho autônomo, com poderes para tomar decisões legislativas e opinativas. Durante o período de 1947 a 1952, a Assembleia tratou da educação média e de leis sobre professores, só voltando a discutir o projeto do secretário Anísio Teixeira muito tempo depois.

Em 1950, Anísio Teixeira inaugura, em Salvador/Bahia, o Instituto Educacional Carneiro Ribeiro, conhecido como Escola Parque, onde instituiu a educação integral de forma nuclear, atendendo as crianças pobres da região.

A Escola Parque abrigou muitas crianças que não tinham onde morar, tornando possível a vivência de fato, da escola. O projeto influenciou outras instituições de ensino a funcionarem em tempo integral, o que rendeu frutos, tendo inclusive recebido financiamento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Nos idos de 1952, Anísio Teixeira é convidado a retornar ao Rio de Janeiro, para assumir o cargo de Secretário Geral da CAPES, hoje, Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior e de diretor do INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

Em 1957, Anísio Teixeira torna-se professor universitário, responsável pela cadeira de Administração Escolar, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje, UFRJ. Nesse mesmo ano, elaborou o plano de sistema escolar de Brasília, onde instalou várias outras unidades da Escola Parque. Em 1961, Anísio Teixeira participou ativamente dos debates para a implantação da Lei Nacional de Diretrizes e Bases e ao lado de Darcy Ribeiro, foi um dos fundadores da Universidade de Brasília (UNB), da qual tornou-se reitor em 1963.

Em 1964, com o golpe militar, afastou-se do cargo e foi para os Estados Unidos, onde lecionou nas Universidades de Colúmbia e da Califórnia. De volta ao Brasil em 1966, concluiu seu mandato no Conselho Federal de Educação, tornando-se consultor da Fundação Getúlio Vargas

4.3 O INEP e a Escola Parque: Legados de Teixeira

O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos tem de tentar uma tomada de consciência na marcha da expansão educacional brasileira, examinar o que foi feito e como foi feito, proceder a inquéritos esclarecedores e experimentar medir a eficiência ou ineficiência de nosso ensino. [...] Este trabalho, pois, não será nenhum trabalho remoto e distante, mas parte integrante e preliminar do programa de reconstrução de nossas escolas e revisão dos seus métodos. Não será por leis, mas por tais estudos, que daremos início à reforma do ensino. (Teixeira, 1952, p. 76-77)

A citação acima, de autoria de Anísio Teixeira, nos mostra o quanto seus pensamentos estavam à frente do seu tempo. Caracterizado como um grande pensador, reconhecido mundialmente, Anísio Teixeira não apresentava caráter dogmático, mas muito pelo contrário, era um intelectual que compreendia o valor da interação, da diversidade, sendo por isso um ser humano indulgente, versátil, ágil, e até mesmo paciente, ao compreender que as mudanças, principalmente em se tratando da educação em nosso país, levam tempo para se efetivar.

A criação do Instituto Educacional Carneiro Ribeiro, foi um grande sonho idealizado e realizado pelo educador Anísio Teixeira, funcionando até os dias atuais, no bairro da Liberdade, em Salvador.

A Escola Parque é considerada uma das mais importantes iniciativas de Anísio Teixeira para o ensino público baiano, pois objetivou fornecer à criança uma educação integral, cuidando de sua alimentação, higiene, socialização e preparação para o trabalho e a cidadania. Essa obra projetou-o internacionalmente.

Para Anísio Teixeira (2007), a aprendizagem se dá através da prática, ou seja, da experimentação, que, ao contrário do processo de tentativa e erro, só podendo produzir o saber por acidente os quais se cristalizavam como costumes e rotinas. Ou seja, o aluno não aprende apenas por ideias ou fatos, mas por atitudes e senso crítico - desde que a escola disponha de condições para exercitá-los.

Nessa lógica, de acordo Anísio Teixeira, o aluno só pode praticar a cidadania em uma escola onde haja condições reais para desenvolver esse sentimento. A nova psicologia da aprendizagem sugeria uma escola como um centro preparatório para a vida. Como não aprendemos tudo o que praticamos, e sim aquilo que nos dá satisfação, o interesse do aluno deve orientar o que ele vai aprender. Portanto, é preciso que ele escolha suas atividades (TEIXEIRA, 2007).

Ainda conforme o autor, no século XIX, foi a abordagem biológica do fenômeno da experiência humana que possibilitou desenvolver o conceito de experiência como interação do homem com o meio, e a partir daí elaborar-se uma teoria psicológica adequada à explicação do comportamento humano frente à experiência e ao conhecimento.

O próprio ato de aprender, dizia Teixeira, durante muito tempo significou simples memorização; depois, seu sentido passou a incluir a compreensão e a expressão do que fora ensinado; por último, envolveu algo mais: ganhar um modo de agir. Só aprendemos quando assimilamos uma coisa de tal jeito que, chegado o momento oportuno, sabemos agir de acordo com o aprendido. Ou seja, só de fato aprendemos alguma coisa através da experiência, daquilo que nos marca, nos atravessa. O mais pode ser caracterizado como memorização mecânica de fatos e conceitos.

Conforme afirmação de Anísio Teixeira (1952), o INEP deveria,

[...] tentar uma tomada de consciência na marcha da expansão educacional brasileira, examinar o que foi feito e como foi feito, proceder a inquéritos esclarecedores e experimentar medir a eficiência ou ineficiência de nosso ensino. [...] Enquanto assim não procedermos, não poderemos progredir nem fazer recomendações para qualquer progresso que não sejam de valor puramente individual e opinativo. Este trabalho, pois, não será nenhum trabalho remoto e distante, mas parte integrante e preliminar do programa de reconstrução de nossas escolas e revisão dos seus métodos. Não será por leis, mas por tais estudos, que daremos início à reforma do ensino (TEIXEIRA, 1952, p. 76 -77).

A Escola Parque abrigava muitas crianças que não tinham onde morar, tornando-se possível a vivência de fato da escola. A escola funcionava em tempo integral, atendendo não só crianças e jovens desfavorecidos socialmente, mas a formação continuada para professoras no Centro Regional de Pesquisas Educacionais do INEP (CRINEP).

No ano de 1963, nossas protagonistas Umbuzeiro e Angico foram convidadas a participar de um projeto de formação e capacitação de professores no INEP, para aprenderem o método de alfabetização idealizado por Iracema Meireles, “Casinha Feliz”. Ambas, do município de Brumado, estavam cursando o Curso Normal Dr. Pompílio Leite, quando foram surpreendidas pelo convite.

Além de nossas protagonistas, mais duas outras alunas de Brumado fizeram parte desse projeto, sob direção de Dona Carmem Teixeira²⁰. Dirigiram-se para Salvador onde, durante um ano, vivenciaram a experiência de estudar e praticar uma nova proposta de alfabetização que valorizava os saberes do aluno, num ambiente adequado que atendia e possibilitava o desenvolvimento pedagógico através da riqueza dos recursos adotados.



Imagem 74 - Umbuzeiro, Angico e demais colegas no INEP.

Esta fotografia que traz ao fundo a Igreja de São Lázaro, foi tirada na área externa do INEP, no ano de 1963. Umbuzeiro narra que ela e as colegas usavam um uniforme cotidiano,

²⁰Carmem Spínola Teixeira, irmã de Anísio Teixeira foi a primeira mulher designada a ensinar matemática na Escola Normal de Caetité no ano de 1936. Nos anos de 1950 a 1974 atuou como diretora do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR). Apesar de invisibilizada, a professora Carmem sempre esteve à frente dos projetos idealizados pelo irmão, executando-os na prática juntamente com uma equipe de profissionais.

composto de uma blusa branca de cambraia ou popeline e uma saia plissada xadrez das cores verde, azul e vermelha. Nossa protagonista se encontra ajoelhada com as mãos nos ombros das colegas à frente. Angico também faz parte do grupo. Na fotografia, está em pé. É a primeira da esquerda para direita.

Conforme Umbuzeiro:

A Escola Parque, criada em 1950, existe até os dias atuais em Salvador. Foi de grande importância estudar nessa escola. Além de professores gabaritados, o material didático era riquíssimo, o que nos proporcionou um grande aprendizado e uma vontade imensa de colocar em prática tudo o que aprendíamos. Pela manhã, tínhamos aula teórica e à tarde, aula prática ou vice-versa. Era uma turma de noventa mulheres. A professora Carmem Teixeira, que era a diretora, buscava sempre cuidar, com zelo, de toda a escola a ponto de torna-la um modelo internacional de educação (UMBUIZEIRO, 2019).

Angico lembra que:

O ano de 1963 foi muito marcante para minha experiência e formação docente, pois foi aí que aprendi o método de alfabetização “Casinha Feliz”, através da iniciativa do professor Anísio Teixeira que deixou um legado muito significativo para a educação, não só em nosso país e particularmente, através dos seus ideais, bem como da ajuda de sua irmã, a professora Carmem Teixeira, que foi diretora do INEP durante anos. Infelizmente, com o golpe militar de 1964, houve uma drástica interrupção do projeto, mas ainda assim, o método de alfabetização foi implantado com êxito (ANGICO, 2019).

Com a Ditadura Militar (1964-1985), Teixeira é afastado do cargo e teve seus direitos políticos cassados, permanecendo apenas na condição de membro do Conselho Federal de Educação até o ano de 1968, atribuição que assumiu de forma ativa.

Por intermédio do amigo Hermes Lima, Anísio Teixeira, candidatou-se a uma vaga na Academia. Iniciou-se assim a série de visitas protocolares aos “Imortais”. Depois da última visita a Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Anísio Teixeira desapareceu. Preocupada, sua família investigou seu paradeiro, sendo informada pelos militares de que ele se encontrava detido.

Em 11 de março de 1971, o educador, escritor e jurista Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) saiu para almoçar com o lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda (1910-1989), em Botafogo, no Rio. Inexplicadamente, ele foi encontrado morto, no fosso do elevador do prédio, três dias depois. Oficialmente, um acidente. Mas muitos acreditam que Teixeira tenha sido vítima da ditadura militar. A perícia afirmou que a morte foi acidental, porém, a família acredita que Anísio foi vítima da repressão. A morte do educador foi envolta por mistérios.

Dois meses antes de sua morte, Teixeira, numa carta endereçada ao amigo Fernando de Azevedo, diz:

Por mais que busquemos aceitar a morte, ela nos chega sempre como algo imprevisto e terrível, talvez devido seu caráter definitivo: a vida é

permanente transição, interrompida por esses sobressaltos bruscos de morte (TEIXEIRA, 1971).

Dessa forma, cala-se a voz de um dos maiores educadores do nosso país, que deixa um legado tão rico, tornando-se vivo na memória de todos aqueles que tiveram e têm acesso à sua vasta obra.

Atualmente, existe na cidade de Caetité “A Casa Anísio Teixeira”, entidade cultural vinculada à Fundação Anísio Teixeira, localizada na residência natal do educador na cidade de Caetité, sudoeste da Bahia, o imóvel é tombado como patrimônio da Fundação. A Casa Anísio Teixeira, foi inaugurada em fevereiro de 1998, após restauração feita pelo Governo da Bahia, através do IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia).



Imagem 75 - Fachada da Casa Anísio Teixeira.

A “Casa Anísio Teixeira” tem como objetivo preservar e divulgar o pensamento e a obra do educador que sempre militou em favor da expansão das oportunidades de educação pública, gratuita e de qualidade, em nosso país.



Imagem 76 - Fachada da Casa Anísio Teixeira.

O sobrado, onde residiu o educador, possui uma memória que preserva a arquitetura e o mobiliário da época. Ali são apresentados hábitos e costumes de uma família dos séculos XIX e XX, contendo uma Biblioteca Pública informatizada, equipada também com uma Biblioteca Móvel que atende à população da zona rural, buscando despertar o interesse pela leitura; um Cineteatro que funciona como Auditório e Sala de Cinema (projetos implantados com patrocínio da empresa pública federal, INB (Indústrias Nucleares do Brasil), através do Programa FAZCULTURA (Programa Estadual de Incentivo à Cultura do Governo da Bahia).



Imagem 77 - Interior da Casa Anísio Teixeira.



Imagem 78 - Interior da Casa Anísio Teixeira.



Imagem 79 - O quarto.



Imagem 80 - A sala de estar.

Ali acontece, também, oficinas de Arte-Educação, que ressaltam a importância da educação ambiental; o Núcleo de Contação de Histórias que busca incentivar e formar contadores de histórias priorizando a literatura infantil nacional e releituras de clássicos incorporados à nossa cultura; Sala de Cultura Digital instalada em parceria com a INB, equipada com quatro computadores conectados à Internet, via cabo, e disponibilizados à população, em especial aos usuários da Biblioteca, com a ajuda permanente de um monitor e um pátio externo para eventos culturais e educativos. Esses espaços colaboram para dinamizar a vida cultural da cidade de Caetité e da região, mantendo viva a história do educador Anísio Teixeira.

Em Salvador, os educadores de todo o Estado da Bahia, dentre outros, contam com o Instituto Anísio Teixeira - IAT, órgão em regime especial de administração direta da Secretaria Estadual da Educação da Bahia, com base no Regimento (Lei nº 8.970/94) que tem por finalidade planejar e coordenar estudos e projetos referentes ao ensino, pesquisa, experimentações educacionais e qualificação de recursos humanos na área de educação.

Vinculado ao IAT, foi criado o CAP – Centro de Aperfeiçoamento de Professores Anísio Teixeira – IAT/CAP, criado em 1992, o órgão é responsável por assessorar a Secretaria de Educação e Cultura da Bahia na elaboração, avaliação e execução de políticas educacionais, na perspectiva de oferecer melhoria na prática docente, desenvolvendo ações que possam elevar a qualidade do ensino público na Bahia. O CAP abriga, em suas dependências uma Escola de Aplicação de 1º Grau que propicia campo de experimentações e ensaios de renovação pedagógica, assim como modelo organizacional e pedagógico para outras unidades escolares da rede pública de ensino.

Para a execução da política de formação, o IAT/Ba dispõe de um Centro de Aperfeiçoamento com uma estrutura física disposta em uma área de mais de 5.500 m², oferecendo 110 leitos para hospedagem, 02 auditórios com capacidade de até 300 pessoas e 6 salas de aula disponíveis para as atividades de gestão, acompanhamento e formação dos programas.

Além disso, comporta em sua sede, um sistema de videoconferências que tem como objetivo viabilizar ações relacionadas à política de Educação à Distância (EaD). A estrutura tecnológica que sustenta as videoconferências permite a transmissão e recepção de imagem e som, entre dois ou mais pontos distantes entre si, possibilitando a comunicação e interação em tempo real, entre os seis estúdios e 40 auditórios com capacidade para atender 1.300 pessoas, simultaneamente, no estado da Bahia.

O IAT mantém, na sua estrutura, 26 polos formativos estaduais da Universidade Aberta do Brasil (UAB). A UAB é um sistema do Governo Federal que articula a oferta de curso de nível superior, entre instituições públicas de ensino, para a população que tem dificuldade de acesso à formação universitária, através da metodologia da educação à distância. (SEC/Ba, 2020).



Imagem 81 - IAT/ Salvador, Bahia.

O IAT, conforme dados da SEC (2020), estrutura os serviços em quatro linhas de ação:

- Formação Inicial de Professores, buscando articular a oferta de cursos de licenciatura com as Instituições de Ensino Superior (IEs), nas modalidades presenciais e à distância, aos professores em efetiva regência nas redes públicas da educação básica que não possuem licenciatura, estão em desvio de função ou bacharéis, por meio de parcerias com as Instituições de Ensino Superior – IES (UNEB, UEFS, UFRB, UESB, UFBA, UFBA, IFBA, UNIVASF, UFSB, UFOB e IFBA);
- Formação Continuada de Professores e demais Profissionais da Educação - Promove a formação dos professores e demais profissionais da educação em nível de extensão e aperfeiçoamento, bem como coordena, em parceria com as IES, a oferta de cursos de especialização nas modalidades presencial e à distância, em diversas áreas de conhecimento;
- Infraestrutura e Tecnologia Educacional - Promove a organização, produção e disseminação do uso de mídias e tecnologias como recursos didáticos para professores

e estudantes, nas unidades escolares da rede, por meio de infraestrutura tecnológica que serve de suporte às ações de educação presencial e à distância.

Anísio Teixeira, também, foi o responsável pela criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) que, no dia 13 de janeiro de 2020 completou 83 anos de fundação. Em mais de oito décadas de atuação, o Inep esteve a serviço do desenvolvimento da educação brasileira e esteve vinculado ao Ministério da Educação, autarquia que é uma das maiores e mais especializadas instituições de avaliação educacional do mundo.

Inicialmente, foi chamado de Instituto Nacional de Pedagogia, criado por lei, em 13 de janeiro de 1937, no Rio de Janeiro. Em 1938, o órgão iniciou-se de fato, seus trabalhos. A publicação do Decreto - Lei nº 580, regulamentou a organização e a estrutura da instituição, além de modificar sua denominação para Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. O primeiro diretor-geral do órgão foi o professor Lourenço Filho.

De acordo com o Decreto -Lei, cabia ao Inep:

- organizar a documentação relativa à história e ao estado atual das doutrinas e técnicas pedagógicas; manter intercâmbio com instituições do país e do estrangeiro;
- promover inquéritos e pesquisas; prestar assistência técnica aos serviços estaduais, municipais e particulares de educação, ministrando-lhes, mediante consulta ou independentemente dela, esclarecimentos e soluções sobre problemas pedagógicos; divulgar os seus trabalhos”.
- participar da orientação e seleção profissional dos funcionários públicos da União.

Nas décadas anteriores à sua criação, algumas tentativas de sistematizar os conhecimentos educacionais e propor melhorias ao ensino já haviam sido articuladas, sem conseguir, no entanto, o INEP, alcança a continuidade desejada configurando-se, então, no primeiro órgão nacional a se estabelecer de forma duradoura, como fonte primária de documentação e investigação, com atividades de intercâmbio e assistência técnica. Nos últimos anos o Inep tem sido atingido pela carência de uma política pública séria e de responsabilidade o que vem prejudicando a atuação de tal instituição do processo de desenvolvimento educacional do país. Tal realidade, representa o descaso do atual governo com a educação brasileira.



Imagem 82 - INEP.

No ano de 1952, o educador Anísio Teixeira, que hoje dá nome ao instituto, assumiu a direção do Inep, passando a dar ênfase ao trabalho de pesquisa. Seu objetivo era estabelecer centros de pesquisa como meio de “fundar, em bases científicas, a reconstrução educacional do Brasil”. O objetivo foi concretizado com a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), com sede no Rio de Janeiro, e dos centros regionais, em Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre.

Em 1972, o Inep se tornou um órgão autônomo, passando a ser denominado Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais com o objetivo de realizar levantamentos da situação educacional do país, os quais deveriam subsidiar a reforma do ensino em andamento, bem como ajudar na implantação de cursos de pós-graduação. Um ano depois, os centros regionais, que haviam se agregado parcialmente às universidades ou às secretarias de Educação dos Estados, foram extintos. No ano de 1976, ocorre a mudança da sede do Inep do Rio de Janeiro para Brasília. No ano seguinte, o CBPE foi extinto, marcando o fim do modelo idealizado por Anísio Teixeira, dando lugar ao Inep reconhecimento nacional e internacional.

Com a Nova República, em 1985, o Inep passou por um novo redesenho institucional. Retirou-se do fomento à pesquisa, para retomar sua função básica de suporte e assessoramento aos centros decisórios do Ministério da Educação.

Após o período de dificuldades pelas quais passou no início do governo Collor, quando quase foi extinto, o Inep iniciou um outro processo de reestruturação e redefinição de sua missão, centrado em dois objetivos: reorientação das políticas de apoio a pesquisas educacionais, buscando melhorar sua performance no cumprimento das funções de suporte à tomada de decisões nesta área e reforço do processo de disseminação de informações educacionais, incorporando novas estratégias de modalidades de produção e difusão de conhecimentos e informações.

Em 1997, o Inep foi transformado em autarquia federal. Desde então, o instituto reorganizou o sistema de levantamentos estatísticos e teve como eixo central de atividades as avaliações em praticamente todos os níveis educacionais. Atualmente, a missão do INEP é subsidiar a formulação de políticas educacionais dos diferentes níveis de governo e, assim, contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país.

Em suas publicações, Anísio Teixeira fez circular, no Brasil, ideias e práticas da escola progressiva e sua pedagogia centrada na aprendizagem, elabora uma representação positiva da civilização americana, apresentando propostas de organização do sistema escolar, que põe em relevo a formação de professores e relata avanços realizados durante o tempo em que comandou a Secretaria de Educação no DF. A quantidade de textos escritos e de intervenções realizadas dão a medida do quanto a experiência americana foi inspiradora na vida de Teixeira.

Atualmente, o Inep está vinculado ao Ministério da Educação e é responsável pelo Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), organiza outros exames a exemplo do Revalida (Exame Nacional de Revalidação de Diplomas Médicos Expedidos por Instituições de Educação Superior Estrangeiras) Encceja, (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos), Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), bem como avaliações como o Sinaes (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), o Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), censos da educação e estatísticas sobre a educação brasileira, além dos censos que formam o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

Desde o início do Governo Bolsonaro, há pouco mais de dois anos, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) já teve cinco presidentes. Essa troca constante de diretoria atrapalha o planejamento de exames, como o Enem, Encceja, Saeb e Revalida, e interfere negativamente na imagem da autarquia. Diante da conjuntura atual em que

passa o país, o INEP vem sendo enfraquecido e isso coloca em risco políticas públicas cruciais para gestores educacionais, professores, alunos, familiares, além de governantes de todos os níveis.

Para se ter ideia da gravidade o INEP, no governo de Jair Bolsonaro (sem partido) teve como diretor um coronel da Força Aérea Brasileira (FAB), Alexandre Gomes da Silva à frente da Avaliação da Educação Básica do Instituto Nacional. Também no período de governo de Jair Bolsonaro o INEP deixa de ser uma autarquia, passado a ser uma instituição vinculada ao Ministério da Educação (MEC).

Concluo este capítulo certa de que após sua leitura, será mais fácil compreender a importância de Anísio Teixeira na implantação e desenvolvimento da educação, não só no Alto Sertão, mas em toda a Bahia e demais estados na nação.

CAPITULO V

EXPERIÊNCIA E TRAJETÓRIA DE PROFESSORAS: AS ESCOLAS NORMAIS DO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Depois que concluir os estudos em Livramento, meus pais me levaram para Caetité, para o internato das freiras. Viajamos na carroceria de um caminhão. O trajeto era difícil [...] houve lugares em que o caminhão atolava. Os homens ajudavam. Meu pai contava que teve que andar de quatro de tanta lama que havia. A viagem era sofrida (BROMÉLIA, 2019).

5.1 Escola Normal Rural de Caetité

A professora Bromélia, que é do município de Brumado, destaca, em sua narrativa, a dificuldade de acesso à cidade de Caetité, devido à falta de estradas pavimentadas e de transporte, pois não havia ônibus na época. Ou se viajava de carro de boi, ou na carroceria de caminhão. Apesar de a distância entre Brumado e Caetité somar cerca de 100,6 Km, e levar em média, 1 hora e 30 minutos, para fazer esse percurso nos dias de hoje, naquele tempo levava-se, pelo menos, um dia de viagem.

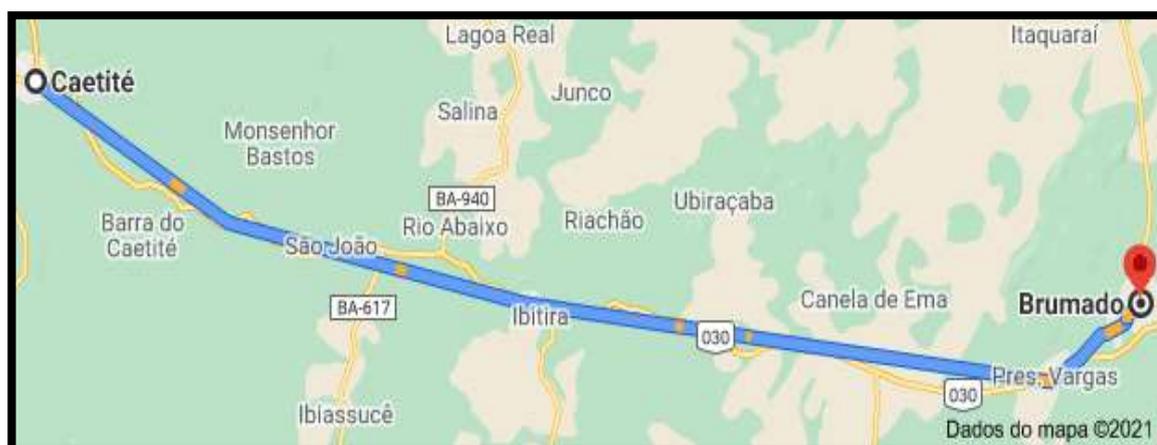


Imagem 83 - Distância entre Caetité e Brumado.

Além das dificuldades de infraestrutura, somam-se as dificuldades financeiras e os preconceitos à figura feminina tida como frágil e indefesa. Mas, independentemente de todo preconceito, essas mulheres enfrentaram as adversidades em busca do estudo e da formação como professoras, na Escola Normal Rural de Caetité, única escola pública em toda redondeza.

Juazeiro complementa a narrativa dizendo que:

Naquele tempo não tínhamos opção! Nesse interiorzão, Alto Sertão, o que havia para nós mulheres? Tudo muito difícil! Dinheiro era difícil naquela época. Nós nos apegávamos e agradecíamos a

oportunidade de poder estudar. A Escola Normal de Caetité era muito afamada e por essas bandas, não havia outra. Era um ambiente saudável, de boas amizades. Estudamos muito e nos envolvíamos nos afazeres da escola. Minha família foi para São Paulo e fiquei na casa dessa minha tia, com minhas primas, as quais me ensinaram muito. A afeição entre nós era grande. Agarrávamos à oportunidade de poder estudar e ter uma profissão que na época era de relevância para a família e toda a sociedade. Eu fiquei longe da família e só depois de alguns anos meus pais retornaram. Eu já trabalhava como professora (JUAZEIRO, 2019).

Posso depreender que a narrativa de Juazeiro (2019) reflete bem o interesse e o entusiasmo das moças, das décadas de 50 e 60, em cursar a Escola Normal, vendo aí, a oportunidade de se profissionalizar, ter um sustento e reconhecimento diante da sociedade. Conforme aprendi com Louro (1997), o surgimento da Escola Normal se caracterizou como expressão simbólica e poder decisório quanto à estrutura e legitimação da figura das normalistas perante a sociedade, mediante o discurso da docência enquanto sacerdócio feminino, marcada pelo modelo religioso, patriarcal e aristocrata da época, no qual as alunas e alunos deveriam ser vistos como filhos e filhas espirituais das professoras. O Magistério significava responder a uma determinação da sociedade, além de ser a única opção que se apresentava às mulheres²¹ das décadas de 40, 50 e 60 do século XX.

Vê-se nas narrativas, que a maioria que frequentava a Escola Normal no final da década de 40 e durante a década de 50, eram de mulheres, mas nem sempre foi assim. Coube ao Estado a missão de convencer a população da adequação feminina para o Magistério, cargo que sempre fora restrito aos homens. Com o discurso moralizador disseminado pelo Estado, aos poucos a visão da professora como sedutora e pecadora vai sendo desconstruídos, e, no lugar, se constrói a noção de um ser “naturalmente” puro.

As mulheres, após 1970, apesar de terem consciência da existência de outras oportunidades, procuravam o Magistério, por ser um curso mais barato e de curta duração, relativamente fácil e que possuía terminalidade, ou seja: um curso capaz de proporcionar emprego ao seu termino (LIMA, 1997, p. 133).

Bromélia dá continuidade à sua narrativa, contando os detalhes da chegada em Caetité:

Em Caetité, morei na casa das freiras. Foram 5 anos afastada do convívio de meus familiares. Havia muito rigor quanto aos hábitos e horários. Acordávamos às 5 horas da manhã para um banho frio, depois as orações, para em seguida tomar o café da manhã. Ao terminar, uma freira nos acompanhava até a Escola Normal. Descíamos a Rua Barão em fil. (Risos). Foram bons tempos e eu consegui, apesar da saudade e de não conviver o bastante com meus irmãos, na infância e adolescência, e de todas as dificuldades da época, me formar em professora (BROMÉLIA, 2019).

²¹Me refiro as mulheres brancas, que mesmo não sendo da elite, tinham condições, por meio de familiares, padrinhos ou bolsa de estudarem em instituições religiosas, frequentarem a Escola Normal ou Curso Normal.

Acredito que não tenha sido fácil, para Bromélia e para outras crianças e adolescentes da época, essa interrupção da relação com a família em detrimento dos estudos. Bromélia sai de casa, do convívio com os irmãos, aos dez 10 anos de idade. Fez o curso ginásial em Livramento, onde passou 3 anos. Fez o exame de admissão e por dificuldades financeiras, passou 1 ano em companhia da família na fazenda Casa Nova, para depois ir para Caetité fazer o Curso Normal, onde passou mais 5 (cinco) anos no internato das freiras. Uma parte de sua infância e adolescência conviveu com pessoas estranhas, que se constituíram em grandes amizades. Infiro que, de algum modo, Bromélia sente essa lacuna quanto ao convívio com os irmãos, mas, tendo consciência disso, buscou superar aproximando-se mais tarde deles, de seus sobrinhos e até de seus sobrinhos netos.

Para Juazeiro, esses tempos não foram mais fáceis, pois apesar de estar morando com parentes em Caetité, inclusive primas que já cursavam a Escola Normal, ficou muitos anos distante da família que migrou para São Paulo.

Fui de Lagoa Real para estudar em Rio de Contas com 8, 7 anos de idade e depois fui para Caetité. Minha família foi para São Paulo (...) eu ficava na casa de minha tia e suas filhas, as irmãs Mouras, minhas primas, que já faziam o Curso Normal. A liberdade era muito privada. Quando saímos, era Maria Moura, a mais velha, que nos levava, eu e as outras meninas, que moravam na pensão. Íamos nas festas as vezes de carro de boi. O Curso Normal tinha a duração de cinco anos (JUAZEIRO, 2019).



Imagem 84 - Distância entre Lagoa Real e Caetité.

O município de Lagoa Real se distancia de Caetité 58,0 Km e, até os dias atuais são, muitos os alunos que fazem esse percurso, cotidianamente, para ali estudar principalmente na UNEB, exceto nos últimos tempos, quando nos aflige a pandemia da Covid-19.

As dificuldades para o estudo eram muitas, de forma geral, especialmente para as mulheres. Além da concepção machista da época, outras dificuldades se somavam, tais como hospedagem, alimentação, transporte, sem falar na saudade que ficava dos entes queridos, ao escolher os estudos e distanciar-se da família.

Em 1836, a promulgação da Lei nº 37, permitiu às mulheres frequentar a Escola Normal, até então proibidas para elas, o que posteriormente passou a ser exigência para ambos os sexos. Essa Lei acarretou problemática, pois o Curso Normal teve que ser ministrado de forma segregada o que acarretou além de outras demandas (questão de horário, local para separar rapazes de moças, etc.), refletiu na formação dos alunos. Para resolver tal situação criou-se a Escola Normal, que passou a atender aos dois sexos.

Conforme narrativa de Ipê Roxo:

Antigamente, era comum termos professores formados em Medicina, Direito, Engenharia e também padres, mas na maioria as professoras eram da Escola Normal de Caetité. Posteriormente tivemos um ou outro professor que fez o Curso Normal, mas geralmente profissionais de outras áreas é que ensinavam no colégio no Curso Normal (IPÊ ROXO, 2019).

Através dos meus estudos, aprendi que a ampliação da participação feminina no Magistério se dá por questões políticas e econômicas, uma vez que as mulheres ganhariam menos e, para que se pudesse expandir o ensino de Primeiras Letras para todos, era necessário reduzir os gastos. Como o ensino era segregado por sexo, no momento em que o Magistério vai se feminizando, o governo provincial da Bahia resolve permitir a mulher lecionar para ambos os sexos.

Assiste-se assim, no Brasil do século XIX, ao processo de feminização do Magistério. A escola primária, inicialmente vedada às mulheres, a partir da Constituição e da referida legislação de 1827, foi aberta ao ingresso das mesmas, instituindo-se, a partir de então, a possibilidade de acesso à docência pelo sexo feminino. Nesse sentido, o Magistério passa a ser um caminho de profissionalização desejado muito mais por mulheres do que por homens. Conforme pesquisa, o governo provincial não destacou, de forma clara que o aproveitamento das mulheres para o ensino primário se dava por conta dos baixos salários, pela formalização do ensino ou pelo abandono dessas atividades pelos homens, mas sim por que as mulheres possuíam características apropriadas ao ensino de criança.

Em 1854, foi criada a Diretoria Geral de Instrução pública da Bahia, que tinha entre outros objetivos a função de fiscalizar e regulamentar a instrução primária da Província (LIMA, 1997). Dessa maneira, conforme o autor, a atuação da Diretoria foi bastante eficiente e em pouco tempo cresceu significativamente o número de alunos. Assim, segundo Lima (1997) passou-se a:

[...] exigir mais dos professores e a fiscalizá-los sob o argumento de que as aulas realizadas em suas casas dificultavam a fiscalização mais direta, além de impedir uma avaliação da atividade docente (LIMA, 1997, p. 121).

Importante pensar que, mesmo havendo por parte do presidente da província, à época, João de Moura Magalhães, a consciência referente aos baixos salários pagos às professoras, contratando essa observação, destaca-se as exigências de controle mais severo às atividades dos mesmos. A educação era desvalorizada desde aquele período e se assim não o fosse, os salários dos professores não seriam tão baixos ao ponto de o próprio governador reconhecê-lo, e, mesmo assim, ter a empáfia de exigir fiscalização e cobranças. Além disso, a partir da Lei 35/1836, passou-se a exigir dos professores que já tinham experiência no Magistério, o afastamento remunerado para cursar a Escola Normal. Diante de tal exigência, cresceu o número de regentes que pediram demissão, o que trouxe prejuízos à província, pois tais cadeiras não foram preenchidas.

Por muito tempo, vamos assistir ao total descaso à educação na Bahia, em especial no Alto Sertão. Somente durante os anos de 1950, tal paisagem começa a mudar quando no período de cinco décadas, a profissão que era quase que exclusivamente masculina tornar-se prioritariamente feminina. Com a qual a formação profissional possibilitada pelas Escolas Normais, desponta como papel fundamental a luta das mulheres pelo acesso a um trabalho remunerado (VILLELA, 2000, p. 119).

Conforme Prata (2005), a Escola Normal e a formação de professores são atravessadas pela configuração social que tem o papel de definir o sujeito, seja por meio das relações de poder entre professores e alunos, seja na forma pela qual concebe a aprendizagem e transmite tal saber.



Imagem 85 - Escola Normal de Caetité década de 1950.

Bromélia recorda-se ainda que, na casa das freiras:

Eu morei por 5 anos em Caetité. Lá não nos deixava ir pra canto nenhum, mas a escola era muito grande. Era um ambiente de silêncio e orações e muita obediência! Na hora das refeições também se exigia silêncio. Tinha a hora de brincar, cantar [...] na hora de dormir, também tinha que fazer silêncio lá no quarto. Deixaram cair a casa das freiras... a capela bonitinha, com uns anjinhos. Hoje não tem mais nada disso. Com o tempo foi acabando tudo (BROMÉLIA, 2019).

Jurema e Catingueira, também moraram na casa das freiras, e trazem narrativas sobre a adaptação as regras do internato. Assim, Jurema lembra:

Fiz admissão em Caetité e gostei muito do estudo na Escola Normal. Meu pai era muito austero e rigoroso na educação dos filhos, principalmente das mulheres, fazendo com que eu me adaptasse muito bem à casa das freiras, pois gostava muito do ambiente religioso e cheguei mesmo a pensar em ser freira, mas a vida me reservou outro destino. Havia muito rigor no cumprimento dos horários. Era um ambiente de silêncio, orações. Uma capelinha [...] Quintal grande [...] me adaptei bem pois em minha casa era assim. Sempre que saíamos éramos acompanhadas por uma freira. Para a escola, íamos em fila. [...] Me casei e tive filhos, hoje tenho meus netos (JUREMA, 2019).

Catingueira narra que:

Fiquei dois anos na casa das freiras, mas adoeci. A gente acordava cedo e tomava banho frio, depois ia pra capela rezar, depois tomava café e a freira ia nos levando em fila para a Escola Normal. Um frio. Aí eu adoeci de bronquite. Voltei à Brumado para me recuperar e só depois dei continuidade aos estudos (CATINGUEIRA, 2019).

Bromélia continuando, diz que na casa das freiras,

Tinha um quarto grande onde ficavam cinco moças e no meu caso, fiquei com duas colegas, num quarto menorzinho. Naquele tempo, o sanitário era fora da casa, e à noite se precisássemos, tínhamos que usar o bacio (urinol) e pela manhã fazíamos a limpeza dele. Cada um tinha o seu, mas se precisasse pedia emprestado também. Tinha que fazer xixi no meio das outras. [Risos] então havia cumplicidade, respeito e amizade sincera. Mas graças a Deus, eu nunca dei uma diarreia! [Risos] (BROMÉLIA, 2019).



Imagem 86 - Bromélia. Acervo pessoal, 2019.

Tanto Bromélia, quanto Jurema e Catingueira, lamentam o fato da casa das freiras ter sido demolida com o tempo, bem como a capela. Atualmente, no local, foi construído o Seminário São José. Relatam também sobre a rotina do internato, destacando o banho frio tomado no início da manhã, as orações e a ida para a escola, em fila indiana acompanhadas por uma freira.

Segundo narrativas de Juazeiro (2019), para ter acesso à educação, só havia na região a Escola Normal de Caetité e uma outra de origem presbiteriana, no município de Itacira (atualmente Wagner) porém, esta era particular.

Juazeiro narra que:

A Escola Normal de Caetité era muito famosa. Vinha gente de todos os lugares pra estudar. Condeúba, Macaúbas, Guanambi, Jaguarari, outras e outras. Toda região por aqui. Quando se aproximavam os dias de matrícula, á noite ouvíamos os trotes dos cavalos chegando. Às vezes famílias chegavam de muda, em carros de boi, poucos vinham de automóvel ou caminhão (JUAZEIRO, 2019).

Com relação aos aspectos pedagógicos da Escola Normal, nas narrativas das protagonistas destacam-se a rigurosidade da mesma, o compromisso dos professores, bem como a falta de material e didática. As aulas eram expositivas e os apontamentos eram ditados ou copiados do quadro de giz. Para Juazeiro,

Fazíamos o exame de admissão ou suficiência para cursar 1º Ano do ginásio ou o 5º Ano, depois cinco anos de Magistério. Eu entrei com uns 13 a 14 anos. Fazíamos o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano na Escola Normal. Uma escola nos padrões de muita disciplina; o diretor falava e todo mundo ficava calado. A gente tinha tanto respeito pelos professores que, se você estivesse na rua uniformizado e um deles passasse, você tinha que se levantar para responder ao bom dia do professor. Naquele tempo era natural agir assim (JUAZEIRO, 2019).

Bromélia, enfatizando a falta de material didático, se lembra que o professor de matemática tinha um compasso e observa:

O professor ou professora, às vezes fazia apontamento no quadro e a gente copiava. Outras vezes faziam a leitura e todos ficavam escutado em silêncio e copiando. Não tinha material didático. Era aula expositiva sempre. O professor de matemática tinha um compasso. Disso me lembro [...], mas fora isso não tinha nenhuma novidade. O ensino era rigoroso. Quase não tinha livro. Quando havia um, nós copiávamos e também trocávamos os cadernos para ir completando o que faltava. O colégio era muito bom. Na sala de aula se fazia muito silêncio. O professor ia lendo um livro e a gente prestando atenção (BROMÉLIA, 2019).

Jurema destaca, numa fala carregada de emoção, que:

O período em que estudei em Caetité, foi maravilhoso! Oh! tempos bons de minha vida! Tenho lembranças inesquecíveis daqueles anos. Os professores eram muito competentes e preparados, mas apesar de muito saberem, não havia didática. As aulas eram teóricas e expositivas. Me recordo muito da casa das freiras. Eu gostava daquele ambiente religioso. Pensei até em ser freira. Quantas lembranças!!! Até sonho com aqueles dias. Que saudades das amizades sinceras daquele tempo! (JUREMA, 2019).

Jurema ficou muito entusiasmada com a pesquisa, principalmente com a possibilidade de reencontrar as colegas e, de fato, efetivar um momento de relatos de experiências e recordações junto às amigas do período da Escola Normal. Essa possibilidade foi concretizada e, ela ficou muito feliz. Abaixo, uma fotografia de seu reencontro com Umbuzeiro, em 13 de março de 2020.



Imagem 87 - Jurema e Umbuzeiro. 2019. Acervo pessoal.

Catingueira narra,

Me formei em 1952, em Caetité. Infelizmente eu não guardei nada daquele tempo. Deveria ter guardado! Oh! saudade da Escola Normal de Caetité! Das colegas! Da casa das freiras! Tudo desmanchou. Só tem lá o Salão Nobre, onde faziam as festas. Foi um tempo muito bom. Aprendíamos nem que fosse na marra. Não tinha livro, era tudo copiado, passado a limpo com capricho. As aulas eram teóricas. As salas eram boas e bem ventiladas. O jardim muito bem cuidado [...] tinha o ginásio para as aulas de Educação Física com Dona Irani. Ela era exigente! [Risos] (CATINGUEIRA, 2019).

Quanto ao Salão Nobre, Bromélia se recorda que:

O Salão Nobre era um espaço muito lindo e pomposo onde aconteciam os atos solenes, formaturas, eventos cívicos. [...] O mobiliário todo em madeira nobre, cortinas nas janelas e portas, um belo piano onde Dona Aída dava aulas de canto e de piano. Nós gostávamos muito dessas aulas de canto e alguns iam para as aulas de piano (BROMÉLIA, 2019).

Juazeiro endossa a fala de Bromélia, narrando quanto a importância em se formar professora diplomada pela Escola Normal Rural de Caetité, na época:

A Escola Normal de Caetité era famosa pelos bons professores que ali formavam e por ser reinaugurada pelo saudoso professor Anísio Teixeira. O índice de analfabetismo era enorme, você não pode imaginar! Era necessário mudar essa realidade. Então, se tornar professora pela Escola Normal de Caetité era para nós a realização profissional, a segurança e estabilidade de um emprego, como também um avanço para a região que era carente em vários aspectos e a educação era vista como um símbolo de progresso. Eu me orgulho em dizer que pude ajudar meu irmão a se formar em professor e como eu, ter uma profissão. Foi um tempo em que ser professor era algo de grande importância. O professor era respeitado socialmente como uma profissão de prestígio, afinal era grande o número de analfabetos e havia poucas escolas (JUAZEIRO, 2019).

A narrativa da professora Juazeiro reflete a importância da instalação da Escola Normal para Caetité, assim como foi para todo interior baiano. Como ela mesma retrata, o índice de analfabetismo era alarmante e o estudo era difícil, devido aos custos pra manter o filho na escola. Daí a importância das professoras/protagonistas da pesquisa darem valor a oportunidade que tiveram de estudar na Escola Normal, ou em Cursos Normais e/ou Pedagógicos, como era denominado à época, às custas muitas vezes, do sacrifício de ficar distante de pais e irmãos.

Quanto as lembranças do prédio onde se instalou a Escola Normal em Caetité, as narrativas memoriais revelam,

O prédio era amplo e majestoso. A sala de aula era arejada e bem iluminada. Havia um tablado com a mesa do professor, o quadro de giz. Giz branco, pois não havia colorido. As carteiras eram em dupla e os alunos eram distribuídos por ordem alfabética. Minha parceira se chamava Prisciliana [...] Prisciliana Carvalho Lousada. Sim esse era o nome dela. A professora de História, Dona Celina dizia a Su, era como eu a chamava, que não gostava desse nome e que ela deveria muda-lo. Su não se importava. Não me lembro dela se chatear. Éramos uma turma unida e nos ajudávamos. Na sala de Geografia, no forro tinha a pintura dos signos do zodíaco. Era muito bonita essa pintura e ficávamos olhando [...] tinha mapas e atlas também. Mas nem sempre Dona Helena, a professora de Geografia, nos levava a essa sala (BROMÉLIA, 2019).



Imagem 88 - Rua Barão, 1950.

Conforme Catingueira,

O prédio da Escola Normal onde eu as meninas estudamos hoje está funcionando a Câmara Municipal. Continua um prédio muito bonito. A casa das freiras era na Rua Barão, uma rua larga, toda no paralelepípedo[...], pra ir para a Escola Normal íamos em fila [risos]. Descíamos a Rua Barão, entrávamos num beco a esquerda e logo chegávamos à escola. A sala de aula era no padrão antigo. Carteiras em dupla e o professor, uns ficavam sentados outros gostavam de circular pela sala. Hoje em dia, há uma praça em frente, muito bonita (CATINGUEIRA, 2019).

Nesse momento Bromélia menciona:

Não me vem à memória a fachada da Escola Normal. Acho porque como entrávamos pela lateral e também saíamos por lá, não trago essa lembrança na memória. Sempre uma freira nos acompanhava, em fila até à escola. Na saída era do mesmo jeito! [...] Naqueles tempos o professore era uma figura de respeito e admiração! (BROMÉLIA, 2019).



Imagem 89 - Salão Nobre: Ontem e Hoje.

Juazeiro destaca:

No Salão Nobre, havia uma mesa grande sobre o estrado e acima, na parede, um quadro grande do Divino Mestre, por sinal muito bonito! Ao lado, uma tribuna, onde professores faziam discursos, alunos declamavam. [...] Era um lugar agradável onde nos divertíamos. A escola era simples, apenas com dez ou doze salas de aula. Em algumas o piso era de assoalho, pouquíssimas, outras com tijolinho. As carteiras às vezes eram em duplas, bem alinhadas e outras individuais, tudo muito simples! [...] Os meninos sentavam-se à frente e o pátio dos meninos era separado, das meninas. Nos só nos víamos no momento das aulas. Tinha um pavilhão para as aulas de educação física (JUAZEIRO, 2019).

Foucault (2009) em seu livro ‘Vigiar e Punir’, destaca que essas instituições foram criadas com o intuito de forjar novos dispositivos de controle e punição sobre os sujeitos, agindo não tão diretamente sobre os corpos físicos, mas sobretudo, como uma estratégia de dominação através de abordagens sutis, disposições e manobras táticas e técnicas, que se desvenda como uma rede de relações sempre tensas (FOUCAULT, 2009, p. 29).

Dessa forma, para o autor, a disciplina distribui os indivíduos no espaço, estabelece mecanismos de controle da atividade, programa a evolução dos processos, articulando coletivamente as ações individuais. Para tal, utilizam-se recursos coercitivos como a vigilância, as sanções e os exames, características do poder disciplinar que marca a estrutura e o funcionamento de instituições, de modo particular, a escola.

Bromélia diz que:

As aulas de Educação Física eram realizadas no ginásio esportivo. Os mais velhos eram dispensados. Meninos e meninas faziam as aulas juntos. Dona Irani era uma professora muito exigente, tanto com os uniformes quanto aos exercícios. Se alguém fizesse errado, ela gritava o nome bem alto. Todos tinham vergonha. Então caprichávamos para não passar por esse vexame (risos). O uniforme era um macacão inteiriço branco, com elástico na cintura e nas pernas. Quem quisesse, subia um pouco para ficar mais curtinho. No pescoço, um laçarote azul com bolinhas brancas. Tênis e meia três quartos (BROMÉLIA, 2019).

Catingueira narra as lembranças dos professores e diz:

Me lembro nitidamente dos professores de Caetité. Muita gente já morreu. Dona Celina dava aula de Geografia, Doutor Clóvis de Higiene, Dona Nilza de Psicologia, Dr. Gilberto de Matemática, muito rigoroso e os alunos pelavam de medo dele. As provas, a gente já recebia com medo. O professor Meireles era muito bom. O professor Alfredo ensinava Português e Literatura, era muito bom também. [...] Tinha um professor que eu gostava muito, era o professor de Puericultura se chamava Ieron. Ele também ensinava matemática. Tinha um professor, eu esqueci o nome dele, que quando estava na veia boa, dava boa nota. Chamava no quadro. Dona Helena, mandava a gente desenhar um mapa no quadro. Já imaginou? [...] Na sala de aula era menino e menina junto (CATINGUEIRA, 2019).



Imagem 90 - Catingueira, 1953.

Em meio às risadas, uma delas comenta que com uma memória dessa, será difícil ela ser acometida pelo Alzheimer [risos]. E assim, nossa querida professora continua a narrar que,

Dona Helena que era engraçada, já morreu. Ela saía apressada pra ir dar aula e calçava os sapatos pé de um, pé de outro. Um dia ela foi dar aula de camisola e as meninas, eu não, mas as meninas começaram a dar risada! (RISOS). Ela saiu e foi se queixar pra Dr. Clóvis, o diretor, para suspender a turma que estava dando risada. Ele disse: - Mas o que você quer Helena, dar aula de camisola! Ela era toda atrapalhada coitada [Risos] (CATINGUEIRA, 2019).

A tentativa de alcançar o desenvolvimento e a cultura para o Alto Sertão da Bahia, desdobram-se em múltiplas estratégias de disciplinarização e mecanismo de controle e vigilância que atuam no interior da instituição escolar, buscando redefinir uma nova forma de pensar, sentir e agir tentando erradicar práticas e hábitos considerados perniciosos.

Jurema narra que,

Estudei quatro anos de ginásio e três anos no Curso Pedagógico em Caetitê. Passei boa parte de minha infância e adolescência na casa das freiras. Fiz boas amizades e muito aprendi. Tínhamos aulas de ética, comportamento, cuidados e higiene, além da matéria teórica mesmo. Me tornar professora foi um sonho bem-sucedido, pois sempre gostei de estudar e ensinar. Depois que me formei fui para Brumado. Com o tempo passei a ser professora no Colégio. Ensinei Educação Física. O rigor, a obediência e a moral ensinados na escola, são fundamentais para uma sociedade mais justa, para o respeito ao próximo, valores que estão se perdendo a cada dia (JUREMA, 2019).



Imagem 91 - Jurema, 1956.

A entonação de voz, os olhos marejados mostram-nos o quanto as recordações afetaram Jurema, que se emocionou limpando as lágrimas no canto dos olhos. Diante do embargo de voz e do profundo silêncio que se deu com essas palavras, Xique-xique, quebra o silêncio, nos convidando para o lanche. Em meio à mesa farta, Juazeiro comenta,

Sempre houve mais mulheres cursando o Curso Normal. Nossa turma que tinha cerca de 32, 34 alunos, dentre eles apenas 4 eram rapazes. O pátio dos rapazes e o pátio das moças eram divididos por um portão grande. As aulas eram em nosso pátio, pois no pátio dos rapazes funcionava a escola primária. A maioria sempre foi de mulheres em busca do Magistério (JUAZEIRO, 2019).

Segundo nossas protagonistas, na Escola Normal havia um ambiente de cordialidade com amizades verdadeiras e muita cumplicidade em um tempo difícil.

As paqueras inocentes das quais saíram casamentos. Um tempo que não me sai da memória. Apesar das dificuldades, era um tempo de muita cumplicidade, onde se dividia o pouco que se tinha. As formaturas eram um evento na cidade! Tinha muita pompa. Os discursos eram uma beleza. Cada uma queria um vestido mais bonito que o de outra (JUAZEIRO, 2019).

Catingueira menciona,

Nós erámos amigos mesmo. Até hoje a amizade existe. Foram bons tempos. Apesar das dificuldades existentes: transporte, comunicação, entretenimento, nós vivíamos os dias nos dedicando aos estudos, as amizades, as leituras. Ganhar um corte de tecido novo era um acontecimento. Ir a costureira, escolher o modelo para o vestido. Tudo era importante e significativo. Ah! quantas saudades! Quando fui para a Escola Normal, foi uma grande alegria. A formatura mobilizava e era assunto para todo o ano, de preparativos (CATINGUEIRA, 2019).

A instalação da Escola Normal em uma cidade interiorana, constituía-se em símbolo de progresso, modernidade e civilização, elementos que foram destacados nas narrativas das professoras, como fator de desenvolvimento para a realidade do sertão baiano, devendo-se pautar nas modernas concepções de ensino. Os festejos para a formatura também eram recordados, apontando tal evento como festa de pompa e gala para toda a cidade que mobilizava o comércio e economia. Mesmo os que não iriam participar do baile de formatura, estavam presentes na celebração da missa e colação de grau, geralmente no Salão Nobre, mobilizando os moradores da cidade e vizinhança. Juazeiro menciona o fato de que:

Na minha formatura, houve um acontecimento engraçado. D. José²², o terceiro Bispo de Caetité, disse que se fizéssemos o baile de formatura, ele não celebraria a missa. Não sei o que passou pela cabeça dele [risos] imagina só! Esse momento era muito aguardado por nós e não íamos deixar de participar do baile. Então nos empacotamos todas com um vestido azul e fomos à missa de domingo. Ele não fez nenhuma menção a nós. Celebrou a missa como de costume. E à noite fomos ao baile. Meu vestido foi feito por minha prima. Era uma exímia costureira. Ela fez o meu e de outra prima que formou comigo. O mesmo tecido. Um vestido lindo, de gala. A bem na verdade, foram os mais bonitos nesse ano! (JUAZEIRO, 2019).

Segundo nossa narradora, tal contratempo não foi empecilho para que a sua formatura fosse um sucesso. Ao contrário, o fez um acontecimento peculiar. D. José Terceiro, segundo Juazeiro (2019), teve um papel importante no desenvolvimento do catolicismo na região e foi através dele que se impulsionou a criação do seminário menor da Diocese, localizado na Rua Barão de Caetité, onde foi edificado em terreno anteriormente adquirido por doação e já idealizado pelos seus antecessores, fundado no ano de 1958 contando com 15 seminaristas. O Seminário funciona até os dias atuais.



Imagem 92- Juazeiro com 19 anos de idade. Acervo pessoal.

²² D. José Terceiro de Sousa chegou a Caetité para assumir o Bispado, em 26 de junho de 1948, trazendo consigo o desafio de aprofundar a caminhada diocesana de seus predecessores e fortalecer a presença do catolicismo nos longínquos sertões da Bahia

Após uma pausa para um refresco, quase como uma confissão, Bromélia narra que:

Eu me lembro que um dia o professor de Didática, pai de Dr. Ubaldo, pediu para que a gente levasse: Uma, 5 caroços de milho, outros 5 grãos de feijão e para mim, pediu 5 botões. [!!!] Era muito difícil pra mim! Não tinha dinheiro. Naquela época dinheiro era muito difícil. Não tinha nem como conseguir emprestado. [Risos] então eu resolvi tirar os botões de minhas calcinhas. Antigamente as calcinhas eram feitas em casa com tecido de algodão e tinha botões de um lado e de outro. Fiz esse sacrifício, [risos] para cumprir a tarefa. E o professor ainda achou ruim porque não eram todos os botões iguais. E também não me devolveu os botões (BROMÉLIA, 2019).

Essa pequena narrativa, parecia ter sido guardada por muitos e muitos anos. A impressão é que ela estava me narrando uma grande travessura feita nos tempos da Escola Normal. Narramos para sobreviver, para compreender o significado das coisas que acontecem ao nosso redor, para organizar o tempo, para nos modificar após a reflexão dos fatos que nos vem à memória.

O relato memorial da professora Bromélia parece fortalecê-la, desprendê-la de medos de julgamentos, e mais empolgada em querer narrar, reconhecendo, em sua trajetória, os pontos positivos e negativos vivenciados ou mesmo adotados por ela em relação ao trato com o outro.

A relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece com a presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Percebo que as protagonistas se sentem bem descontraídas em suas narrativas. Desejam se expressar de forma linear, mas vou acalmando-as, dizendo para não se preocuparem com isso.

Para Bosi (1994), o que interessa, quando trabalhamos com narrativas memoriais, são a maneira como o sujeito a reconstrói e o modo como ele pretende que sua vida seja narrada.

5.2 O Instituto Ponte Nova

Aos 14 anos de idade, sair com meu pai, que negociava com gado, em uma comitiva de vaqueiros, do município de Botuporã em direção a um vilarejo chamado Itacira, hoje Wagner, localizado na Chapada Diamantina. O objetivo era me levar para estudar e me formar professora no Instituto Americano de Ponte Nova, mais tarde conhecido como Instituto Ponte Nova (CARNAÚBA, 2019).

Carnaúba (2019) narra que o convite de seu pai, para frequentar a escola, fora feito para sua irmã mais velha, que se recusou a ir. Carnaúba diz não ter pensado duas vezes e logo se pronunciou: - *Se ela não vai meu pai, eu vou!*”



Imagem 93 - Distância entre Botuporã à Wagner.

O município de Botuporã dista 336,7 Km de Wagner, antigamente conhecido como um pequeno povoado denominado Itacira. Hoje, gasta-se em média, 5h e 30 minutos de viagem, mas naquele tempo, foram três dias e duas noites para fazer o percurso. Carnaúba (2019) conta que logo iniciaram os preparativos da lista do enxoval que seu pai trouxe (quantidade de lençol, fronhas com monograma bordado, número de blusas de farda e saia com modelo, cor, e o tipo de tecido indicados), bem como os demais itens necessários à vida de internato.

Ela estava radiante. Era um sonho a ser realizado. Ela continua dizendo que:

Meu pai negociava com boiada. Não era vaqueiro, ele comprava e vendia gado [...]. Eu contava com 14 anos. Meu pai mandou arrumar um cavalo de boa pisada e macio. A boiada ia adiante e nós íamos mais atrás... Saí de Botuporã para Itacira [...] uma viagem muito sofrida, três dias no lombo de um cavalo. Não tinha estradas naquela época. Era rota de boiadeiros, tropeiros. [...]. Eu fiquei em regime de internato. Internato para moças e rapazes. Mas era separado por um portão. Na época era Itacira, hoje é Wagner. Eles vieram junto com os mesmos missionários que fundaram o Colégio 2 de Julho em Salvador, e o Colégio Mackenzie. Gostei muito do estudo de lá. Não faziam distinção de religião. Eu e muitos alunos éramos católicos (CARNAÚBA, 2019).

Considerado como a primeira instituição de ensino secundário rural da Bahia o IPN foi organizado pela Missão Central do Brasil, órgão de difusão religiosa da Igreja Presbiteriana que, em 1870 fundaram a Escola Americana de São Paulo e, posteriormente o Colégio Mackenzie, conforme recorda-se nossa protagonista.

A Ação Central do Brasil foi uma organização da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos que, através da Junta de Nova York, pretendiam difundir uma nova realidade na região onde se instalavam, por meio da normatização da educação primária e secundária.

As missões protestantes se intensificaram no Brasil, na segunda metade do século XIX, e se deu paralelamente à expansão capitalista. Tal fato não se deu por acaso, mas sim porque as igrejas protestantes tinham interesse na expansão e no comércio, promovidos pelo hemisfério norte aos países colonizados do sul. No caso do Brasil, os missionários presbiterianos norte-americanos, tiveram que investir para expandir sua doutrina, espalhando templos, redes educacionais e hospitalares que influenciariam o desenvolvimento

Com a curiosidade aguçada, todas presentes fizeram silêncio para ouvir a história de Carnaúba que prossegue:

Esse colégio era pra ser em Lençóis. Mas os padres não quiseram. Há uma lenda que conta que dois protestantes americanos viajavam a cavalo, quando iam passando lá pelas bandas de Lençóis, perguntaram a um morador se poderiam lhes dar pouso. Ouviram então do senhor: “- Meu senhor, por aqui nem as árvores dão pouso pra protestante!” Eu acho que é lenda, mas desde sempre eu a conheço. Dizem ainda que os padres não queriam os protestantes por lá (CARNAÚBA, 2019).

No trecho acima, Carnaúba faz referência à chegada de missionários estadunidenses na região da Chapada Diamantina, os quais tinha por objetivo difundir a fé, promover a educação e saúde no sertão baiano. Para tal empreita, compraram a fazenda Ponte Nova, às margens do rio Cachoeirinha, no município de Wagner, nos arredores do distrito de Itacira, onde fundaram, no ano de 1906, uma Igreja, um hospital de alta qualidade de onde surge a primeira Escola de Enfermagem da Bahia, um internato para moças e rapazes, bem como trouxeram a Escola Normal Rural Instituto Ponte Nova.

Conforme Nascimento (2005), até a década de 50 do século XIX, a circulação de impressos pelas Sociedades Bíblicas, foram utilizadas no Brasil como estratégia para divulgação religiosa presbiteriana, aliada a criação de igrejas, escolas e hospitais. Ainda conforme a autora, foram as Escolas Dominicais, o maior meio de disseminação do Protestantismo no Brasil, uma vez que serviram como a fonte segura de conversão dos católicos através da leitura e pregação da bíblica.

De acordo a Cavalcanti (2001) as igrejas protestantes norte-americanas difundiram no nosso país uma fé jingoísta, ou seja uma fé que aceita as promessas do Iluminismo interpretadas a luz da compreensão dos norte-americanos, que veem nos Estados Unidos a expressão maior da nação moderna, uma sua pátria "abençoada" com liberdades políticas e civis, e com associações voluntárias que contribuem para o alto senso de integração comunitária e de identidade nacional, exatamente por professar a fé protestante. A nação americana é

apresentada ao Brasil como um país baseado em princípios de tolerância religiosa, iniciativa privada e igualdade política.

Dessa forma, expandia-se em nosso país, principalmente no interior, o número de missionários protestantes americanos (presbiterianos ou batistas), com interesse em disseminar o protestantismo, mesmo sabendo das dificuldades que enfrentariam em um país de religião católica transplantada pelos colonizadores a mais de 300 anos. Tais missões viam no Brasil um campo bastante promissor, um mercado religioso emergente.

Daí justifica-se o fato narrado por Carnaúba (2019), ao lembrar que os protestantes ao pedir pouso na região ouviram: “*Meu senhor, por aqui nem as árvores dão pouso pra protestante!*” ou ainda que: “*Dizem ainda que os padres não queriam os protestantes por lá.*” (CARNAÚBA, 2019).

Nesse sentido, percebe-se que foram grandes os esforços dos missionários presbiterianos para atingirem seus objetivos e aos poucos o povoado de Itacira ficou reconhecido como polo de desenvolvimento e cultura no interior da Bahia. A escola secundária rural oferecia os Cursos Normal, Preparatório de Pastores, Auxiliar de Enfermagem e Técnico Agrícola. O IPN foi símbolo de desenvolvimento para o distrito de Itacira, sendo de tal maneira importante para o desenvolvimento da região, em especial de Wagner, que o hino do município faz referência ao colégio, mais que qualquer outra coisa. O subsídio por parte dos americanos a esta escola se deu até 1971, quando se tornou uma escola estadual.

O Instituto Ponte Nova, ofereceu inicialmente curso preparatório para os futuros pastores de suas igrejas, no entanto, o Curso Normal tornou-se bastante relevante para toda região, o que caracterizou a instituição como formadora de professores disseminadores da prática pedagógica presbiteriana norte-americana.

Era um colégio com boas instalações, salas de aulas amplas e arejadas, auditório, internatos para moças e rapazes que deu ao povoado uma posição de destaque entre outras localidades vizinhas. Depois de 3 anos de estudo, conheci colegas que me ensinaram que eu poderia fazer apenas uma parte da viagem a cavalo, pois havia um ônibus que levava os alunos até a porta do IPN. Era uma algazarra, cantoria nesse ônibus (CARNAÚBA, 2019).

O IPN legitimou novas concepções no campo da educação, articularam estratégias de intervenção no interior brasileiro e a seus habitantes, buscando introduzir mudanças de comportamento daqueles que seriam seus alunos.

Ideologicamente os missionários presbiterianos se identificam completamente com a sua cultura de origem, pregando no Brasil a

importância da liberdade religiosa, da supremacia econômica do mercado, da educação como processo de formação de uma cidadania responsável, e do progresso através do uso da ciência. O código moral da Igreja, baseado nos ensinamentos de Calvino, reformador suíço, enfatiza a importância de uma vida ascética e de retidão teológica. (CAVALCANTI, 2001).

A rede de escolas das missões fora importante para criar raízes no país, apesar de não gerar o número de convertidos que elas esperavam. “*Havia os presbiterianos, mas a maioria era católica*” (CARNAUBA, 2019).

Carnaúba nos conta que havia o diretor do colégio masculino, um americano muito bem preparado, alto, que se chamava Dr. Jaime Nelson Wight e esposa dona Jane, também muito alta, tinham três filhos. Na fotografia, abaixo retrata o diretor do colégio masculino com os alunos do Curso Normal, turma de 1958.

E continua:

A diretora do colégio feminino, Dona Robertina Xavier, era viúva e criava uma netinha por nome Cleidí. Tia Robertina era bem gorda e todo sapato que ela calçava chiava. Assim, quando ela subia as escadas, à noite, para vistoriar, nunca conseguia pegar ninguém, pois o chiado do sapato a denunciava (risos). Depois do jantar, das 19 às 21:30 horas, tínhamos uma banca com uma professoranda, que ficava fiscalizando nosso estudo. Alguns colocavam uma revistinha, o gibi para ficar lendo, alguns eram pegos. Ao acabar o horário, era aquela algazarra ao subir as escadas (risos) e quem tivesse uma merendinha lanchava, escovava os dentes e iam dormir (CARNAÚBA, 2019).

De acordo com os estudos de Cavalcanti (2001) uma das questões mais importantes para o estudo de missões num mercado religioso aberto é justamente o papel da dissonância entre a ideologia protestante e a realidade local para determinar o grau de aceitação das missões. Os missionários presbiterianos se identificam completamente com a sua cultura de origem, pregando no Brasil a importância da liberdade religiosa, da supremacia econômica do mercado, da educação como processo de formação de uma cidadania responsável, e do progresso através do uso da ciência.



Imagem 94 - Turma dos alunos do IPN – 1958. Acervo pessoal.

A tese de doutorado da professora Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do Nascimento “*Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil Tropical*” (2005) trata da proposta pedagógica do IPN, a qual segundo a autora referida, se materializava por meio do discurso, da ritualização dos comportamentos, intercâmbio de culturas, as quais se configuravam numa forma peculiar e distinta das demais instituições de ensino. Tendo como meta formar cidadãos,

[...] cômicos de seus direitos e deveres para com Deus, com a pátria e a sociedade a partir da metodologia intuitiva, voltada para os princípios de uma educação integral que abrangesse o caráter intelectual, moral, físico e espiritual [...] Em última estância as práticas educativas são "práticas civilizatórias, já que formar o cidadão, comporta indelevelmente a preparação para a vida racional e exemplar. Deste modo, a "ilha norte-americana" ou a "fronteira civilizadora no Brasil Tropical" – como foi denominada a cidade de Wagner – era o reflexo da ordem social presbiteriana, replicando um modelo norte-americano. Se educar significava um registo utilitário e secular, também se declinava com intensidade como "salvação das almas". É precisamente, esta característica do projeto presbiteriano que se reflete no projeto civilizador de Wagner (ver pp.) (NASCIMENTO, 2005 p. 79-97, 119-202 e 125).

Quanto ao internato, Carnáuba lembra que:

No internado, andávamos na ponta do pé para não fazer barulho. O piso era todo no assoalho. Às vezes era aquela correria e éramos rigidamente chamados à atenção. Era um ambiente agradável. Todo mundo tinha uma tarefa por semana. Era assim: Eu era responsável por varrer a área 1, outra, a área 2, e assim sucessivamente. Ao final de um ciclo voltava tudo como antes. As roupas eram lavadas na escola. Nossas atividades eram, além dessa que relatei, a de estudar (CARNAÚBA, 2019).



Imagem 95 - Carnáuba e colegas no pátio do IPN. Acervo pessoal.

A fotografia foi tirada no pátio do internato em um dia de domingo. Carnáuba é ainda uma menina e se recorda que vestia um vestido longo, amarelo com babados na manga. Ela está, em primeiro plano, do lado direito da foto.

Segundo Carnáuba,

Seguíamos as atividades com rigor e sem questionar. Todo tempo dedicado ao estudo e às atividades que nos eram designadas. Na hora das refeições, tinha todo um ritual. Entre nós sempre tinha as serventes. Só entrávamos no refeitório depois da diretora. Quando ela dava permissão, entrávamos e ficávamos ao lado da cadeira, em pé. Depois, ela permitia aos meninos para entrarem e ficava de olho. Todos ficávamos em pé, até que ela pedia a um aluno presbiteriano para fazer a oração e só depois nos sentávamos. Havia de tudo para o café, e demais refeições. Quem estivesse no rodízio, ficava responsável em repor alguma coisa que faltasse à mesa. Aos domingos, o diretor e sua família vinham almoçar conosco. Os diretores, tanto dos meninos quanto nossa diretora, só andavam bem arrumados. Eram muito educados e competentes (CARNAÚBA, 2019).

O transplante da fé presbiteriana para o Brasil não se deu de forma tão fácil quanto os missionários esperavam, principalmente pela tradição católica brasileira.



Imagem 96 - Alunos do IPN, 1960. Acervo pessoal.

Carnaúba, reflexiva, retoma à sua narrativa:

A escola americana presbiteriana era famosa pela rigorosidade metódica, excelência dos professores e material didático. Estudei lá durante seis anos e ao término, tinha condições soberba de ensinar qualquer sala de aula, ou turma que me indicassem. [...] não sabia que eu havia estudado em Escola Normal Rural. Era só Instituto Ponte Nova e Curso Normal Rural, nunca sabia. Eu soube bem depois olhando meu diploma. [RISOS] (CARNAÚBA, 2019).

Ao contrário das dificuldades de acesso a livro e materiais didático narrados pelas professoras que frequentaram as Escolas Normais de Caetité, ou os Cursos Normais em Livramento e Brumado, Carnaúba se lembra de que não passou por essas dificuldades, uma vez que o IPN trazia todo um amparado didático-metodológico aos professores e alunos. Carnaúba (2019) diz que:

No IPN nós tínhamos disponível uma livraria onde comprávamos cadernos, lápis, borracha, os livros escolares e o mais que fosse necessitando durante o semestre. Quando os pais chegavam, pagavam as contas. Eu me lembro do livro de Geografia de Aroldo de Azevedo e do caderno de cartografia. Um certa feita, uma professora desenhou o mapa da Bahia no quadro e esse mapa ficou lá por um tempo (CARNAÚBA, 2019).

Para Carnaúba, o IPN apresentava uma metodologia diferenciada, em que a prática era tão importante quanto a teoria. Todo material escolar necessário aos estudantes poderia ser adquirido na livraria da própria escola, que ficava ao lado do prédio escolar.

INSTITUTO PONTE NOVA

NOTA Nº 3896

Tramã, 29 de Outubro de 1954

Sr. João José Pereira #38

	DEVE	HAVER
Saldo devido 19-7	17 00	
Despesas II Trim	146 40	
Acrescimos - ensino	390 00	
- pensão	300 00	
Pagamento hoje		850 00
Saldo devido		340
	853 40	853 40

Recebido Sr. João José Pereira a quantia de oitocentos e cinquenta cruzados (cr\$ 850,00)

Jordan Thau
Tesorero

Imagem 97 - Nota de material da livraria – 1954.

Conforme estudo bibliográfico, os missionários, além de professores, eram os próprios diretores; o corpo docente era formado por membros da igreja presbiteriana e por missionárias-professoras, pagos pela Missão com fundos enviados pela Junta de Nova Iorque. Para isso, a Junta exigia que seus diretores e professores fossem pessoas preparadas pedagogicamente e comprometidas com a doutrina da igreja uma vez que “de nada valerão as escolas sem bons mestres” (Ribeiro, 1981, p. 241). E como não havia muitos professores brasileiros formados dentro da concepção educacional norte-americana, a Missão proporcionava bolsas de estudo para a preparação de professores nos seus principais colégios brasileiros e nos Estados Unidos, garantindo a continuidade e a qualidade do ensino.

Assim, narra Carnaúba (2019):

Eu gostei muito. Tínhamos bons professores, o estudo era rigoroso e a disciplina também. Na época era assim! Alguns professores chegavam de teco-teco. O acesso era difícil! Eu ficava anos sem ir para casa! A viagem era penosa, muito difícil retornar a Botuporã. Da vez que fui, me lembro de que, na saída, todos vinham para a despedida. Eu tinha uma irmã que chorava tanto que parecia que estava saindo um caixão. Aos sábados, domingos e feriados podíamos sair, acompanhadas por uma normalista e aí sim, vestíamos nossos vestidos, meia fina e sapato alto pra passear de lá pra cá! Foram bons tempos e trago muitas recordações boas (CARNAÚBA, 2019).

Posso afirmar, que a partir da narrativa memorial de Carnaúba, que suas lembranças trazem momentos de afetividade, de troca de saberes, costumes, experiências que vivenciou, e que a forjaram enquanto profissional e mais que isso um ser humano.

Um dia, na sala de aula, na 5ª série, todos nós éramos calouros de internato [...] aí, um colega assoviou na sala de aula. A professora que era recém-formada, muito autoritária, pediu que ele saísse da sala. Ao passar pelo portal da sala, ele novamente assoviou. Ela o fez voltar. Tinha alunos rebeldes também. Foi a professora Alexandrina. Tínhamos muito respeito por ela. Nós ficamos muito assustadinhos. Ele saiu e nunca mais voltou. O respeito aos professores e às regras do colégio eram essenciais. Uma certa feita, o diretor chegou a dizer a um pai: “Não estamos aqui para amansar potrancas”. Naquele tempo, quem tinha dinheiro e a filha desse trabalho, às vezes pensava que o colégio iria resolver o problema. Esse tipo de aluno não ficava! (CARNAÚBA, 2019).

Carnaúba traz na memória a imagem do rio Cachoeirinha e do hospital, também mantido pela missão:

O internato ficava à margem de um rio e daí para o colégio, eram uns 600 metros. [...] tinha também um hospital que era muito bom. Naquela época, já era considerado modernizado. Tinha um tal de Doutor Word mas o povo falava Ude, Dr. Ude. [...] Eu era bolsa de toda festa [risos soltos]. Conhece esse dizer? Era assim: tudo que ia acontecer eu era chamada a participar. Se viesse uma pessoa de fora

para conhecer a escola tinha as apresentações e eu ia pra ler um texto, entregar uma lembrança, etc. (CARNAÚBA, 2019).

Carnaúba é uma senhora muito espontânea, de voz firme e fala fluente que provavelmente a tornou “bolsa de toda festa” por sua espontaneidade. Nos dias de hoje, viúva e com filhos que já constituíram família e lhe deu netos, mora ela e uma neta. Tem como vizinha Juazeiro e juntas fazem muitas atividades. Ela se recorda dos desfiles cívicos e de como esses eventos eram vistos com seriedade, patriotismo e ufanismo na época em que “*se respeitavam os símbolos nacionais*” (CARNAÚBA, 2019).

Segundo Carnaúba:

Festejávamos o 7 de setembro! Um desfile perfeito! Descíamos para a quadra para o ensaio da banda. A marcha era muito bem treinada, bem sincronizados os movimentos dos braços. Eu sempre desfilei de farda. Era do pelotão de farda. Mas as meninas que desfilavam fazendo aeróbica. Trazia a figura do vaqueiro, do pessoal da independência, pessoas a cavalo. Ficávamos alegres pois tínhamos o sentimento patriótico que não era como hoje. Retornava à minha casa de quando em vez, pois já imaginava a viagem a cavalo. Não havia estradas e tudo era muito difícil. [...] O esforço de ficar longe da casa de meus pais e irmãos valia a pena. Valeu, muito né? Tudo por um diploma de professora da Escola Normal Rural Instituto Ponte Nova! (CARNAÚBA, 2019).

A proposta pedagógica do IPN se materializava por meio do discurso, da ritualização dos comportamentos, intercâmbios culturais os quais se configuravam numa forma peculiar e distinta das demais instituições de ensino. Além da boa infraestrutura, a escola possuía energia própria, água encanada, pomar, telefone, rádio amador e até um engenho de açúcar.

No entanto, apesar dos esforços, o sucesso das missões é considerado limitado no sentido de que nenhuma das duas obteve uma adesão marcante da população brasileira. O Brasil continua sendo um país católico.

Narra Carnaúba que foi a primeira professora diplomada em seu município, Botuporã. E que era muito respeitada por toda a comunidade. No entanto, por questões de política local, teve que lutar para que sua nomeação saísse. E assim ela narra:

Me formei em dezembro de 1960. Eu fui a primeira de minha cidade a adquirir o título de professora. Eu era pra tudo!!! Tudo! [Voz enfática] menos padre e doutor. [Risos altos]. Foi uma briga ferrenha porque minha família era da política contrária a do prefeito na época. Eu fui até Salvador, bajular. Ai eles concordaram que eu como filha de Botuporã, formada tinha que ter uma sala de aula. Me deram então uma turminha multisseriada (CARNAÚBA, 2019).

Nossa protagonista conta que, depois de dois anos lecionando em Botuporã, ela se casou e foi morar em Brumado, onde fez muitas amizades, criou seus filhos e lecionou até se aposentar.

Eu alfabetizei muitos e muitos. As turmas eram cheias. De vez enquanto, eu encontro um ou outro aluno. Eu era uma professora rigorosa. Acredito que devido à própria formação. Uma vez eu estava tomando a lição do b - a, bá. Um menino veio até a mesa e lia com voz trêmula: - É um “a”, é um “b” ... Tremendo de tal forma que a voz não saía. Eu disse pra ele. Fala meu filho, fale alto, que vizinha fraca é essa [Risos]. Hoje quando ele me vê começa a sorrir (CARNAÚBA, 2019).

Todas rimos das histórias de Carnaúba que eram bastante engraçadas. Ela prossegue:

Eu lecionava numa sala onde as janelas eram baixas e ficavam abertas por conta do calor. Teve um garoto uma certa feita que, quando eu chamei o nome dele, ele se desesperou e pulou a janela [risos] deve tá correndo até hoje [risos] (CARNAÚBA, 2019).

No ano de 2016, Carnaúba participou dos festejos de 110 anos de fundação do Instituto Ponte Nova e nos conta a alegria que teve ao rever as instalações do colégio e do internato. Nos conta que os festejos foram organizados de tal forma, que muitos ficaram alojados no internato.

Em seguida Carnaúba exclama pesarosa:

Eu estou muito triste e decepcionada. Soube que vão desativar a escola em que me formei em Magistério. O IPN (Instituto Ponte Nova)! Pra fazer uma coisa dessa tem que ser muito ignorante. Isso demonstra a falta de conhecimento e formação de professores da Bahia, de Minas Gerais, Sergipe e quem sabe de outros estados (CARNAÚBA, 2019).

Os vestígios desse passado recente, ainda estão de pé e podem ser visitados, dentre eles estão: a Igreja Presbiteriana, o Grace Memorial Hospital, o Instituto Ponte Nova, Internato Feminino e a Escola Agrícola. Atualmente, o hospital, a igreja, a escola e o internato sobrevivem como marco arquitetônico de grande valor para o município de Wagner, bem como todo Estado da Bahia.

Nesse sentido, avalio que o sucesso da missão dos presbiterianos em Wagner, é real pela sua longevidade, foram mais de 100 anos de operação em solo brasileiro, tornando-se instituições de porte histórico no campo religioso, educacional que as ajudaram a criar raízes no país, apesar de não gerar o número de convertidos que elas esperavam.

Na verdade, foram as elites brasileiras quem mais tiraram proveito da existência dessas escolas como meio de garantir uma educação moderna aos seus filhos, sem, contudo, permitir conversões.



Imagem 100 - Comemoração dos 110 anos do IPN.

Carnaúba tem o dom na escrita e este ano ela escreveu o texto abaixo em homenagem ao Dia Internacional da Mulher.

A MULHER

A mulher foi criada para ser companheira do homem. Entendemos por companheira, inicialmente, a mulher que vivia com um homem através do casamento e compartilhava em nossa cultura: a mesma residência, o mesmo leito, o cuidado com o lar, criação e educação dos filhos cabendo ao homem trabalhar para o sustento material da família. À mulher cabiam as atividades do lar, vigilância e cuidados para com os filhos, sem reclamar, pois, sua voz levantada era uma invasão à territorialidade masculina, jamais aceita [...] A mulher sempre foi, é, e será possuidora de grande energia; antes não podia manifestar-se; era realmente como se diz popularmente: um zero à esquerda. Seu voto só foi instituído em fevereiro de 1932. A mulher sempre trilhou caminhos, e estradas estreitas, sem acostamento, e assim muito tempo se passou, sofrendo humilhação, desprezo, dependência, maus tratos, sobrecarga de trabalhos domésticos e criação dos filhos[...] mesmo instituídas as leis jurídicas através dos tempos, o homem sempre continuou carregando seu poder avassalador, e muitos ainda a submetem às torturas físicas e psicológicas, vivendo, grande número deles, orgulhosamente um passado deprimente, em relação à mulher. A ela não se permitia questionar e sim obedecer. Até hoje muitos o fazem sem remorso e até se vangloria. Eu não compreendo porque o mundo evoluiu tanto, de forma acelerada nas últimas décadas, trazendo-nos muito conforto, e tecnologia, prevenção de doenças, e o que vemos hoje em relação à vida da mulher são algumas conquistas adquiridas a ferro e fogo e que olhando hoje pelo embaçado retrovisor do tempo, na distância dos meus 80 anos, o que vejo claramente são tristes imagens de um passado que não foi sepultado, nem esquecido; vividas ainda hoje, com mais violência e atrocidade. Sou assistente fiel dos jornais televisivos e a palavra que mais frequente é feminicídio; é assustador! É inaceitável e revoltante o que continua acontecendo. A conquista está incompleta! Há muito mais para correr atrás! Competência é. o que não lhe falta.

(CARNAÚBA, 2019)

Imagem 101 - Homenagem à mulher por Carnaúba

5.3 A grande aventura: A Escola Parque

[...] as funções do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos deverão ganhar [...] amplitude maior, buscando tornar-se, tanto quanto possível, o centro de inspirações do magistério nacional para a formação daquela consciência educacional comum que, mais do que qualquer outra força, deverá dirigir e orientar a escola brasileira [...]. Os estudos do Inep deverão ajudar a eclosão desse movimento de consciência nacional indispensável à reconstrução escolar (TEIXEIRA, 1952, p. 76 e 77).

Conforme a citação acima Anísio Teixeira tinha como preocupação central, como diretor do Inep, de trazer para o primeiro plano, as atividades de estudos e pesquisas necessárias para definir “*com realismo operante de meios e a uma inteligência esclarecida de fins e propósitos*”, a política educacional do MEC (TEIXEIRA, 1952, p. 76). Para tanto, fazia-se imprescindível corrigir o desvio de rota, de modo a permitir o alcance de novos horizontes para a instituição. Foi a partir dessas ideias que se propôs e foi posto em prática através da coordenação de sua irmã Professora Carmen Spindola Teixeira, diretora do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), em Salvador, Bahia, que tendo conhecimento do parecer positivo do INEP trouxe para a Bahia o “*Curso de Treinamento Intensivo para o Magistério Primário*”.

Nos conta Umbuzeiro que no ano de 1963, quando iniciava as aulas do 2º Ano do Curso Normal Dr. Pompílio Leite, no Colégio Nelson de Melo em Brumado, foi surpreendida com uma notícia inolvidável. Foi Dona Nice Púbio, que na época era Delegada Escolar do Município, quem trouxe a novidade. Ela havia recebido da SEC/Ba, um comunicado que naquele ano haveria um curso de capacitação docente oferecido pelo INEP/MEC em Salvador, para as melhores alunas. Para participar, as alunas deveriam ter disponibilidade para morar na capital por um ano. A moradia, alimentação e transporte seriam de custeio do Estado, além de receberem uma bolsa de estudos.

Carmem Teixeira, sabedora dos estudos e dos resultados obtidos com as crianças das escolas públicas do Rio de Janeiro, que adotaram o método de alfabetização de Iracema Meireles, resolveu levar o referido método para a famosa Escola Parque, em Salvador a partir do Curso de Treinamento Intensivo para o Magistério Primário.

Umbuzeiro narra que:

Eu fiquei muito feliz com o convite. Era meu sonho estudar na capital. Mal pude acreditar. Meus pais ficaram felizes. Em pouco tempo nos preparamos para a viagem. Tivemos que ir para Vitória da Conquista e de lá pegar um ônibus para Salvador. Foi um desencontro, pois na data marcada, o INEP não estava nos aguardando (UMBUIZEIRO, 2019).

O município de Brumado se localiza a 538,0 km da capital baiana, Salvador. Na época nossas protagonistas viajaram até Vitória da Conquista, onde pernoitaram para, no outro dia pegarem um ônibus para a capital.



Imagem 102 - Distância entre Brumado e Salvador.

Umbuzeiro continua narrando que além dela, foram mais três colegas de Brumado, incluindo Angico. Ao chegarem em Salvador, ficaram em uma pensão e de lá foram até a sede do INEP para se apresentarem. No entanto, ao chegarem se depararam com o inesperado. O INEP não estava preparado, ainda, para recebê-las. Sem dinheiro para permanecerem em pensão, resolveram que iriam “*montar guarda, na porta da casa de Dona Carmem*” (UMBUZEIRO 2019).

Carmen Spínola Teixeira, irmã de Anísio Teixeira, que contava com 54 anos de idade, era a diretora. Conseguindo falar com Dona Carmem e ela pediu dois dias. Tempo necessário para organizar o alojamento onde ficaríamos os próximos meses. Elas então, no dia marcado, se dirigiram ao INEP. Angico nos narra que:

O colégio era amplo. Tinha uma área aberta, onde ficavam as salas de aula. O dormitório era enorme, cada um com dez camas. Para cada cama, uma escrivaninha onde podíamos guardar os cadernos. Ao sinal, a luz era apagada. As janelas davam para uma ribanceira e de lá avistávamos o mar. Dormíamos ouvindo o som das ondas nas rochas (ANGICO, 2019).

Conforme os relatos, nos primeiros dias por serem poucas, em torno de 13 moças, Dona Carmem pediu que fossem fazer as refeições no CRINEP (Centro Regional de Pesquisas Educacionais), órgão do INEP-MEC na Bahia.

Umbuzeiro continua as narrativas memoriais dizendo que:

Em pouco tempo, as coisas foram se organizando. Dona Carmem me deu a função de economista, me responsabilizando pela dispensa. Foi um grande aprendizado, pois eu não sabia nada. Só era boa para fazer bolo, pudim [risos]. Ai eu aprendi muito e ainda fazia os relatórios que me eram exigidos. Nesse período além do aprendizado profissional, fiz grandes amizades. A coordenadora era a professora Terezinha Eboli, Maria Terezinha de Melo Eboli. Ela já trabalhava na Escola Parque e lá desenvolveu um projeto que, aos olhos de Anísio Teixeira, era a personificação de seu sonho de escola para as crianças. Ela tinha duas filhas e sempre que precisava sair, deixava as crianças comigo e acesso ao seu telefone para qualquer emergência. O que não foi preciso! (Risos). Naquela época era novidade para nós [...] talvez sequer saberia usar [risos] (UMBUZEIRO, 2019).

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), conhecido como a Escola Parque de Salvador, é uma instituição de ensino localizada no bairro da Liberdade, e atendia aos bairros vizinhos como Caixa D'água, Pero Vaz e Pau Miúdo, até os dias atuais, claro que não como antigamente.

A primeira diretora administrativa do CECR, foi Carmen Teixeira, irmã de Anísio Teixeira. Ela implantou, com apoio de uma equipe de alto nível, o projeto escolar anisiano, de magnitude e complexidade até então desconhecidas. Carmen Teixeira dirigiu o Centro por 25 anos.

A coordenação do projeto ficou a cargo da professora Terezinha Eboli, que vivenciou junto a Carmem Teixeira, uma exímia e competente diretora, uma experiência escolar, como nunca se fez no Brasil. Nas palavras de Anísio Teixeira, ambas realizaram, com as suas colegas, uma experiência de educação elementar, com cerca de 350 crianças, entre os 7 e 14 anos, recrutadas nas classes populares mais modestas de Salvador. O projeto da escola inspirou-se na teoria da educação pela experiência, envolvendo estrutura completamente nova da escola, nova organização das classes, dos programas, do currículo e do método de ensino (TEIXEIRA, 1969 p. 15).

Tal experiência a qual é narrada por Terezinha Eboli em seu livro “Uma escola diferente”, o qual é prefaciado por Anísio Teixeira, deu subsídios para o projeto que veio posteriormente, com o apoio da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério do Centro Regional de Pesquisas Educacionais da Bahia — I.N.E.P./M.E.C. — criar, em 1956, a Escola Experimental de nível primário — a Escola de Aplicação — tendo como objetivo a demonstração de métodos de educação e ensino, servindo de campo de observação e experimentação para professores bolsistas, que ali faziam Cursos de aperfeiçoamento.

O Curso de Treinamento Intensivo para o Magistério Primário ocorrido no ano de 1963, proporcionou formação para 91 professoras e algumas alunas – como nossas protagonistas - do Curso Normal da Bahia e de Sergipe. O currículo era composto de disciplinas como Psicologia da Aprendizagem, Psicologia da Criança, Língua Pátria (Novas técnicas de aprendizagem),

Aritmética (Novas práticas de aprendizagem), Estudos Sociais na escola Primária, Estudos Naturais na escola primária, Práticas Rurais, Práticas Educativas (Escola Parque), Desenho, Recreação, Atividades em Biblioteca, Música, Preparo de Materiais didáticos (Centro de Audiovisual da Bahia) Higiene e Puericultura.

Foi a partir de tal projeto que nossas protagonistas puderam vivenciar, no ano de 1963 a prática de uma escola diferenciada na qual, toda a escola era organizada e funcionava como uma cidade. A Cidade da Alegria, como era chamada, dotada por todas as instituições organizacionais e do trabalho, comércio, recreação, arte e saber, tal qual o mundo adulto, e toda sua complexa combinação urbana moderna.

Anísio Teixeira (1969) diz que:

Vê-se desde o primeiro ano crescer a experiência infantil a partir dos rudimentos organizacionais da sociedade, as atividades agrárias e comerciais, a iniciação industrial e pôr fim a ciência, como agência do conhecimento, seguida logo de sua aplicação e depois da fatura de instrumentos científicos, terminando com o maravilhamento ante a eletricidade e elaboração de alguns dos seus aparelhos de produção e uso. A leitura das atividades em que se empenharam as crianças é todo um curso de civilização, que vai dos estudos do índio até a vida moderna científica, tecnológica e industrial de hoje, sem esquecer nenhuma das instituições intermediárias da sociedade legal, mercantil, política anterior ao nosso tempo (TEIXEIRA, 1969, p. 17).

E complementa ainda:

A modéstia e o silêncio com que se processou essa experiência entre 1956 e 1961, no isolamento de um bairro periférico de Salvador, na Bahia, não nos devem impedir de ver nela mais que uma experiência pedagógica. O fato de ter realizado em um meio extremamente pobre, com crianças que seriam consideradas marginais pelos padrões ordinários de julgamento, dá à experiência um valor muito mais amplo, não só em relação às potencialidades da educação, como em relação às possibilidades do desenvolvimento social brasileiro (TEIXEIRA, 1969 p. 18).

Essa turma de professoras e algumas estudantes, a qual fez parte Umbuzeiro e Angico, era composta por 91 mulheres que foram selecionadas, no ano de 1963, em toda a Bahia e em Sergipe, para participarem, durante um ano, de uma formação para professoras, supervisoras e capacitação para alfabetização a partir do método de Iracema Meirelles.



Imagem 103 - Professorandas no INEP, 1963. Acervo pessoal.

Conforme narrativa de Angico, todas as alunas receberam cortes de tecido para confeccionarem seus uniformes,

Recebemos tecido de algodão para as blusas brancas, um corte de tecido azul celeste muito bonito de bom caimento, para uma saia evasê e um tecido mais leve quadriculado verde, vermelho e azul para as saias de pregas. Havia uma máquina de costura à nossa disposição. Quem sabia mais um pouco de costura, ia ensinando as outras. Mas tinha quem não levava jeito mesmo! (ANGICO, 2019).

Umbuzeiro corrobora:

A sala de costura, na verdade, era um salão grande com várias mesas. Eu fazia umas costuras de encomenda pra ganhar uns trocados[...] eu sabia fazer plissado que Xique-xique me ensinou. É feito com água e ácido cítrico. Depois chegou uma professora de Instância/Sergipe, para fazer o curso de Supervisão Escolar. Ela sabia muito costurar e nos ajudou. Ela cortava e nós íamos alinhavando. Ou passando na máquina. Com paciência, ela ensinava a nós de Brumado, principalmente, porque éramos as mais novas. [...] A farda era muito bonita. Tinha a de uso no dia a dia que era a saia listrada e blusa branca e a de “gala”, com um tecido melhor, na cor azul celeste. Eram bonitos os uniformes. Nós gostávamos muito de usá-los (UMBUZEIRO, 2019).

Conforme nossas protagonistas elas tinham aula de campo com um professor de Cruz das Almas e Angico diz que:

Recebemos todas as ferramentas para as aulas de “Práticas Rurais”. O professor era muito bom e vinha de Cruz das Almas. Recebemos até um chapéu! Ao final das aulas, cada uma lavava seus instrumentos. Aprendemos a fazer leiras e plantávamos hortaliças, feijão (ANGICO, 2019).



Imagem 104 - Aula de Práticas Rurais, 1963. Acervo pessoal.

As protagonistas realizaram um passeio de campo a Dias D’Ávila organizado pelo INEP. Dias D’Ávila é uma encantadora cidade, uma espécie de paraíso na Região Metropolitana de Salvador. No século XVII, abrigava a Feira de Santo Antônio do Capume, a primeira feira agropecuária da Bahia, se tornando um dos maiores centros de comercialização de gado, antes mesmo de Feira de Santana assumir essa condição, na Bahia. Em 1928, a antiga feira passou a se chamar Dias D’Ávila que, em maio de 1979, foi elevada a município, conseguindo sua emancipação, cerca de 6 anos mais tarde.



Imagem 105 - Umbuzeiro, Angico e demais colegas em Dias D'Ávila. Acervo pessoal.

Na época, foi de grande valia a formação e capacitação empreendidos pelo INEP/MEC, uma vez que foi, a partir de tal iniciativa, que foi possível para muitas professoras alfabetizadora, em especial as do Alto Sertão da Bahia, terem conhecimento de uma abordagem metodológica de alfabetização que fosse lúdica e cativasse o interesse das crianças. O método de alfabetização de Iracema Meireles foi bastante difundido. Às crianças eram apresentadas as letras e sílabas de forma lúdica e contextualizadas, a partir do teatro de fantoches.

Iracema Meireles apresentou seu método pela primeira vez à imprensa, em entrevista à Revista do Ensino número 90, da Editora Globo de Porto Alegre, em março de 1963, quando afirmou que:

Não inventei nada. Na minha vida de Magistério, aprendi a observar a criança, o seu modo de agir e reagir, as suas dificuldades pessoais. Creio que a professora é tanto mais professora quanto mais e melhor entende seus alunos. O êxito da criança na aprendizagem (portanto êxito também da professora) depende muito mais daquilo que a professora recebe da criança do que daquilo que lhe dá. Se a mestra sabe receber, isto é, aceitar o aluno como ele é, atentar para o que ele traz ou necessita, então tudo dá certo. Como considerar novo o nosso método, se durante mais de dez anos, nós o aprendemos, nós o estudamos em um livro imenso e belo – a Criança. Nosso era só o empenho, o propósito de proporcionar às crianças que aprendiam a ler e a escrever uma situação emocional boa ou mesmo ótima, se possível. Mas isso só se consegue com um mínimo esforço de memória e um máximo de interesse (MEIRELES, 1963, REVISTA DO ENSINO NÚMERO 90).

A proposta da escola em tempo integral, consistia em alternar atividades intelectuais com atividades práticas como artes industriais e plásticas, jogos, recreação, ginástica, teatro, música e dança, distribuídas ao longo de todo o dia. Desde a sua instalação, em 1950, Anísio Teixeira se preocupou com a qualidade do seu professorado afinal, conforme Anísio Teixeira (1959):

A maior dificuldade da educação primária, que, por sua natureza, é uma educação universal, é a de obter um professor primário que possa atender a todos os requisitos de cultura e aptidão para um ensino tão vasto e tão diversificado. A organização do ensino primário em centro desta complexidade vem, de certo modo, facilitar a tarefa, sobretudo aumentada da escola elementar. Teremos os professores primários comuns para as escolas-classe e para a escola-parque, os professores primários especializados de música, de dança, de atividades dramáticas, de artes industriais, de desenho, de biblioteca, de educação física, recreação e jogos. Em vez de um pequenino gênio para tudo, muitos professores diferenciados em dotes e aptidões para a realização da tarefa sem dúvida extraordinária de formar e educar a infância nos seus aspectos fundamentais de cultura intelectual, social, artística e vocacional (TEIXEIRA, 1959, p.78-84).

O próprio Centro, tornou-se instituição onde o professorado baiano e de outros estados, tiveram oportunidades de aperfeiçoamento, a partir dos cursos de formação oferecidos pelo INEP. Umbuzeiro mencionou que:

Nós preparávamos as aulas para as crianças e gostávamos muito de ir dar aulas. Atravessávamos a cidade de ônibus para a Escola Parque no bairro da Liberdade. Um ônibus era disponibilizado para nos levar e trazer. Era uma animação. Só ia, de homem, o motorista e a mulherada brincava muito [risos]. As aulas de audiovisual também eram realizadas em outro local [...] no Centro Audiovisual, em Ondina, próximo ao zoológico (UMBUEIRO, 2019).

Angico complementa em tom saudosos:

Tempos bons aqueles! Foram dias de aprendizagem que marcaram minha vida. Tínhamos que obedecer às regras e horários estipulados para as refeições, o banho, acordar e dormir, para aulas teóricas e práticas. Eu gostava muito das aulas de audiovisual. Íamos para Ondina e lá havia um espaço grande, onde dispúnhamos de todo material necessário. Fizemos flanelógrafo, as letras de todo alfabeto, os fantoches para a alfabetização. Podíamos levar material, caso necessário (ANGICO, 2019).

Umbuzeiro que:

Fizemos os fantoches com uma mistura de jornal, água, farinha de trigo e cola. O método era desenvolvido a partir da história de uma família. Tínhamos os tecidos para costurar as roupas dos fantoches. E as letras eram feitas com um papelão resistente, forradas com feltro. Usávamos também a cola de sapateiro (UMBUZEIRO, 2019).



Imagem 106 - Aula de Audiovisual, 1963. Acervo pessoal.

A fotografia acima retrata nossas protagonistas, Angico e Umbuzeiro e suas colegas, em planejamento para aulas no Centro de Audiovisuais no bairro de Ondina. Estavam com as blusas brancas e saia evasê azul celeste. Angico e Umbuzeiro se encontram na mesa posterior. Ambas estão em pé. A primeira, da esquerda para direita é Angico e a terceira de pé é Umbuzeiro.

Ambas narram que essas aulas eram muito boas e que aprenderam a fazer todo o material didático-pedagógico necessários, não só ao desenvolvimento do método de alfabetização Casinha Feliz (fantoques, letras do alfabeto maiúsculas e minúsculas, etc.), como também flanelógrafo, quadro valor de lugar, jogos, entre outros.

Umbuzeiro mostra sua caderneta de anotações, o que poderíamos chamar hoje em dia de “diário de bordo”. E conta:

Essa cadernetinha nos foi entregue para que pudéssemos acompanhar nossos afazeres, registrando sempre os pontos positivos e negativos, as aprendizagens e dificuldades vivenciadas. Geralmente quando chegava alguma visita, erámos reunidas para fazer algumas apresentações. A mim, geralmente, a professora Carmem pedia para ler um dos meus relatórios. Ela dizia que eu era minuciosa. Para Angico, geralmente pediam para recitar um poema. E pediam para que cantássemos uma música que se chama “A baianinha” (UMBUZEIRO, 2019).

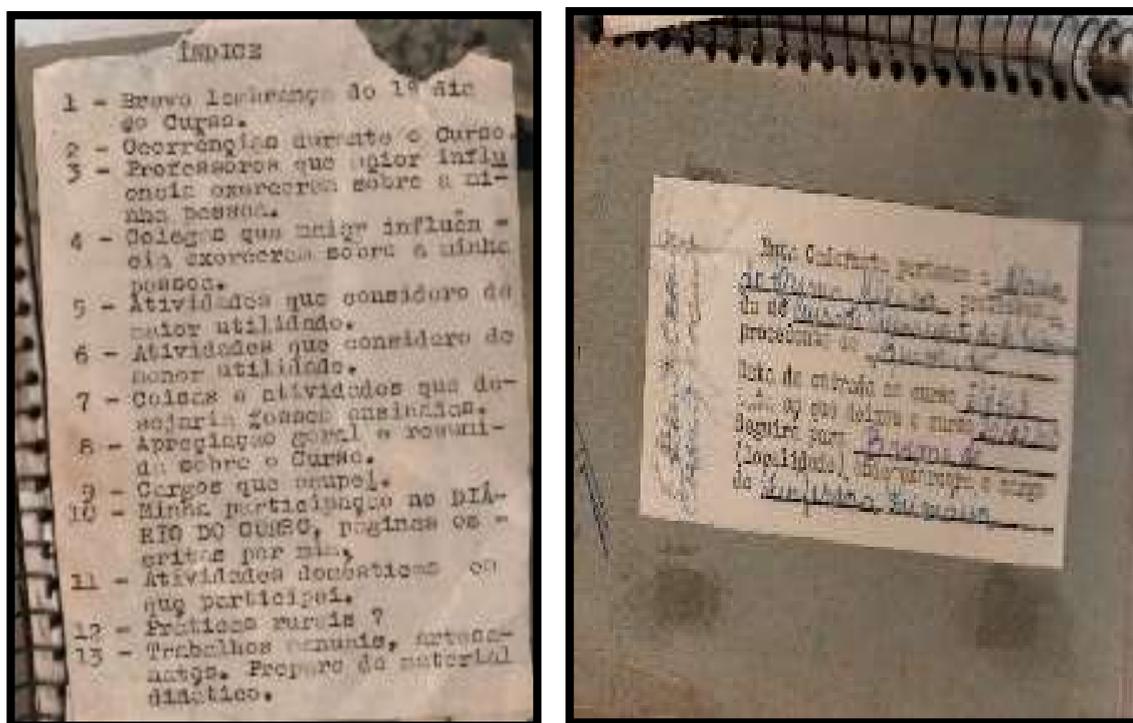


Imagem 107 - Caderneta de anotação de Umbuzeiro. Acervo pessoal.

Umbuzeiro continua sua narrativa:

Foi um período de aprendizagem para nós. Conhecemos muitos lugares nas atividades de campo e éramos incentivadas a frequentar teatro, shows, cinema e museus. Não perdíamos uma oportunidade. Além de tudo isso ainda recebíamos uma ajuda de custo no final do mês. Fiz boas amizades com algumas professoras. A Professora de Psicologia Beatriz era de Porto Alegre e era muito paciente para dar aula, Terezinha Eboli, Eloísa Meireles, que era sobrinha de Iracema Meireles, a criadora do método Casinha Feliz, era carioca. [...] A professora Eloísa gostava de dizer como a sua tia havia

desenvolvido o método, a partir da necessidade de ensinar a ler e escrever a um menino lá no Rio de Janeiro (UMBUZEIRO, 2019).



Imagem 108 - Professora Georgina, 1963. Acervo pessoal.

De acordo com as lembranças narradas, a professora Georgina era uma mulher muito simpática e elegante. Detinha conhecimento e didática em suas aulas de Aritmética. A fotografia acima, foi dedicada a Umbuzeiro que conta que se tornou amiga da professora, que nesse dia, estava vestida com saía evasê azul marinho com tiras bordadas brancas, botões forrados de brancos e blusa de cassa de mangas compridas.

Segundo Umbuzeiro:

Eloisa Meireles, sobrinha de Iracema Meireles estava grávida e veio nos ensinar a trabalhar com o método desenvolvido por sua tia. Ela nos dizia para sermos alegres, entusiasmadas e ter boa dicção e entonação de voz para capturarmos a atenção das crianças. Ela ficava na casa de seu tio Dom Avelar que, na época, era bispo de Salvador. A mesma, era uma entusiasta do método de alfabetização que nos ensinava. (UMBUZEIRO, 2019).

Umbuzeiro continua seu relato falando sobre a professora Beatriz:

A professora Beatriz ensinava Psicologia. Ela veio de Porto Alegre e era muito paciente para dar aula. A professora tinha um casal de filhos. Na fotografia abaixo, tirada no calçadão da praia, ela vestia calça caqui de brim e blusa azul marinho com listas brancas e estava com a filha (UMBUZEIRO, 2019).



Imagem 109 - Eloisa Meirelles. Acervo pessoal.



Imagem 110 - Professora Beatriz. Acervo pessoal.

Umbuzeiro diz que:

As minhas memórias do tempo de estudo no INEP são todas muito especiais, mas há uma que jamais esquecerei. Quando saí de Brumado, estava namorando. Ele tinha um caminhão e por algum motivo fui para Salvador sem poder avisá-lo. Um dia, para minha surpresa recebi um telefonema. Nós não eramos acostumadas a telefone. Eu achei que era um trote [...] Era ele. Dizia que iria chegar e chegou. Chegou trazendo uma carta de meus pais dando permissão para eu sair com ele, pra eu noivar com ele, caso fosse de meu interesse. Ele trazia um cordão de ouro e uma pulseira. Estava muito bonito de terno e me pegou de surpresa. Era um final de semana, muitas tinham saído, mas as que estavam lá e presenciaram a cena. passou a chamar esse corredor principal de “Avenida da Felicidade”! (UMBUZEIRO, 2019).

Essas lembranças trazidas por Umbuzeiro lhe encham de alegria. Parece realmente reviver cada momento com o mesmo entusiasmo da época.

Para Angico (2019) a experiência no INEP foi à base para sua profissionalização. Depois desse ano, voltou para Brumado e após concluir o curso de Magistério fez Faculdade de Letras, Pós graduação em Língua Portuguesa e Docência Superior. Segundo Angico,

Além de repassar para as colegas de turma, quando fui nomeada, alfabetizei meus alunos com o método Casinha Feliz que trazia a temática da família. Foi muito bom. Eu tinha todo o material. Foi um sucesso. Meus alunos aprenderam com facilidade (ANGICO, 2019).

Conforme Umbuzeiro, ao retornar para Brumado, seu pai sugere que ela se matricule no Curso Normal Dr. Pompílio Leite, para concluir o Magistério, pois temia que o curso do INEP, diante das circunstâncias políticas do país, não fosse reconhecido. Dessa forma, Umbuzeiro tem a oportunidade de ser aluna da professora Zilda Neves e também de estagiar. Foi assim que ao final do período letivo que Umbuzeiro presentia Dona Zilda Neves, com todo o material do método Casinha Feliz.

Umbuzeiro, Angico e Palma sentem-se honradas em dizer que fizeram parte da primeira turma de professores formados pelo Curso Normal de Brumado, Doutor Pompílio Leite.



Imagem 111 – Umbuzeiro.1964. Acervo pessoal.



Imagem 112 - Diploma de Umbuzeiro. Acervo pessoal.

O projeto, popular e voltado para a inclusão social, não teve, entretanto, seguimento pelos governos seguintes, vindo a ser mesmo abandonado em suas propostas iniciais, sobretudo durante o Regime Militar, o qual cassaria seu idealizador, Anísio Teixeira.

A valorização das narrativas memoriais enriquece a pesquisa educacional e a compreensão da realidade a partir das experiências cotidianas a qual escapa aos documentos e demais registros materiais. A lembrança do passado é influenciada pelo tempo presente daquele que lembra. É a memória que permeia a relação do presente com o passado e ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações.

Ao possibilitar que a própria pessoa narre as memórias que considera relevante, oportunizando momentos de reflexão sobre suas experiências, valoriza-se não só sua história, mas nos ajuda a contar uma história, nesse caso a história da Escola Normal do Alto Sertão da Bahia, que é um instrumento potente de desvelamento de conhecimento.

5.4 O Curso Normal Dr. Pompílio Leite

O ginásio só chegou aqui em Brumado no ano de 1958, pelo esforço de Monsenhor Antônio Fagundes. Depois do ginásio, Monsenhor se empenhou à exaustão e trouxe para nossa cidade o Curso Normal Dr. Pompílio Leite. Isto foi no ano de 1962. Tínhamos bons professores, formadas em Caetité, Salvador, dentre outras, e assim obtivemos uma boa formação como professoras (XIQUE-XIQUE, 2019).

Conforme narrativa de Xique-xique, a educação no município de Brumado demorou a dar os primeiros passos. Assim, inicialmente, os estudantes ao terminarem o curso primário, caso quisessem continuar os estudos, tinham que ir para outros municípios. Com a ajuda do pároco local, padre Antônio Fagundes, o ensino secundário se tornou realidade no município com a vinda do Ginásio General Nelson de Mello no ano de 1958 e mais tarde, em anexo ao colégio, o Curso Normal Dr. Pompílio Leite, que trouxe muitas esperanças aos estudantes da região.

Nesse período, observou-se em Brumado o crescimento de migrantes que vieram de cidades vizinhas, estabeleceram-se comercialmente a fim de que seus filhos e filhas pudessem estudar. O surgimento do Colégio Nelson de Melo e posteriormente o Curso Normal, significaram para Brumado o desenvolvimento do comércio local e dos serviços, que foram fortalecidos.



Imagem 113 - Ginásio General Nelson de Melo, Brumado.

De acordo com dados do INEP, relativos ao ano de 1945, quanto à realidade da educação na Bahia – havia 17 Ginásios e 11 colégios particulares. O Estado oferecia ensino secundário apenas em um estabelecimento, o Ginásio Baiano de Ensino, em Salvador.

Quando o INEP fez esse levantamento sobre a situação do sistema público da educação baiana, constatou-se a precariamente presumida, uma vez que não havia políticas públicas voltadas à educação na época. Para Anísio Teixeira, a educação baiana restringia-se “*a um grupo de professores primários resistindo às dificuldades [...] sem a menor infraestrutura para o processo de ensino aprendizagem, sem prédio escolar, sem assistência técnica*” (TEIXEIRA, 1947, p. 91), quando em zona rural, as dificuldades acentuam-se devido à falta de estradas, energia elétrica, etc. “*Entretanto esses professores merecem nossa admiração, pois, a despeito de tudo, ainda florescem em exemplos nobres de devotamento e de pertinácia*” (TEIXEIRA, 1947 p. 96)

Em 1948, foi aprovada a lei Estadual Nº 130, dispondo sobre a criação dos Ginásios Oficiais e subsídio para outros que já existiam no interior do Estado, prevendo ainda, a instalação de ginásios em diversas cidades tais como Vitória da Conquista, Livramento, Jequié, dentre outras, onde se constituiriam os Centros Regionais de Educação.

Para o ingresso no primeiro ano ginásial, o candidato deveria ter a idade mínima de 11 anos; ser aprovado em exame e ter classificação suficiente para o número de vagas na instituição de ensino, ou seja, o colégio deveria ter vaga suficiente para que pudesse efetuar a matrícula, realizar a inscrição mediante requerimento, apresentar atestado de vacinação antivariólica e o

recibo de pagamento de taxa de inscrição, além de ser limitada a um único estabelecimento de ensino.

Mandacaru narra que:

Estudei muito para o exame de admissão. Eu e os colegas ficamos muito nervosos. Era um ritual para passar para o ginásio. Muita exigência [risos] fazia uma banca onde Monsenhor, que era professor e diretor, né [...] ficava junto a duas professoras. Tínhamos que fazer a prova escrita e a oral. O ponto era sorteado na hora! Me lembro da prova de Latim. Eu tive muita sorte [risos] peguei a primeira conjugação. Foi um alívio [risos] tive boa nota. Monsenhor era o professor de Latim. Durante todo o estudo no Colégio Nelson de Mello foi muito bom! Tivemos bons professores. Fomos para o Curso Normal bem preparadas (MANDACARU, 2019).

Tal imposição refletia claramente a exclusão social à qual era submetida a população diante a tal exame de seleção adotado, o qual enfatizava os valores desenvolvidos pelo estrato social ali representado diante da exclusão. Em abril de 1942, instituída a Lei Orgânica do Ensino Secundário, o curso sofre reestruturação. Para o ingresso no ginásio, a lei continua a determinar idade mínima de 11 anos e exigir exame de admissão, mas passa a permitir aos alunos repetir o exame em 2ª época caso não obtivessem aprovação em primeira.

O exame de admissão, referido constantemente nas narrativas, era exigência para se ingressar no ginásio que, geralmente eram oferecidos por estabelecimentos particulares. Então, além da dificuldade de passar no exame de admissão, a etapa mais difícil era “manter-se” no curso ginásial. Tais exames, eram muito rígidos e foi instituído, em 18 de abril de 1931, pelo então presidente Getúlio Vargas, através do Decreto número 19.890, o qual constava que o exame para acesso ao ginásio deveria ser austero, bem como determinava punições, nos casos de afabilidade reincidente: troca dos professores ou quebra da licença da escola.

Somente quase uma década mais tarde, graças ao empenho do pároco local, que o povo brumadense parou de sair de suas casas para estudar em Livramento ou Caculé, municípios mais próximos, do que Caetité e capital, passando a estudar no Ginásio General Nelson de Mello.

Foram muitas as lembranças do Colégio Nelson de Mello e do corpo docente. Mas para as nossas protagonistas o mais importante foi a chegada do “anexo” com o Curso Normal. Dessa forma Umbuzeiro, foi uma das primeiras alunas da turma da então chamada “Fundação Educacional Pedagógica de Brumado Dr. Pompílio Leite”. Ela narra que,

No início, tivemos dois diretores, um deles foi Doutor Ubaldo, dentista recém-formado, no entanto, não ficou muito tempo. O outro, não me lembro agora. Quem ficou foi dona Julieta Trindade, ela era de Livramento. Muito competente [...] O curso era muito bom. Havia bons professores, alguns formados em Caetité. Me lembro de Dona Zilda Neves, professora de Pedagogia, Professor Erico Lima de Inglês,

Doutor Nezinho que formado em Farmácia, ensinava Biologia, Matemática era ensinada pelo Professor Ivan Meira, tinha Sônia Azevedo, muito inteligente, Dona Julieta formada em Caetité, ensinava História e Trabalhos Manuais, Latim pelo Monsenhor [...] quer dizer, nessa época ele não era ainda monsenhor era padre Antônio Fagundes (UMBUZEIRO, 2019).

A vinda do Curso Normal Dr. Pompílio Leite, trouxe benefícios para Brumado e região, pois, pôde receber estudantes e familiares o que refletiu no comércio positivamente. Macambira recorda que:

Vim para Brumado com minha família em 1967. Somos uma família munerosa, comigo eram 8 filhos. Três faleceram e ficaram quatro mulheres e um irmão caçula. Nós quatro nos formamos em professora. Não tínhamos amizades aqui. Consegui um trabalho para ensinar em turno oposto, na prefeitura, o que foi muito bom, pois precisava ajudar nas despesas de casa. Vivia correndo pra estudar, me preparar para dar aula (MACAMBIRA, 2019).

Xique-xique lembra que:

Eu fui estudar mais tarde no Curso Normal. E o que eu mais gostava eram prendas domésticas [risos] quando terminei em 1966, vim trabalhar aqui em Brumado. Uma colega minha conseguiu que um seu parente político, nos colocasse aqui na sede. Ensinei com o método “Casinha Feliz”. Dia de sábado, todas nós fazíamos planejamento. Era lembrancinha e festa da páscoa, dia das mães, sete de setembro, tudo era motivo de festa. Todos participavam. Eu penso que hoje as escolas estão tendo dinheiro, antigamente para pintar um prédio, parecia uma casa de doido tamanha era a sujeira, era um sacrifício danado. Cansei de bater de porta em porta junto às colegas pedindo ajuda a fim de conseguir material para a reforma. O prefeito sumia. Depois que aposentei, saiu tanto dinheiro que as escolas hoje estão todas de andar. Hoje tem livro, merenda, escola pintada, no entanto alunos não valorizam. Antigamente, era difícil, mas valorizado (XIQUE-XIQUE, 2019).

Macambira continua,

Foram bons tempos os vividos no Curso Normal em Brumado. Tive excelentes professores. Dona Maria Iranildes de Português. Dr. Nezinho de Biologia. Didática Dona Zilda Neves. Matemática, Marlene Pessoa, Inglês, Walter Castro e também foram nossos professores dona Zelita Meira e Ivan Meira. Foi o período de ditadura militar. Éramos bem “disciplinados”. Meu estágio foi em dupla numa terceira série. Me lembro da minha regente dona Valdemir Bacelar. A sala de aula era muito quente. A turma era cheia, só tinha o quadro e o giz, mas o trabalho com didática foi tranquilo, pois Dona Zilda era muito competente. Vim para Brumado para estudar, foi um período muito difícil. Eu queria muito vencer na vida. Era quase uma predestinação para a mulher fazer o Magistério (MACAMBIRA, 2019).

Mandacaru nos narra sobre suas lembranças quanto ao espírito empreendedor de Monsenhor Antônio Fagundes. E conta que,

Ele era um visionário! Com ele surgiu a Fundação Educacional de Brumado, entidade mantenedora do Colégio General Nelson de Mello. Foi também graças a seus esforços, que chegou a linha férrea, Monsenhor foi idealizador do Aeroclube, e recebeu um avião, um teco-teco que permaneceu na cidade por dois anos, para treinamento. [Pausa] bem como a do major Valdir Magalhães Pires, que conseguiu ampliar o colégio, que passou a oferecer, em anexo, o Curso Normal Dr. Pompílio Leite. Isso em 1962. Monsenhor, lecionava Latim e Psicologia e vez por outra reunia todos os alunos para falar de assuntos diversos. Na verdade, era um pouco de sermão e puxões de orelhas [risos] (MANDACARU, 2019).

O Curso Normal funcionou por algum tempo no centro de Brumado e apenas alguns alunos conseguiam pagar uma pequena mensalidade. A maioria era bolsista conforme narra Angico:

Muitos tinham bolsa de estudo. Eu era bolsista e Mandacaru, mamãe pagava a mensalidade. Foi muita persistência. Muita luta para que funcionasse. Os professores eram excelentes e nos deram uma boa formação. Disciplina e exigência. Tinha que ser dedicado, caprichoso e estudioso. Foi por isso que consegui ser convidada para o curso no INEP (ANGICO, 2019).

Algumas protagonistas recordam dos estudos no Curso Normal Dr. Pompílio Leite e do período em que a escola se mudou do anexo, para o prédio onde está localizado o colégio, até os dias atuais, com o nome de Colégio Estadual de Brumado.

Mandacaru narra que:

Formei em 1967 no Curso Normal Doutor Pompílio Leite. O primeiro e o segundo ano no anexo e o terceiro ano já funcionava no CEB. Foram anos muito importantes. Foram minha juventude. [RISOS]. Tenho muita saudade! Tinha as festinhas na casa dos colegas. Todo mundo muito amigo e de confiança. Íamos para São Félix. No São João, ensaiávamos a quadrilha. Tinha uma colega que tocava acordeom. Era um coleguismo mesmo que perdura até hoje. Já fizemos um encontro. São muitas saudades. Saudades mesmo! Era um por todos e todos por um. Era uma turma de 39 alunos. Quando nos vemos é uma alegria. Agora com o zap, ficou mais fácil. Muitos seguiram fazer faculdade (MANDACARU, 2019).

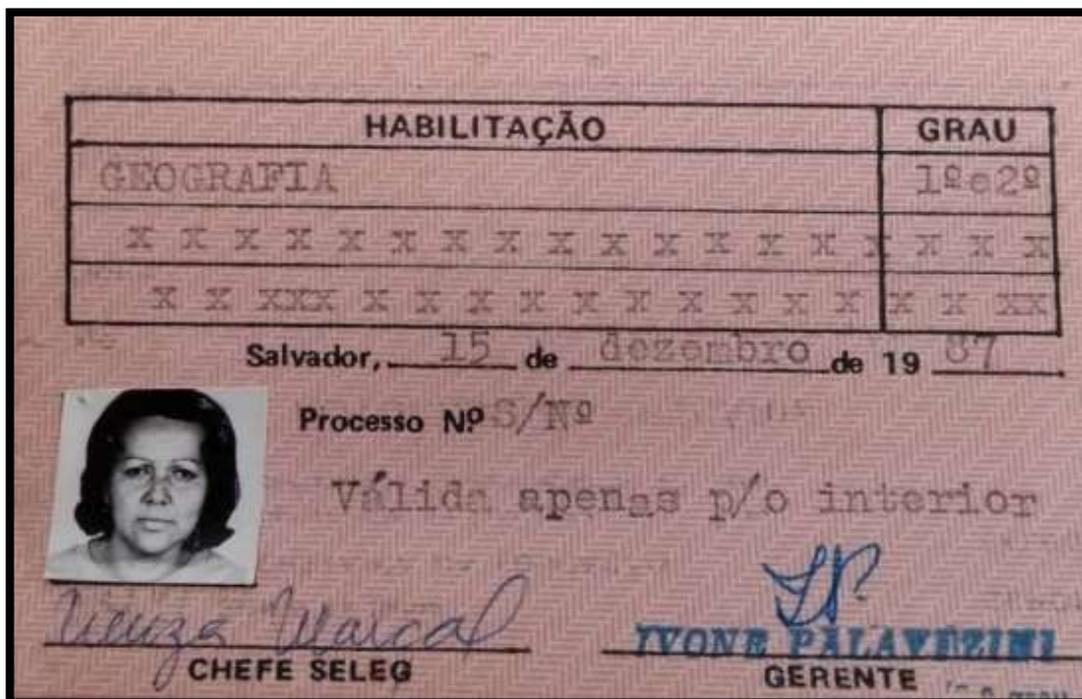


Imagem 114 - Carteira de Autorização Precária de Mandacaru.

Mandacaru continua a narrativa dizendo que,

Eu tive que escolher entre o estudo e os filhos. Optei pelos filhos, mas fiz curso em Vitória da Conquista, e recebi a carteira com autorização precária para ensinar Geografia. Eu já gostava de Geografia e com a oportunidade de enquadrar as 40 horas eu corri atrás. Estudava pela tarde. Entrava na sala dizendo: Hoje vamos viajar pela Europa. Estudei muito, mas também não tinha vergonha de dizer quando não soubesse (MANDACARU, 2019).

Conforme Barros (2019) o Curso Normal Dr. Pompílio Leite, foi transferido para o Estado em 1970, pelo Decreto n. ° 21.736, de 05 de março de 1970, passando a se chamar Colégio Estadual de Brumado (CEB).

Aroeira se recorda que:

Eu cheguei a Brumado com pouca experiência e vim para assumir a direção da escola Estadual. Me lembro de que, em cada turno tinha um vice-diretor. O colégio possuía também vários coordenadores e, graças a Deus, minha equipe era muito competente e me ajudou a vencer os obstáculos pela falta de experiência. Buscamos trabalhar com projetos que beneficiavam, não só a comunidade escolar, mas toda a comunidade de Brumado. Realizávamos feira de ciências que era aberta para visitaçã da sociedade brumadense. Minha equipe tinha Juazeiro, Jitirana, Angico, Mandacaru e tantas outros professores que fizeram do CEB uma referência em educação. Me lembro de um projeto muito interessante que realizamos com as lavadeiras do Rio do Antônio a fim de resgatar a cultura através dos “causos”, cantigas, entre outras (AROEIRA, 2019).



Imagem 115 - Alunos do Curso Normal Dr. Pompílio Leite. Acervo pessoal.

Macambira recorda que:

Eu gostava muito de ser professora. Alfabetizei minha turma sem recursos audio- visuais e ainda hoje, alguns alunos me tem carinho. Com pouco tempo de formada passei no concurso do Estado para professora e também em outros concursos. Eu era uma concurseira nata. O concurso para o Banco do Brasil era um sonho para melhorar de vida, ter um plano de saúde e estabilidade econômica. Então em 1974 eu fiz o concurso para o Banco do Brasil e passei. Sou da segunda turma de mulheres a ser aceita para trabalhar em banco. A primeira turma foi a de Maria Celina Vasconcelos. Antes as mulheres eram proibidas. Era o período da Ditadura, [...] AI 5 e companhia, período complicado! (MACAMBIRA, 2019).

Em 13 de dezembro de 1968, o presidente da República, general Artur da Costa e Silva, autorizou o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que cassou as liberdades civis no país por mais de uma década. Na época, várias medidas de exceção foram impostas, como o fechamento do Congresso Nacional, a suspensão do habeas corpus para crimes políticos e a intensificação da censura.

Aroeira recorda-se que, nessa época, recebeu muitas correspondências com listas de nomes de professores e alunos os quais ela ignorava “*Eu rasgava e colocava no lixo como se nunca chegassem em minhas mãos!*” (AROEIRA 2019).

Antes do AI-5, em 28 de junho, milhares de trabalhadores e estudantes se reuniram na chamada Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, tendo como pano de fundo o recente assassinato do estudante Édson Luís, pela ditadura. Somando-se a isso, greves em todo o país mostravam os problemas e a indignação de grande parte da sociedade.

Nesse sentido, a Educação foi bastante impactada pelo decreto do AI-5 e, no final de novembro daquele mesmo ano, os militares já haviam promulgado a Lei nº 5.540, da Reforma Universitária. Já o ensino profissional foi modificado em 1971, com a Lei nº 5.692, que instituiu o segundo grau técnico obrigatório. Cinquenta anos depois, as medidas de 1968 ainda impactam o sistema educacional brasileiro.

Paulo Carrano (2018), professor e coordenador do grupo de pesquisa “Observatório Jovem do Rio de Janeiro” da Universidade Federal Fluminense (UFF), em entrevista ao Portal EPSJV, compara o AI-5 ao projeto “Escola sem Partido”, que acaba de ser arquivado na Câmara dos Deputados, apontando que ambos interditam a liberdade do professor de pensar, criar e ensinar.

Quanto às lembranças do período de estágio, Jitirana comenta reflexiva que:

O que mais me chamava atenção no Curso Normal, era a prática de ensino [...] a didática geral e as específicas. Tinha didática da Matemática, didática da Ciência, da Comunicação. Eu ficava ansiosa para chegar o dia do estágio. De fazer a observação nas salas de aula. Nós íamos todas compenetradas. Jovenzinhas, a gente ia assim: feliz da vida observar as aulas dos professores. A nossa professora de estágio foi Dona Zilda Lima Neves, hoje ela tem 96 anos e está lúcida, ainda, sentindo o sabor da vida, frequentando o clube dos aposentados. Em ambiente pequeno ela é capaz de declamar belas poesias de sua autoria. Ela tem um livro autobiográfico (JITIRANA, 2019).



Imagem 116 - Estágio de Jitirana, 1969. Acervo pessoal.

E continua:

Essa fotografia foi da época em que estagiei. O estágio foi em dupla. Essa farda era de um xadrez delicado azul. A saia e o casaquinho com a blusa branca por dentro. Nos orgulhávamos em vestir a farda do colégio e mais ainda a do estágio pois, era sinal que já erámos quase professoras. Nesse dia, devido ao calor intenso tirei meu casaquinho[risos] (JITIRANA, 2019).

Xique-xique recorda que:

Não tínhamos livros não. Os livros que tínhamos eram passados dos irmãos mais velhos para os mais novos. Eu me lembro assim de uma Biologia, de uma Psicologia, de um OSPB e sobre as didáticas que a gente fazia mais apontamentos. A gente passava sebo na mão, a professora ia falando e a gente copiando. A Matemática, eram os exercícios no quadro de giz! O giz comia lá [risos] e esses apontamentos eram guardados. Eram escritos nos cadernos com muito cuidado, a gente passava a limpo e não emprestava pra todo colega não, porque se sumisse, sumia nosso livro (XIQUE-XIQUE, 2019).

Jitirana complementa dizendo que:

Umbuzeiro e Tila foram as primeiras a usá-los. Aí foi passando para Xique-xique, que passou pra Meira. Só não tá o nome dele aí[...] aí vem o meu e o de Lúcia que foi a última a formar em Magistério. Então, todo mundo estudou por essa Biologia, e a Didática que a gente estudou foi essa daí também[...] de Elaide. As Didáticas especiais e aí, eu levei essa Didática para a gente estudar lá em Salvador também, porque eu fazia Pedagogia, então foi muito útil (JITIRANA, 2019).



Imagem 117 - Os livros. Acervo pessoal.

De acordo com Bosi (2003), é por meio da memória que o passado surge nas lembranças que vão mesclando com as percepções do presente, ou vice-versa, e as impressões do presente interagem com as do passado e vão se fixando na consciência. Essa visão nos permite pensar que não existe presente sem passado, não existem ações, eventos, comportamentos que vivenciamos os quais não podem ser recuperados por meio das narrativas reflexivas e assim, serem repensados no presente.

Para Bosi (2003),

A importância dessa relação do eu com o outro quando busca nas instituições sociais as relações familiares, afirmando que: —[...] a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Nessa perspectiva, podemos dizer que o registro de memórias toma as categorias memória e formação como elementos articuladores de atividades, como uma ponte que, ao resgatarem o que se passou ou passa no interior da escola, nos possibilita estabelecer novos modos de sociabilidade e novas formas de compreender a sociedade (BOSI 2003, p 17).

Foi durante essa roda de conversa sobre o Curso Normal Dr. Pompílio Leite que Jitirana se deu conta de que naquele ano, faria cinquenta anos de sua formatura. Combinamos um encontro com outras colegas, para pensarem em uma comemoração.



Imagem 118 - Roda de Conversa. Acervo pessoal.

Conforme narrativa de Jitirana,

Nós éramos muito unidos e estudiosos [risos] às vezes tinha umas “pescarias”, mas era só danação, porque todos queriam era mesmo aprender a lição... Até rimou [risos]. Na época não tinha dinheiro, mas nos divertíamos muito. Às vezes, fazíamos umas festas no Posto Jaú para arrecadar dinheiro pra formatura. Em 1969, o Curso Normal deixou de funcionar no anexo. O colégio General Nelson de Melo e o Curso Normal passam a se chamar Escola Estadual de Brumado e daí por diante, muitas de nós, que formamos professoras, passamos a lecionar no CEB (JITIRANA, 2019).

Sei de todos a idade
De aqui e de acolá
Mas pro encontro acontecer
temos de nos encontrar!
Cinquenta anos colegas,
Encontro de emoção,
Vamos remexendo a
memória
Pra escrever essa história
Tecida com nossas mãos!
(JITIRANA, 2019)

Imagem 119 -Verso de Jitirana.



Imagem 120 - Alunos do Curso Normal Dr. Pompílio Leite: Acervo pessoal.



Imagem 121 - Formandos do Curso Normal, 1969. Acervo pessoal.

Assim, em um dia depois da novena de Senhor Bom Jesus, ocorreu a primeira reunião na casa de Jitirana. Xique-xique preparou uma surpresa e, na hora do cafezinho, surgiu com um bolo confeitado para os parabéns.



Imagem 122 - Organização dos Festejos do cinquentenário. Acervo pessoal.

Criamos um grupo no WhatsApp constando o nome de todos os formandos do ano de 1969. Muitos saíram há algum tempo de Brumado, constituindo suas vidas em outros locais, mas a amizade permaneceu. Enquanto as pautas preparadas por Jitirana não iam sendo cumpridas, ela buscava registrar os momentos, rabiscando alguns versinhos:

Não sei que texto é esse
 Se poema ou cordel
 O importante é que no final
 Fique nele registrado
 Deixando para a história
 Filhos, netos e demais
 Que os formandos de 69
 Na história deixou marcas
 Marcas e muito mais
 Cinquenta anos colegas
 Encontro de emoção
 Vamos remexendo a memória
 Pra escrever a história
 Tecida com nossas mãos
 Nessa época não tínhamos dinheiro não,
 Mas tudo que fazíamos
 Era a maior curtição!

(JITIRANA, 2019)

Imagem 123 - Verso de Jitirana.

Nesse dia, foram muitas as conversas sobre as atividades de cada uma, sobre filhos e netos, mas nada ficou definido para os festejos. Assim, depois de alguns encontros realizados, optamos por um almoço na Pousada Catiboaba, onde cada um se responsabilizaria pelas despesas suas e de seus convidados.

Oi gente!
 Eu queria saber escrever
 Pra falar desse encontro
 Que há de acontecer!
 Encontro dos formandos 69,
 50 anos de missão, comemorados
 Com emoção!
 (JITIRANA, 2019)

Imagem 124 - Verso de Jitirana.

Quando finalmente ficou decidido o melhor dia (20 de setembro de 2019) para a maioria, o local e como se daria os preparativos e distribuição de afazeres para cada um, então as coisas começaram a ser preparadas.

Foi encomendado um bolo com o símbolo da Escola Normal, docinhos, a camisa com o lema da turma para o dia da festa, uma cadernetinha como lembrança, organizou-se um bingo e recolhemos brindes, e alguns cartazes com fotos da turma dos anos de 1968 e 1969 e os tirados recentemente durante os últimos encontros.

Nessa época não
tínhamos
Muito dinheiro não
Mas tudo que fazíamos
Era a maior curtição

Imagem 125 - Verso de Jitirana.



Imagem 126 - Camisa e docinhos.2019. Acervo pessoal.

Na véspera, estávamos ansiosas. À noite, depois de organizarmos os cartazes saímos para entregar as camisetas. Em cada casa, uma alegria, recordações e expectativas para o dia vindouro.

A primeira casa onde fomos foi a do senhor Arthur Pereira de 102 anos, que é pai de Laudenor Pereira o qual veio com sua esposa, Vilma dos Santos Teixeira, de Aracaju, Sergipe para participar da comemoração. Ele e Vilma iniciaram o namoro durante o Curso Normal em 1969 e, depois de todos esses anos, para ele, voltar a encontrar os colegas para se lembrar e festejar em dias memoráveis, era uma alegria (LAUDENOR, 2019) assim como para Vilma (2019) *“uma oportunidade inigualável que não poderíamos deixar de vivenciar”* (VILMA, 2019).



Imagem 127 - Preparativos para os festejos. Acervo pessoal.

Fomos à na casa das irmãs Noélia Ribeiro, Gilce de Souza Ribeiro e Silene e ao entregarmos as camisetas para a festa, fomos convidadas a participar do ensaio para apresentação da dança de roda “Penerô Xerém”.

Segue um pequeno trecho,

Ôi pisa o milho, penerô xerém
 Ôi pisa o milho, penerô xerém
 Eu num vou criar galinha
 Pra dar pinto pra ninguém - bis
 (...)
 Pego na peneira
 Me dano a saculejar
 De um lado fica o xerém
 Do outro sai o fubá
 Saculeja, saculeja, saculeja,
 Penerô xerém.

Luiz Gonzaga e Miguel Lima (1945)

Imagem 128 - Penerô xerém.

Gilce (2019), nos conta que essa apresentação ela a fez com seus alunos numa festividade folclórica que, na época em que as protagonistas estavam em sala de aula, foi bastante elogiada. Ela preparou as “tábuas” para que pudéssemos batê-las, ritmando a dança em círculo, enquanto as demais estavam “peneirando o milho”, conforme letra da música de Luiz Gonzaga, muito conhecida em toda região.



Imagem 129 - Apresentação dos alunos do CEB, 1976. Acervo pessoal.



Imagem 130 - Ensaio do Penerô Xerém. Acervo pessoal.

Chegamos à casa de Macambira, já tarde da noite! Ela nos recebeu com muita alegria e disse estar feliz em vir para a festa. Macambira, atualmente reside em Salvador, mas nesse momento, se recorda de que foi para Brumado com a família, vinda de Ituaçu para fazer o Curso Normal Dr. Pompílio Leite, o mais próximo de seu município à época. Relembrou que sua irmã mais velha, estudou na Escola Normal de Rio de Contas²³.



Imagem 131 - Reunião para organização dos festejos. Acervo pessoal.

²³Ginásio Dr. Aloísio de Castro, posteriormente Escola Normal Dr. José Basílio Justiniano da Rocha



Imagem 132 - Festa no Bar Juá dos formandos de 1969. Acervo pessoal.

A turma do Curso Normal do ano de 1969 era formada por 25 alunos, sendo a maioria mulheres, apenas quatro homens. Jitirana complementa:

Naquela época, nós não tínhamos professores graduados. Todos eram professores primários, geralmente formados em Caetité, com exceção de Angico, que formou aqui em Brumado e fez o curso e ensinava Literatura. [...] Me lembro que Dona Zilda Neves era nossa costureira em Caculé. Foi ela quem fez o vestido de formatura do ginásio de Umbuzeiro. Depois é que ela foi estudar em Caetité, posteriormente vindo a morar aqui em Brumado, passando a ensinar no Curso Normal do CEB, como professora de Didática (JITIRANA, 2019).

Depois de entregarmos as camisas, fomos dormir cansadas, mas ansiosas pelo dia seguinte.

Enfim, chega o tão esperado dia! Logo cedo, se vê o alvoroço na calçada da igreja matriz. Aos poucos, todos vão chegando e se põem em seus lugares. Muitas são as lembranças que surgem daquele dia. A missa, fora cuidadosamente organizada com os mesmos leitores de

antes, que se faziam presentes, e puderam lembrar o episódio, voltando a fazer a leitura e ao final, Jitirana leu o discurso que havia preparado de véspera, emocionando a todos.



Imagem 133 - Formandos de 1969, 50 anos depois, 2019. Acervo pessoal.

No decorrer da missa, já finalizando, Jitirana se apresenta como oradora de um discurso, o qual preparou na véspera, agradecendo a oportunidade de celebrar o compromisso com a docência após 50 anos de formatura. E assim, aguardada pelos colegas e os demais participantes, ela deu início a leitura:

Não é fácil encontrar palavras capazes de expressar o que sentimos e dar voz para louvar e agradecer a Deus por tudo o que Ele realizou em nossas vidas, durante esses 50 anos que, no momento, comemoramos neste Encontro Fraternal.

Essa bonita história de 50 anos não só nos pertence apenas, mas também a nossa família, nossos professores, nossos amigos. Momento único para todos!

Temos consciência de que a nossa vida é marcada por encontros e desencontros, erros e acertos, fraquezas e fortalezas, tristezas, saudades e muitas, muitas alegrias!

Aqui estamos, colegas! Passaram-se 50 anos. Em, 1969, éramos jovens cheios de sonhos! Com diploma de professor na mão. Quantos projetos! Quantos sonhos!

Tínhamos objetivo e determinação na vida: Ser professor! Tivemos a experiência de estágio sob a orientação da professora Zilda Lima Neves, professora primária hoje com 96 anos de idade, lúcida, ainda sentindo o sabor da vida, frequentando o Clube dos Aposentados; capaz de declamar diante de um público belas poesias de sua autoria. Prova de que ser professor não desgasta, mas renova. Mas desde essa época nos comprometemos com a educação. Nosso lema era: Lutarmos em prol da educação! Lembram-se? A nossa prática educativa não foi apenas transmitir conhecimentos, mas também trabalhar pela harmonia do ser humano, não esquecendo a afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança. Não nos faltaram coragem, determinação, fé e esperança.

Faço sempre memória dos bons anos vividos no nosso Curso Normal, numa profunda comunhão de estudos, de coleguismo, de amizade sincera, de cumplicidade. Nessa longa estrada, todos deram exemplo de pessoas honestas e justas, de caráter íntegro, fortes na fé, fazendo o que Jesus nos ensina: que a vida deve ser compartilhada com os outros e para os outros. Esses valores foram passados pela nossa família e pelos nossos professores. O caminho foi longo: 50 anos. O Senhor, na sua infinita sabedoria e bondade providenciou muitas maravilhas, mas nem tudo foi festa: grandes barreiras, obstáculos, dificuldades, doenças, limites, uns mais, outros menos, mas continuamos o caminho. Hoje, o nosso sentimento é de gratidão a Deus que nos presenteou com tudo que somos e o que temos. Nos presenteou com o Dom da Vida. Uma das grandes bênçãos da vida é a experiência que os anos vividos nos concedem. Somos privilegiados colegas, porque nem todos conseguem comemorar ou chegar até aqui.

Continuemos a tecer a nossa história com humildade e esperança, muita força e coragem, na certeza de que um Deus de amor caminha conosco.

Como disse o apóstolo Paulo “Tudo Posso Naquele Que Me Fortalece”

(JITIRANA, 2019)

Seu discurso versava sobre o dom da vida e a oportunidade de terem se formado em Magistério no Curso Normal, Dr. Pompílio Leite, de qualidade tamanha que propiciou àqueles que não seguiram a profissão docente, condições de fazerem e passarem em concurso para trabalhar em outras áreas. No entanto, em sua maioria, todos tinham exercido o Magistério, contribuindo, assim, para a educação no município de Brumado.

Após a cerimônia religiosa fomos para a Vila Catiboaba na pousada do mesmo nome, localizada na Serra das Éguas. “A Vila Catiboaba” é um condomínio fechado, com casarões antigos, árvores frondosas, prédio escolar, calçadas altas bem ao estilo antigo. Distante cerca de nove quilômetros do centro da cidade de Brumado, foi construído na década de 1940, bem em frente à linha férrea pela Magnesita, com objetivo de acomodar os funcionários que vinham para trabalhar nas instalações e manutenção da indústria.

A vila Catiboaba fica próxima às minas de exploração de Magnesita e foi construída, ali um condomínio para os trabalhadores da empresa, principalmente os chefes que geralmente eram de Mina Gerais. Ao seu redor foram surgindo outras residências, escolas, comércio a ponto de se tornar um bairro da cidade.

Nesse condomínio, fica o restaurante Catiboaba que preserva mobília antiga, louças, fotografias, etc. que carregam marcas memoriais. É um ambiente agradável, cercado de árvores antigas, muitas plantas, casarios e calçadas que trazem a memória de todos que puderam vivenciar as décadas de 50, 60, e demais, inúmeras recordações que fazem com que o local seja de grande valor emocional.

Os formandos se destacavam, não só pela blusa em comum, mas pela alegria e entusiasmo com que recebiam os convidados. A cada grupo que apontava, elas faziam a saudação cantando uma música que usaram durante muitos anos nas salas de aula do primário.

Nesse dia, recebi de uma das colegas de Jitirana, o convite de formatura. O mesmo além das informações usuais constava de uma acrostico com o nome de cada um dos formandos.

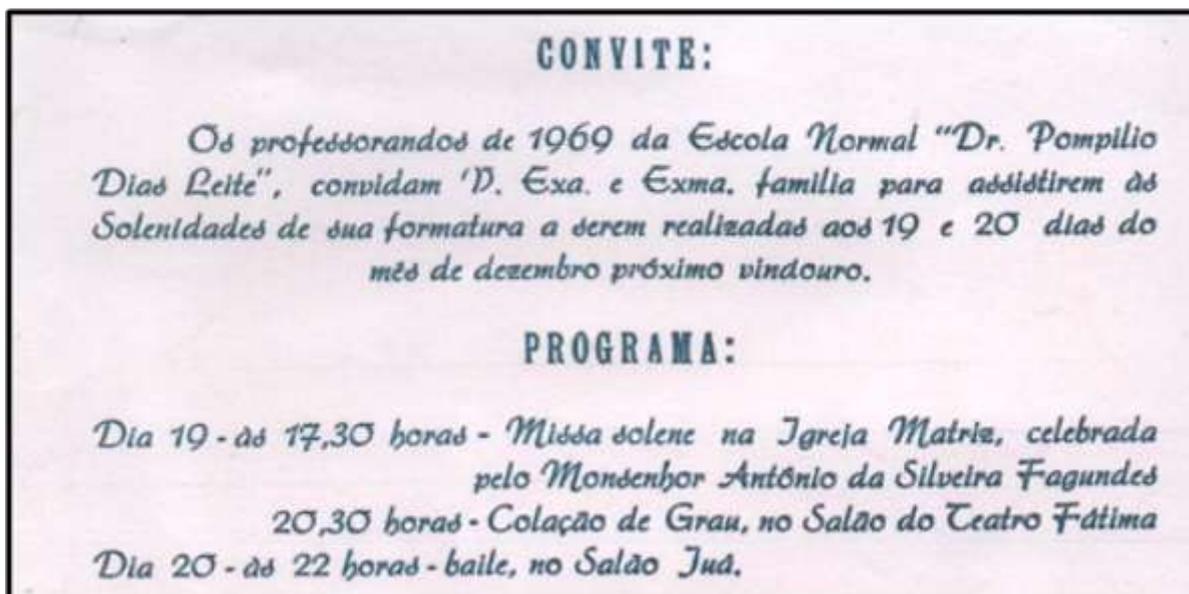


Imagem 135 - Convite de formatura. Acervo pessoal.

Umbuzeiro se recorda:

Muitas lembranças me vêm à mente. Quantas manhãs e tardes inesquecíveis passei por aqui... Parece que há um portal que me leva ao passado. As casas, até mesmo as árvores, o cheiro me leva àquele tempo de juventude (UMBUZEIRO, 2019).



Imagem 136 - Festejos do cinquentenário, 2019. Acervo pessoal.

Macambira narra:

Me lembro como hoje do dia da nossa formatura. As solenidades aconteceram nos dias 19 e 20 de dezembro de 1969. A missa foi na Igreja Matriz de Brumado, celebrada por Monsenhor Antônio da

Silveira Fagundes. A colação de Grau foi no Salão do Teatro Fátima dia 20 de dezembro e o tão sonhado baile foi no Salão Juá (MACAMBIRA, 2019).



Imagem 137 - Festejos da turma de 1969 no Bar Juá, 1969. Acervo pessoal.

Xique-xique que é muito festeira, juntamente com suas irmãs, preparou uma grande variedade de docinhos para distribuir sobre a mesa do bolo. Jitirana, encomendou umas lembrancinhas em forma de coroa onde colocou um bombom muito gostoso.



Imagem 138 - Bolos e doces da festa do cinquentenário, 2019. Acervo pessoal.

O pessoal da pousada, preparou as mesas dispendo-as de forma que ficássemos bem à vontade. A banda de música não tardou. E logo que nossas protagonistas começaram a cantar para os que chegavam, os músicos entraram no ritmo.

Macambira diz reflexionando:

Não poderia ter sido escolhido um melhor local para esta comemoração. Aqui, na vila parece que o tempo parou. Tudo, cada momento em que nos reunimos, a cada decisão, a confecção dos cartazes, a

missa, agora as músicas, cada colega que chega, tudo me faz sentir como na época em que me formei. Me sinto uma menina (MACAMBIRA, 2019).

O bolo, com imagem simbólica da caneta de pena, foi feito com esmero e dividido as despesas, assim como o pagamento da banda de música que atendeu com carinho aos pedidos feitos. Também se pensou num bingo e, para tal foram recolhidos alguns brindes. Geralmente eram panos de prato, ou de bandeja ou toalhinhas bordadas por cada uma delas. O tempo corria, vinha sempre um bolo, os parabéns, os momentos para fotografar, e por fim algumas decisões eram tomadas de maneira que se tornassem mais práticas.

Nos disse Jitirana que o lema da turma era “Lutaremos em Prol da Educação”. Com esse lema, foi feito um acrostico para o convite de formatura e que agora foi utilizado no verso da camiseta dos fetejos do cinquentenário. A Imagem, abaixo, mostra o lema da turma de 69. Na imagem, a faixa esta sendo segurada por Jitirana, do lado esquerdo, mas não dá pra ler o o que esta escrito.



Imagem 139 - Formandos de 1969. Acervo pessoal.

Do total de formandos, dez não se fizeram presentes por um ou outro motivo. No entanto, os que participaram viveram um dia inesquecível de encontros, memórias e resignificação.



Imagem 140 - Cerimonia da Colação de Grau, 1969. Acervo pessoal.

Recordaram o dia da cerimônia de Colação de Grau, realizada com toda pompa e exigências necessárias para tão sonhada ocasião, reafirmando que naquele tempo, fazer Magistério e se tornar professor, professora, era tão importante quanto uma formatura de Medicina. Esse sentimento é demonstrado por nossas protagonistas que se sentiram e sentem ainda a importância de sua profissionalização, compromisso e dedicação à docência durante o período que lecionaram contribuindo para a formação geracional de toda uma época.

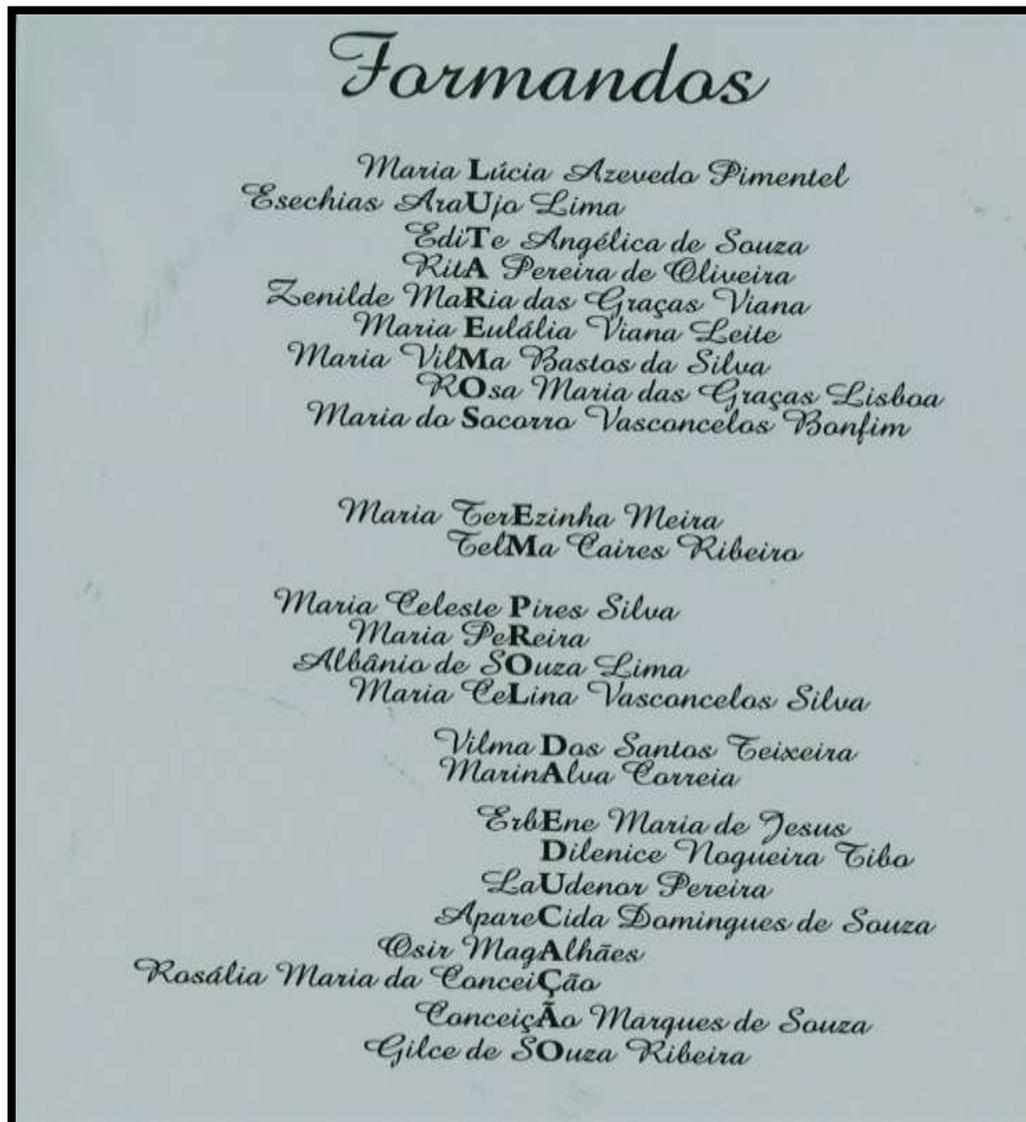


Imagem 141 – Acróstico do Convite. Acervo pessoal.

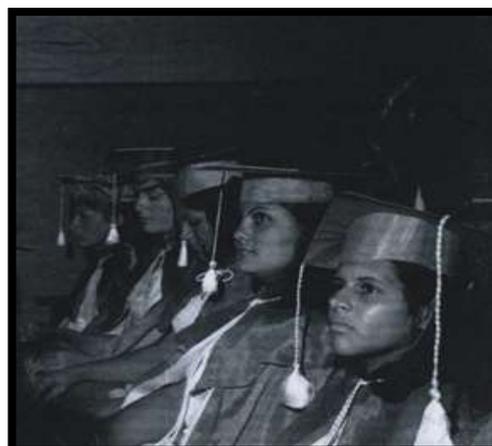


Imagem 142 - Formatura de 1969. Acervo pessoal.

Jitirana recorda que:

O que mais me chamava atenção no Curso Normal, era a prática de ensino. E a Didática Geral e as específicas, a didática da Matemática, didática da Ciência, da Comunicação. Eu ficava ansiosa para chegar o dia do estágio, de fazer a observação nas salas de aula. [...] Então a gente vê assim, uma prova que ser professor não desgasta, mas sim, renova. Eu acho que você viu aí nosso grupo...cada qual mais novo, não é?! Não é? Desde essa época, nos comprometemos com educação. A gente sabia o que queria! A gente ia assim com coragem, determinação, fé e esperança. [...] Muitos concluíram o curso e foram ser professores, outros foram fazer concurso de caixa econômica, Banco do Brasil e outros e outros. Mas todos se deram bem por causa do Curso Normal. Porque foi uma base. Embora nossos professores foram primários, eles ensinavam. E havia aprendizagem. Havia ensino e aprendizagem (JITIRANA, 2019).



Imagem 143 - Alunos da turma de 1969. Acervo pessoal.

Como são muito caprichosos, quiseram fazer uma lembrancinha para entregar aos convidados. Encomendaram umas cadernetinhas com o dizer “Ensinar e aprender, eis o compromisso que abraçamos e agora, graças a Deus, o cinquentenário celebramos”.



Imagem 144 - Lembrança do cinquentenário. Acervo pessoal.



Imagem 145 - Alunos de 1969, 50 anos depois, 2019. Acervo pessoal.

Logo na entrada formou-se um grupo que cantarolava uma canção, saudando os convidados, desejando-lhes boas-vindas, e era acompanhado por uma banda contratada à véspera para animar o encontro. Depois que todos pareciam ter chegado e estarem à vontade circulando, revendo, memorando pode-se ouvir algumas narrativas.

Umbuzeiro muito feliz se expressa dizendo:

Foi uma ótima ideia terem vindo festejar os cinquenta anos aqui, na Vila Catiboaba. Aqui realmente é um local que podemos dizer que “parou no tempo”. Muitas lembranças me vêm à mente. Quantas manhãs e tardes inesquecíveis passei aqui[...]As casas, até mesmo as árvores, o cheiro me levam aquele tempo de juventude (UMBUZEIRO, 2019).

Jitirana por sua vez comenta:

As árvores, os casarões, o mobiliado [...] tive bons momentos aqui. Encontrar tantos amigos queridos em clima de festa traz mais forte as memórias. Acredito que será um dia inesquecível para todos que puderam vir, o que, infelizmente, para alguns foi impossível (JITIRANA, 2019).

A mesa com o bolo e docinhos foi arrumada e não faltaram elogios ao capricho de Xique-xique, uma doceira de mãos cheias. Todos estavam felizes! Danças, cervejinha, torresmo, risos e encontros. Vez por outra, alguém ia ao microfone e expunha uma lembrança dos dias de estudante do Curso Normal. Relembrou os gostos de cada um, as músicas, e juntos cantavam, riam, recordavam.

Não faltou dançar a valsa, a quadrilha, o carnaval, o forró, pagode, de tudo um pouco vivenciamos. Ao final da tarde, foi realizado um bingo e em seguida, cantamos os parabéns e nos deliciamos com bolos e doces.

Foi um dia memorável e que, sem sombras de dúvida, propiciou muitas alegrias a todos aqueles que tiveram oportunidade de se fazer presente.



Imagem 146 - Comemoração do Cinquentenário, 2019. Acervo pessoal.

Foi a oportunidade de ver Bromélia esquecer a timidez e dançar do forró a frevo. Ver Jitirana, pela primeira vez, dançar uma quadrilha junina e até quem nunca dançou participar da Dança do Penerô Xerém e dos frevos.

Dona Teresa Souza com 91 anos, não se fez de rogada e, espalhando alegria me disse com a cervejinha em mãos:

Sou aposentada, mas, nunca deixei de trabalhar. O trabalho deixa a mente da gente mais esperta. Eu trabalho e não falho um dia. Tenho 91 anos! E muita energia. O trabalho com jovens é que mais gosto. Os jovens têm uma vitalidade contagiante. Então, eu posso dizer que o segredo de toda minha disposição e energia está em trabalhar com jovens, garotinha! (TERESA SOUSA, 2019).

Jitirana reflexiva, observando a alegria dos colegas diz:

As contribuições de cada um estão escritas no Livro da Vida e a gente guarda tudo isso em nosso coração, em nossa memória. Hoje, apesar dos cabelos embranquecidos, continuamos jovens com experiência acumulada. Cada um experimentou novos desafios! Traz marcas e saberes que são únicos, mas o companheirismo, a amizade, a cumplicidade, mesmo que depois de 50 anos ainda persiste em nós. Um sentimento de carinho e afetuosidade um pelo outro. Um sentimento de respeito à trajetória de cada um e suas histórias (JITIRANA, 2019).

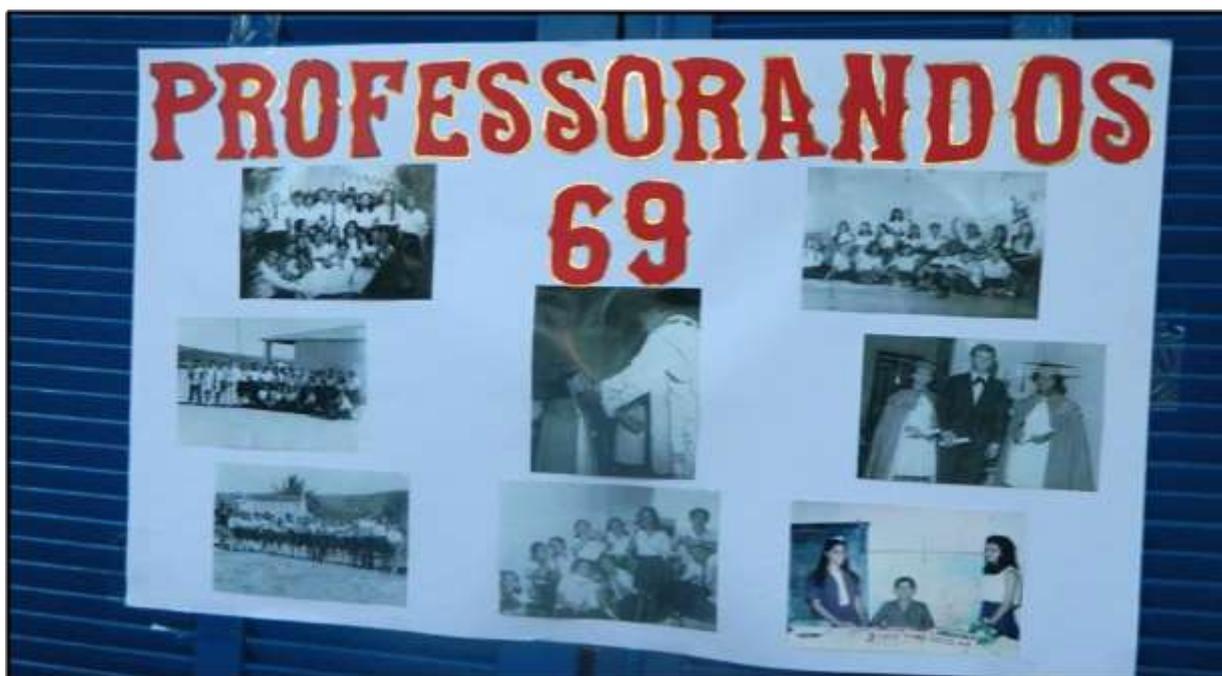


Imagem 147 - Cartaz professores, 2019. Acervo pessoal.

O almoço estava delicioso e, depois de muita dança e comilança, o sol já se pondo fomos ao bingo, foi muito divertido e algumas ainda estavam cantando e pedindo mais quando alguém lembrou que já era hora de cortar o bolo.



Imagem 148 - Cartaz dos professores 50 anos depois., 2019. Acervo pessoal.

Formou-se um círculo em volta da mesa para a hora tão esperada. Cantamos os parabéns. Self e demais registros foram feitos. Todos receberam bolos, docinhos e lembrancinhas. A noite vinha chegando devagarinho e com ela a certeza que aquele tinha sido um dia inesquecível, um dia memorável.

A partir de março de 1970, no governo de Luís Viana Filho, pelo decreto do Secretário de Educação e Cultura Edvaldo Machado Boaventura, o Curso Normal Dr. Pompílio Leite e o Colégio Nelson de Melo, tornam-se Colégio Estadual de Brumado, sendo designados diretora geral a recém-formada pedagoga, que houvera passado em concurso público para professor do ensino médio, a professora Aroeira. Ela nos conta que foram grandes os desafios, mas que foram superados pela excelência dos profissionais que encontrou e a grande disposição de todos na realização de uma educação de qualidade. Aroeira narra que:

Estive como diretora do CEB durante 17 anos. Em março de 1970, foi designada diretora do CEB. o prefeito era Dr. Juracy Pires Gomes, na sua primeira gestão municipal. Foram anos de trabalho intenso dedicados a comunidade brumadense. Tive o apoio de profissionais de excelência, professores comprometidos, funcionários dedicados. Em equipe, trabalhamos pela educação e cultura de Brumado, através de projetos diversos que foram abraçados por todos e assim, no CEB se fez uma educação diferenciada. Me lembro muito particularmente de um projeto que realizamos para resgatar a cultura da comunidade do “Jacaré”. Os homens do Jacaré, após o dia de trabalho costumavam, durante a noite, pilar o milho para fazer fubá. Para dar ritmo e espantar o cansaço do dia de trabalho cantavam.

Eu não me esqueço disso! Foram feitas as camisas para se apresentarem. Eles ficaram felizes! Era um pilão de duas mãos, ou melhor vários pilões de duas mãos. Eles cantavam e pilavam numa dança sincronizada e em círculo chamada chula (AROEIRA 2019).

Aroeira cantarola:

“Tá de noite, tá de noite. Tá de noite, meia noite” (AROEIRA, 2019).



Imagem 149 - Desfile do CEB no centenário de Brumado. Acervo pessoal.

E prossegue:

Fazíamos as comemorações na porta de igreja matriz e toda comunidade vinha assistir, participar. Uma certa vez, fizemos uma exposição mostrando como era a vida antigamente: Camas, urinol, louças antigas, candeeiro, roupas de cama, mesa [...] Era um rebuliço na cidade, todos queriam colaborar, participar das Gincanas e apresentações culturais. Monsenhor ficava feliz. Muitas vezes, levamos para a comunidade brumadense, com apoio da SEC e da Fundação Cultural da Bahia, musicistas do Teatro Castro Alves. Não havia oportunidades para o povo e nós do CEB conseguimos através de projetos, feiras culturais levar cantores como Zizi Possi, Sérgio Reis, Zé Ramalho, o coro do Teatro Castro Alves para participarem de nossos eventos. Geralmente, no fim de ano, os alunos formandos iam para Porto Seguro. Os pais confiavam em mim e eu ia acompanhá-los. Tínhamos duas professoras Jucelina Lessa e Enir Mafra que preparavam os alunos para a 1ª comunhão. Era uma festa. As crianças de branco, adentrando à igreja com a vela da primeira comunhão[...] depois o café da manhã com chocolate, bolos, biscoitos e frutas. Até hoje recebo muito carinho de todos os alunos que vivenciaram conosco. Hoje pais e mães de família, avós. Essa é a grande recompensa em ser professora, professor! Naquela época, as crianças, os pais, as comunidades participavam e agradeciam a oportunidade. Tínhamos a semana Anísio Teixeira, onde, por vezes, as professoras Palmira Guanais Aguiar Fausto, Tereza Guanais Aguiar, grandes educadoras de Caetité vinham fazer palestras. Grandes educadoras que desempenharam papel importante na área da educação e da cultura na região (AROEIRA, 2019).



Imagem 150 - Desfile Cívico do CEB - Década de 1970. Acervo pessoal.

Jitirana recorda que, em especial, tinha muito apreço pelo projeto “Encontro de Normalistas” e diz:

O Encontro de Normalistas ocorreu por anos, sucessivamente. E, a cada ano, era mais prestigiado. Inicialmente, foi com as normalistas daqui de Brumado, mas foi crescendo e convidamos representantes do Magistério de outros municípios que faziam parte da DIREC-19 (Diretoria Regional de Educação e Cultura) [...] havia a abertura oficial com uma missa e depois o Encontro no Clube Social de Brumado. Realizadas dinâmicas, narrativas e troca de experiências e palestra com educadoras da região, como foi bem lembrado por Aroeira, as professoras Palmira e Tereza Guanais Aguiar. Isso sem falar do Festival Estudantil de Música Popular (FEMP) que aconteceu durante 15 anos, onde havia muito entrosamento, participantes de diferentes lugares e o encerramento com artistas consagrados. O Festival de Canção dos alunos do noturno era um evento muito participativo também (JITIRANA, 2019).



Imagem 151 - Encontro de Normalista do CEB. Acervo pessoal.

A fotografia acima retrata uma turma de normalistas da década de 1970. Em primeiro plano vemos da esquerda para direita Jitirana, que era a professora de Prática de Ensino e Coordenadora do Curso Normal; Angico que ensinava Literatura Infantil e Aroeira que era a diretora geral do CEB. As normalistas estão com a farda do estágio que, nesse ano, foi uma calça caqui e blusa branca.

Angico se recorda que

Nos anos de 1970, o CEB fez grandes realizações em Brumado que era uma cidade esquecida pelo poder público. Não tinha água de qualidade, telefone, estradas, professores universitários (tanto que nossa diretora, Aroeira é de Livramento de Nossa Senhora e o nosso vice-diretor de Ituaçu [...] e por aí vai!) Então a economia do município se baseava no plantio de algodão, nos empregos oferecidos pela Magnesita, fora isso não havia possibilidades de emprego. O comércio era fraco, muita seca. Não havia lazer e nós do CEB proporcionávamos isso para a comunidade. O CEB tem importância consagrada no desenvolvimento do município (ANGICO, 2019).

Aroeira complementa:

Fazíamos desfiles cívicos e da primavera que paravam a cidade. Uma certa vez, pedi ao diretor da Magnesita, auxílio para mostrarmos à comunidade o trabalho desenvolvido pela empresa e levamos pra rua um desfile de grandes maquinários. Eram desfiles de luxo, realizados com primor e dedicação. Havia também o projeto Chapéu de Palha muito prestigiado (AROEIRA, 2019).

As narrativas trazem fatos importantes quanto a estadualização do Ginásio General Nelson de Mello em março de 1970, passando a se chamar Colégio Estadual de Brumado. As protagonistas narram o quanto foi importante tal acontecimento ao município, que de lá pra cá, teve seu processo de desenvolvimento fortemente embasado na educação. Quase todas as nossas protagonistas passaram pelo CEB, seja como alunas ou professoras ou como ambas as coisas. Trazem, portanto, uma memória afetiva da instituição, mas mais que isso, nos narram fatos que enriquecem a história educacional do município de Brumado. Tais narrativas, são vestígios deixados pelo caminho que nos possibilita compreender as marcas identitárias e práticas político-pedagógicas de nossas professoras/protagonistas bem como as mudanças perpassadas pela história da educação no decurso do tempo.

As narrativas revelam que o grupo gestor, professores, funcionários da escola em geral, buscavam relacionar-se com a comunidade, compreendendo a escola como lugar privilegiado para a formação cidadã. O planejamento pedagógico, os projetos desenvolvidos pelo CEB, conforme as narrativas orais, valorizavam não só a realidade onde a escola estava inserida como se preocupava em manter vivas a cultura, e a constante busca de partilha de saber.

Os projetos como o Encontro De Normalistas, o Festival de Canção, dentre outros. são provas inconteste da realização de uma gestão participativa e conjunta entre escola e comunidade, o qual não se efetivariam se não houvesse uma equipe de profissionais, alunos e pais de alunos atuando em prol da educação.

A foto seguinte foi tirada no I Encontro de Normalistas, realizado pelo CEB, sob direção de Aroeira, que está em último plano de blusa azul. Da esquerda para direita está Angico, de blusa azul de estampa e ajoelhada a sua frente Juazeiro, com blusa branca e cabelos curtos. O evento era coordenado por uma de nossas protagonistas Jitirana, que também fazia parte do CEB.



Imagem 152 - I Encontro de Normalistas do CEB. Acervo pessoal.

Até aqui trago as experiências vividas e narradas pelas protagonistas, com as quais mantive contato durante os últimos quatro anos de maneira quase que cotidiana. São narrativas que preenchem lacunas quanto a história da educação no Alto Sertão da Bahia, e, portanto, devem ser consideradas de relevante importância a todos que se interessam, não só pelas questões educacionais, mas pelo estudo da narrativa como expressão da subjetividade e do registro memorial de fontes orais para que não se percam com o tempo.

Para o próximo item, narro o fechamento da pesquisa, que se deu com o 1º Encontro de Professoras do Alto Sertão da Bahia. Na verdade, esse momento foi pensado e organizado como uma nova roda de conversa onde apresentaríamos o material iconográfico recolhido, foto, cartazes, diários, cadernetas de anotações, farda da Escola Normal, etc., no entanto diante da pandemia da corona vírus, tal momento simbolizou o desfecho de nossa pesquisa a partir das narrativas nas rodas de conversa.

ENTRE CAFÉ, BOLOS E CHIRINGA: SER PROFESSORA NO SER'TÃO DA GENTE

Era por volta das 6 horas da manhã e, aos poucos, a garoa, o frio e a paisagem do Planalto da Conquista, que fica numa altitude média de 1.100 metros, acima do nível do mar, vão ficando para trás. Desço a Serra dos Pombos em direção ao município de Brumado. Aos poucos, a paisagem vai se modificando e a Caatinga vai tomando conta de todo meu campo de visão.

O clima semiárido, traz uma vegetação característica de árvores baixas, troncos tortuosos, espinhos e folhas que caem no período da seca. Minhas lembranças da infância ressurgem. Lembro-me dos momentos em que fazíamos esse trajeto com meu pai, na boleia de um caminhão que transportava gado. Painho era caminhoneiro e em período de férias escolares, nos levava, eu e meus irmãos, para Brumado, na casa da minha vó Maria que morava com cinco filhas que não se casaram, todas professoras. No fundo da casa de vovó Maria, mora um de seus filhos, casado com uma professora.

Abaixo os vidros das janelas do carro e sinto o vapor do vento quente por todo corpo. Interessante como nossas memórias trazem cheiro, sabores e cores. Vou deixando-me embalar pelas lembranças e, em pouco tempo, já avisto Brumado. Antes de cruzar a linha do trem, posso ver a fachada do casarão que fica logo atrás da igreja matriz. Meu coração acelera!

Ao descer do carro e sair do conforto do ar condicionado, percebo o quão quente serão meus dias. Aperto a campainha e em breve a porta larga se abre, e em seguida, pouco a pouco vão chegando algumas das protagonistas da pesquisa. É com muita alegria que nos cumprimentamos e, em pouco tempo, já estamos na cozinha e, entre cafés, bolos e chiringa, discutimos os últimos preparativos para o 1º Encontro de Professores do Alto Sertão da Bahia.

A ideia surgiu em uma das nossas rodas de conversa. Inicialmente, o encontro tinha por objetivo confraternizar, expor o material colhido durante a pesquisa: livros, cadernos de recordação, diários, álbuns de fotografia, etc., bem como refletir sobre o andamento da pesquisa através de algumas devolutivas, mas mais que isso, eu gostaria de dividir com elas tudo o que já podia ser registrado como saber histórico sobre a Escola Normal e/ou Curso Normal do Alto Sertão da Bahia, através das nossas conversas.

Gostaria que soubessem o quanto suas narrativas contribuía para a história e memória dessas escolas, a partir do entendimento de que não há irrelevância científica, mas experiências, memoriais, pontos de vista e formas diversas de compreensão de mundo.

Para realizar tal intento, algumas providencias foram tomadas. Encontramos um lugar amplo - com mesas e cadeiras, um espaço para realização de alguma dinâmica, sanitários, uma

pia. Enfim, esse foi o primeiro movimento. O Encontro se deu na sede da União Operária de Brumado.

Era início da tarde e as nuvens carregadas, anunciavam que haveria chuva torrencial, o calor era intenso! Para moradores da caatinga, o prenúncio de chuva é momento de alegria, mas também de cautela. Afinal, geralmente as chuvas são fortes e os ventos bravios. Observa-se uma movimentação estranha e aparentemente apressada dos caminhantes como verdadeiras formiguinhas, se é que já pararam para observar um formigueiro em intensa atividade.

Foi nesse cenário que paramos à porta do Prédio da União Operária. O salão denotava que aqueles que passaram por ali na noite anterior, não tiveram o cuidado de recolher o lixo de fim de festa. Observei o espaço pensando em como poderia tornar o ambiente aconchegante. Não tardou e veio a surpresa que partiu de nossa anfitriã Gildete Dias, a então presidente do Clube de Professores Aposentados de Brumado E O Grupo da Terceira Idade.

- De que irão precisar? Toalhas, tapume de mesa? Som?

Surpresa, vi que tudo estava a nos esperar e agora era só organizar o espaço para atender a nossa expectativa. Procurei desenvolver a pauta para nossa reunião. Gostaria que fosse um momento especial em que as lembranças aflorassem e sentimentos transbordassem. Fiz uma lista que constava, além de nossas protagonistas, outras pessoas que nos ajudaram na realização desse encontro e encaminhei o convite.

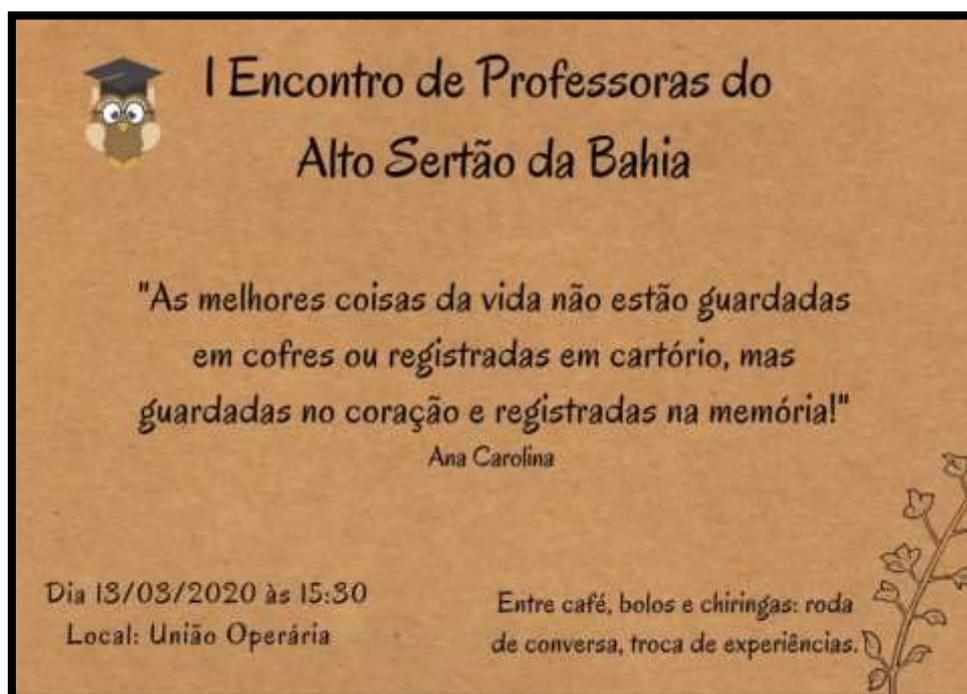


Imagem 153 - Convite do I Encontro de Professoras do Alto Sertão da Bahia.

Assim, em 13 de março de 2020, alguns dias antes de ser decretado a pandemia da corona vírus no Brasil – já que as notícias da fatalidade do vírus já se espalhavam aos quatro cantos – aconteceu na sede da União Operária de Brumado, na Rua Casemiro Pinheiro Azevedo, número 321- Centro, o I Encontro de Professoras do Alto Sertão da Bahia.

Pensei, no momento da entrada, numa mesa de professores e por sorte, na sede da União Operária, local em que havia funcionado uma escola, coincidentemente onde Umbuzeiro havia estagiado durante o 3º ano do Curso Normal, ali havia uma mesa dessas. Coloquei um espelho, a lista de frequência e também álcool gel. À medida que iam chegando eu as cumprimentava e pedia que ao assinar a lista, se olhassem no espelho.



Imagem 154 - Angico, 2020. Acervo pessoal.

Minha intenção era utilizar o espelho e o momento da assinatura de nossas protagonistas e demais convidadas, como dispositivo para aguçar, à memória significativa, do recebimento do Diploma de Normalista, o qual diante das escutas memoriais foi um momento de grande importância para cada uma delas.



Imagem 155 - Jitirana e Xique-xique, 2020. Acervo pessoal.

Em seguida, podiam rever, abraçar, se emocionarem ao se recordarem os momentos vividos através de uma exposição de painéis com fotografias em porta retratos, imagens antigas, diploma, livros diversos, cadernos de recordação, diários, álbuns de formatura, entre outros.



Imagem 156 - Exposição Participativa, 2020. Acervo pessoal.

À medida em que iam chegando, o burburinho das conversas e lembranças compartilhadas, enchem o ambiente de alegria. Em um certo momento, pedi a palavra e depois de uma breve introdução sobre o objetivo da pesquisa, o que nos havia levado à organização daquele encontro, fiz com elas, sentadas em círculo, a dinâmica do “Papel amassado”.



Imagem 157 - Dinâmica de Grupo, 2020. Acervo pessoal.

Após entregar uma folha de ofício e pedir que a amassassem, pedi igualmente que tentassem colocá-la como antes. Claro, as marcas não saíram. A folha não volta a ficar como antes! Assim também é a vida. Assim somos nós em nossa trajetória. A vida nos deixa marcas de experiências de saber as quais, através de narrativas foram sendo contadas durante nossas rodas de conversa.

A normalista recém-formada da Escola Normal ou Curso Normal, que saiu para assumir sua primeira sala de aula, foi revivida através dos relatos memoriais. Essa normalista permanece viva, o tempo não a extinguiu, à medida que se constituem em lembranças, pedacinhos, fragmentos do tempo, verdades daquela que narra e que, ao serem acionadas por outras pessoas, podem levá-las a descobrir, refletir, recordar a partir de suas experiências, proporcionando novas leituras.

Logo após, discutimos sobre a importância da memória e da experiência como fonte de sabedoria, verdades de quem lembra e que podem ser também as recordações de outras pessoas que viveram experiências semelhantes, ou conhecem as protagonistas da pesquisa.

Corroborando, Nóvoa (1992) diz que

a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar o papel de formador e de formado (NÓVOA, 1992 p. 26).

Nesse clima de confraternização, Carnaúba (2020) narra que:

Eu sou grata por ter conhecido Claudinha e poder, junto a vocês ter tido a oportunidade de narrar as minhas lembranças do Instituto Ponte Nova. Narrar memórias é ressignificar o passado, no tempo presente e ser presenteado pelo futuro, com benção de Deus em nossas vidas (CARNAUBA, 2020).



Imagem 158 - Depoimento de Carnáuba, 2020. Acervo pessoal.

Jitirana (2020), agora com a palavra, diz ter trazido pra nossa roda de conversa uma receita. Enquanto ela fala, um texto digitado em meia folha de papel ofício é entregue aos presentes. Em seguida ela nos diz:

Acredito que depois que, fomos “cutucadas” a mexer no baú das memórias e recordar nossas experiências sobre o Magistério, no intuito de colaborar com uma pesquisa - que narre essa história tão importante para nosso município e todos os demais que se interessam pela educação por essas bandas do sertão – foram muitas as vezes que me vi lembrando, mais do que em qualquer época, as coisas da escola (JITIRANA,2020).

100% EDUCA-DOR

Indicação:

Esta fórmula é indicada para os que têm compromisso com a Educação. Que têm coragem de enfrentar os desafios, os obstáculos. É indicado para crianças, jovens e adultos. Foram necessários vários anos de estudo e pesquisa para sua conclusão: no Colégio Getúlio Vargas, 5 anos; no General Nelson de Mello, 4 anos; no Curso Normal Dr. Pompílio Leite, 3 anos; mais 4 anos no curso de Pedagogia, pela Universidade Católica de Salvador; e mais algum tempo em programas de especialização em Alfabetização e depois, Supervisão.

Contra indicação:

É contraindicado para os que não pensam em seus semelhantes e querem que os mesmos não saibam pensar; para os que não tem alergia ao bem comum, querendo que cada vez mais haja menos aprendizagem. Esses assim, precisam de um tratamento de desintoxicação da consciência!

Composição

Tem sua fórmula composta de muita afetuosidade, estudo, paciência, tolerância, aperfeiçoamento contínuo. Também é composto por diálogo, altruísmo, engajamento e compromisso.

Advertência:

Este medicamento não deve ser escondido, negligenciado, ignorado ou visto com indiferença pela sociedade, pela família, pelo governo pois é muito importante para a qualidade de vida do cidadão.

Interrupção do tratamento:

Esse medicamento não deve ser suspenso. A dose é contínua.

Apresentação:

Apresenta-se em forma líquida ou em capsulas revestidas de dedicação, paciência, sabedoria, paz, bom senso, senso de justiça, criatividade, dedicação, determinação; alteridade, e amos, etc.

(JITIRANA, 2020)

Imagem 159 - 100% Educa-dor.

A narrativa oral de tais fatos são palavras tecidas ao nosso corpo que dão sustentação à passagem do tempo e nos faz seres singulares, pois as experiências são individuais, mas ao mesmo tempo plurais, ao passo que fazem parte de recordações de uma geração.

Nesse percurso de formação de pesquisadora, vou dando conta de que a convivência com o outro nos forma e transforma. E, como aprendi com Reis (2014), a narrativa se constitui, portanto, em experiência formativa em que “cada narrativa no encontro com o outro se torna um devir, ou seja, não há como prever de que forma os relatos interferem nas redes dos sujeitos envolvidos no ato de narrar” (REIS,2014 p. 14).

Sobre isso, Bakhtin (1997), nos diz que, na interação, “homem com homem”, temos a possibilidade de nos conhecermos e de conhecer o outro, o que corrobora com a ideia de que, nesse espaço, somos todos formadores e formandos. Assim, ao narrar em palavras, gestos, sons, emoções, nossas experiências, histórias, os tempos se misturam. O passado deixa de existir, assim como o futuro. O que há é um eu inventando, um passado e um futuro, no presente.



Imagem 160 - Dinâmica de interação, 2020. Acervo pessoal.

Prezo destacar o quanto valoroso foi esse momento de espontaneidade, risos e cumplicidade que se deu entre essas professoras, que compartilharam o exercício da docência, superaram as agruras e burocracias da instituição escolar e hoje a revivem como um bem precioso, um tesouro que as tornam alegres com as simples lembranças.



Imagem 161 - Xique-xique e Umbuzeiro, 2020. Acervo pessoal.

Ginzburg (1989) chama a atenção sobre a importância de olhar o universo micro, local, investigando os contextos através de pistas, resíduos, indícios, marcas, sinais que nem sempre são perceptíveis imediatamente. Para o autor, os indícios não se baseiam nas características mais vistosas da situação pesquisada, porém atenta em indícios, às vezes imperceptíveis, em sintomas, em signos pictóricos, em pormenores, em dados marginais e em pistas (GINZBURG, 1989). Nesse sentido, os indícios que dizem mais que o não dito, sobre os processos ocultos; sobre as pistas e sinais a que devemos nos atentar para *“compreender a complexidade da vida cotidiana, pois na percepção dos detalhes podemos encontrar indícios aos quais devemos estar atentos”* (REIS, 2014).

Dessa maneira, escutar e narrar histórias de vida, são uma via de mão dupla, onde quem narra e quem ouve reflexionam, aprendem. Narrar memórias é oportunidade de ressignificar o passado com as experiências do presente, para vislumbrar o futuro. A memória é viva e nos põe em constante movimento, a tal ponto de nos tornarmos o próprio movimento.

As narrativas das histórias de vida de professores desvelam a potência da memória, além das possibilidades de reconhecimento, por parte do professor, de seu saber, de suas limitações e de suas projeções em torno de suas práticas e identidade profissional.



Imagem 162 - Exposição: Recordar é viver, 2020. Acervo pessoal.

Pode-se dizer que a vida, olhada de forma retrospectiva, faculta uma visão total de seu conjunto e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado. É o que, em outras palavras, nos diz Soares (1994) quando discute as articulações entre os conceitos vida e sentido: “somente a posteriori podem-se imputar, aos retalhos caóticos de vivência, as conexões de sentido que os convertem em experiência” (SOARES, 1994, p. 23).

As narrativas memoriais possibilitam captar o que acontece na intersecção do individual com o social, uma vez que os elementos do presente se fundam a evocações passadas formando uma verdadeira colcha de retalhos ou de fuxicos que levam a uma nova configuração e leitura de vida para as professoras/protagonistas, bem como possibilita a conformação de novos caminhos, cores e sabores ao pesquisador e leitores.

As lembranças revividas não se configuraram como material inerte, mas sim constitutivos de uma concepção de ensino, determinada por um tempo e sua estrutura histórica-social-política, a uma ideologia dominante, repassada pelos currículos escolares. A narrativa desses elementos, através do relembrar memorial, possibilita o entendimento dos processos de trajetória de vida e aquisição de experiências, únicas e singulares, diante de uma pluralidade de

sujeitos que dão diferentes interpretações e significado que mantém estreita relação com a escola, mas principalmente com a formação docente e do ser humano que somos.

Nesse sentido, reaprender a escutar, dar atenção às narrativas do saber de experiência feita, são formas possíveis de recordar e registrar a memória que tem se perdido nessa sociedade de gostos tão efêmeros, possibilitando ao narrador reflexões acerca das experiências de vida, das decisões tomadas, do seu amadurecimento perante aos fatos que, ao serem narrados, são revividos tomando outra dimensão, outro significado.

O interesse pelo estudo da memória e das narrativas me fizeram perceber o quanto esses temas estiveram imbricados em toda minha trajetória profissional. O resgate memorial se constituiu numa perspectiva desafiadora, instigante e extremamente rica de possibilidades, principalmente por implicar uma visão interdisciplinar e sistêmica da realidade que, como instrumento do desvelar de subjetividades, experiências e temáticas, ao serem refletidas dão pistas que proporcionam novos movimentos de saber, fazer e de vida como possibilidades potentes para o enfrentamento do que há por vir.

Nossa pesquisa traz a narrativa de tempos distintos da experiência de vida e formação das professoras protagonistas, que se formaram e Escolas Normais do Alto Sertão da Bahia, sem pretensão de verdade absoluta pois, entendo que tais narrativas trazem a subjetividade impressa nos relatos memoriais os quais foram registrados a partir da escuta atenta de lembranças experienciadas no passado, que se prolongam no presente oferecendo pistas e indícios

Sabia de antemão que o I Encontro de Professoras do Alto Sertão da Bahia, seria um momento de alegria e emoções, um momento que nos deixaria marcas. E nos marcou realmente! Eu, as professoras/protagonistas, minha filha, Letícia Meira, e demais participantes.

Esse foi o último encontro e socialização para nós, pois fomos acometidos com a pandemia da Covid-19. Como é sabido, foi notificado pela mídia em dezembro de 2019, vários casos de pneumonia começaram a surgir na cidade chinesa de Wuhan, essa quantidade aparecendo do dia para noite indicava que alguma coisa específica estava contaminando. Ao detectarem que a doença poderia levar a óbito, as autoridades chinesas decretaram medidas de distanciamento para tentar conter o avanço da contaminação. A China chegou a somar 84,3 mil casos e 4,6 mil mortes em 30 de julho de 2020, tendo uma população de mais de 1,4 bilhão de habitantes.

O covid-19, mesmo com as medidas ágeis da China, se espalhou e passou a ser um problema mundial. O Brasil só foi alcançado pelo vírus, no final de fevereiro de 2020, enquanto

os outros continentes já registravam milhares de casos. Levando-se em consideração que o país só foi assolado pela doença alguns meses depois de ser anunciada e identificada, poderíamos concluir que teríamos tempo para nos preparar, vendo a realidade dos outros países, mas não foi isso que aconteceu. O retrato da realidade brasileira é assustador. Com a população 7 vezes menor que a da China, nós já alcançamos a triste marca de mais de 500 mil mortos e 19 milhões infectados. Se alguns países conseguem ser excepcionais na condução do vírus, o Brasil consegue ser um completo desastre, um fracasso letal.

Assim, a partir da segunda semana de março, a vida de nossas professoras/protagonista mudou drasticamente. Para algumas, um processo mais difícil do que para outras, uma vez que o impacto significativo em suas rotinas causou alterações em suas funções cognitivas, o que tem levado a melancolia e ao esquecimento.

À GUISA DE CONCLUSÃO

O doutorado foi para mim um processo de formação e transformação mediante as experiências vivenciadas, diante das expectativas, esforços empenhados, medos, obstáculos que me fizeram tomar decisões difíceis que deixariam marcas em meu ser. Foi, por fim a experiência mais plena que eu vivi em meus trinta anos de docência.

Busquei realizar, a partir das tessituras de narrativas memórias, entrelaçar saberes de experiências das professoras/protagonistas, de tal sorte, que se constituíssem uma narrativa ímpar, capaz de propiciar uma compreensão sobre como se deram os processos formativos das professoras do Alto Sertão da Bahia nas décadas de 1950 e 1960, nas Escolas Normais da região, destacando-se os transtornos, entraves e empecilhos enfrentados pelas mesmas para concluírem o Magistério.

As instituições escolares estão repletas de histórias de vida, de experiências, molas propulsoras de desvelamento de saberes que propiciam uma nova compreensão dos processos históricos, identitários, curriculares, metodológicos, éticos, entre outros, que se deram e influenciaram toda uma geração.

As narrativas registradas dão conta de que, nas escolas, as relações das professoras entre si, com alunos, pais e comunidade em geral, se sobressaíram aos despachos, decretos, circulares, metas, testes que geralmente emperram a vida dos alunos e sobrecarregam os professores. Posso dizer que esse grupo de professoras experienciaram a escola de maneira diferenciada a tal ponto de não trazerem em suas memórias a abordagem de tais temáticas, uma vez que viveram a escola de forma mais humana, dando-lhe um formato que manteve viva as lembranças, de tal sorte que, ao recordarem, sentem-se revivendo, reflexionando, emocionando-se, lamentando ou vibrando ao simples fato de narrarem suas memórias. Tal singularidade pode ser vista como um ato de resistência às tentativas de injunções, agruras e burocracias do poder presente na sociedade.

Nessa perspectiva, as memórias que persistem, não são exatamente memórias da escola, mas sim, as memórias das relações que sobreviveram a partir dos laços afetivos que se formaram no passado e que persistiram no decurso do tempo a partir da manutenção das relações sociais. Neste sentido, a memória individual é o ponto de vista dentre as memórias coletivas.

Assim, as narrativas revelam processos subjetivos construídos no espaço/tempo que dão alicerce à teia da vida, forjada a partir do cotidiano que, apesar de heterogêneas, se completam e coexistem num processo de reconstrução, de recordação, de evocação e localização das

lembranças, que retêm do passado o que está vivo, reverberando a partir dos quadros sociais, que lhe dão sustentação, antecedendo e determinando a memória coletiva.

Os processos intraescolares aparecem como marcas que influenciaram a constituição humana dessas senhoras, de maneira que as narrativas trazidas nas rodas de conversa são a memória da escola numa ótica de compreensão da “ação humana”, na qual professores, alunos, pais e comunidade se integram de tal forma que “saem” da regra racionalizada e ultrapassam o produtivismo. As memórias retêm do passado aquilo que experienciamos e ao evocá-las, novas marcas surgem e fazem emergir no presente novas leituras, ressignificando o passado no presente, projetando o futuro.

Tais subjetividades trazidas pela memória mantêm a sobrevivência do grupo, através dos laços comunitários muito mais que as coisas, pois são as subjetividades, os laços afetivos que fazem com que a memória sobreviva ao tempo. São laços fluidos que uniram as pessoas e as une ainda, diante das memórias compartilhadas.

A escola, tida como um lugar de encontro e humanização da vida e os laços comunitários que dão sentido a ela persistem na memória, nas lembranças de uma comunidade que está fora da ordem produtiva. Assim, a existência de contradições e ou semelhanças nas narrativas sobre um determinado acontecimento, não pressupõe problema ao estudo da memória, pelo contrário, a forma como cada acontecimento atravessa o outro, é sinônimo de potencialização e enriquecimento da produção de conhecimento via história oral.

São as teias de relações cotidianas que dão caráter sociocultural à memória. Tais memórias ao serem instigadas por um ou outro dispositivo, trazem lembranças de experiências que de alguma forma atravessaram, marcaram as professoras/protagonistas desta tese. As narrativas das experiências, como já disse, são tessituras de histórias reelaboradas pela linguagem – verbal e não verbal - que ao serem narradas são reflexionadas, questionadas, argumentadas tornando-se fonte de saber que constituem a história da Escola Normal ou Curso Normal do Alto Sertão da Bahia, a partir do olhar de mulheres que de maneira significativa, singular/plural, transgrediram as submissões e preconceitos numa sociedade marcada pelo patriarcado e injunções de poder, através de um trabalho voltado à valorização da escola numa perspectiva democrática.

Daí a importância da HO e das narrativas como dispositivos epistemológicos, o que propiciam a visibilidade de histórias memoriais, as quais devem ser valorizadas e registradas, por serem propulsoras de uma miríade de conhecimentos desvelados a partir das tessituras dos mosaicos da memória. Tais mosaicos, que afloram nas narrativas de experiências (individuais e coletivas) de forma alguma podem se constituir num obstáculo ao saber, mas sim, em

inúmeras possibilidades, uma vez que somos seres diferentes uns dos outros, e mesmo tendo muitas coisas em comum, buscamos tanto a semelhança como a própria diferença. Nessa perspectiva, a representação do real é uma construção subjetiva frente realidade objetiva dos fatos.

Dessa forma, fundamentadas em princípios anisianos, esse grupo de professoras/protagonistas desenvolveram projetos, traçaram metas, buscando fundamentar a práxis, a partir de ideais para o funcionamento da Escola Normal, dentro de uma perspectiva de educação que permitisse a todos o acesso a um grau de instrução que abrangesse toda população. Vimos que tal instrução – o de Normalista – foi muito mais desejada pelas mulheres, uma vez que representava a elas, um processo de emancipação, através do exercício do Magistério, profissão considerada nobre e valorizada no âmbito de toda a sociedade nos anos de 1950 e 1960.

Essas mulheres, experienciaram a vida, se deixando marcar pelo imprevisível, pelo inesperado, a partir do olhar coletivo, do pensar e participar coletivamente, valorizando o diálogo e o inter-relacionamento.

Reconheço que a HO nos oferece um desígnio social diferente para a história, pois, as narrativas memoriais desafiam os registros documentais ao estabelecerem um novo olhar para os fatos do passado, que invisibilizaram a atuação dos sujeitos, que nesta tese são mulheres do Alto Sertão da Bahia que trouxeram suas memórias de estudantes e de professoras nos anos 1959 e 1960. A narrativa das experiências memoriais, projeta aquele que narra a um mergulho na duração em que o corpo e a cognição são pareados e convocados a percorrerem juntos um caminho e no deslocamento, o percurso vai se delineando. As memórias revividas, exploradas, favoreceram novos rumos, leituras, saberes, autoconhecimentos e construção de conhecimentos.

As narrativas coletivizadas nas rodas de conversa foram de suma importância no deslocamento das participantes em busca da visibilidade das histórias experiência das através do diálogo participativo em que as memórias afluíam em cada encontro, de tal forma, que foi possível realizar o “I Encontro de professoras do Alto Sertão da Bahia” o que se constitui num projeto a ser desenvolvido futuramente, a fim de propiciar trocas e alargar experiências de professores.

Nesse sentido, acredito ter desenvolvido uma tese que nos faz compreender, por meio das narrativas memórias, a importância da instalação das Escolas Normais e os Cursos Normais no Alto Sertão da Bahia nas décadas de 1950 e 1960, ficando claro que eram vistas como a chegada do progresso e desenvolvimento e uma grande oportunidade para as mulheres em se

profissionalizarem, bem como um espaço de socialização e afeto. Assim, espero que sirva como fonte de pesquisa e novos questionamentos que favoreçam a efervescência de novos saberes, mediante as visibilidades necessárias ao Alto Sertão da Bahia.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. (Trad Selvino J. Assmann). São Paulo, SP. Editora Boitempo, 2005.

ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBERT, Verena. **Narrativas na História Oral**. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

ALBERT, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBUQUERQUE, Jr, Durval Muniz de. O tecelão dos tempos: **novos ensaios de teoria da História**. São Paulo: Intermeios, 2019. 276 p

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: **os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ALVES, Nilda. Sobre redes de conhecimento e currículo em rede. **Revista de Educação da AEC**. Brasília, v. 31, n. 122, p. 94 -107, jan./mar.2002.

AZEVEDO, Fernando. O manifesto dos pioneiros da educação nova. **Revista Brasiliense**, São Paulo, n. 15, p. 8-28, jan/fev. 1958.

BARROS, M C Meira Santos. **A Escola Normal no Alto Sertão da Bahia (1950-1960): considerações teóricas**. XIII Colóquio Nacional e VI Colóquio Internacional do Museu Pedagógico - Distopia, barbárie e contraofensivas no mundo contemporâneo. Museu Pedagógico/UESB.2019.

BAHIA, **Assembleia Legislativa. Educação e Cultura**. Salvador: Editora Mensageiro da Fé Ltda., 1965.

BAHIA, Lei nº 117, de 24 de agosto de 1895. **Lei republicana aprovada pelo Governador Joaquim Manoel Rodrigues Lima sobre a Organização do ensino na Bahia**. Salvador - Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122520/LEI%20N%20c2%ba%20117%20DE%2024%20DE%20AGOSTO%201895.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 05 agosto 2020.

BAHIA, **Lei Ordinária nº 1629, de 23 de fevereiro de 1962**. Transforma as Escolas Normais da Bahia em Instituto de Educação e dá outras providências. Salvador, BA. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-1629-1962-bahia-transforma-o-instituto-normal-isaias-alves-e-as-escolas-normais-oficiais-de-feira-desantanavitoria-da-conquista-caetite-e-jequie-em-instituto-de-educacao-e-da-outrasprovidencias>. Acesso em: 07 jan. 2020.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec. 1989.

BEISIEGEL, Celso de Rui, Considerações sobre a política da União para a educação de jovens e adultos analfabetos. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.4, jan/fev/mar/abr. 1997.

BENJAMIN, W. **Experiência e Pobreza**. In: Obras Escolhidas I. (Trad. Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 2011.

BENJAMIN, W. O Narrador: **Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov**. In: Obras escolhidas I. (Sérgio Paulo Rouanet Trad). São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras escolhidas volume I. (Sérgio Paulo Rouanet Trad). São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016.

BERGSON, Henri, **Duração e simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein**. São Paulo, Martins Fontes: 2006.

BERGSON, H. **A evolução criadora** (Trad. Adolfo Casais Monteiro). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri. **Mélanges**. Édition du Centenaire. Paris: P.U.F., 1972.

BERTALANFFY, L. ET AL. **Tendencias en la teoría general de sistemas**. MaDr.id: Alianza Editorial, 1972.

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUYSE, Omer. **Methodos Americanos de Educação - Geral e técnica**. 1927. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135019?show=full> Acesso em 03 de setembro de 2020.

BRASIL IMPERIO. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. In **Coleção da Leis do Império**

do Brasil de 1827 – parte primeira. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1878. p. 71-73. Disponível em: Acesso em: 22 out. 2020

BRASIL, Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º grau e dá outras providências.** Disponível em: http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/15692_71.htm > Acesso em 24 de julho de 2020.

BRASIL, DECRETO-LEI Nº 4.244, DE 9 DE ABRIL DE 1942. Lei orgânica do ensino secundário. **Fixa organização do ensino secundário e suas finalidades. Rio de Janeiro, 1942.** Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil. Acesso em 14 set. 2020.

BRASIL, lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. **Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências.** Brasília, DF.1968.<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 23 de junho de 2020.

BRASIL, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB. Brasília, DF, 1961. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961>. Acesso em 14 set. 2020.

BRASIL, Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil. Acessado em 07 de julho de 2019.

BRASIL, Circular nº 973 de 25 de maio de 1965. **Consolidação da Legislação do Ensino Secundário, após a LDBEN.1965.** Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961>. Acesso em 14 set. 2020.

BRASIL, Lei nº 117, de 24 de agosto 1895. Lei republicana aprovada pelo Governador Joaquim Manoel Rodrigues Lima sobre a Organização do ensino na Bahia. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961> Acesso em 20 de maio de 2019.

BRASIL, **DECRETO DE CRIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL, 1835** – nº. 10. Joaquim José Rodrigues Torres, Presidente da Província do Rio de Janeiro.

BRASIL, Lei nº 16, de 12 de agosto de 1834 (Ato Adicional). Faz algumas alterações e adições à Constituição política do império, nos termos da Lei de 12 de outubro de 1832. In: Constituições brasileiras – 1824. Brasília: Senado Federal; Ministério da Ciência e Tecnologia; Escola de Administração Fazendária, 2001. (Organizador Octaciano Nogueira, v. 1).

BRASIL, Ministério da Educação. Planejando a Próxima Década. **Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação.** Ministério da Educação/Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/Sase): Brasília, DF. 2014.

BRITO, Maria Inês M. Santos. **Das lenda a História: A busca da identidade de um povo.** Tese de mestrado. UnB. Brasília, DF, 2002.

BUENO, Belmira Oliveira et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil 1985-2003). São Paulo, **Educação e Pesquisa**, vol. 32, 2006.

BUENO, Belmira Oliveira. A vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998.

BURKE, Peter. **História como memória social.** In: Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BRUNER, J. **Atos de significação.** Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia.** São Paulo: Fundação Editora da UNEP (FEU), 1999.

CAMARGO, A. Os usos da História Oral e da História de Vida: Trabalhando com elites políticas. **Revista Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, v 27, n 1 pp 5-28, 1984.

CAPRA, F. **A teia da vida.** Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Curtrix, 1996.

CARRANO, Paulo. Impactos do AI-5 na educação brasileira. Universidade Federal Fluminense (UFF). Rev. **EcoDebate.** Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2018/12/19/impactos-do-ai-5-na-educacao-brasileira2018/>>. Acesso em 23 de outubro de 2020.

CATANI, D. et al. História, Memória e Autobiografia da Pesquisa Educacional e na Formação. In CATANI, D. et. al. (org) **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação.** São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CAVALCANTI, H. B.O Projeto Missionário Protestante no Brasil do Século 19:Comparando a Experiência Presbiteriana e Batista. **Revista Estudos de Religião.** N° 4, 2001.

COELHO, J. G. **Ser do tempo em Bergson,** Interface/ Unesp, Bauru, SP. v.8, n.15, p. 233-46, mar/ago 2004.

CUNHA, Rúbia M. de S. Lapa. Histórias de vida de professoras normalistas da microrregião de Jacobina: memórias, narrativas de formação e identidade docente. (1940-1950). UNEB, Salvador, Ba. 2012.

CHAUÍ, M. Apresentação: os trabalhos da memória. In BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras.1994.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: **profissão feminina, carreira masculina**. Cadernos de Pesquisa, n. 86, p. 5-14, 1993.

DIÁRIO Oficial do Estado da Bahia. **Escola Normal. Edição Especial do Centenário**. Estados Unidos do Brasil. Estado da Bahia. 1936. P. 209-214.

DOCUMENTÁRIO, Educadores Brasileiros: **Anísio Teixeira** – Educação não é privilégio. David Franco. 2017 1 Vídeo (44.22 min) [HD] TV. ESCOLA Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ls-FoXhfM_Y Acesso em 2 de dezembro de 2020.

ESTRELA, Ely Souza. Os sampauleiros: **cotidiano e representações**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP; FAPESP; Edusc, 2003.

FARIA FILHO, L.M. & MACEDO, E.F.P. A feminização do Magistério em Minas Gerais (1860-1910): **política, legislação e dados estatísticos**. Curitiba: Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação. 2004.

FARIAS, Camila Mota. Sobre uma arte da relação: **Reflexões sobre História Oral e memória na obra de Alessandro Portelli**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, julho/dezembro de 2015. Vol. 12 Ano XII nº 2 ISSN: 1807-6971 Disponível em: www.revistafenix.pro.br

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs). **Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / MEC – Inep – Comped, 2002.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERNANDES, Florestan. **Anísio Teixeira e a Luta pela Escola Pública**. Brasília, DF.2002.
FOUCAULT, M. Vigiar e punir: **o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais: **Morfologia e História**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOMES, Luciana Kelen de Souza Gomes. **Memórias de professoras alfabetizadoras do Mobral em Fortaleza**. Universidade Federal do Ceará – UFCE. Programa de pós-graduação em Educação brasileira. Fortaleza, CE. 2012.<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3577> Acesso em 13 de julho de 2019.

GONZÁLEZ, Magdalena. Apunte para um método de análisis mnemónico intergeracional sobre la Guerra Civil. In: Hispania. Nova: **Revista de História Contemporânea**.2006.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: **as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional**, In: NÓVOA, Antônio. (Org). Vidas de professores: Porto, 1992.

GRAEFF, Nina. Os ritmos da roda: **tradição e transformação no samba de roda**. Salvador: EDUFBA, 2015.

GUIMARÃES, Eudes Maciel Barros. **Um Pannel com Cangalhas e Bicletas: Os (des)caminhos da Modernidade no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1910-1930)**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2019. 260 p.

GUMES, João Antônio dos Santos. **Analphabetos**. Salvador: Eduneb, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro. 2003.

IBGE. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras (sertões brasileiros I)**, v. 2. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Coordenação de Geografia, 2009.

IBGE, **Indicadores 2018**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 8 de maio de 2019.

JEHOVAH, Carlos e LIMA Ezechias A. **Auto da Gamela**. Livraria José Olympio. São Paulo: José Olympio, 1980.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. CórteX: São Paulo. 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. (Tradução: Pedrinho Guareschi). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LACERDA, M. P. de. (Org.). **A escrita inscrita na formação do docente**. Rovel: Rio de Janeiro, 2009.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: **manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIMA, M. M. L. Magistério e Condição Feminina. In: COSTA, A. A.; ALVES, Ívia. (Orgs.) **Ritos, mitos e fatos. Mulher e gênero na Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA, 1997. p. 121-134.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana V.; NECKEL, Jane Felipe (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, G. **Gênero e Magistério: identidade, história, representação**. In: CATANI, Denise Bárbara et. al. (Orgs). **Docência Memória e Gênero: estudos sobre a formação**. São Paulo: Escrituras editora, 1997.

MAGALHÃES, L. D. Rocha. **História, memória e geração: remissão inicial a uma discussão político educacional**. Revista Histedbr On-line, Campinas, nº 55, p. 94 103, mar 2014.

MANNHEIM, Karl. **El problema de las geraciones**. In: Revista de Investigación Sociológica. MaDr.id, n.62. 1993

MASSCHELEIN, Jan. **E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre.** Educação e realidade, 33(1), jan/jun, p.35-48, 2008.

MEIHY, J. C. S. B. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2005
MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MEIRELES, Eloisa. **A casinha feliz. Palavra de professor.** Disponível:<<http://www.acasinhafeliz.com.br/artigos/art-01.htm>. Acesso em 19 de março de 2019.

MEIRELES. Iracema Meireles, Profissão professora. **Revista do Ensino** N° 90. Ed. Globo. Porto Alegre, Rs,1963.

MEIRELES, Mariana Martins de. **Entrevista narrativa e hermenêutica de si: fonte de pesquisa (auto)biográfica e perspectiva de análises.** In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). (Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p.285-296.

MENNUCI, Sud. **A Crise Brasileira de Educação.** 2ª ed. São Paulo: Editora Piratininga, 1934. digitalização Editora Piratininga - São Paulo - SP 2006 <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/sudeducacao.html>. Acesso em 06 de março de 2019.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical.** PUC, São Paulo, 2005.

NÓVOA, António e FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, Antônio. (Org.). **Profissão professor.** 2. ed. Porto/Portugal: Porto Editora LDA, 1999.

NÓVOA, A. **Formação de Professores e Profissão Docente.** In: NÓVOA, A. (Org.) Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote – Nova Enciclopédia, 1992.

NÓVOA, A. **Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente.** In Teoria & Educação. Pannonica, n.4, 1991.

NUNES, Clarice. **Trajatória intelectual e identidade do educador: Anísio Teixeira (1900–1971).** Revista Brasileira Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 81, n. 197, p. 154–166, jan./abr. 2000.

OLIVEIRA. Inês Barbosa de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 98, p. 47-72, jan./abr. 2007. Disponível em <http://www.ppgmuseu.ffch.ufba.br/sites/ppgmuseu.ufba.br/files/elizeuclementino.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. 4ª Reimpressão. São Paulo, Brasiliense, 2001.

PINEAU, Gaston. Histórias de vida e alternância. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **(Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2015, p.25-40.

PINEAU, G.; COURTOIS, B. **L'enjeu de la prise en compte de la formation expérientielle: mise en culture ou en miettes d'arts de faire et de vivre singuliers**. In: B. COURTOIS; G. PINEAU, La formation expérientielle des adultes. Paris, La Documentation Française, p.327-332. 1991.

PINEAU, Gaston (Ed). **Accompagnements et Histoire de Vie**. Paris: L'Harmattan, 1998.
PINEAU, Gaston e MICHÈLE, Marie. Produire sa vie: autoformation et autobiographie. Paris: Editions Saint Martin, 1983.

PMVC/SMED. **REAJA: Repensando a Educação de Adolescentes Jovens e Adultos. Fundamentos I**. Vitória da Conquista: Secretária Municipal de Educação, 1999.

PMVC/SMED. **Proposta Pedagógica: Repensando a Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos: REAJA. Avaliação: Um ato de fazer e compreender. Experiências Pedagógicas 02**. Vitória da Conquista: Secretária Municipal de Educação, 2000.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**, In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro **Um trabalho de relação: observações sobre a história oral**
Tradução: LUZ, Lila Cristina Xavier Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.7, nº13 jul - dez, 2017. p.182-195

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, A. **Ensaio da História oral**. São Paulo. Letra e Voz. 2010.

PORTELLI, Alessandro, **História Oral e Poder Mnemósine** Vol.6, nº 2, Conferência do XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: **algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História, n. 15. São Paulo, 1997a.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, PUC (São Paulo), n.14, fevereiro, 1997b.

PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos: **Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Rio de Janeiro, Tempo, vol. 1, nº. 2, 1996.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PRATA, Maria Regina dos Santos. A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: **uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade**. In: Revista Brasileira de Educação, n. 28, jan /fev /mar /abr. 2005.

PREFEITURA Municipal de Brumado. **Agenda 21**. Brumado, 2009.

QUEIROZ, M. I. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível" In: SIMSON, O. R. M. von (org.) **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: **feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2013.

REIS Graça Regina Franco da Silva. Por uma outra Epistemologia de Formação: **conversas sobre um Projeto de Formação de Professoras no Município de Queimados**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação – 2014.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, E. M. T, FARIA FILHO, L. M. De, VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de Educação no Brasil**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo e cultura brasileira – **aspectos da implantação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1981.

RICOEUR, P. L'idéologie et l'utopie. Paris: Seuil, 1997.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Trad. Claudia Berliner e Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. **Análise Institucional, genealogia, história oral: Fabricando intercessores em pesquisa e intervenção**. Curitiba: Appris, 2019.

ROLDÃO, Maria do Céu Neves. **Profissionalidade docente em análise: especificidades dos ensinos superior e não superior**. Revista NUANCES, São Paulo, v. 11, n. 13, p. 108-126, jan./dez. 2005.

ROLNIK Suely. **Pensamento, corpo e devir – Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. In: Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-51, fev./set. 1993.

SAFFIOTI, H. **A mulher sob o modo de produção capitalista**. Contexto, n. 1, São Paulo.1976.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 4. ed. São Paulo, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SAVIANI, D. Escola e Democracia. **Teorias da Educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 37. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Col. Polêmicas do Nosso Tempo. 10. ed. v. 5. São Paulo: Ed. Cortez e Ed. Autores Associados, 1986.

SAVIANI, D. et al. **Filosofia da Educação Brasileira**. Col. Educação e Transformação. v. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez Editora / Autores Associados. 1982.

SEC/BA. Secretaria de Educação e Cultura da Bahia. **Lei nº 8.970/94**. Disponível em <http://educadores.educacao.ba.gov.br/iat> Acesso: 23 de maio de 2020.

SCHAFFRATH, M. A. S. **Escola Normal: o projeto das elites brasileiras para a formação de professores**. In: **I Encontro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Artes da FAP, 1, 2008**, Curitiba. Anais. Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná, 2008, p.142-152.

SCHAEFFER, Maria Lúcia Garcia P. **Anísio Teixeira: formação e primeiras realizações**. São Paulo: Faculdade de Educação, USP, (Dissertação de Mestrado). p.15-32. 1988.

SILVA, C. C. B. da S. **O lugar do brinquedo e do jogo nas escolas especiais de educação infantil**. 167 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde18092003175503/publico/TESEVIRTUAL.pdf>. Acesso em: 05/05/2020

SOARES, L.E. **O rigor da indisciplina: ensaios de antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

SOUZA, Elizeu Clementino de. MEIRELES, Mariana. M. **Viver, narrar e formar: diálogos sobre pesquisa narrativas e formação de professor: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas**. CRV. Curitiba, PR. 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativa de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2007.

SKLIAR, Carlos. Elogios a conversa. In: RIBEIRO, Tiago et al. **Conversa com a metodologia da pesquisa: Por que não?** Rio de Janeiro. AWWU, 2018.

TANURI, Leonor Maria. **História da formação de professores**. Revista Brasileira de Educação, n. 14, mai/jun/jul/ago, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. **A propósito da "Escola Única"**. Revista do Ensino. Salvador, v.1, n.3, 1924.

TEIXEIRA, Anísio. **Discurso**. Revista de Educação. Escola Normal de Caetité, Caetité, ano I, n. 1., p. 5-8, jan. 1927.

TEIXEIRA, Anísio. **Relatório apresentado ao Ex. Sr. Cons. Bráulio Xavier da Silva Pereira, Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, pelo Diretor Geral da Instrução Pública, para ser encaminhado ao governador do Estado da Bahia.** Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1928. 123 p. IBICT. Biblioteca Virtual Anísio Teixeira.

TEIXEIRA, Anísio. **Discurso do representante da Bahia. Anais da II Conferência Nacional de Educação.** Promovida pela Associação Brasileira de Educação em São Paulo, a 7 de setembro de 1929. Departamento de Publicidade da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo, 1930. (p. 316-322).

TEIXEIRA, Anísio. **Autonomia para a educação na Bahia.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v.11, n 29, jul-ago. p. 89-104. 1947.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação é um Direito. Tese apresentada para o concurso da Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.** Rio de Janeiro.1959.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola.** 5.ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

TEIXEIRA, Anísio. Prefácio. In: **Éboli, Maria T. M. Uma escola diferente.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

TEIXEIRA, Anísio. **Carta a Fernando de Azevedo,** Rio de Janeiro, 18 jan.1971.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação Não É Privilégio.** 4ª Ed., ED. Nacional. São Paulo. 1977.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio.** 7ª edição/comentada por Maria Cassim; organização da coleção Clarice Nunes. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

TEIXEIRA, Anísio. **Anotações de viagem aos Estados Unidos.** In: NUNES, Clarice (Org.). Aspectos americanos de educação e anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia: introdução à administração educacional.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMSON, Alistar; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (orgs.). **Usos e abusos da história oral.** 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

WARDE, Mirian Jorge. **A formação do Magistério e outras questões.** In: MELLO, Guiomar N. et al. Educação e transição democrática. 4ª ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

VILLELA, Heloisa de Oliveira S. A primeira Escola Normal do Brasil: concepções sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: ARAÚJO, J. C. S., FREITAS, A.

G. B., LOPES, A. P. C. (Orgs). **As escolas normais no Brasil: do império à república**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2006.

VILLELA, Heloisa de Oliveira S. **Do artesanato à profissão: saberes de normalistas no Brasil do século XIX**. ANPED: GT: História da Educação/n.02. Poços de Caldas: MG, 2000. Disponível em: <http://189.1.169.50/reunioes/26/trabalhos>. Acesso em: 23 abr. 2018.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, _____, declaro para os devidos fins, que aceito que a pesquisadora Maria Cláudia Meira Santos Barros, desenvolva o seu projeto de pesquisa “Memória e Trajetória de Vida de Professoras no Alto Sertão da Bahia” cujo objetivo é *“Elaborar uma compreensão dos processos de vida-formação como produtores de subjetividades a partir do relato das experiências vivenciadas pelas professoras que se formaram na Escola Normal ou Curso Normal, dos municípios de Caetité e Brumado, durante os anos de 1950 e 1960, no Alto Sertão da Bahia”*, utilizando fotos, diários, cadernos de planejamento, documentos pessoais, referente à formação de professoras que frequentaram as Escolas Normais entre as décadas de 1950 e 1960. Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados pessoais das participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades. Antes de iniciar a coleta de dados o protocolo deve ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humano.

_____ / ____ / 20____

Assinatura do participante responsável pelos documentos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(RESPONSÁVEIS PELO IDOSO)

Título do projeto: _____

Pesquisadores responsáveis: _____

Prezados responsáveis,

Realizaremos a pesquisa de Doutorado “*Memória e Trajetória de Vida de Professoras no Alto Sertão da Bahia*”, que tem como objetivo Compreender, por meio das narrativas memórias, a concepção das professoras acerca da importância da Escola Normal, no Alto Sertão da Bahia, nas décadas de 1950 e 1960. Para isto, a pesquisa se dará a partir de “rodas de conversa” 14 (quatorze).

Conforme Resolução 466/12 não existe pesquisa sem riscos. No caso específico desta pesquisa, as rodas de conversa, não oferecem quaisquer riscos para o idoso e nenhum procedimento invasivo, ou seja, que possa causar dor ou dano físico ou moral. Entretanto, há a possibilidade de haver algum desconforto em meio as lembranças memoriais. Assim, caso necessário, conversaremos sobre esse possível desconforto e, se for o caso, as rodas de conversa será interrompida. Somente terá acesso aos dados obtidos por meio das mesmas as pesquisadoras, os quais serão utilizados para a escrita do trabalho acadêmico, sem fins lucrativos, que poderão servir de reflexão para a formação inicial de professores. Outros dados coletados na pesquisa serão arquivados e ficarão sob a guarda das pesquisadoras responsáveis. Ressaltamos que a participação é voluntária, não havendo nenhum compromisso financeiro com os pesquisadores da UFRJ. Há plena liberdade dos sujeitos a se recusarem a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa.

Quaisquer dúvidas ou pedidos de informação a respeito do projeto serão imediatamente atendidos pela professora orientadora do _____ Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRJ) e pela Doutoranda _____. O Comitê de Ética em Pesquisa poderá ser consultado em caso de dúvidas éticas.

Em vista dos esclarecimentos prestados, dou o consentimento para a participação do/a minha/minha mãe/pai, tia/tio, irmão/irmã na pesquisa: “**Memória e Trajetória de Vida de Professoras no Alto Sertão da Bahia**”.

Rio de Janeiro, _____ de _____ 2020.

 (Nome completo do idoso)

(Assinatura do(a)s responsáveis)

Professora Orientadora
(Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRJ)
Universidade Federal Do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro – RJ

Professora Doutoranda na Faculdade de Educação/UFRJ
E-mail: caumeira6@hotmail.com
Telefone: (77) 999632195
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Educação

Dados do(a) pesquisador(a) responsável:

Maria Cláudia Meira Santos Barros, professora da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Departamento de Ciências Humanas - DCH, Campus VI, Caetité -Ba. Situada à Av. Contorno, s/nº, Caetité –Bahia, Doutoranda do doutorado interinstitucional celebrando entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade do Estado da Bahia - UNEB/DINTER.

Telefone: (77) 99632195 E-mail: caumeira6@hotmail.com

Dados da Instituição Proponente.

Dados do CEP: Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – E-mail: cep.cfch@gmail.com

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para o pesquisador

